

A NOVIÇA E O FARAÓ

A extraordinária história de
Omm Sety

HERMINIO
C. MIRANDA

A noviça e o faraó – a extraordinária história de Omm Sety é o relato de duas histórias paralelas muito elucidativas para se compreender como o atual paradigma materialista que se instalou na ciência é insuficiente para descrever o universo em que vivemos.

O primeiro relato é a história realmente fantástica de uma menina cujas influências de uma antiga encarnação no Egito transformaram-na numa das maiores autoridades da arqueologia contemporânea. Dorothy Eady, a personagem em questão, era dotada de um senso de objetividade e simplicidade aliado a um profundo conhecimento das questões do antigo Egito que lhe garantiam as qualidades de metódica pesquisadora.

O segundo, que pode passar despercebido pelo leitor empolgado com a história de Omm Sety (pseudônimo adotado por Dorothy Eady), é o das agruras de um jornalista norte-americano (Jonathan Cott) que se propõe não apenas a biografar a enigmática vida da arqueóloga inglesa, mas empreende imensa e vã tentativa de enquadrá-la dentro do padrão científico atual.

Este é o material de que Herminio Miranda se utiliza para escrever mais uma de suas geniais obras. Arguto, aproveita a estupefação de Cott – a visitar

Federação Espírita do Estado de São Paulo
Livraria e Editora Espírita
"Humberto de Campos" Loja Maria Paula
Rua Maria Paula, 140 - Fone: (11) 3115-5544 - Fax: (11) 3104-5245
CEP 01319-000 - São Paulo - SP
Caixa Postal 440 - CEP 01059-970 - São Paulo - SP
CNPJ(MF) 61.669.966/0014-25
I.E. 114.816.133.117

A NOVIÇA E O FARAÓ

HERMINIO C. MIRANDA

A NOVIÇA E O FARAÓ

A extraordinária história de Omm Sety



© 2007 Herminio C. Miranda

EDITORA LACHÂTRE

Rua Dr. Miranda de Azevedo, 248 – Vila Anglo-brasileira
CEP 05027-000 – São Paulo – SP
Telefone: 11 3879-3838 – Fax: 11 3879-3836
Página na internet: www.lachatre.com.br
E-mail: lachatre@lachatre.com.br

PROGRAMAÇÃO VISUAL DE CAPA E DE MIOLO: Gregório Stayros Dipapidis
ARTE-FINAL: Rodnei de Oliveira Medeiros

1ª edição – 1ª reimpressão – Setembro de 2007
Do 5.001º ao 15.000º exemplar
Impresso na Yangraf Gráfica e Editora Ltda.

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio,
somente será permitida com a autorização por escrito da editora.
(Lei nº 9.610 de 19.02.1998)

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo

Ficha catalográfica elaborada por
Lucilene Bernardes Longo – CRB/8 nº 2082

Miranda, Herminio, 1920-

A noviça e o faraó : a extraordinária história de Omm Sety / Herminio C. Miranda. – São Paulo : Lachâtre, 2007.

Bibliografia
ISBN 978-85-60223-08-04

1. Biografia de Omm Sety. 2. Sety I. 3. História do Egito. 4. Memória. 5. Reencarnação. I. Título. II. A extraordinária história de Omm Sety.

CDD 920

CDU 92

Sumário

Introdução	7
Aiksa, a pequena flor da campina	15
A menina que morreu... mas não morreu	31
A múmia	51
Senhora Imam Abdel Meguid	63
Iniciação para egiptóloga	79
Novamente a serviço do templo	101
Interlúdio para Osíris	121
Akhen-Aton <i>versus</i> Ramsés II	131
Omm Sety teria encontrado uma antiga filha?	143
Conversações com Sua Majestade	165
Amor em duas dimensões	187
Esfinge a decifrar	209
Entrevista comigo mesmo	279
Leitura complementar	
O Conselho	301
Materializações	325
Ozymandias	331
<i>Incubus e succubus</i>	333
Bibliografia	345

Introdução

A história dos livros, acho eu, tem sempre algo a ver com a história pessoal de quem os escreve.

Em outubro de 1954, regressamos ao Brasil, minha família e eu, depois de quase cinco anos de permanência em Nova Iorque a serviço da empresa brasileira para a qual eu trabalhava desde 1942.

Retomamos nossa residência em Volta Redonda, RJ, onde nascera e de onde partira em fevereiro de 1950, rumo aos Estados Unidos. O cargo que então exercia estava, obviamente, ocupado por um colega de profissão e tive de esperar algum tempo até que fosse reencaixado na hierarquia da empresa, o que não demorou muito.

Era uma posição razoável, de nível até superior à que eu tinha antes de partir para a 'aventura' americana. Acontece, porém, que eu havia retornado de lá com os alicerces da formação profissional reformatados e consolidados, na esperança de poder construir em cima deles uma carreira mais ambiciosa. Voltei não apenas com melhor domínio do inglês, que passou a ser como que minha língua secundária, mas também com cursos de extensão universitária e estágios em grandes empresas que muito contribuíram para enriquecer meu currículo.

Sentia-me, pois, subutilizado no cargo que me foi atribuído, certo de que poderia dar muito mais de mim à companhia em vista da experiência adquirida em contato não apenas com as instituições empresariais americanas, entre as quais os grandes bancos comerciais e os estatais. Para resumir: 1956 foi um ano de decisões e mudanças.

Consegui minha transferência para a sede da empresa, então no Rio de Janeiro, para onde nos mudamos em

dezembro daquele ano, e fui designado para um cargo de assistente do diretor-tesoureiro.

Coincidentemente – e isso eu só viria a perceber mais tarde –, saiu naquele mesmo mês meu primeiro artigo no *Reformador*, o veterano e respeitado órgão oficial da Federação Espírita Brasileira. Não que eu estivesse já preparado para vãos como esse no contexto espírita, mas porque uma espécie de plano começou a desenrolar-se naquele momento, sem que eu o percebesse logo de início.

O artiguinho – vejam só a petulância do neófito – conclamava os espíritas à união em torno do ideário contido na Codificação. Na minha ingenuidade, não me dei conta de que não tinha a mínima autoridade nem preparo para escrevê-lo, mas, como disse, as coisas estavam começando a acontecer, num tempo em que ainda não me aprofundara no estudo das obras espíritas, sequer participava do movimento e nem pensara na justificável severidade e cuidado da FEB na escolha dos textos que abrigava nas páginas de *Reformador*. Achava que seria a coisa mais natural do mundo, mandar um artigo para lá e vê-lo publicado, logo em seguida, eu, um sujeito totalmente desconhecido que simplesmente botara no correio o papel que o continha, quando ainda residia em Volta Redonda.

Anos depois, conversando com o dr. Wantuil de Freitas, presidente da Federação, lhe perguntei como foi que ele resolveu aceitar o papelucho. Ele me disse que, realmente, eu era um desconhecido e ele hesitou por um momento em acolhê-lo. Fez até uma curta prece, pedindo ajuda para a sua decisão de aceitá-lo ou não.

Foi um momento crucial aquele. Não sei como eu reagiria a uma recusa assim liminar. Será que insistiria ou desistiria por algum tempo ou para sempre da carreira de pretensioso escritor espírita?

O ano de 1957 foi tomado pela azáfama de nos adaptarmos à cidade grande, que não mais nos intimidava depois dos anos na chamada *Big Apple* americana. Nada escrevi naquele período.

Em 1958, porém, dei início a uma colaboração assídua, sempre acolhida generosamente pelo dr. Wantuil, do qual me tornara amigo ‘postal e telefônico’.

Somente algum tempo depois ficaríamos nos conhecendo pessoalmente. Lembro-me de sua surpresa, ante minha idade, que ele imaginava ser mais avançada, à vista – disse ele – da qualidade e seriedade dos textos que eu lhe enviava regularmente.

Essa colaboração se estenderia por vinte e dois anos, até 1980, portanto, quando, por motivos alheios à minha vontade, foi interrompida.

Foi, portanto, a partir de 1958 que passei a dedicar-me ao estudo regular e mais aprofundado da lúcida e competente doutrina dos espíritos. Para isso, eu pedira uma orientação a Euclides Fleury, amigo e colega de trabalho, major engenheiro cultíssimo e dedicado à leitura. Ele apanhou um bloquinho sobre a mesa e, como um médico, me ‘prescreveu’ Kardec, Léon Denis e Gabriel Delanne, do qual sempre foi grande admirador. Lia toda essa gente no original francês, língua com a qual se sentia, sem qualquer sombra de esnobismo, mais familiarizado do que com o português materno.

Ao entregar-me sua ‘receita de leitura’, comentou: “Comece por aqui. Daí em diante, você irá sozinho...”

Foi profético. Esgotada a ‘medicação’ prescrita, passei prontamente a estudos em francês e inglês, bem como em espanhol.

Um dos primeiros livros dessa nova fase foi *Les vies successives*,¹ de Albert de Rochas, coincidentemente, outro coronel engenheiro e, ainda por cima, conde. Essa obra me causou profunda impressão. Li e reli, assinalei os trechos que mais me solicitavam a atenção, admirado de que estudo tão importante pudera permanecer esquecido durante mais de cinquenta anos, dado que meu exemplar era de 1911, mas as experiências do autor vinham do final do século dezanove.

Mais tarde, deslumbrado com a extraordinária capacidade da memória, comecei a buscar conhecimentos mais amplos

¹ Publicado pela Editora Lachâtre sob o título *As vidas sucessivas*.

e explicações para meus questionamentos dessa prodigiosa faculdade humana.

Logo no início da década de 60, dei início, com esse propósito, às experimentações com a técnica empregada pelo ilustrado coronel no estudo daquilo a que chamou de regressão de memória, uma viagem ao passado, em contraste com experiências ainda incipientes e inconclusivas, mas que apontavam numa direção que exigia maiores estudos, como a 'progressão da memória', que consistia numa ida não menos fascinante ao futuro. Este último aspecto voltaria a ser estudado anos depois, entre outros pesquisadores, pela dra. Helen Wambach e, logo a seguir, por Chet Snow, seu colega e amigo, com o qual ela realizara algumas experiências nesse sentido.²

Organizamos um pequeno grupo de estudos que se reunia periodicamente em meu apartamento, no Rio, para um trabalho regular de pesquisa. Entre outras pessoas interessadas na questão, tínhamos a presença de um jovem médico, já na reta final para a formação profissional em psiquiatria.

Coligimos, por esse tempo, substancial volume de material gravado em fitas magnéticas em pesados aparelhos, hoje fora de mercado.

Esses arquivos foram relegados por um tempo considerável à espera de condições minhas para ordená-los e escrever sobre seus conteúdos. A atividade profissional era intensa e não me permitia espaço necessário para a tarefa. Ocasionalmente, mas com insistência, nosso amigo psiquiatra e espírita militante, me cobrava gentilmente a 'invenção' de tempo suficiente na minha agenda a fim de dedicar-me ao esquecido material de pesquisa.

Com tempo ou sem tempo, consegui trabalhar com o volumoso acervo. O resultado foi o livro *A memória e o tempo*, lançado entre o final de 1979 e princípio de 1980.

Foi o início de uma nova etapa na tarefa de escritor, que,

² Nota da editora: Sobre este fascinante assunto, vale a pena ler, do autor, o capítulo intitulado "Lembranças do Futuro", incluído na obra *As duas faces da vida* (Lachâtre, 2005, Bragança Paulista, SP).

bem ou mal, eu resolvera assumir. A obra foi bem recebida e, de certo modo, atendia a uma antiga aspiração minha que consistia em escrever *também* para um público leitor não-espírita.

Entendia eu, e ainda assim penso, que, além de livros, artigos e estudos voltados para dentro do movimento espírita, é necessário discutir as idéias que deram sentido e proporcionam luz às nossas vidas, em textos que *também* os interesse.

Nesse sentido, há um exemplo a citar, entre muitos outros: o primeiro livro de minha autoria, publicado pela FEB, em 1975, foi *Diálogo com as sombras*, que se destina ao leitor e à leitora espíritas. Esse não é um livro que o leitor não-espírita apanhe para ler a não ser excepcionalmente, ao passo que obras como *A memória e o tempo* e outros, lançados posteriormente, como *Eu sou Camille Desmoulins*, *Autismo: uma leitura espiritual*, *Alquimia de mente* e até mesmo a série intitulada *Histórias que os espíritos contaram* atendem ao interesse do público geral.

A memória e o tempo, obra ligada umbilicalmente aos estudos do coronel de Rochas e nela inspirada, foi bem recebida e vende bem até hoje (2007), em constantes reedições.

Lembro-me da generosa e estimulante palavra do saudoso Deolindo Amorim, ao caracterizá-la como a obra mais importante publicada no meio espírita naquela época. Para o autor iniciante, essa avaliação generosa – reitero – e respeitável era o que mais se parecia com uma consagração.

Ainda a respeito de *Les vies successives*, de de Rochas, foi a partir do meu exemplar que a editora Lachâtre traduziu-a e a publicou, resgatando do injusto esquecimento um estudo de tal qualidade.

E, muito a propósito, a pesquisa da qual resultaria o livro *Eu sou Camille Desmoulins*, realizada no decorrer do ano de 1966, também esperaria mais de duas décadas para ser exposta em livro, que somente foi lançado em 1989, coincidentemente, ano em que a França e o mundo comemoravam o segundo centenário da mais famosa Revolução da história.

Não houve tempo suficiente antes disso para preparar

HERMINIO C. MIRANDA

os originais. O teor dos diálogos havia sido também gravado em fitas magnéticas e teve de aguardar oportunidade de uma penosa transcrição para a palavra escrita e, ainda mais, as lentas e penosas pesquisas suplementares que dariam (ou não) sustentação ao depoimento do amigo Luciano dos Anjos, que se identificara, em nossa regressão, como o antigo jornalista e político da Revolução.

Esse foi outro livro bem recebido pelo público leitor.

Bem. Essa conversa preliminar me pareceu necessária ao melhor entendimento do livro que você, leitor/leitadora, tem agora em mãos, sobre as fascinantes experiências vividas no Egito, por Dorothy Louise Eady, jovem inglesa que se tornaria conhecida como Omm Sety.



Omm Sety

Aiksa, a pequena flor da campina

Quando informações acerca dos estudos que vínhamos desenvolvendo sobre a memória, através do processo de regressão, começaram a vaziar, passamos a ser solicitados com certa insistência a promover encontros e palestras para falar sobre o tema. Resistimos o quanto nos foi possível, mas acabamos por aceitar algumas conversas informais em pequenos grupos de amigos e amigas interessados e, compreensivelmente, curiosos.

Eis porque estávamos ali reunidos, certa noite, doze ou quatorze pessoas sentadas em semicírculo.

Em dois ou três encontros preparativos anteriores, fizéramos uma exposição dialogada, tão compacta quanto possível, debatendo hipóteses e teorias e sobre o que já sabíamos com boa margem de convicção sobre o fenômeno da regressão e as espantosas perspectivas que se abriam aos nossos olhos algo aturdidos.

Nas reuniões preliminares, havíamos testado nossos métodos em pessoas que se ofereceram espontaneamente à abordagem experimental que desejávamos oferecer ao exame e debate do grupo ali reunido, pois o interesse geral era evidente e estimulante.

Foi na terceira ou quarta reunião que as coisas começaram realmente a acontecer. 'Coisas' imprevisíveis e impactantes que acabaram me levando ao meu primeiro (re)encontro com o Egito dos faraós, seus deuses, sua magia e mistérios sagrados.

Ao chegar ao local da reunião, naquela noite, encontrei, numa sala menor, duas senhoras que conversavam amistosamente. Uma delas, que eu conhecia, me apresentou à outra, que fixou em mim demorado olhar surpreso e perscrutador, como se buscasse em suas empoeiradas memórias

razões explicativas para seu momentâneo aturdimento.

Declarou a seguir sua impressão de me conhecer. E minimizou: “Talvez de algum retrato...”

Eu estava certo, àquela época – início da década de 60 –, de que nenhuma fotografia minha circulava pela imprensa especializada espírita, na qual eu militava há dois ou três anos, como apagado escriba iniciante e bisonho, mas concordei, para tranquilizar a jovem senhora: “É... talvez sim.”

Pouco depois, demos início aos experimentos da noite, começando pela esposa de um dos presentes, com qual já havia trabalhado em reunião anterior, na qual ela começara a resgatar lembranças de uma existência vivida no Brasil imperial, na antiga província de São Pedro, hoje estado do Rio Grande do Sul.

Notei, porém, que, a despeito de ser aquela a segunda ou terceira experiência com ela, a magnetização por passes demorou mais do que seria de esperar-se, levando-se em conta que o trabalho com o mesmo *sujet* tende a abreviar a eclosão do transe anímico que propicia a regressão.

Nesse ponto, alguém me tocou no ombro para solicitar minha atenção para uma pessoa; a jovem senhora à qual eu acabara de ser apresentado estava mergulhada em profundo transe, olhos fechados, respiração profunda e ritmada, sentada ereta numa cadeira ao lado.

Como atento estudioso de de Rochas, lembrei-me de observações dele, no sentido de a energia magnética dirigida ao sensitivo poder ser desviada e absorvida ou captada por outra pessoa presente.

Despertei, pois, a senhora com a qual trabalhava e, em seu lugar, colocamos a moça magnetizada. Com extrema dificuldade inicial, ela começou a falar, mas, também, com inflexível determinação, arrancando as palavras, sílaba por sílaba, separadas por pausas desusadamente longas.

Tinha uma história para contar e retomava obstinadamente a narrativa sempre que interrompida por perguntas às vezes ignoras e inoportunas que eu lhe fazia em busca de detalhes que ela parecia considerar irrelevantes ou dispersivos.

Há uma significativa ressalva a fazer quanto a esses breves cortes ou interrupções: é que ela mesma, sem qualquer interferência minha, interrompia o relato para formular repetidamente a mesma pergunta: “– Quem é você?”

Tornou-se evidente durante todo o tempo de duração do diálogo que ela vasculhava a memória dos milênios nela depositadas em busca da identidade daquele que lhe falava no momento. Eu lhe dizia que era apenas um amigo interessado no seu relato, mas minhas respostas evasivas não a satisfiziam e, decorridos alguns minutos, ela voltava à pergunta de sempre:

“– Quem é você?”

O diálogo foi tenso e deixou muitas pontas soltas, que não tivemos condição de investigar e esclarecer. É necessário, contudo, encaixar nesta atropelada narrativa importantes informações sobre suas responsabilidades como sacerdotisa aparentemente de posicionamento de maior destaque funcional na hierarquia do templo. Cabia-lhe – contou – supervisionar o delicado e complexo sistema de testes, verdadeiros ‘vestibulares’ a que os candidatos à iniciação tinham, obrigatoriamente, de submeter-se para demonstrar ou não se estavam preparados para a etapa seguinte.

As provas eram eliminatórias, não se admitia qualquer tipo de ‘segunda época’ aos candidatos que viessem a falhar. Não faltavam nem os que perdiam a vida em operações de risco incluídas no severo ritual.

Ela descreve o procedimento com desembaraço. É evidente sua familiaridade não apenas com o ritual, digamos, exterior, mas o sentido oculto e simbólico de cada passo.

O melhor, neste ponto, é ceder-lhe a palavra, para reproduzir sua fala, fielmente transcrita da gravação em fitas magnéticas.

“Os iniciados [candidatos] – diz ela – eram levados até uma porta, o véu de Osíris, para as iniciações. Eu era uma vestal do templo e acompanhava as primeiras provas. Eles eram levados a uma sala onde estavam representados os sete símbolos sagrados da vida.”

Perguntada a respeito, ela não quis detalhá-los. Parecia

obstinadamente decidida a relatar sem desvios o ritual iniciático. Por isso, prossegue, limitando-se a dizer que “eram pinturas... e que ele tinha de descobrir a porta da sabedoria”.

“Então, ele passava a primeira prova, de onde era levado a uma sala escura e fria, onde um poço profundo e uma passagem estreita simbolizavam a transição da sabedoria cega para a racionalização do espírito. Ele deveria descobrir a saída da sala, uma pequena passagem de degraus úmidos e frios. Uma vez transposta essa porta, ele não poderia mais voltar. Ou continuaria ou sucumbiria. Depois de passar esses degraus, ele encontraria outra sala onde passaria à segunda prova, a prova da água, que simboliza o batismo do espírito. A primeira impressão, era uma sala onde não haveria saída possível, mas, adquiridas a sabedoria e a coragem, ele ultrapassaria essa passagem sem medo. Essa sala provoca uma ilusão de ótica: são águas fervilhantes, mas havia lugares certos, onde os pés encontravam apoio para caminhar.

“Com a sabedoria e a coragem, ele descobre a passagem através da água e encontra a terceira porta: um fogo tremendo, um calor intenso! Mas, também aí, são pilhas predispostas a irradiarem de um centro onde a passagem é possível para aquele que pretende alcançar o véu de Osíris e a sabedoria de Rá. E ele passa e chega à mais difícil das provas: depois de tudo o que sofreu, ele encontra uma sala ricamente mobiliada, com divãs, tapetes... Seu corpo é, então, deitado sobre um divã e untado com essências de alto poder erótico.

“As servas trazem-lhe tentadoras escravas – continua ela com a voz reduzida a um sussurro amedrontado –, mulheres lindas que lhe tentam os sentidos. Comidas finas, iguarias, saborosos vinhos... Ai dele se não souber resistir à mais difícil das provas: a tentação da carne! Se ele sucumbe, será escravo de nossas pirâmides, de nossa escola, pelo resto de sua vida. Se ele passar, será, então, levado pelo hierofante sagrado. Então, superado tudo isso, começará a iniciação, ele será levado a estudar astronomia, astrologia, os segredos de nossa filosofia, um mundo de sabedoria, mas ainda não terá conhecido

Osíris nem Rá. Só depois de anos e anos em silêncio, quando começar a aprender a não mais perguntar, ele será levado aos grandes mestres, à sala de Osíris.”

O magnetizador supõe – sempre desastrosamente – que o pai dela seria um desses mestres, em vista da posição de certo relevo que Aiksa (nome de uma pequena flor da campina, explicou ela) exercia no templo. Errou mais uma vez. Ela diz que não, como quem simplesmente afugenta uma interferência inoportuna e irrelevante, e prossegue:

“Lá, ele será levado a um tumba, a um sarcófago. Será encerrado vivo e, por uma longa noite, *conhecerá tudo o que já foi. Ele regressará no tempo* e Osíris lhe entregará a visão da Rosa... da Rosa... da Rosa Mística.”

Essas palavras – comento eu, no *A memória e o tempo* – são pronunciadas com extraordinária emoção. A expressão culminante do processo, ou seja, a visão da Rosa Mística, lhe sai com enorme dificuldade, como se tocasse numa relíquia por demais sagrada até para ser mencionada. Só então o candidato é considerado realmente um candidato, mas ainda terá, por certo, muito que aprender e estudar antes de alcançar, eventualmente, os estágios finais, reservados a alguns raros indivíduos que chegam à condição a que ele chama de grande mestre – suponho eu e ela confirma.

Ela dispara, então, num murmúrio sussurrado, uma confissão impactante, arrancada aos poucos, palavra por palavra:

“E eu me apaixonei por ele...”

Faz uma pausa longa e tensa e acrescenta:

“Ele foi um grande sacerdote. Nós fu... gimos... Nós fugimos!...”

Nada disse sobre o que teria acontecido ao seu amado, mas a obsessiva pergunta emergiu mais uma vez:

“Quem... quem é você?”

E ainda uma vez:

“Quem é você? Por que você tem um triângulo e um olho? Você tem um triângulo e um olho e duas mãos unidas. Por quê?”

A voz é firme e doce. É evidente que profundas e antigas

emoções se agitam interiormente nela.
 Resolvemos despertá-la, com as sugestões de praxe.
 Transcrevo novamente de *A memória e o tempo*:

A análise, mesmo sumária, de seu relato revela um conhecimento muito seguro não apenas da técnica da iniciação, como do sentido da simbologia utilizada pelos antigos sacerdotes egípcios. A passagem estreita à beira de um poço escuro e profundo, por exemplo, dramatiza importante ponto na evolução do ser ao atravessar as fronteiras da irracionalidade animal, quando contava apenas com o instinto para o que Aiksa chama de “racionalização do espírito”. Lembra também ela, em outras palavras, a irreversibilidade do processo evolutivo, a necessidade de aliar a sabedoria à coragem para vencer as dificuldades da jornada. Convém destacar que sabedoria não é só conhecimento, e sim capacidade de utilizar-se eticamente do conhecimento. Coragem, por outro lado, não é temeridade ou agressividade, e sim confiança, firmeza, serenidade, convicção. Destaca ela a dificuldade da última prova, que exigia do candidato o controle total de seus instintos e impulsos imediatistas, a fim de poder libertar-se da matéria. Por fim, tem de adquirir os dons da paciência e da humildade, que precisam ser evidenciados de maneira inequívoca, porque durante todo o processo da iniciação, o candidato estará sendo rigorosamente observado por pessoas que conhecem bem de perto os mecanismos da alma.

Somente depois de tudo isso, é levado à etapa final do aprendizado preliminar, que se passa numa tumba simbólica. Em Mênfis, isso era feito na chamada Câmara do Rei, no coração da pirâmide de Quéops. Ali permanecia ele, por uma longa e solitária noite para a regressão de memória, a fim de conhecer “tudo o que já fora”, como diz Aiksa, ou seja, tomar consciência de suas vidas anteriores, examinar conquistas já consolidadas, imperfeições não superadas, fortalecer-se para a fiel execução do programa

espiritual que trouxera para a encarnação em curso, compreendendo perfeitamente suas implicações e as conseqüências e expectativas futuras.

A sessão seguinte trouxe nova e densa carga emocional, não apenas para Aiksa e o magnetizador, claramente envolvido no trágico episódio da condenação da pobre Aiksa, mas também para os demais presentes, o que muito dificultou o diálogo em curso.

Não obstante, nunca mais se viram. Ela mudou-se da cidade e chegou a tomar conhecimento do conteúdo das gravações. Alguma razão deve ter existido para que assim fosse.

É natural e compreensível que também eu me sentisse abalado ante revelações que emprestavam convincente colorido de autenticidade, ao carimbá-la com o eloqüente signo do meu envolvimento pessoal no episódio.

Como situações semelhantes ocorreram em outros casos e era de esperar-se que continuassem a ocorrer, resolvi dar uma parada estratégica para repensar tudo aquilo que se me afigurava claramente maior e mais complexo do que eu imaginara.

Parei tudo.

Aí, ocorreu novo imprevisto. Numa viagem de trabalho profissional a Salvador, Bahia, o amigo Divaldo Franco me disse que tinha um recado – mais um – do muito querido e respeitado dr. Bezerra de Menezes para mim. Pedia-me ele, primeiramente, que não interrompesse os estudos e experimentações que vinha fazendo sobre a memória; e afirmava que a tônica de minha tarefa na presente existência terrena é o estudo da reencarnação.

Depreendi, logicamente, que eu deveria me preparar para receber, com serenidade, inevitáveis e eventuais revelações sobre minhas próprias vidas anteriores.

Diante disso, retomei os estudos. Pouco a pouco foram chegando as esperadas referências a algumas passagens minhas por este lado da vida. Nada espetacular ou de projeção histórica, e sim vidas de trabalho e estudos, algumas apagadas e anônimas e outras tantas de maior destaque, como é natural

esperar-se de qualquer um de nós. Em suma: nenhum faraó, rei, sumo sacerdote, papa ou gênio. Nada de que me pudesse orgulhar – como disse a uma entidade que me identificou com um monge teólogo medieval de certa influência – e algumas delas, com muito de que se arrepender.

Algum tempo depois, novamente o querido amigo e médium Divaldo Franco me transmitiu, ao vivo, no Rio de Janeiro, uma breve palavra do dr. Bezerra, que me ‘convocava’ – o termo é dele – para uma tarefa que, na hora, fiquei sem saber qual seria, mas que, no devido tempo, se concretizou como se já estivesse tudo planejado, definido e pronto para entrar em ação.

O pequeno grupo mediúnico, que então se organizou como que aleatoriamente, funcionaria, com algumas e inevitáveis interrupções, durante os próximos vinte e oito anos. Nele introduzi, por mera intuição, certamente ativada pelos mentores do trabalho, técnicas regressivas com entidades manifestadas em nossos médiuns.

Os resultados foram positivos e até surpreendentes, como se pode observar nos livros da série *Histórias que os espíritos contaram*, um deles com esse título e mais três, intitulados *O exilado*, *A dama da noite* e *A irmã do vizir*.

Essa prática, contudo, me trouxe nova safra de identificações que desvelavam envolvimento pessoal meu não apenas com espíritos simplesmente manifestados, como em regressão. Entre elas, algumas relacionadas a remotas andanças minhas que teriam ocorrido pelo antigo Egito, ao tempo dos Tutmés, de Akhen-Aton, por exemplo.

Estava, pois, explicado o interesse do dr. Bezerra no prosseguimento das pesquisas com a memória, bem como em minha familiarização com algumas vidas que eu vivera por aqui, pelo chamado “vale de lágrimas”.

Devo reiterar que, da colagem de todas aquelas vivências, não emerge nenhuma figura histórica de relevo, e sim a imagem de um indivíduo dotado de incansável curiosidade intelectual, afeito, portanto, ao jogo das idéias, de nítido interesse por questões de natureza teológica e, talvez, uma

tendência para escriba. Nada mais.

Se, porém, algum vulto de maior significação histórica emergisse, não me teria balançado o equilíbrio. Sentia-me preparado para isso. Estou fugindo da suposta grandeza de algumas das personalidades que eu tenha sido? Não, embora seja esse um dos mais cansados argumentos dos que não têm argumentos para simplesmente contestar tais revelações desse tipo, ao alegar que não há lembranças de gente humilde, sofrida e ignorante no passado dos regredidos.

Há sim, mas há também, um ou outro figurão, que nem sempre tenha deixado uma imagem da verdadeira grandeza – a da humildade.

Mas, ainda há pouco, eu caracterizava nosso grupo mediúnico como informal. Explico. Não estávamos ligados a qualquer organização ou estrutura ‘oficial’. Não tínhamos estatutos ou regulamentos, não elaborávamos atas, nem qualquer procedimento que pudesse lembrar rituais ou fórmulas consagradas. Adotamos, no entanto, o critério de gravar todas as falas de cada sessão, o que nos serviria mais tarde para elaborar as histórias que os espíritos contaram.

Em paralelo, recebíamos ocasionais mensagens mediúnicas por psicografia. Em 1977, consegui tempo e dinheiro – parcimoniosamente economizado – suficientes para uma viagem sentimental que tinha como prioridade passagens pelo Oriente Médio, Egito e Grécia, que, como o Egito, suscitariam em mim uma revoada de emoções impactantes.

No Egito, em particular, tive a maravilhosa e ansiada oportunidade de ficar como que em estado de graça, a contemplar o velho Nilo, aos meus pés, visitar a Grande Pirâmide e conhecer o Museu do Cairo, para o qual tanto trabalhou Omm Sety.

Ela ainda vivia em Abidos, por essa época, seus últimos quatro anos de vida terrena, mas eu não sabia da existência dela. Se soubesse, teria feito um desvio de rota para vê-la, conhecê-la e falar com ela. Uma pena! Fui um daqueles que perderam essa oportunidade por alguns anos ou por uns poucos dias, como Jonathan Cott, seu biógrafo. “Talvez

nos vejamos depois”, como diz a bela canção do compositor brasileiro Herivelto Martins.

Estou certo de que, se ou quando, isso acontecer, teremos muito que conversar...

Ah, visitei também a Grande Pirâmide. Não podia deixar de fazê-lo. Pedi, mentalmente, licença aos ‘donos da casa’, entrei e subimos, às vezes quase rastejando, pela rampa interna que leva à chamada Câmara do Rei. Já sabia, naquele tempo, por Aiksa, naturalmente, que, ao contrário do que a gente aprendeu, no ginásio, e com variados egiptólogos de mérito, a pirâmide *não é* um túmulo faraônico de exageradas proporções, mas o local sagrado onde se realizavam diferentes rituais – inclusive o da regressão de memória – em candidatos ao sacerdócio previamente aprovados nos testes iniciais a que se referiu ela.

E para quê e por quê a regressão? Ela não se estendeu em explicações, mas não é difícil entendê-la.

Muitos de nós, seres encarnados – eu sou um deles –, gostaria de se ver ante a maravilhosa oportunidade de mergulhar no passado para tomar conhecimento do plano elaborado para a existência que se inicia, a fim de conhecer erros e acertos, defeitos e virtudes de caráter, potenciais a desenvolver, conquistas já consolidadas sobre as quais trabalhar, pontos fracos a fortalecer e eliminar, identificar amigos e eventuais desafetos do passado, de modo a se associar produtivamente com os primeiros e reconciliar-se com os segundos – coisas desse tipo.

Mas, e a grande incógnita? Quem estaria psicológica e emocionalmente preparado para visitar velhos fantasmas pessoais sem os testes eliminatórios iniciais a essa espantosa viagem no tempo para dentro de si mesmo, pelos empoeirados corredores e desvãos da memória multimilenar? Como enfrentar seus medos, incertezas e angústias não resolvidos?

Naqueles tempos, se, por acaso, os neófitos viessem demonstrar, mais adiante, não estarem preparados para seguir em frente no processo, o aprendizado poderia ser suspenso a qualquer momento, sem prejuízos maiores, antes

de revelações e instruções ou ensinamentos inadequados para o nível evolutivo e capacidades do discípulo. Isso porque os mestres sabiam que conhecimento é poder e isso muitos de nós ainda não sabemos como utilizar eticamente para servir ao próximo e a si mesmo, em vez de servir-se dele em proveito próprio e de suas ambições.

A lição que de todo esse procedimento ficou é válida até hoje: regressão irresponsável, atabalhoada e por mera curiosidade expõe o regredido a riscos potencialmente destrutivos, imprevisíveis e de difícil reversão.

Por tudo isso, eram severíssimas as normas de procedimento. Qualquer falha era implacavelmente eliminada, sem maiores delongas ou complacências. Em outras palavras: a complacência consistia em não ser complacente para não causar ao discípulo e, principalmente, ao processo evolutivo da comunidade humana com um todo dissabores e desvios futuros.

O raciocínio parece ter servido para justificar as duras punições impostas a Omm Sety e a seu amado faraó Seti I, ou por ter sido Aiksa queimada viva sem a menor hesitação. O que estava em jogo nesses casos era considerado importante demais para ser simplesmente ignorado.

A Omm Sety, por exemplo, que se expôs aos rigores da lei de preservação do sistema, não se contou mais do que o essencial de sua existência como Bentreshit; apenas o suficiente para que ela se informasse da motivação de tudo aquilo que se passava com ela e com Seti I. Cumprira-lhe, em última análise, exercer, no século vinte de nossa era, após três milênios de meditação, as tarefas de uma sacerdotisa de Osíris e Ísis, oportunidade que ela malbaratara, ficando a devê-la, não apenas ao templo, como a si mesma e a tanta gente programada para receber dela sua contribuição aos mecanismos de maturação espiritual coletiva.

Quanto ao faraó Seti I, observamos que seu *status* político e até sacerdotal não o livraram do severo corretivo; ao contrário, contribuíram para agravá-lo.

Aqui também prevalece a lição de que o sofrimento resulta inevitavelmente de nosso atrito com as leis divinas, como nos

ensinava um amigo espiritual, ainda que, em muitos casos, fossem tomadas como lei divina, simples posturas humanas. Sabemos, por outro lado, que essas leis inescritas jamais são meramente *punitivas*, mas severamente *educativas*. Uma vez conhecida e posta em prática, a verdade por si só nos libera, como ensinou o Cristo.

Não há, contudo, como deixar de lembrar os terríveis procedimentos inquisitoriais que tanto infelicitaram a sociedade medieval e os séculos subsequentes, baseados que foram em procedimentos nitidamente cruéis e desumanos, tão questionáveis quanto os egípcios daqueles remotos tempos. Ambos tentavam se 'justificar', no entender de seus idealizadores e praticantes, como necessários à "maior glória de Deus", à preservação das instituições religiosas da época – leia-se poder – e não à dinâmica do processo evolutivo individual e de toda a coletividade. Como se fosse possível acrescentar algo às infinitudes divinas, ainda mais torturando e queimando seres humanos vivos.

Este livro constitui, pois, oportunidade valiosa e bem-vinda de discorrer sobre a sabedoria do antigo Egito e relembrar seus luminares, que continuam por aí, ainda mais sábios e experimentados do que então, talvez corrigidos alguns exageros, a serviço anônimo de todos nós, que continuamos junto deles como aprendizes erráticos diante de mestres veneráveis, iluminados pelo amor e pelo saber.

Muitos de nós lá estávamos, no antigo Egito ou alhures, e passamos por eles sem o desejado proveito e outros deles continuam a seguir nossos passos, ainda incertos, pelas trilhas do aprendizado.

Afinal de contas, reencarnação é lei natural e, por isso mesmo, não constitui objeto de crença, descrença ou fé. Preciso eu que me *provem* que a chuva chove, que o sol brilha, que o vento sopra, que a semente germina e produz uma réplica da planta que um dia a criou e hospedou no passado? Preciso que me provem que eu existo? Descartes o provou ao escrever o seu famoso *penso, logo existo*? Ou apenas nos ofereceu uma bela e engenhosa construção literária?

Em suma: fico com as "excentricidades, peculiaridades e esquisitices" atribuídas a Omm Sety, a despeito de todas as eruditas especulações dos sábios que se debruçaram sobre seu caso.

Resta dizer que o episódio da regressão que acaba de ser narrado teve uma seqüência inesperada. Um companheiro de pesquisas com o qual eu trabalhara há algum tempo, me procurou para uma conversa pessoal. Dizia-me que tinha algo que o incomodava a me dizer, mas que não estava conseguindo saber conscientemente do que se tratava. Marcamos dia e hora e ele compareceu, propondo que fizéssemos uma magnetização como as que eu havia feito com ele anteriormente, no que concordei.

Uma vez mergulhado no transe anímico, começou a falar sobre suas próprias experiências nos templos do antigo Egito, onde também fora um sacerdote. Uma dessas remotas vivências ele me contou com segurança e detalhes. Era, segundo ele, uma época em que o sumo sacerdote arrogava-se direito divino, regalia a que até os faraós se submetiam. Falou sobre a construção da Grande Pirâmide e seus simbolismos, para dizer – como veremos aqui neste livro sobre Omm Sety – que esse fantástico documento de pedra, tem um conteúdo matemático, religioso, profético, científico e iniciático.

Depois dessa conversa preliminar, disse, afinal, a razão de sua presença ali, naquele momento: fora o sacerdote que denunciou o *affaire* entre Aiksa e o iniciado! Queria, no fundo, pedir perdão, o que me foi fácil de conceder. Afinal de contas, mais de trinta séculos haviam decorrido. Tempo suficiente para se aprender a perdoar...

Esse foi meu primeiro (re)encontro com o Egito antigo. Veja bem: não há como garantir que tenha sido eu o sacerdote pelo qual Aiksa se apaixonou e que correspondeu a essa paixão. Há apenas indícios a respeito. De qualquer modo, eu teria tido, segundo ela, oportunidades de mais de uma existência por lá, na era dos faraós. Estou certo de que nem sempre nos templos, mas provavelmente como simples escriba – termo que adotei de bom grado. Nos anos que se seguiram ao episódio Aiksa, muito dialoguei com entidades encarnadas em regressão, ou não, e com espíritos manifestados em médiuns de minha

confiança, nos quais também passei a promover regressões. Foram muitas as informações ocasionais e tópicas sobre passadas vidas minhas, em que alegavam haver me conhecido. Tomei-as sempre com muita reserva, por receio natural de me envolver em fantasias perfeitamente dispensáveis. Não há como admitir, contudo, que algumas delas faziam sentido no meu contexto espiritual e se encaixavam logicamente nos episódios relatados. Duas ou três dessas indicações tinham tudo para serem aceitas como bem prováveis; mesmo assim, eu continuei a tratá-las com a devida cautela, como meras possibilidades.

Quanto às demais, e neste caso por estarem ligadas ao Egito, há informações de passagens minhas pelo tempo de Akhen-Aton, “aquele criminoso” de Omm Sety, que me teria convencido a aderir ao culto de Aton, bem como ao tempo dos Tutmés, quando eu teria sido um sacerdote não especificamente do chamado “baixo clero”, como hoje se diz, mas não entre os mais categorizados. Ele figura como um jovem dotado de condições especiais para trabalhar com as técnicas de magnetismo, não apenas para fins terapêuticos de saúde física, mas mental e, ainda, o que hoje se entende por viagem astral ou experiências fora do corpo. Nos templos-hospitais de então, os pacientes eram desdobrados magneticamente de seus corpos físicos e ficavam em condições de realizar, por autoscopia, os exames de que necessitassem e indicar o tratamento indicado para o caso, depois de consultar experimentados médicos desencarnados presentes às consultas.

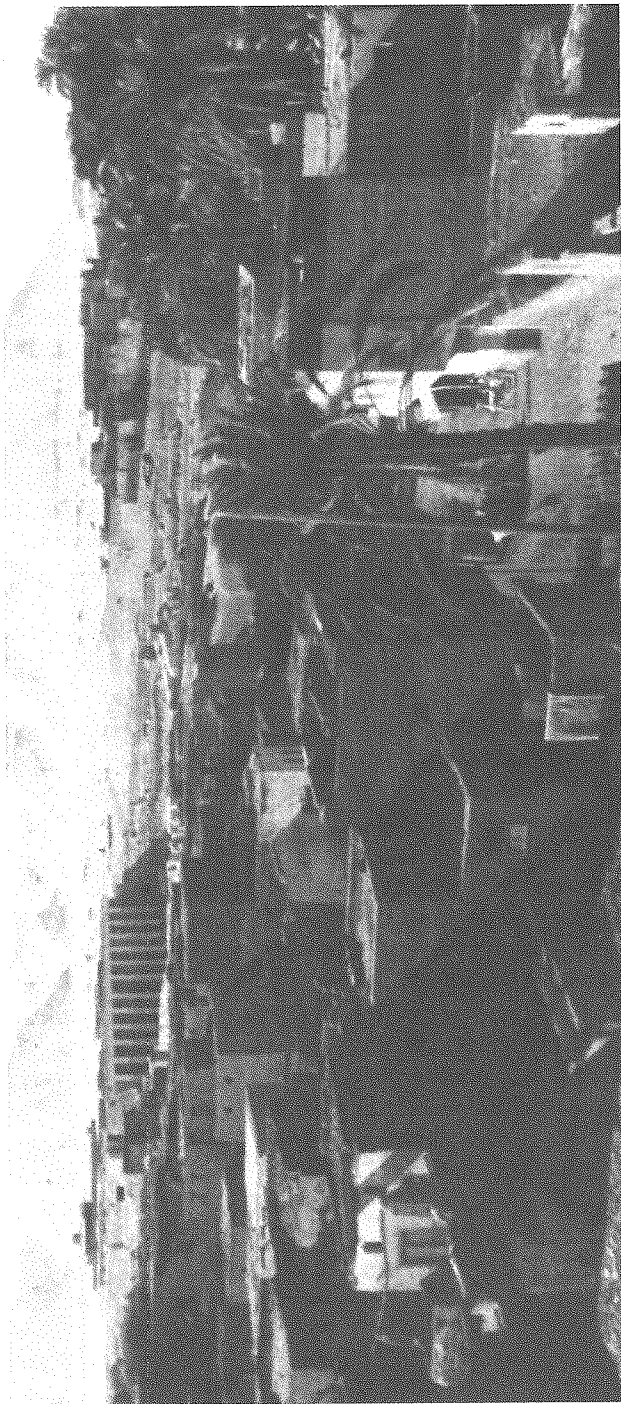
Não encontrei, nessas referências, nenhuma vivência destacada, como faraó, ou sumo sacerdote, mas de alguma forma, sempre interessado no sistema religioso da época e com os mistérios e segredos que o envolviam.

Estou mencionando essas identificações meramente especulativas, apenas pelo fato de – fantasiosas ou não – se referirem ao Egito antigo, não como realidades comprovadas e como que “passadas em julgado”, como dizem nossos amigos e amigas juristas, mas, afinal de contas, como tenho

perguntado com insistente freqüência, em que tipo de prova provada estaria pensando o contestador de plantão? Uma carteirinha de identidade ou de trabalho daquele ou daquela que teríamos sido alhures, no tempo e no espaço? E de quê serviria isso, se o corpo físico é totalmente outro, com diferente genética e demais conteúdos biológicos? Na verdade, sonho até com a descoberta ocasional – como tantas delas – de genoma espiritual ou simplesmente energético que poderia, quem sabe, desvelar esse vínculo causal e determinante, entre uma vida e outra, e outra e outra...O que não passa de mero sonho de um sonhador. Mas, como costume também dizer, parodiando uma canção que ouvi certa vez na Broadway, em Nova Iorque, ao assistir a muito famosa e duradoura revista “South Pacific”, e que assim dizia: “Se a gente não sonhar, como é que nossos sonhos vão se realizar?”

De qualquer modo, e para encerrar esta conversa inicial, devo ter minhas secretas, desconhecidas e não-confirmadas razões para a sensação de fascínio ante tudo quanto diz respeito ao Egito antigo.

Omm Sety inclusive.



Vilarejo em Abidos

A menina que morreu... mas não morreu

O poderoso faraó Seti I tinha 54 anos de idade quando foi inspecionar as obras do monumental templo de Osíris, em Abidos, em 1299, antes do Cristo. Nascera em 1353, subiu ao trono aos 47 anos e morreria nove anos depois, em 1290, aos 63 de idade.

Não havia como suspeitar que a inocente e protocolar visita às obras, merecidamente qualificadas de faraônicas, desencadearia um ciclo de tão espantosos eventos marcados por sofrimentos, angústias e saudades, mas foi o que aconteceu. Somente em 1918, da era cristã, a 3217 anos de distância, no tempo, o laço fatal que amarrou os principais personagens da história a inomináveis dores morais deu os primeiros sinais de um processo de desatamento, que consumiria, por sua vez, no mínimo, outros sessenta e três anos. Somando-se isso tudo, chegamos a um total de 3280 anos!

Estou aqui, diante da telinha do computador para recontar essa história. São 13h31 e o calendário informa que hoje é dia 21 de abril de 2006.³

Poderia dizer que se trata de mera coincidência, mas não estaria sendo honesto. É que precisamente hoje, há vinte e cinco anos, Omm Sety morria em Abidos, no Egito, aos 77 anos de idade, 33 séculos depois daquela visita, ou, para ser exato, 3305 anos!

Na verdade, eu 'fiz' a coincidência acontecer, recusando-me a iniciar o livro antes de 21 de abril de 2006. Achei que, assim procedendo, prestava minha primeira e justa homenagem a ela.

Você que me lê tem todo o direito de questionar essa enxurrada de datas metidas num nebuloso contexto de mistérios indefinidos.

³ Na sua primeira versão, este livro começou a ser escrito neste ponto.

“Tudo bem – dirá você –, mas não estou entendendo nada. Quem é Omm Sety? Que tem ela a ver com isso? E o que teria um remoto faraó a ver com ela? E eu, caro leitor ou leitora, o que estou fazendo aqui?”

Se apanhar o livro *Abydos: holy city of Ancient Egypt*, você verá que ele é de autoria de Omm Sety e de Hanny El Zeini.⁴ Três fotos ilustram os textos iniciais: um de autoria de T. G. J. J., publicado no *Times*, de Londres, em 29 de abril de 1981, outro de Peter Davalle, também no *Times*, em 6 de maio de 1981, no qual se anuncia o documentário da BBC 2, intitulado “*Omm Seti (com i) and her Egypt*”, a ser apresentado naquele mesmo dia, e um terceiro escrito por Hanny El Zeini, datado do Cairo, em junho de 1981. Há um quarto texto, em árabe, ilustrado por duas fotografias dela. O primeiro artigo no *Times*, um obituário, traz foto da famosa egiptóloga, tirada três dias antes de sua morte, quando ela participou, como entrevistada, de outro documentário produzido pela *National Geographic*, sob o título *Egypt: quest for eternity*.⁵ Abaixo dessa foto, lê-se o seguinte, que traduzo do inglês: “A lendária (ou legendária) Omm Sety (1904-1981). Última foto. Co-autora de *Abidos: cidade sagrada do Antigo Egito*.”

Destaco o qualificativo que o antigo e sisudo *Times* escolheu – com licença para o inevitável jogo de palavras – a fim de *legendar* a foto: “A *legendária* Omm Sety”. É que o termo – de lenda, ou legenda: “coisas que devem ser lidas” –, tem uma conotação que precisa de melhor definição, a fim de evitar a suposição de que o conteúdo real do que se lê, escreve ou narra, esteja contaminado por aspectos fantasiosos, como se vê no Aurélio:

1. Tradição popular: “Lembrei-lhe eu que, segundo antiga *lenda*, eram sempre fatais aos Maias as paredes do Ramalhete.” (Eça de Queirós, *Os Maias*, II, p. 511).

4 L. L. Company, Los Angeles, 1981.

5 O vídeo tem, em português, o título *Egito: em busca da eternidade*, Vídeo Arte do Brasil, NGV 004, 1989.

2. Narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, na qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética; legenda. 3. Fig. V. mentira (1). 4. Lengalenga.

Acontece que a história de Omm Sety é real, muito real e bem documentada, ainda que pontilhada de aspectos tão espantosos que o leitor desprevenido poderá ser induzido a pensar que se trata de mera ficção científica.

Esta é, aliás, uma das coisas que temos de combinar, leitoras e leitores de um lado, e eu, de outro: estejam preparados para uma acidentada viagem através da história de Omm Sety, pois o caminho a percorrer é acidentado e irá proporcionar-lhes numerosos e inesperados solavancos, que muito exigirão da capacidade de cada um para aceitação de fenômenos e fatos insólitos, para dizer o mínimo.

De minha parte, assumo o compromisso de reproduzi-los fielmente, sem questionar-lhes a autenticidade, dado que os testemunhos que temos a respeito merecem credibilidade, qualquer que seja nossa opinião sobre eles. Como já se disse alhures: aquele que tem um fato não está à mercê de quem dispõe apenas de uma opinião ou de um argumento.

É por causa desse veio maravilhoso ou lendário do que lhes tenho a dizer que resolvi começar esta narrativa com um texto fundido em modelo semelhante ao das antigas histórias de fadas, nas quais a menina sonha com um príncipe encantado que acaba literalmente materializando-se junto dela de maneira dramática.

Ressalvo e reitero que o conto, embora um tanto para o fantástico, nada tem de “falso, simulado, inventado, fictício” (Aurélio), ou seja, não é uma história da carochinha, por mais que se pareça com uma delas, especialmente nas suas primeiras palavras:

Era uma vez uma menininha inglesa de três anos de idade. Chamava-se Dorothy Louise Eady e nasceu nas proximidades de Londres, num lugar por nome Blackheath, em 16 de janeiro de 1904.

Bem sei que, em historinhas como esta, as personagens não têm sobrenome, data de nascimento e nem nascem em lugarejos chamados Blackheath.

Deixem-me acrescentar um detalhe: Blackheath quer dizer “charneca negra” e eu adoro essa palavra: *charneca*. Não sei porquê. Talvez por causa da atmosfera romântica e meio dramática, talvez trágica, que se cria em torno dela. Trata-se, segundo o muito sábio Aurélio, de “tipo de vegetação xerófila de Portugal”. E que xerófila é uma planta que “vive em lugares secos, como a caatinga e os desertos”.

É muito romântico, portanto, nascer num lugar daqueles, que, em tempos idos, teria sido uma região desértica, como a de certas áreas do nordeste brasileiro, ou, a propósito, do Egito dos faraós.

E por falar em faraó, o príncipe da jovem Dorothy, era de fato encantado e até um faraó de verdade. Tinha (e tem) até nome: chamou-se Seti I, pertenceu à décima nona dinastia.

Bem, não vamos atropelar a história. Esse é apenas um daqueles solavancos sobre os quais preveni honestamente os que me lerem.

Quando a história começa – vimos acima –, Dorothy tinha três anos de idade. Mamãe chamava-se Caroline, senhora do lar, conservadora e tradicional; papai chamava-se Reuben, era um bom alfaiate e de origem irlandesa. Foi com aquela idade que, um dia, a menina rolou pela escada abaixo, sob o olhar aterrado da mãe, e se imobilizou lá em baixo, inconsciente.

A primeira providência foi a de chamar o médico pelo telefone e, em seguida, o marido. Mr. Eady, por sua vez, ligou para mãe dele e para a cunhada, que vieram a toda pressa, a fim de consolar a desesperada esposa.

O médico examinou a criança com um estetoscópio, colocou-lhe um espelho diante da boca e repassou uma pena de ave sobre os lábios dela. Nenhuma reação: o espelho não ficou embaciado por algum sopro residual e nem os lábios se moveram provocados pela cócega. Dorothy Louise estava morta, foi o que ele disse à família inconsolável.

Nada tendo a fazer para trazê-la de volta à vida, o doutor

acrescentou que retornaria dentro em pouco com uma enfermeira, a fim de preparar o cadáver para o sepultamento e trazer a certidão de óbito, na qual declararia que a criança morrera de uma “concussão cerebral em consequência de queda acidental”.

Assim dizendo, tomou o corpo da menina e o depositou sobre a caminha onde ela costumava dormir.

Uma hora depois, voltou com a enfermeira e a certidão, mas, em lugar do cadáver, encontraram Dorothy mais viva do que nunca, toda lambuzada de chocolate, brincando como se nada houvesse acontecido.

Perplexo, o doutor examinou a criança, que apresentava alguns ferimentos leves, rasgou a certidão de óbito, disse uns desaforos para a sra. Caroline, igualmente furiosa pelo alvoroço causado à família, garantiu que a criança estivera realmente *morta* e saiu apressadamente, de mau humor.

Dorothy nunca mais seria a mesma e o insólito incidente fora apenas o primeiro de uma longa série de fenômenos inaceitáveis para quase todos, inexplicáveis para muitos e inexplicados para alguns dotados de maior parcela de tolerância e compreensão.

A partir de sua morte de mentirinha, a menina começou a ter aqueles sonhos chamados pelos entendidos de recorrentes. Ela se via num enorme edifício de colunas, situado num bem cuidado, arborizado e florido jardim.

Tinha também freqüentes crises de choro no seu quarto de dormir ou debaixo da mesa, na sala de jantar. Perguntada pela mãe porque chorava, respondia sempre que queria ir embora para casa.

– Não seja boba, minha querida. Você está em casa; esta é a sua casa.

Não era. Depois de alguns meses e muita choradeira, perguntaram-lhe onde era, afinal de contas, a casa dela.

– Não sei – declarou ela com seriedade –, mas é para lá que quero ir.

E como é que a gente vai para um lugar que não se sabe onde fica?

Aos quatro anos, nova surpresa. Como sempre acontecia algum problema com a criança quando a deixavam sozinha com a babá, os pais resolveram levá-la numa visita ao Museu Britânico, em companhia de uma tia.

Lá foi ela, de má vontade e se deixou arrastar, visivelmente entediada e até mesmo algo petulante, de sala em sala até que, de repente, entraram nas galerias dedicadas ao Egito antigo.

Dorothy como que acordou num sobressalto. Soltou-se das mãos dos pais e passou a correr doidamente, de um lado para outro, beijando os pés das estátuas ao seu alcance. Os pais, assustados, correram atrás dela, conseguiram pelo menos acalmá-la um pouco e a visita prosseguiu escadas acima, onde se encontravam mais relíquias da antiga civilização.

Novamente, a menina desprendeuse do precário controle físico a que estava submetida, correu para uma urna de vidro dentro da qual jazia uma múmia, sentou-se ao chão e se recusou terminantemente a sair dali.

Aliviados por se ter, afinal, tranqüilizado, os pais acharam que ela estava cansada e deixaram-na ficar, enquanto a visita continuou em companhia da tia.

Quando retornaram, cerca de meia hora depois, à sala dedicada às múmias, lá estava Dorothy, imóvel e sem tomar conhecimento dos apelos dos pais.

– Dorothy – disse a mãe –, *temos* de sair agora!

A menina não lhe deu a menor atenção e a mãe curvou-se para apanhá-la no chão. Dorothy agarrou-se à urna e “numa voz irreconhecível – escreve Jonathan Cott,⁶ p. 13 –, que soava de modo sobrenatural, como se fosse a de uma estranha e idosa mulher”, ela disse:

– Me deixa! ...essa aí é a minha gente!

Assustada, a mãe largou-a no chão e ela teve de ser retirada à força, esperneando e aos gritos.

A inexplicável mudança de voz ocorreria em outras oportunidades, mas temos de cuidar disto mais adiante neste livro, a fim de não baralhar a seqüência da narrativa.

⁶ *The search for Omm Sety*, Warner Books, 1987, New York.

O certo é que, aos quatro anos de idade biológica, ainda que num tom de voz incompatível para sua condição, Dorothy descobrira, afinal, quem era a sua gente – eram egípcios, seja lá o que queria isso dizer. Tinha, portanto, muito que aprender para desatar, abrir e entender o conteúdo daquele pacote de segredos milenares.

Uns tantos meses depois do incidente no museu, ao passar por uma livraria, seu pai viu expostas na vitrine algumas páginas da *The children's encyclopaedia* (*Enciclopédia infantil*), de Arthur Mee.⁷

Reuben Eady achou que a obra seria de interesse de Dorothy, à medida que ela fosse crescendo. Por ‘coincidência’, o fascículo comprado por ele continha fotografias e desenhos do Antigo Egito. A menina os reconheceu prontamente – eram imagens de sua terra e de sua gente.

Daí em diante, sempre que os Eady recebiam visitas, Dorothy ia apanhar o livro a fim de implorar-lhes que lessem para ela o que estava escrito sobre o Egito.

Tantas vezes isso aconteceu, que a mãe resolveu ensinar-lhe a ler, a fim de não incomodar as visitas com seus insistentes pedidos de ajuda. E ela aprendeu rapidamente.

Mas aquilo ainda não era suficiente.

Intrigada, certa vez, por ver a criança de lente em punho, concentrada numa página especial, Caroline abordou a filha. ‘Tratava-se de uma foto da muito famosa Pedra de Roseta,⁸ trazida do Egito por Napoleão Bonaparte.

Mas, afinal de contas, por que estaria aquela criança de

⁷ Jonathan Cott informa (p. 13) tratar-se de uma popular obra de referência, profusamente ilustrada, repleta de informações práticas, lições de gramática e aritmética, versão de fábulas, lendas e histórias. Fora lançada em folhetos quinzenais, entre 1908 e 1910 e fez enorme sucesso entre as crianças de todos os países de língua inglesa, durante a época eduardiana e mesmo depois dela. A obra acabou traduzida para várias línguas, como francês, italiano, árabe e chinês.

⁸ Como se sabe, essa lâmina de basalto negro contém um texto legal gravado em três línguas diferentes – grego, demótico [linguagem popular do Egito] e hieróglifos. Foi de acurados estudos sobre esse ‘documento’ que Champollion conseguiu, afinal, decifrar a escrita dos egípcios.

seis anos de idade tão interessada numa pedra recoberta de caracteres indecifráveis? Isso não fazia o menor sentido para a mãe.

– O que te leva a pensar – perguntou ela à criança – que você conseguirá algum dia ler *essa coisa*?

Sem erguer a cabeça do livro, Dorothy declarou pensativamente:

– Mas *eu sei*; apenas me esqueci. Se eu conseguisse copiá-la, talvez fosse capaz de me lembrar.

Aos sete anos, ela começou a entender ou, pelo menos, a lembrar-se do significado do sonho recorrente, no qual ela via aquele enorme edifício cheio de colunas, em terreno ajardinado e arborizado.

De repente, mais um choque emocional. Estava ela estirada no assoalho a folhear umas revistas que o pai trouxera para casa, quando, subitamente, ficou extática diante de uma foto que trazia a seguinte legenda: “Templo de Seti I, em Abidos”.

Mal podia respirar. Agarrou a revista, correu para o pai e anunciou aos gritos:

– *Esta é a minha casa! É aqui* que eu morava!

Fez uma pausa e acrescentou pesarosa:

– Mas por que está tudo quebrado? E cadê o jardim?

Era demais para o pacato alfaiate e pai de família.

– Não se deve pregar mentiras, Dorothy – disse ele irritado e severo. – Você *sabe* muito bem que nunca esteve aí, nesse lugar. Essa foto é de um antigo edifício, construído há milhares de anos – e está em ruínas justamente porque é muito velho e, além disso, não existe nenhum jardim aí, porque ele fica num deserto e nos desertos não há jardins; o que existe lá é só areia... Portanto, nada de mais mentiras, por favor!

Como se isso não bastasse, Dorothy encontrou, pouco depois, uma excelente foto da muito bem preservada múmia de Seti I, faraó da décima nona dinastia.

Nova corrida excitada para o pai, atropelando a proibição anterior de não contar mentiras sob qualquer hipótese.

Dessa vez, ela não apenas garantiu ao pai, como *jurou* que,

de fato, conhecia o homem da foto e que ele era uma boa pessoa.

Reuben perdeu o controle. Fez um longo, irritado e veemente sermão em altas vozes para a petulante e mentirosa menina, sua filha. Certamente que ela *jamaiz* poderia ter conhecido o homem da fotografia. Tratava-se de um algum “rei antigo”, morto há mais de três mil anos, que, provavelmente nada tinha de bondoso e que ela precisava parar de uma vez por todas com aquelas tolices.

Como a jovem que acaba de ser irrevogavelmente proibida de qualquer menção ao único e grande amor de sua vida, ela correu, em prantos, para o quarto e bateu a porta atrás de si, decidida a ficar sozinha com sua dor, ciente da ausência total de compreensão da parte de seus pais para suas nítidas e persistentes convicções.

Por mais que se esforçassem por ignorar as excentricidades da filha, Reuben e Caroline acabaram se convencendo de que o acidente da escada afetara de modo irreparável a sanidade mental dela. Naquele tempo, como adverte Cott, não se mandavam as pessoas, principalmente crianças aparentemente sadias quanto ao corpo físico, para psiquiatras, psicólogos ou neurologistas apenas porque tinham lá suas peculiaridades e suas ‘fantasias’ infantis. Mais tarde, já adolescente, ela não escaparia de algumas passagens por clínicas especializadas em saúde mental. Sem nenhum proveito, aliás.

Além da obsessiva fixação nas coisas relativas ao Egito, o que já era um tanto bizarro, para dizer o mínimo, havia outras esquisitices, como a rejeição explícita a qualquer tipo de calçado. A primeira coisa a fazer, ao chegar em casa, antes mesmo de tirar o agasalho, era livrar-se dos sapatos.

Os pais ainda nutriam esperança de que, com o tempo, ela conseguisse livrar-se daquelas “exóticas fantasias orientais”. Como isso não acontecia, tentaram conviver conformadamente com a incômoda situação.

Final de contas, a menina era “precoce, brilhante, curiosa, inteligente, obstinada, bem-humorada, ainda que um tanto solitária”. (Cott, p. 14)

Eram os primeiros qualificativos que surgiam. Outros viriam, mas esses se manteriam pela vida afora, ainda que, às vezes, em versão menos complacente da parte daqueles que a consideravam rebelde, petulante, irreverente, amalucada ou até mesmo doida varrida.

Sucediam-se os conflitos. Mais um deles ocorreu quando a levaram a freqüentar as tradicionais “*Sunday School*” (protestantes), que, no contexto católico, seriam as aulas de catecismo.

As únicas passagens bíblicas que interessavam Dorothy eram as que continham referências ao Egito; o resto, uma insuportável chatice. No entender dela, o cristianismo era apenas uma cópia da ‘verdadeira’ religião, a de Osíris. Esta era a mais antiga e autêntica e, afinal de contas, tanto Jesus quanto Osíris haviam ressuscitado; a Virgem Maria muito se parecia com Ísis e o menino seria Hórus.

Esta, aliás, seria *sua* religião para o resto da vida. Deu no que deu: a professora de religião marcou um encontro com Caroline e determinou-lhe que retirasse a filha ‘pagã’ da escola.

De outra escola para meninas em Dulwich, ao sudeste de Londres, a teimosa criança foi expulsa por se recusar a cantar com as demais um hino no qual se rogava a Deus que “amaldiçoasse negros e egípcios”.

Desse modo, arranjar um estabelecimento de ensino adequado para as singularidades da filha passou a ser mais um dos problemas domésticos. No desespero, imaginaram que um colégio de freiras na Bélgica poderia, quem sabe, dar certo na dura tarefa de fazer de Dorothy uma pequena dama de boa formação cultural e religiosa, como convinha a uma jovem britânica da época. Desnecessário dizer: ela não gostou nada da idéia de internar-se em colégio de freiras, mas sua fértil imaginação criou logo um plano secreto: daria um jeito de fugir da escola, atravessar a Europa a pé, chegar até o Helesponto (hoje Dardanelos).⁹ Dali, atravessaria a nado os oito quilômetros de mar, como Leander e lord Byron, e, com o pé em terra firme, do outro lado, retomaria a caminhada até chegar à terra egípcia da promessa. Talvez por causa do aqodamento e da excitação, revelou o segredo à sua tia, que prontamente denunciou o plano mirabolante. Foi assim que fracassou a operação internato na Bélgica.

⁹ Dardanelos: estreito entre a Europa e a Turquia Asiática, que liga o mar Egeu ao de Marmara, com 64 quilômetros de extensão e 8 de largura.

“Coitadas das freiras! – comentaria Dorothy anos depois. – Elas não têm a menor idéia do que se livraram!”

Pouco mais tarde, ela passou a comparecer ocasionalmente às missas. Não por se haver convertido ao catolicismo, mas porque gostava do *décor*, o ritual solene, os vistosos paramentos dos sacerdotes, o incenso, a música. Aquilo se parecia mais com sua remota “religião verdadeira, a de Osíris e Ísis”.

Um padre mais atento desconfiou da nova freqüentadora. Certa manhã, interpelou-a à saída e fez-lhe uma pergunta já com a resposta embutida:

– Não acho que você seja católica, não é?

Imaginando que talvez tivesse feito algo de errado durante o ofício religioso, ela respondeu que não, não era católica.

– O que você é, então? – insistiu o padre.

Dorothy informou que seus pais eram protestantes.

– E eles não se incomodam que você venha a esta igreja? – teimou o padre.

– Gosto dos sermões, dos ritos e do cerimonial – disse ela, tentando contornar o problema.

O padre não desistiu:

– Mas, você não é protestante?

– Não, não sou. – declarou a teimosa ao teimoso – O que eu disse é que meus pais é que são protestantes.

– Bem, então, você é judia?

– Não.

A essa altura do diálogo surrealista, o padre mostrava-se ainda mais desconfiado da real motivação daquela estranha menina imiscuída na sua paróquia. Por isso, voltou à carga:

– Bem, se você não é católica e nem judia, o que é você?

Após ligeira hesitação, a menina despachou a bomba para o aturdido sacerdote:

– Bem, se o senhor *quer* mesmo saber, *eu sigo a religião do Antigo Egito*.

Ficamos sem saber o que disse o padre, mas temos, a respeito, o depoimento posterior de Dorothy, que assim diz: “O pobre homem parecia espumar até as sobrancelhas. Anotou meu endereço e, alguns dias depois, apareceu em nossa casa

e pregou um verdadeiro sermão à minha mãe, no qual disse, entre outras coisas terríveis: ‘Minha cara senhora, você quer que sua filha vá para o inferno?’”

E o que a gente poderia esperar que respondesse a infeliz senhora? Foi assim:

– Não – disse minha mãe –, mas temo que ela irá mesmo!

É o que consta do relato de Jonathan Cott (p. 16), mas acho que vale a pena reproduzir um trecho das saborosas memórias de Dorothy já adulta, quando passou a ser conhecida como Omm Sety, ou seja, a mãe de Sety. Falaremos disto mais adiante. Por enquanto, leiamos a reprodução de uma conversa dela com uma amiga:

Como você vê, minha mãe estava sempre me criticando por fazer coisas que ela não considerava apropriadas. Dizia: “Será que você não pode comportar-se como uma *lady*?”

E eu respondia com outra pergunta: “Pois bem, por que você se casou com um irlandês?” Isso porque meu pai era metade irlandês¹⁰ e de mentalidade muito mais liberal do que minha mãe. Mas nem meus pais nem ninguém em suas respectivas famílias manifestavam qualquer interesse pelas coisas do Oriente... exceto um tio-avô de minha mãe, que foi para a China, como missionário a fim de tentar convencer os chineses de que a religião cristã era melhor do que a budista. Um chinês, contudo, encerrou a discussão com umas cacetadas e aquele foi o fim de meu tio!... Na verdade, minha avó declarou que foi misericórdia divina ter ele morrido antes de ver sua sobrinha-neta tornar-se pagã!

Finalmente, Dorothy encontrou, aos dez anos de idade, alguém que não apenas aceitava, como a incentivou no seu

10 Ainda hoje há quem use esse modo de ‘fracionar’ a genética das pessoas. Filho ou filha de pai inglês, por exemplo, com mãe irlandesa – ou vice-versa – é *meio* irlandês. Se a pessoa é neta ou neto de um casal como os Eady, ou seja Dorothy, no caso, torna-se 1/4 irlandesa ; se for bisneta, 1/8 e daí por diante.

apego ao Egito.

A história foi a seguinte: como não tinha qualquer interesse pelas matérias do currículo escolar, de vez que pouco ou nada lhe ensinavam sobre “sua gente e sua terra egípcia”, ela começou a gazetear regularmente as aulas para dar suas escapadas rumo ao Museu Britânico.

Certa vez – conta seu biógrafo – ela examinava detidamente um texto em hieróglifos num baixo relevo, quando se aproximou dela um cavalheiro baixinho, gorducho, cabelos brancos, que com certa frequência a via por ali, e perguntou-lhe porque não estava na escola.

Mais uma vez ela foi honesta e direta na resposta. De fato, deveria estar na escola, mas não lhe ensinavam lá aquilo que ela realmente queria aprender.

– E o que seria isso? – perguntou o simpático velhinho.

– Hieróglifos! – respondeu com veemência.

– Bem – voltou o cavalheiro –, nesse caso, *eu ensinarei* aquilo que você quer saber.

Acontece que o inesperado interlocutor, sir E. A. Wallis Budge, era zelador da seção de antiguidades egípcias e assírias do Museu Britânico.

Cott refere-se a Budge (p. 17) como “extraordinário, prolífico e controvertido egiptólogo. Muitas das suas obras – prossegue –, a despeito de consideradas hoje um tanto superadas e até equivocadas em alguns aspectos, continuam sendo reeditadas e amplamente lidas.”

Já a esta altura da narrativa, começamos a perceber uma curiosa ordenação nos eventos do qual participava aquela estranha menina.

Budge, por exemplo, foi o primeiro egiptólogo de grande porte intelectual com o qual ela se encontrou. De alguma forma, parecia estar à espera dela, e isso aconteceria com muitos outros, pela vida afora.

As coisas aconteciam na hora certa, com a pessoa certa, no local adequado, como se houvesse alguém a supervisionar sua trajetória e como se já houvesse um projeto concebido e um plano perfeitamente delineado a desdobrar-se em etapas bem

definidas de execução.

Lembram-se de como o pai de Dorothy parou, *por acaso*, diante de uma vitrine de livraria e comprou, *por acaso*, um folheto que cuidava precisamente do Egito? Lembram-se de como, no meio de umas revistas velhas, a menina encontrou uma foto das ruínas de Abidos? Lembram-se do encontro dela com a foto da múmia de Seti I? E de que, ao entrar na seção das antiguidades egípcias, a criança sentiu-se em casa e junto de sua gente, cercada de objetos de 'seu tempo'?

Pois é. Agora, surgia alguém – e logo quem! – disposto a desvendar-lhe o sentido dos enigmáticos hieróglifos. Ao que parece, o famoso egiptólogo não contava muito com o bom êxito de sua generosa oferta. O que se poderia esperar de uma criança de dez anos de idade que manifestara certa curiosidade pela escrita dos egípcios? No entanto, para sua grande surpresa – Cott emprega o termo '*amazement*' (estupefação, pasmo, assombro) – Dorothy não apenas revelou talento inato para o desenho, como em pouco tempo aprendeu centenas de hieróglifos básicos. O progresso dela foi de tal modo espantoso que o seu improvisado mentor sugeriu-lhe que trabalhasse na decifração de trechos de *O livro dos mortos*.¹¹ Ele escolhia as passagens e passava a ela como dever de casa. Logo da primeira vez, decorridas algumas semanas, ela se apresentou a ele com sua tradução. O dr. Budge confrontou o texto com sua própria versão e passou-lhe novo dever.

De surpresa em surpresa, cumprimentou Dorothy pelo progresso, admirado de como poderia ela ter aprendido tanto em tão pouco tempo. Singelamente, a menina repetiu o que já dissera a mãe, há uns poucos anos: ela já conhecia a língua de muito tempo e estava apenas esquecida. Ou seja, sabia, de alguma forma, que, sob a orientação do seu amigo mais velho,

¹¹ Vejam só mais esta estranha 'coincidência'. *O livro dos mortos*, como se sabe, é uma espécie de roteiro sobre como deve comportar-se o falecido ou falecida na sua jornada através das dimensões póstumas. Há, nele, instruções precisas a respeito, desde que começa o processo da separação entre corpo físico e alma, bem como conselhos, preces especiais, encantamentos e como evitar o envolvimento com entidades perturbadoras.

estava recuperando o conhecimento que trazia arquivado em algum compartimento secreto da memória integral.

Volvidos mais uns tantos anos, já no Egito, Dorothy – já então conhecida como Omm Sety – teria algumas correções a fazer nas traduções de Budge! Sobre ele, escreveria:

– O dr. Budge foi um grande sujeito. As pessoas mais jovens que trabalham hoje no Museu Britânico às vezes me olham como se eu fosse uma profetisa, porque conheci pessoalmente o bom velhinho. E quando eu o conheci, ele já devia ser bastante idoso. Acho até que ele teria sido uma espécie de precursor dos *hippies*. Tinha o rosto redondo e as faces rosadas como as de um querubim, praticamente sem rugas, quase como a de um bebê. Sobre a cabeça branca, usava um chapéu alto de pele negra de animal – acho que costumavam chamar aquilo de chapéu de pele de castor – e, em volta da barriga, uma vasta corrente de ouro suficiente para prender um touro, tendo ao meio uma enorme moeda de ouro. Era baixinho, gordo, mãos macias, muito brancas e sem veias e cabelos que caíam até os ombros – como costumam ter pessoas mais velhas – e um enorme anel com um escaravelho que cobria toda a articulação do dedo.

Realmente, uma figura singular, a de sir Budge! Verdadeiro tipo inesquecível.

Vê-se logo que o Museu Britânico exercia uma atração irresistível sobre a menina.

Era lá que se encontravam as coisas do amado Egito, textos em hieróglifos, objetos de uso, jóias, móveis, estelas, papiros, múmias e imagens de seus deuses. Era lá, enfim, que ela se sentia em casa, junto de sua gente. Além de tudo, lá estava Wallis Budge, logo o zelador de toda aquela riqueza do passado distante. E Dorothy tinha acesso livre ao gabinete do homem que, por si mesmo, se tornaria algo assim como uma figura lendária.

Por isso, entre os dez e os doze anos, Dorothy passou

dentro do museu todo o tempo que lhe fosse possível e com a autorizada cumplicidade de Budge, que, de certa forma, parece ter-se feito um pouco criança para brincar com ela de coisas sérias.

Estava ela com dez anos quando começou a guerra – a que ficou conhecida como Primeira Guerra Mundial. Não a impressionou muito, pelo menos de início, o bombardeio a que os aviões alemães submeteram Londres, mas, por duas vezes, ela escapou miraculosamente de ser estraçalhada pelas bombas, preocupada apenas com a integridade do seu precioso museu.

Os parentes é que não pensavam exatamente assim. Resolveram despachá-la para uma propriedade rural de sua avó, no Sussex, interior da Inglaterra.

Foi um período feliz para Dorothy, que se entregou de corpo e alma às tarefas rotineiras de uma pequena fazenda, tais como, cuidar dos animais, andar a cavalo, tirar leite das vacas, bater o leite¹² e coisas desse tipo.

A essa altura, Dorothy era uma menina corpulenta e dada a atividades físicas que exigissem coragem e disposição, o que não lhe faltava. Aliás, num dos incidentes mais graves em Londres, durante um bombardeio, ela saíra para ir a uma escola de dança, que passara a freqüentar por decisão materna a fim de que perdesse alguns quilos sobrantes.

Ela própria diria mais tarde que “estava gorda como uma vaca!” Esteve a curta distância do local onde os alemães haviam acertado uma bomba e, em vez de ligar para a família para dizer que estava tudo bem com ela, dirigiu-se a pé ao Museu Britânico para ver se suas preciosidades egípcias estavam preservadas. Estavam.

12 Muita gente não sabe mais o que seja isso; na minha infância, contudo, ainda se batia o leite fresco, usualmente numa garrafa, a fim de que se soltasse a manteiga. Afinal de contas, quando eu nasci, Dorothy Eady tinha apenas 16 anos de idade. Por aquele tempo, a manteiga não tinha aditivos, ninguém se preocupava com seu conteúdo de colesterol, nem sobre que mal poderia fazer o sal à pressão arterial. Em suma, usava-se a deliciosa manteiga fresca sem dores de consciência, temores ou remorsos. Hoje, não. Como diz a canção do Roberto Carlos, “tudo o que é bom faz mal, engorda ou é pecado”. Um horror!

Essa foi uma das razões que levaram a mãe a despachá-la para a fazenda da avó, depois de um severo e irritado sermão.

Ainda que não tivesse, ali por perto, seu preciso museu, Dorothy adaptou-se facilmente à nova vida, mesmo porque uma das vantagens de estar na ‘roça’ consistia em não ter que ir à sua escola habitual, nos arredores de Londres. Pelo menos freqüentando a escolinha rural, ela podia sair correndo para casa a fim de conviver com seus amigos animais. Ou cavalgar pela região para tomar emprestados livros sobre o Egito porventura existentes nas bibliotecas locais.

No seu estilo sempre bem humorado e irreverente, ela conta um divertido episódio vivido na fazenda da avó.

Certa vez, escreve ela...

[...] dei início a uma fascinante corrida disputada com todos os demais garotos das vizinhanças, na hora de levar o leite à estação. Era como se fosse uma perseguição do faraó aos israelitas – eu era o faraó, naturalmente! e dirigia uma carreta com as rédeas amarradas em torno da cintura, como vira no cinema, mas o animal não era suficientemente instruído em egiptologia, acho eu, acabou me projetando para fora da carreta e eu perdi uma ampla área de pele do corpo.

Seu melhor amigo, contudo, era um belo cavalo ao qual ela deu o nome de Mut-hotep.¹³ Informa no seu texto que se entendiam muito bem, ela e Mut-Hotep, que passou a ser “... a única criatura com a qual eu podia falar livremente, sem qualquer reserva.”

Seu espírito inquieto e criativo inventava travessuras arriscadas, uma das quais ela conta. Esta acontecia num moinho de vento conhecido como Polegate Mill, onde os

13 Mut-hotep foi o nome do nobre cavalo de corrida de carreta que pertenceu a Ramsés II, filho predileto de Seti I. Dorothy conservaria o hábito de conviver com animais de toda espécie: gatos, cachorros, pássaros, cobras, burros, falcões etc. E a todos ‘batizava’ com significativos nomes egípcios.

habitantes da redondeza levavam o trigo para ser moído.

Eu era uma perfeita peste para o pobre moageiro, um homem por nome Mr. Katz. Eu insistia em pegar carona no grande cabo. Pior que isso: enquanto as asas do moinho giravam, eu pulava para fora, pela janelinha por onde os homens passavam para remendar as pás e, então, 'passeava' pendurada nelas. O que significa, naturalmente, que eu ficava de cabeça para baixo. Meu Deus! Você tinha de ver a cara do pobre Mr. Katz.

Enfim, ela se divertia a valer na fazenda. Tanto que, quando foi a Londres, passar três dias com os pais, ficou na maior ansiedade para voltar para interior. Mesmo porque cidade continuava sendo bombardeada e o noticiário dos jornais ocupava-se prioritariamente da guerra e de suas atrocidades e, além do mais, sentia falta de seu amigo Mut-hotep e o seu querido Museu Britânico mantinha-se fechado à visitação pública. Em vez de ler jornais, ela se refugiava na leitura de livros e publicações que lhe falassem do Egito.

Aí pelo outono de 1918, a guerra começou a mostrar sinais de que caminhava para o fim. Provavelmente, as partes envolvidas estavam cansadas de se matarem mutuamente e de destruir com os bombardeios coisas irrecuperáveis construídas há séculos.

A família Eady achou que era tempo de Dorothy voltar para casa, em Londres, o que ela fez relutantemente e onde passou a sentir-se deprimida e infeliz. Faziam-lhe falta a fazenda da avó e Mut-hotep, seu amigo pessoal e confidente.

Ela estava agora com quatorze anos de idade. Não tinha amigos, era uma adolescente "tristonha, incompreendida, desajeitada e usualmente entediada", como a caracteriza seu biógrafo. (Cott, p. 22) Que amigos ou amigas de sua idade estariam interessados em centrar a eventual conversação em torno de múmias, hieróglifos, faraós e coisas desse tipo? E prossegue: "A não ser pelo inextinguível fascínio pelo Egito, a vida lhe parecia enfadonha, sem graça, chata, insípida e inútil."

(Eu disse – não disse? – que iríamos precisar de muitos adjetivos para contar a vida de Omm Sety. Pois bem, estamos apenas começando...)



A múmia

Mas a chatice da vida estava para sofrer uma violenta sacudidela.

Ao cabo de um dia particularmente rotineiro e deprimente, ela chegou da escola, fez uma ligeira refeição noturna, trocou algumas palavras com os pais e retirou-se para o quarto de dormir, onde vestiu a camisola que sua mãe lhe comprara recentemente, e pegou um livro – sobre o Egito, é claro – para ler. A camisola, aliás, tinha um bordado em hieróglifos que ela mesma fizera.

Nunca mais se esqueceria do que aconteceu naquela noite. Ao relatar o episódio para um amigo de confiança, cinquenta anos mais tarde, ainda lhe parecia que tudo ocorrera na noite anterior.

Vamos ler o que ela escreveu sobre o evento:

Eu estava adormecida, mas como que meio acordada, quando senti um peso sobre o peito. Acordei de todo e vi aquele rosto curvado para mim, com as duas mãos colocadas na gola da minha camisola de dormir. Reconheci o rosto por uma foto da múmia de Seti, que eu vira há alguns anos. Gritei, atônita e chocada, no entanto, deliciada. Lembro-me como se fosse ontem, mas ainda assim é difícil de explicar. Era a sensação de algo que você esperou e que, finalmente, acontece e, no entanto, lhe causa um choque. [...] De repente, ele rasgou minha camisola de cima em baixo. Minha mãe dormia no quarto ao lado e me ouviu gritar. Em um minuto, ela surgiu e perguntou qual era o problema. Respondi com a possível naturalidade: “Nada. Tive um pesadelo.” E ela perguntou: “Quem rasgou sua camisola?”

“Não sei – respondi. – Acho que fui eu mesma.” Mas eu sabia que não havia sido eu.

Como você vê, a figura de Seti me apareceu – mas, como é que eu iria dizer isso à minha mãe? – e o rosto dele era o da múmia. As mãos se movimentaram e também os braços, mas ele não me disse nada... não disse uma única palavra. Nunca me esquecerei seu olhar terrível. Não sei como descrevê-lo. Pode-se apenas dizer que era o olhar de alguém que estivesse no inferno e, de repente, conseguiu escapar.

Dorothy fala de uma demorada espera e, finalmente, de um encontro (ou reencontro) que, ao mesmo tempo, a assusta e lhe causa enorme alegria.

Fora, realmente, uma longa, longuíssima, espera. O leitor e a leitora não precisarão esperar tanto para saber o que se passou lá em Abidos, no ano 1299 antes de Cristo, entre Dorothy – que então se chamava Bentreshit – e o faraó Seti I. Estou apenas aguardando o local e o momento certos nesta narrativa para contar mais esse episódio da vida de Omm Sety.

Foi a partir do ‘pesadelo’ que Dorothy começou a ter outro sonho recorrente.

Ela se via como uma menina egípcia num imenso cômodo forrado de numerosos tapetes de junco. Num deles, entre muitas mulheres já adultas e outras mais jovens, estava ela deitada. Um homem, conduzindo uma lamparina acesa na mão, fiscalizava uma por uma as mulheres, com um olhar penetrante e míope, a fim de certificar-se de que todas estavam ali e nos lugares certos.

De repente, mudava o cenário do sonho. Ela estava, agora, numa câmara subterrânea circundada por um canal de água. O piso era revestido de pedrinhas raras: ágata, cornalina e turquesa. Havia, ao lado, a estátua de alguém deitado sobre uma cama parecida com um ataúde.

Nesse momento, ela se deparava com um homem alto, de aspecto severo, vestido como sumo sacerdote e rodeado

de muitas pessoas – homens e mulheres – que a fitavam com evidente olhar de censura. Faziam-lhe perguntas e, a qualquer uma a que ela se recusasse a responder, batiam-na com um bastão e Dorothy acordava em pânico e aos berros.

Cott esclarece (p. 24) que, ao tempo desse pesadelo repetitivo, Dorothy não sabia – pelo menos conscientemente – de que, atrás do templo de Seti, em Abidos:

[...] localizava-se o que os arqueólogos e historiadores consideram o mais extraordinário e misterioso edifício de todo o Egito. Conhecida como Osirion, a estrutura consistiu originariamente de um amplo salão subterrâneo, construído em monumentais blocos de arenito vermelho e de calcário, com monolíticos pilares de granito também vermelho – de cerca de cem toneladas cada um – sobre os quais apoiavam-se vigas igualmente maciças e o teto.

O biógrafo de Omm Sety acrescenta a informação de que:

Um cenotáfio¹⁴ de Seti, o Osirion, tem sido considerado, em várias oportunidades, como representando a mítica e antiga ilha grega da Criação a emergir do oceano primevo, e também o túmulo do próprio Osíris – ‘aquele que dorme circundado pela água’.

Aos quatorze anos, Dorothy não tinha a menor idéia do significado daquele estranho salão subterrâneo que figurava nos seu repetitivo sonho ou porque ela estaria sendo severamente interrogada e surrada por um sacerdote de aparência inquisitorial. O certo é que se tratava de um pesadelo horrível e seus gritos acordavam a mãe, que vinha apavorada em seu socorro.

Mas, como assinala Cott, o que mais impressionava a mãe era a estranha voz que emitia juntamente com aqueles berros

¹⁴ O autor explica que cenotáfio é um falso túmulo. Acho que fica mais claro se dissermos, como o Aurélio, que se trata de “monumento fúnebre erigido à memória de alguém, mas que não lhe encerra o corpo”.

assustadores. Era um grito agoniado de socorro e que parecia provir de alguém “possuído por uma criatura cuja voz a mãe mal conseguia reconhecer”. Alterações semelhantes na voz ocorreram quando, aos três anos, após o tombo na escada, Dorothy ‘voltou’ à vida e quando se agarrou à urna mortuária no Museu Britânico, recusando-se a sair dali, sob a alegação de que aquela era sua gente.

A respeito dos singulares fenômenos que lhe aconteciam, Dorothy recorreu a alguns espiritualistas em busca de esclarecimentos. Como as pessoas consultadas discordavam radicalmente da idéia da reencarnação, explicaram à jovem que, quando ela ‘morreu’, ao rolar pela escada abaixo, seu corpo teria sido possivelmente tomado por um ‘espírito antigo’.

A doutrina dos espíritos codificada pelo prof. Rivail (Allan Kardec) considera que o espírito somente pode assumir o corpo físico a cuja formação ele próprio presidiu, desde a fecundação até o parto. Há, contudo, possessões de longa duração, como se observa dos próprios textos evangélicos, em episódios nos quais Jesus fez sair entidades possessoras que há muito atormentavam corpos e mentes alheias.

Creio legítimo considerar-se, porém, uma alternativa que também explicaria o fenômeno, sem contradizer a postura doutrinária, ou seja, a de que uma personalidade anterior do mesmo espírito acoplado àquele corpo haja assumido os controles. É o que ocorre na fenomenologia suscitada pela síndrome da personalidade múltipla, onde o corpo do paciente é possuído alternativamente por várias entidades – às vezes dezenas delas – ou por uma personalidade anterior do próprio múltiplo. O que mudaria, aliás, a caracterização do fenômeno de possessão espiritual para autopossessão ou possessão anímica. É o que se dá, por exemplo, na prática de regressão de memória, no correr da qual se manifestam numerosas personalidades anteriores vividas pelo espírito encarnado no corpo físico da pessoa que está sendo regredida e que relata minuciosamente suas experiências passadas, arquivadas indelevelmente na memória integral.

Em pelo menos um caso, referido em outro texto meu,

suponho com boas razões que a personalidade anterior tenha assumido de tal maneira o corpo físico que passou a reviver nele, em estado considerado clinicamente de total alienação ou esquizofrenia, existência em que fora uma pessoa arbitrária e responsável por sérios crimes e desatinos.

Nesse caso, imagino eu, a terapia a ser tentada seria a de *progredir* a personalidade possessoras para levá-la à sua realidade atual, em vez de regredir para estudar o que ela foi e o que fez de sua vida anterior. Ou ambas as coisas.

No caso de Omm Sety, a hipótese de uma autopossessão me parece, no mínimo, digna de exame. Isso porque, ao reassumir o corpo físico depois da queda, ela passou a ser, formalmente, uma egípcia antiga. As memórias, os hábitos, a religião, a linguagem dos hieróglifos davam expressão e conteúdo a sua verdadeira e obsessiva fixação em torno da rica civilização dos faraós. Desde pequena, ela estava certa de já saber de tudo aquilo e de que apenas precisava recuperar nos seus arquivos inconscientes aquilo que lá estava meticulosamente documentado.

Curiosamente, a transição – se assim podemos caracterizar o fenômeno vivido por ela – deu-se aos três anos de idade biológica, época em que se consolidam no cérebro físico os instrumentos e os comandos necessários – *hardware* e *software* – para operar a interação corpo físico/alma/espírito.

Sem espaço aqui para um aprofundamento nestas instigantes especulações, remeto o leitor e a leitora curiosos a dois de meus livros: *Autismo – uma leitura espiritual* e *Alquimia da mente*.¹⁵

Como se pode perceber, Dorothy era o epicentro de uma ampla e variada fenomenologia que nem sua família, nem ela mesma estavam preparadas para entender; ao contrário, tudo que a família desejava era que ela se portasse como pessoa ‘normal’, igual a todo mundo. Em vez disso, sucediam-se as surpresas e multiplicavam-se os enigmas de sua estranha personalidade.

15 Nota da editora: ambas as obras são publicações da Editora Lachâtre (www.lachatre.com.br).

Aí, pelos quatorze ou quinze anos, a mãe começou a perceber que a filha estava sujeita a episódios de sonambulismo. Um exemplo especialmente dramático aconteceu quando os Eady passaram alguns dias hospedados na fazenda de Essex. Dorothy saiu numa noite tempestuosa para uma cavalgada. Ao retornar, lavou o cavalo no estábulo e foi para casa, onde tomou um banho quente e se preparou para dormir. Lembrou-se, então, que havia deixado aberto o portão do estábulo e começou a se vestir novamente para sair, quando a mãe se levantou para saber o que estava acontecendo com toda aquela agitação.

A menina explicou que precisava sair para fechar o portão do estábulo, que deixara aberta.

– Pelo amor de Deus – exclamou Caroline. – Não se preocupe com aqueles cavalos horrorosos. Ninguém irá roubá-los!

Dorothy achou que a mãe tinha razão e deitou-se para dormir.

Na manhã seguinte, ao adentrar o quarto dela, Caroline notou que os pés da filha e sua roupa de dormir estavam enlameados e ela não sabia como explicar o que acontecera depois de haver se recolhido ao leito. Caroline foi ao estábulo para conferir e o portão estava fechado. Em suma: a filha havia tido outra crise de sonambulismo e saído com aquele temporal para fechar o portão.

Foi, aliás, por causa de seus freqüentes pesadelos e do sonambulismo que a família a internou várias vezes em hospitais, a fim de ser observada e tratada. É de supor-se que no hospital também ninguém entendeu o que se passava com a jovem.

Aí por 1920,¹⁶ Dorothy, aos dezesseis anos, fora desobrigada de freqüentar a escola. Não consta porque isso ocorreu. O certo é que ela ficava livre para fazer o que desejasse de seu tempo, especialmente ler, colecionar coisas da antiguidade egípcia e visitar seu muito querido Museu Britânico.

16 Eu acabara de renascer no Brasil, no dia 5 de janeiro. Ela, no dia 16 também em janeiro, só que de 1904.

Nesse ínterim, Reuben, seu pai, começou a interessar-se pela emergente indústria cinematográfica, admitindo até mesmo abandonar a profissão de alfaiate.

Pouco se sabe da vida dele, mas apurou-se que fazia seus biscates como ilusionista e até como evocador de espíritos. Não faltava naquele tempo gente que ganhava um dinheirinho armando manifestações mediúnicas fingidas, mesmo porque havia gente disposta a pagar para ser iludida com aquelas fantasmagorias.

Usava o nome de Brandon Dalmar nas suas exibições em clubes, casas noturnas¹⁷ e, ocasionalmente, até mesmo para platéias maiores.

Depois de longa viagem exploratória pelas ilhas Britânicas, acompanhado da esposa e da filha, decidiu-se por uma reviravolta em sua vida, apostando na nascente indústria do cinema, não na produção de filmes, mas como exibidor. Fixou-se em Plymouth,¹⁸ onde convenceu um consórcio londrino a converter em cinema uma casa de diversões – patinação e dança.

Deu certo. Reuben era um *showman* nato, sabia intuitivamente o que o público pagante queria ver. Misturou teatro, cinema e o que se chamaria mais tarde de revista, com dança, música e canto, apresentados por cantores e cantoras vestidos a caráter, entre as quais Dorothy Eady, sua filha, que adotou o nome artístico de Dorothy Lincoln.¹⁹ Montou também uma enorme e bem sucedida casa de espetáculos que

17 Eram conhecidas como cabarés, palavra que ainda encontramos no Aurélio, que assim a define: “Casa de diversões onde se bebe e dança e, em geral, se assiste a espetáculos de variedades.”

18 Cidade portuária, no canal, a sudoeste da Inglaterra, de onde partiu o navio *Mayflower*, em 1620, em sua histórica viagem migratória rumo à América do Norte.

19 Cott alinhou alguns adjetivos para caracterizar a jovem Eady: era a “*buxom girl*” (a moça rechonchuda), de “*generous built*” (de compleição robusta); “*a large girl and quite good-looking in those days*” (jovem grandalhona e vistosa naquele tempo). Não faltava quem reconhecesse nela algum talento, mas não gostavam muito de sua voz.

se tornou uma referência para sua época – *The Palladium*, com capacidade para três mil e quinhentos espectadores sentados, podendo abrigar mais mil, de pé.

Escolheu para a estréia o filme *Foolish Wives*, de Erich von Stroheim, que ficou em cartaz durante duas semanas com uma platéia de mais de três mil e quinhentos espectadores. Bem a propósito, Dorothy trabalhou no elenco de um grupo teatral que representou uma dramatização da história de Ísis e Osíris.

Num espetacular evento, apresentou, ao vivo, o famosíssimo *cowboy*-ator Tom Mix e seu não menos famoso cavalo. Um sucesso!

Reuben foi um bem sucedido empresário e ficou rico. Tornou-se proprietário do primeiro carro – chamavam-se automóveis – em Plymouth.

No final da década de 20, com o advento do cinema falado, vendeu tanto o *Palladium* como o *Savoy*, outra casa de espetáculos sua, para a Denham Picture Houses – que, segundo Cott, faz parte hoje (1983) da Organização Rank –, para tornar-se gerente do novo cine *Gaumont*, no Soho, em Londres.

Fora-se, contudo, a era dos criativos esquemas publicitários de Reuben e ele não tinha muito gosto pela burocrática atividade meramente gerencial.

Em março de 1941, o novo *Palladium* e mais oitenta mil prédios da cidade foram demolidos pela artilharia aérea nazista. Segundo Cott (p. 31), o local onde ficava o majestoso *Palladium*, “concebido, construído e dirigido pelo notável pai de Dorothy”, transformou-se num prosaico terreno de estacionamento de carros. E ele, Reuben, morreu aos 56 anos de idade, em 28 de maio de 1935, dez anos antes de Caroline, sua mulher.

Encerrava-se um ciclo na vida de Dorothy, entre os anos finais da adolescência e os primeiros tempos de adulta. A permanência em Plymouth foi um período de espera. Às vezes me parece que seu projeto de vida tinha uma cronologia preestabelecida, ou melhor, um cronograma que ela teria

aprendido a respeitar a fim de não atropelar os eventos, colocando o carro adiante dos bois. Ela deveria saber, intuitivamente, que o momento certo chegaria quando tivesse de chegar.

Isso aconteceria no Egito também, onde, mesmo já estando lá, como sempre desejou com todas as forças de sua alma, teve paciência suficiente para aguardar a hora de ir, afinal, para Abidos, a meta predeterminada de todos os seus sonhos, desde os três anos de idade.

Precisava estar preparada para cumprir a missão que a esperava no antiqüíssimo templo de Osíris, onde vivera como noviça de uma longa carreira de sacerdotisa. Quem esperou mais de trinta e dois séculos, pode esperar vinte ou trinta anos de acréscimo.

Em Plymouth, contentava-se, aparentemente, em ser a despreziosa jovem pesadona, olhos azuis, cabelos louros cor-de-palha e dotada de “exuberante senso de humor” (Cott) que ria até de si mesma, se, quando e sempre que necessário.

Ela mesma recontava uma de suas típicas historinhas. Ou seria apenas uma piada construída por ela própria? Certa vez, um navio de guerra de Sua Majestade encalhou ali por perto. Muita gente foi para a orla marítima assistir ao mal sucedido esforço do pessoal da marinha a fim de desencalhar o barco. Afinal, a solução chegou inesperadamente. Foi só Dorothy entrar na água que a maré encheu e o barco flutuou sem mais problemas.

Habituara-se, ainda, a conviver com as implicâncias de seus pais acerca de suas ‘esquisitices’. Um de seus talentos anunciou-se por essa época, quando ela passou a freqüentar regularmente aulas de desenho na escola local, arte que muito útil lhe seria no futuro.

Enquanto isso, continuava obsessivamente fixada nas coisas do Egito Antigo. Lia, estudava, desenhava, dormia e acordava pensando na ‘sua’ gente e na ‘sua’ terra e colecionava objetos que a fizessem lembrar suas remotas vivências no reino dos faraós.

Não eram peças de excepcional valor histórico ou

comercial, mas ajudavam-na a criar o clima de que necessitava para sentir-se mais 'em casa', ainda que em terra estranha como a Inglaterra, onde (re)nascera, em 1904 (da era cristã).

Houve até um curioso incidente por causa disso, quando ela estava aí pelos vinte e quatro ou vinte e cinco anos de idade.

Ela lera nos jornais que as autoridades egípcias estavam manifestando crescente insatisfação com o intenso e ilegal fluxo de antiguidades para fora do país. Em outro texto, anunciava-se a descoberta do túmulo da rainha Khent-kawes, da quarta dinastia (reproduzo a grafia inglesa, supondo que o w tenha o som de u), pelo arqueólogo prof. Selim Hassan.

Dorothy não teve a menor hesitação: num gesto de patriótico desprendimento – adorava sua coleção –, encaixotou suas preciosas lembranças e despachou-as para o prof. Hassan, Departamento de Antiguidades Egípcias, no Cairo. “A César o que é de César” – diria mais tarde.

Passado algum tempo, ao chegar em casa, encontrou sua mãe agitada e preocupada.

“Não sei o que você andou fazendo – disse à filha –, mas a polícia esteve aqui perguntando algo sobre o Egito.”

Como Dorothy apoiava abertamente Saad Zaghlul, líder nacionalista egípcio, Caroline imaginou logo a filha “sendo executada a tiros na torre de Londres como traidora!”

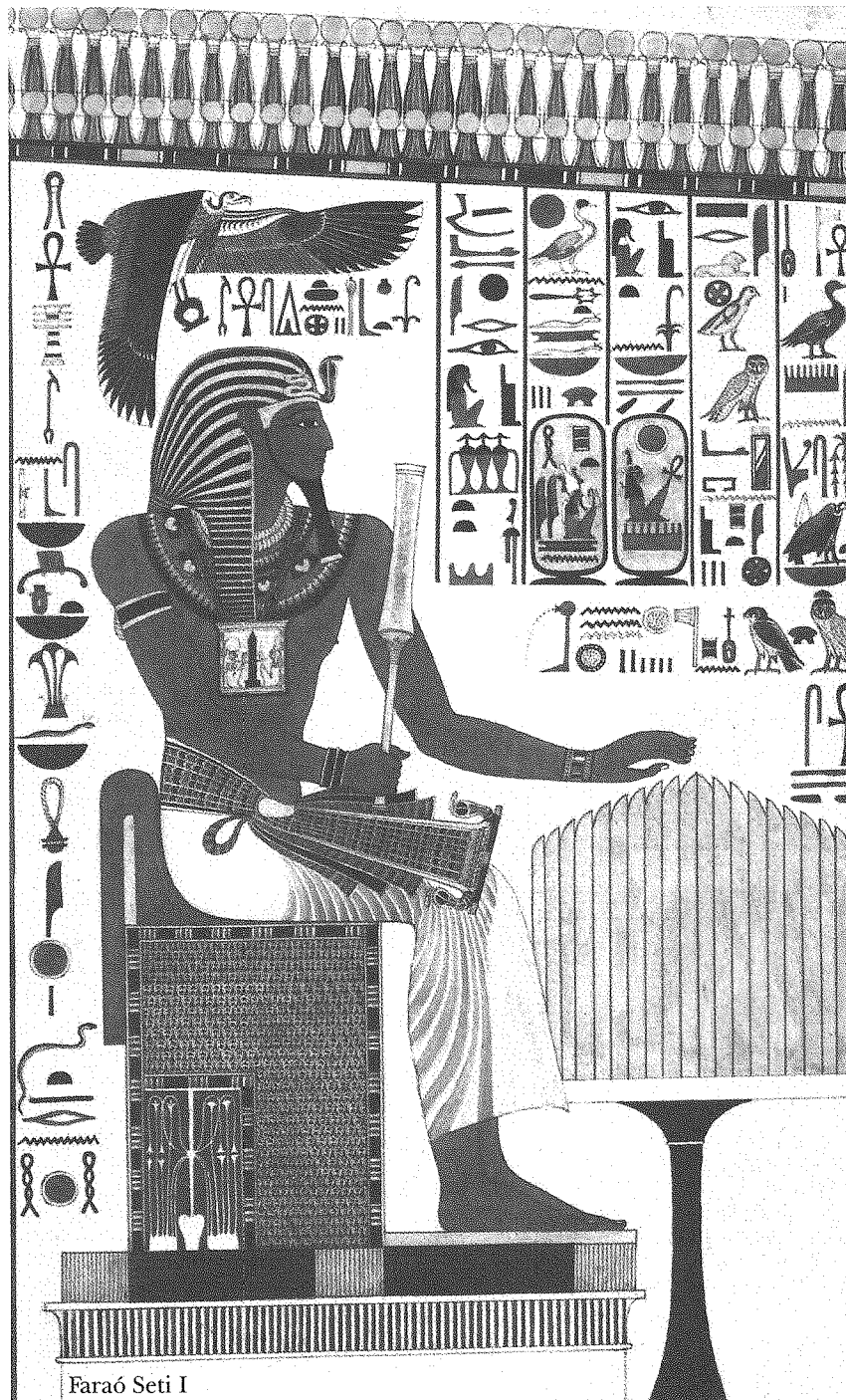
Para tranquilizá-la, a jovem foi à polícia para prestar declarações.

– Você mandou uma caixa de antiguidades para o Egito?
– perguntou o policial.

– Mandei sim, para o prof. Selim Hassan.

– Então – comentou o policial – foi você, hem? Nós achávamos mesmo que fosse.

O egiptólogo recebera os objetos ‘repatriados’ de maneira tão singular, sem saber quem os havia remetido. Havia apenas a indicação postal de que a caixa provinha de Plymouth, na Inglaterra. Não foi necessário muito sherloquismo – a polícia matou logo a charada: a ‘culpada’ era aquela jovem meio biruta da família Eady, que tinha essa mania de Egito.



Faraó Seti I

Senhora Imam Abdel Meguid

Um ano depois, o projeto de vida pelo qual secretamente se guiava Dorothy deu mais um passo adiante, quando ela foi a Londres – contra a vontade da família – e conseguiu emprego numa revista egípcia de relações públicas, empenhada na causa da independência do Egito.

Por essa época, vivia, em Londres, um jovem egípcio de classe média alta, que estagiava na Inglaterra interessado em métodos educacionais ingleses para eventual aplicação em seu país de origem, como professor. Chamava-se Imam Abdel Meguid.

Dorothy o conheceu na Câmara dos Comuns. Imam, como quase todos os estudantes egípcios na Inglaterra, era assumido ativista político em favor da causa egípcia. Distribuía panfletos, escrevia cartas para todos os jornais a seu alcance e fazia discursos inflamados onde quer que vislumbrasse uma oportunidade de promover seus ideais. Não se caracterizava, contudo, qualquer crime de perturbação da ordem pública que justificasse a drástica medida de deportá-los sumariamente.

– *Well* [escreveria Dorothy mais tarde], numa tarde eu fui enviada pelo meu editor para entrevistar certo membro do Parlamento, na Câmara dos Comuns, a fim de tentar convencê-lo de que o Egito estava em perfeitas condições de dirigir seus próprios interesses.

Encontrava-se ela na sala de espera, quando entraram dois egípcios e o único lugar vago existente era ao lado dela. Um deles – e aconteceu ser Imam – sentou-se, enquanto o outro saiu para entrevistar outro parlamentar... Até aí, tudo bem...

Aconteceu, no entanto [continua ela] que o sujeito ao meu lado começou a cochilar... e, eventualmente,

adormeceu e acabou com a cabeça apoiada no meu ombro. Dei-lhe uma ligeira cotovelada e ele acordou. “Oh, *pardon, pardon!*” – desculpou-se. Mas continuou a repetir aquilo...

Bem, a história é um tanto comprida. Para resumir: quando o companheiro do dorminhoco voltou da entrevista, Imam dormia de roncar, confortavelmente instalado no ombro da resignada companheira de banco e sua futura esposa. Isso mesmo: esposa.

Acordaram o roncador e se riram muito do episódio. Ela ficou sabendo que os dois estariam de partida para o Egito no dia seguinte. Trocaram endereços e se despediram.

Corresponderam-se durante cerca de um ano, quando Imam lhe enviou uma foto dele e de sua família – “gente decente, respeitada e honesta”. Ah, sim; ia-me esquecendo: a carta continha um pedido de casamento.

Dorothy não pensava em se casar, tendo já recusado várias solicitações desse tipo. Não chegara a hora, creio eu. Faltavam Imam e o encontro fortuito na sala de espera da Câmara, onde havia apenas um lugar para sentar-se, justamente, ao lado de Dorothy. Parece que faltava alguém para hipnotizar Imam e fazê-lo desabar numa crise invencível de sono, no generoso ombro de sua vizinha.

Coisas curiosas acontecem na vida da gente. Uma das propostas anteriores de casamento partira de um jovem de “respeitável e decente família inglesa”, *de partida para o Egito*, onde exerceria importante cargo na polícia do Cairo. “Eu não poderia encarar *aquilo*” – diria mais tarde. Houve propostas semelhantes também de egípcios, mas aí ela achou que não poderia encará-los! Sua paixão secreta, desde os quatorze anos – incrível como possa parecer – era o faraó Seti I.

Por que teria, então, concordado em ‘encarar’ Imam? Sua resposta: porque entendeu que “não se faziam mais homens” como o seu faraó predileto. E, afinal de contas, suponho eu, ela queria, de algum modo, ir para o Egito. Achou até que amava Imam. “Você sabe como são as moças...” – comentou.

Os pais – Reuben ainda vivia – opuseram-se tenazmente, como era de esperar-se, mas estavam acostumados às excentricidades da filha. Na verdade, limitaram-se a declarar sumariamente que não concordavam com o projetado casamento.

– Bem que poderiam ter poupado seu fôlego – diria ela.

Dorothy tinha 29 anos de idade, quando mandou para o Egito a carta que selava o seu destino, declarando que “concordava em se tornar a sra. Imam Abdel Meguid”. (Cott, p. 34) Naquele mesmo ano (1933), adquiriu passagem de navio, arrumou as malas e se foi, afinal, rumo ao Egito de seus sonhos, a partir de Southampton.

Fechava-se um ciclo de sua vida a fim de abrir espaço para outro.

A viagem durou dez dias. Não conseguira dormir. Passara a noite deitada, mas insone. Lá pelas tantas, já de madrugada, sentiu que o navio havia parado e havia considerável movimentação a bordo. Ela se vestiu e foi ver o que se passava. A tripulação preparava o navio para atracar.

Ela se aproximou da amurada e ali ficou debruçada, a contemplar o horizonte, mal podendo ver o débil traçado da linha de terra, ao longe, pois o dia ainda não amanhecera. Aqui e ali, cintilavam algumas luzes, quando um marinheiro se aproximou dela e lhe disse que aquilo lá era Port Said. Ela sabia disso e seu mecanismo emocional disparou: ria e chorava descontrolada.

Ao desembarcar, ajoelhou-se, beijou o chão e saudou a mãe-terra: “Mãe, voltei para casa”, e jurou que nunca mais a abandonaria.

O futuro marido a esperava no cais. Tomaram um trem para o Cairo e a viagem toda foi um espetáculo de cores e luzes que ela contemplava da janela “transfixada” – escreve Cott, num texto poético (p. 38).

[Eram] as cores de sua terra: os brilhantes, luminosos e celestiais verdes campos do vale do Nilo com suas quadras de terra negra; as sombras de um tom violeta

opalescente nas curvas, dunas do deserto distante e a crua e intensa luminosidade âmbar do céu, digno dos maiores deuses solares.

Tudo era luz e cor, até búfalos, vacas, macacos, cavalos, ovelhas e cabras. “Nada disso existe na Inglaterra!” – pensou, sem se dar conta da escassa atenção que dava ao homem a seu lado, que, dentro em breve, seria seu marido. Talvez porque Imam Abdel Meguid não era parte integrante daquele deslumbrante espetáculo lá fora.

A cidade, seu destino final, era a Cairo daqueles tempos (1933) com ‘apenas’ um milhão de habitantes, entre os quais ela via de relance estudantes de gorro na cabeça, mulheres elegantemente vestidas com modelos do melhor corte parisiense, ou então, semi-ocultas atrás de seus véus tradicionais e comerciantes de túnicas cor de pêssego, bem como vendedores ambulantes de verduras e frutas vestidos com suas galábias listadas.

Quanto aos poucos ingleses, seus compatriotas, não lhe eram lá muito de seu gosto. Sentia-se distante deles e indiferente, a despeito de falarem a mesma língua. Ao que se depreende, a comunidade inglesa local respondeu-lhe à altura, de vez que ela declara ter merecido a cólera suscitada por causa de sua própria e manifesta rejeição a eles.

O casamento com Imam foi prontamente realizado. O sogro deu-lhe o apelido de *Bulbul*, rouxinol, em árabe, por causa do tom suave de sua voz. Mas, quando a “ninfa dos bosques” começou a soltar seus trinados, a melodia desafinou e os recém-casados tiveram sua primeira alteração.

Era de esperar-se, talvez não tão cedo, mas aquele casamento foi um fracasso anunciado. Não podia dar certo e não deu mesmo: havia, entre marido e mulher, ampla faixa de diferenças culturais e de formação que somente um amor intenso e tolerante de parte a parte poderia estreitar. E, no caso, o amor de Dorothy era o faraó e, pior, um faraó morto há mais de três mil anos!

A família, de classe média alta, possuía uma residência

alternativa na parte antiga da cidade, de onde Dorothy via corvos acinzentados e negros pousados no alto dos sicômoros e milhafres sobrevoando os eucaliptos, bandos de pombos acima das cúpulas, e abóbodas, e minaretes. Ouvia a voz dos muezins a convocar os fieis para as orações prescritas no ritual muçulmano.

Ela adorava o local, mas parece que o mais importante era estar mais próxima de seu ‘verdadeiro’ Egito – as velharias da cidade e a visão hipnótica das pirâmides na distância. O marido, contudo, alto funcionário do governo, insistia em residir no elegante bairro denominado *Manya El Roda*.

Esclarece Cott (p. 39) que, naquela época, as belas moradias do bairro residencial eram cercadas de jardins onde vicejavam palmeiras, carobeiras e cássias, mas tinha ingleses demais para o gosto de Dorothy e, segundo ela, gente esnobe, enfim, uma chatice insuportável. Era ali que o marido dela queria ficar, e ponto final.

Logo, contudo, Imam percebeu que sua mulher era mais teimosa do que ele imaginara, mas, talvez – pensava ele, com alguma esperança –, fosse uma boa cozinheira. Ledo engano! Certa vez, por exemplo, experimentou fazer para ele seu prato predileto, a *dholma*, que consistia em folhas de parreira enroladas e recheadas de arroz e carne picada. Não conseguiu manipular adequadamente as folhas e resolveu prendê-las com linha de costura, mas, ao colocá-las na panela para cozinhar, elas se desfizeram. Para coroar a verdadeira lambança, ferveu demais a ‘coisa’ e virou tudo uma papa indescritível e, por certo, intragável.

Seus dotes culinários – ou melhor, a absoluta ausência deles entre suas prendas domésticas – tornaram-se lendários. Seus vizinhos se lembravam muito bem de uma festa na qual a principal iguaria seria um *kushari*. Os ingredientes eram poucos e simples: lentilhas, arroz, cebola e molho de tomate quente, sendo este o seu tempero favorito. Como se sabe, as receitas domésticas explicitam a exata quantidade dos ingredientes e, no “modo de fazer”, o ritual de como e quando cada um deles entra em cena, depois de um preparo

prévio, bem como o tempo de cozimento ou, conforme o caso, tempo e temperatura do forno, consistência e outros segredos. Mesmo assim – e nisso não sou competente para opinar –, suspeito que muita coisa se processa na base do ‘olhômetro’, ou seja, por uma avaliação meramente visual.

A senhora Abdel Meguid misturou os ingredientes atabalhoadamente e levou tudo direto ao forno. “O que emergiu hora depois – informa Cott – foi descrito como um espesso magma de cor de difícil identificação, de gosto ‘ímpar’.”

Ante a surpresa geral, um convidado sugeriu que a pasta fosse usada para pintar o apartamento de uma cor bastante original; outro, não menos rude, achou que aquilo deveria ser testado como veneno de rato. Dorothy, ou melhor, Bulbul não perdeu a esportiva e sugeriu imperturbavelmente que cada um dos convidados levasse um pouquinho da ‘coisa’, para exclusivo uso, como unguento para queimaduras e abscessos.

Mais tarde reconheceria ela, honestamente, com uma pitadinha de comiseração, referindo-se ao marido. “Pobre sujeito! pobre sujeito! Como eu o fiz sofrer!” E continuou o mea-culpa:

Além de quase matá-lo com a minha culinária – você sabe, a cozinha inglesa já é bastante ruim, mas a minha era das piores! – também o levei às lágrimas com minhas conversas sobre o Egito Antigo. Ele gostava de coisas modernas e eu queria tudo bem velho... foi demais para ele.

Por essa altura, ela estava grávida (“Serviço rápido, aquele” – comentaria com alguém, mais tarde).

Os pais aproveitaram a oportunidade do importante evento que se anunciava e vieram da Inglaterra, no dizer dela, “para ver a cara do país e ficar conhecendo meu marido”. Não consta se gostaram da terra, do marido, sim. E muito. Na realidade, “encantados” foi o adjetivo usado por Caroline, sua mãe. Mais do que isso: ela achou mesmo que ele era “bom demais” para

ela. Ficaram no Cairo até a criança nascer. Tentaram influir na escolha do nome do menino, que deveria chamar-se George, como neto de respeitáveis cidadãos ingleses. Foi inútil, claro. A sra. Abdel Meguid já havia decidido que o garoto se chamaria Sety, em homenagem ao seu muito amado faraó. E assim ficou sendo.

Ao que parece – comenta Cott (p. 40) –, o marido nem foi consultado. Sety ficou sendo e ela, com o tempo, passou a chamar-se Omm Sety, ou seja, a mãe de Sety, dado que não era considerado de bom tom referir-se a uma mulher casada pelo seu nome próprio, e sim como a mãe de seu filho mais velho.

Embora ainda no início do casamento, que poderia ter-se estendido por décadas, Imam teve de admitir, ainda que relutantemente, que sua esposa, além de desinteressada das rotinas doméstica, era despreparada para essa tarefa, como podiam todos testemunhar, principalmente os da família dele. Aliás, não fiquei sabendo se a família dele aprovou o casamento com a jovem inglesa. Ela declara, contudo, que foi muito bem recebida por eles.

Mas não era só isso: Imam se convencera de que sua mulher era uma pessoa “extremamente excêntrica”. Aconteciam com ela e à sua volta as coisas mais estranhas. Seu pai, por exemplo, ao entrar, certa vez, no quarto dela, que se recuperava de um mal passageiro, saiu de lá a correr e gritando que havia “um faraó sentado na cama de Bulbul!”

De outra vez, o incidente contou com a aturdida participação da mãe dela, que ainda estava por lá.

Foi o seguinte: o casal Meguid fora convidado para uma festa num bairro afastado e ela, alegando cansaço, não quis ir. Ele foi, prevenindo-a de que, se a festa acabasse muito tarde, dormiria por lá mesmo, num apartamento que a mãe dele tinha ali perto. Foi o que aconteceu. A noite de verão estava quente e Dorothy resolveu dormir num colchão que levou para o terraço, enquanto seus pais ficaram com seu quarto, separados por uma larga porta de correr de vidro.

Pela manhã, a mãe, habituada a levantar-se cedo, e já que

nada fazia antes do sagrado ritual do chá, ferveu mais um pouco de água, apanhou duas xícaras e foi ao terraço levá-las para a filha. Aí começou o diálogo surrealista que a própria Omm Sety reproduziria mais tarde.

- Mãe, sente-se e tome seu chá.
- Já tomei o meu - respondeu a mãe.
- Porque duas xícaras, então?
- Uma para você e outra para Imam - foi a resposta.

Aí ela explicou à mãe que o marido dormira fora, no apartamento da sogra, como ficara combinado.

- Não - insistiu Caroline -, ele veio ontem à noite. Eu acordei durante a noite e o vi de pé, ao lado de seu colchão, olhando para você.

- Como é que ele estava vestido?

- Com uma galábia branca e um manto azul, ou algo parecido... azul escuro.

- Você *sabe* - comentou a filha - que a roupa de dormir de Imam é de cor vermelha escura.

- *Só pode* ter sido ele - confirmou a convicta mãe.

- Não foi ele - teimou a filha.

- Quem foi, então?

- Bem, se você quer mesmo saber - insistiu Dorothy -, era o rei Seti Primeiro.

Caroline perdeu o fôlego e a fala por alguns momentos; em seguida contemplou a filha com um olhar aterrorizado e disparou:

- Meu Deus, Dorothy, vá embora deste país. Isto aqui não é um lugar seguro para você.

Omm Sety diria mais tarde que o faraó - aliás, Sua Majestade, como sempre dizia - começou a aparecer-lhe pouco depois de sua chegada ao Egito. E não mais sob a forma de múmia, como da primeira vez na Inglaterra. Mas, ao contrário da mãe dela e do pai dele, Imam, o marido, nunca viu o faraó que visitava com frequência sua esposa. Mas nem precisava de mais nítidas evidências; os interesses da mulher eram distanciados por demais dos seus e o "bizarro comportamento" dela, não apenas o deixava perplexo, como

assustado. Foi um fracasso anunciado.

No correr do segundo ano de casamento, ele costumava acordar durante a noite para assistir à inusitada cena de sua esposa levantar-se da cama e aparentemente 'flutuar' até uma escrivaninha, perto da janela, para escrever à luz da lua, "como se alguém estivesse ditando a ela algo parecido com mensagens fragmentarias em hieróglifos". (Cott, p. 41)

Explicaria ela, mais tarde, que ficava num estado inconsciente de transe, enquanto uma entidade que ela identifica como Hor-Ra lhe ditava a história pessoal dela, na remota reencarnação no Antigo Egito. O espírito lhe parecia estar cumprindo uma espécie de mandato, missão ou tarefa que não era nada de seu agrado, a mando de alguém. Pelo que diz ela, não se tratava de um psicografia: ela ouvia a voz dele a ditar-lhe a história, mas não via a entidade.

De início, a narrativa não fazia sentido; parecia um quebra-cabeça que competia a ela montar e decifrar por si mesma.

A tarefa mediúnica durou um ano inteiro, até que a narrativa foi concluída. Foi um período de "grande conflito" com o marido, confessaria mais tarde. E não há como não se simpatizar com ele, pobre sujeito, que nada entendia do que se passava diante de seus olhos aturdidos e nem tinha a menor idéia sobre o que poderia conter aquele texto enigmático e confuso até para ela própria, que, aliás, nada dizia a ele sobre o assunto.

- Não desejava perturbar ainda mais Imam - confessaria ela. - Ele já estava coberto de razão para se queixar de minha culinária e por negligenciar a tarefa de manter a casa limpa e em ordem. Mostrava-se, além disso, extremamente incomodado pelo fato de que eu nada lhe dizer sobre o assunto tratado naqueles 'ditados'.

O 'assunto' era ela mesma, desde o início. Não estava certa de que ele a entenderia; aliás, de que ninguém a entenderia.

Creio que ela foi parcimoniosa aqui - ela estava é bem certa de que aquilo não era história para se contar a ninguém, especialmente a um marido infeliz e marginalizado.

Terminado o ditado mediúnico, ela dedicou-se à tradução

do texto e colocou o material na devida seqüência em cerca de setenta páginas.²⁰

Era a sua história pessoal, vivida há trinta e dois séculos em Abidos, e se resumia no seguinte: Bentreshit, a menina (ela) era filha de uma vendedora de hortaliças e de um soldado integrante das tropas aquarteladas em barracas, junto de uma antiga fortaleza não muito distante do templo de Seti I e que constituíam a principal clientela da pobre verdureira. “Bela linhagem!” – comenta ela, sempre disposta a um comentário jocoso, mesmo à sua própria custa. E acrescenta: “Não sei se eram casados; provavelmente não.”

“Se o foram, o casamento durou pouco – conclui. – Provavelmente ele deu a ela um caco de cerâmica rabiscada com umas poucas inscrições, a título de certidão de casamento.”

A criança tinha pouco mais de dois anos de idade quando a mãe morreu e o pai foi, pouco depois, transferido para Tebas (hoje Luxor). Não podia, obviamente, ou não quis levar a filha de três anos para um destino mais do que incerto. Levou-a para o antigo templo de Kom El Sultan, ao norte do templo de Seti, que, aliás, estava ainda em construção, e lá a deixou para ser criada e educada como sacerdotisa.

O sumo sacerdote era um sujeito alto, cabeça raspada, vestimentas imaculadas, figura imponente, severo, respeitado, com cara de poucos amigos e punha em pânico todas as suas pupilas, mal ouviam elas o vozeirão de barítono dele.

Quando Bentreshit completou doze anos, Antef manteve

²⁰ Ao que depreendo, o sábio Hor-Ra não o ditou na seqüência cronológica que era de esperar-se de quem conta uma história. Deve ter tido suas razões, se minha suposição está certa. Divaldo Franco me contou, certa vez, que, à medida que psicografava um romance, se bem me lembro, ditado por Victor Hugo, lia os capítulos para um grupo seletivo de companheiros. Criou-se, desse modo, uma tensão de expectativa em torno da história que, evidentemente, não agradou o autor espiritual, que resolveu alterar a seqüência da narrativa, de forma tal que não dava mais para acompanhar o enredo. Só depois de terminada a psicografia é que o texto foi colocado pela entidade na ordem certa a fim de que a história tivesse principio, meio e fim. É possível que coisa semelhante tenha acontecido com Omm Sety, ainda mais que ela experimentava uma assumida dificuldade com o marido por causa daquela misteriosa psicografia.

com ela uma séria e decisiva conversa: a menina tinha de resolver se desejava sair para o mundo ou permanecer no templo. Se a opção fosse a primeira, tudo bem, “Adeus e Deus te abençoe”. Mas ela nada sabia do mundo lá fora. (E como poderia saber, se fora para o templo aos três anos de idade?) Sentia-se feliz ali no templo e preferia ficar.

Antef explicou-lhe, então, que ela precisava fazer voto de virgindade, dado que, daquele momento em diante, passava a ser propriedade do templo.

Na sua pureza adolescente, Bentreshit não chegou, sequer, a entender o que significava tudo aquilo, mas, sem ter para onde ir, fez os votos e lá ficou.

A partir daí, começou a ser instruída pelo próprio Antef a fim de desempenhar o papel que lhe caberia na apresentação do drama da morte e ressurreição de Osíris, que somente poderia ser interpretado por virgens destinadas ao sacerdócio desde a infância.

Se as regras eram rigorosas, Antef não o era menos, de vez que não era tolerado às jovens participantes o mínimo erro ao recitarem o texto que lhes cabia durante a representação dos mistérios, ponto culminante do elaborado e realista ritual prescrito.

No seguimento da história, Hor-Ra mencionou a visita do faraó a Abidos, a fim de visitar as obras, e lá viu a jovem Bentreshit a colher flores no jardim.

A história, transcrita por Jonathan Cott, prossegue:

Numa manhã de sol, há cerca de três mil anos, uma menina loira de olhos azuis, com apenas 14 anos, chamada Bentreshit (harpa da alegria), caminhava sob o céu azul colhendo flores e cantarolando suavemente uma canção:

*Deixe que venha até a lagoa de lótus,
A minha bela amada,
Com seu vestido transparente
De fino linho.
Deixe que se banhe ao meu lado*

*Entre as flores,
Para que eu possa admirar
Suas pernas e braços emergirem das águas.*

Naquele mesmo dia, o responsável pela construção do templo – o faraó Seti I – visitava Abidos para acompanhar o andamento da construção do gigantesco santuário destinado ao abrigo de seu espírito e inspecionar as dependências do templo, seus sacerdotes e servidores. Quando passava pelo jardim com seus criados, o faraó – que andava pela casa dos cinquenta anos – foi tocado pela melodiosa voz da jovem Bentreshit, que, por sua vez, o observava por entre flores e folhas. Ao tentar curvar-se respeitosamente para Sua Majestade, bastante nervosa, fez um movimento atrapalhado. Encantado com sua falta de jeito, Seti riu e pediu que ela se aproximasse.

– Levante-se, minha pequena. Qual é o seu nome?
– perguntou o faraó.

– Bentreshit, Vossa Majestade – respondeu com nervosismo.

– Você sabe quem sou eu? Conhece meu nome?

– *Nisou-beti Men-maat-Ra*. [um dos cinco títulos oficiais do faraó].

– Quem são seus pais, Bentreshit?

– Sou órfã, *Nisou-beti*. Minha mãe era verdureira. Morreu quando eu tinha três anos. Meu pai é um guerreiro... agora ele está em Wasit [Tebas], servindo numa guarnição.

– E você, o que tem feito?

– Sou sacerdotisa de nossa senhora Ísis. Mestre Antef, o sumo sacerdote, está me orientando para participar da encenação do sagrado mistério do nascimento, morte e ressurreição de nosso senhor Osíris.

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual Seti examinou detalhadamente a jovem menina loira, de olhos azuis, com uma aparência tão diferente das pessoas que faziam reverência ao seu lado. Em Mênfis, Tebas ou

outras principais cidades do Egito, não era incomum encontrar meninas e sacerdotisas loiras... Mas em Abidos era inusitado. Todos no templo, porém, sabiam que o bisavô de Bentreshit era um estrangeiro das ilhas gregas, a quem os egípcios costumavam chamar “povo do mar”.

Por sua vez, Bentreshit tinha dificuldade em olhar Sua Majestade diretamente nos olhos, embora logo tivesse notado tratar-se de um homem muito bonito. Ainda que ela fosse examinada por Seti com um olhar penetrante e lisonjeiro, em nenhum momento lhe pareceu um gesto indelicado ou constrangedor. Depois daquele primeiro encontro, por diversas vezes, ela pegou o faraó observando-a de relance, enquanto atravessava o caminho do jardim.

Uma noite, o faraó estava sozinho, sentado na beira da piscina de lótus, enquanto Bentreshit caminhava por lá – talvez tenha sido um encontro ocasional, talvez não. Sua Majestade sorriu e disse: “Venha, Pequena, sente-se ao meu lado”. Quando ela o fez, Seti segurou suas mãos e a beijou. A menina ficou apavorada e Sua Majestade falou: “Corra... corra e não volte mais”. Foi o que ela fez, mas não correu tão longe assim. Quando chegou ao fim do parque, virou-se e pôde ver Seti sentado com a cabeça afundada entre as mãos. Lentamente, a sacerdotisa voltou ao encontro do faraó.

Seti deu uma desculpa após outra para adiar sua partida de Abidos, e Bentreshit sempre o encontrava no jardim, ao anoitecer. Foi lá que eles “comeram ganso cru” – uma antiga expressão popular equivalente a “comer do fruto proibido”. E realmente era proibido, porque a sacerdotisa fora jurada como propriedade do templo e ninguém poderia tocá-la. Se Bentreshit fosse divorciada, viúva ou solteira, a situação seria tolerada e, mais do que isso, pois tornar-se concubina do faraó era uma grande honra. Mas desde que a menina era uma virgem sacerdotisa de Ísis, o caso foi considerado uma terrível violação das leis religiosas da época.

Bentreshit estava sob a direta e constante observação do sumo sacerdote Antef, de seus noviços e demais sacerdotisas. Quando um deles informou Antef de que ela estava envolvida num caso amoroso, o sumo sacerdote a fez descer à tumba de Osíris na ilha de Osirion – atrás do templo de Seti – e tentou forçar a confissão de seu crime. Num primeiro momento, ela recusou-se a responder. Mas, quando Antef forçou sua mão a apoiar-se na estátua de Osíris, ela ficou impossibilitada de mentir e, num grito seco, confessou: “Sim, Eu tenho um amante!”. No entanto, recusou-se categoricamente a declinar o nome do faraó como o companheiro culpado.

Justamente nessa época, Seti foi obrigado a deixar Abidos por problemas na Núbia e nas minas de ouro no deserto do leste. Ele disse que voltaria logo para permanecer por um longo período. Alguns dias depois, os fatos se sucederam rapidamente. Quando o último navio da comitiva real deixava o porto, o sumo sacerdote submetia Bentreshit a um interrogatório final, quando ela foi coagida a admitir que seu amante era o faraó. Antef, com a delicadeza de um elefante, disse à sacerdotisa que a punição de seu crime contra Ísis não seria menor que a morte.

De acordo com a lei, uma sentença de morte não poderia ser decretada sem um julgamento justo. Antef estava diante de um dilema; se o procedimento legal fosse seguido, o segredo não poderia ser mantido. Foi quando Bentreshit compreendeu a gravidade da situação, decidiu salvar a honra do único homem que merecera seu amor e cometeu o suicídio. Quando Seti regressou a Abidos e perguntou sobre a jovem sacerdotisa, ficou chocado e consternado ao saber de sua morte. “Nunca me esquecerei de Bentreshit”, jurou a si mesmo.

E, por três mil anos, ele jamais a esqueceu.

Imam Abdel Meguid permaneceu, durante três anos, casado com a estranha mulher que não tinha como

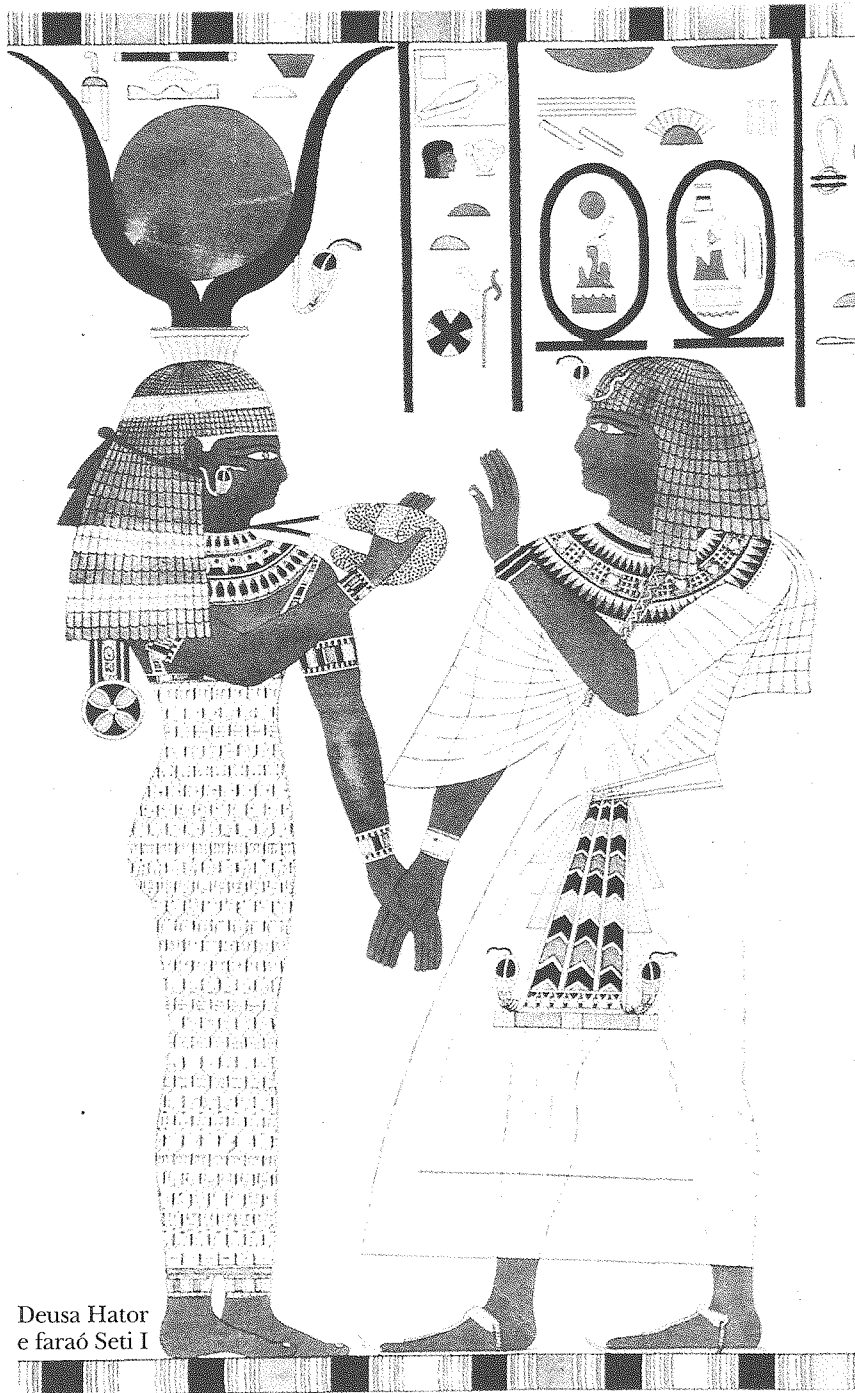
compreender. Ela mesma diria, mais tarde, que ele era “um homem muito paciente e muito decente”. Em 1935, foi convidado para lecionar no Iraque por um ano, oferta que aceitou prontamente. Dorothy/Bulbul/Omm Sety não quis acompanhá-lo. Ao retornar ao Egito, em 1936, divorciaram-se e ele se casou com uma prima, mas conservou, como lhe era permitido, o nome de casada e a cidadania egípcia. Foi uma separação amigável, no dizer do biógrafo. Sempre de bom humor, ela resumiria numa frase toda a história: “A prima dele era uma boa cozinheira e não gostava de monumentos. Eu me casei com o Departamento de Antiguidades do Egito. E assim, todos ficaram felizes.”

Cott acrescenta o depoimento de um egiptólogo, cujo nome não menciona, segundo o qual algumas pessoas têm sonhos ou visões acerca de vidas anteriores no Egito, ficam por algum tempo fascinados por aquilo, mas acabam se esquecendo após uns tantos meses ou um ano. Com Omm Sety foi diferente.

[Ela] realmente *viveu* toda a história. Tornou-se, também, fonte inesgotável de informações, sugestões e teorias acerca do Egito Antigo, de vez que se entregou obstinadamente ao estudo de seu assunto predileto, passo a passo, a duras penas.

No meu modo de ver, ela viera do Amênti, de volta a uma existência ali mesmo, onde cometera graves erros, para refazer o caminho tão desastrosamente abandonado. Em outras palavras: sentia-se na obrigação moral de exercer sua jurada tarefa de uma sacerdotisa do templo de Abidos.

Foi o que começou a fazer.



Deusa Hator
e faraó Seti I

Iniciação para egiptóloga

O ex-marido partiu de volta ao Iraque com a nova esposa e ela, prontamente, deixou a confortável residência dos Meguid, em Many El Roda, no Cairo, apanhou o pequeno Sety, seu filho, plantou umas poucas barracas nas proximidades da pirâmide de Guizé e para lá se mudou, até que conseguiu alugar um minúsculo apartamento em Nazlet El Simman, lugarejo de cerca de vinte casas, no platô de Guizé, com vista para a pirâmide e a esfinge.

Empregou-se como desenhista, no Departamento de Antiguidades, primeira mulher contratada para essa função, e começou a trabalhar sob as ordens do dr. Salim Hassan. Lembram-se dele? Aquele mesmo para quem ela enviara, da Inglaterra, uma caixa contendo todas as suas preciosas antiguidades egípcias.

O conhecido egiptólogo dirigia, na época, escavações em túmulos existentes na necrópole em torno das pirâmides de Gizé.²¹ Omm Sety considera um privilégio, “maravilhosa e

²¹ Os ingleses usam a grafia Giza. Nunca mais hei de me esquecer da primeira manhã que acordamos num hotel no Cairo, em 1977. Ao abrir as cortinas, dei com a visão mágica dos primeiros raios de sol iluminando as pirâmides, ao longe. Não poderia ser mais deslumbrante e emocionante aquela visão. Curiosamente, não era para estar naquele apartamento, no último andar do luxuoso hotel. É que, quando chegamos ao hotel, disseram-nos que não poderiam nos acolher, porque o hotel estava lotado. Como eu tinha uma reserva, pedi para falar com o gerente e mostrei-lhe a documentação. Pedi que aguardássemos um momento e voltou, pouco depois, para nos encaminhar não mais para o apartamento-padrão que nos estava reservado, mas para uma luxuosa suíte, no último andar; ampla, mobiliada com extraordinário bom gosto, móveis de estilo, espelhos, poltronas, tapetes e todos os requintes da hospedagem de classe. Levei um susto, pois a diária ali não estava, certamente, ao meu alcance, mas não foi isso que aconteceu. Cobraram-nos apenas a diária de um apartamento padrão. O Egito me recebia muito bem. Pena que eu nada sabia, àquela época, de Omm Sety e muito menos de que ela ainda vivia na sua querida Abidos...

gratificante experiência [...] trabalhar com um homem tão brilhante e bondoso” como o prof. Hassan.

Depois da aposentadoria de Hassan, Omm Sety passou a trabalhar com o dr. Ahmed Fakhry – outro chefe muito especial –, no projeto de pesquisa da pirâmide de Dahshur. Ela fazia uma espécie de vestibular para o grande sonho de sua vida: ir para Abidos, que, naturalmente, já conhecia de uma breve peregrinação à cidade sagrada do Antigo Egito, onde ela pretendia “trabalhar, viver, morrer e ser enterrada”. (p. 3)

Terminada tarefa em Dahshur, o dr. Fakhry ofereceu-lhe um cargo ‘confortável’ e bem pago no Cairo, ou outro pesado e não muito bem pago emprego em Abidos. Já se sabe qual dos dois ela escolheu.

Foi assim, que, 1956, aos 52 anos de idade, depois de cerca de vinte e três anos no Egito, “a primeira parte de seu antigo sonho tornou-se realidade”.

O templo estava sendo restaurado. Deram a Omm Sety mais de dois mil fragmentos de pedra para catalogar, encaixar nos lugares certos e traduzir as inscrições. Ela trabalhou nisso durante dois anos.

O material foi entregue ao egiptólogo Edouard Ghazouli, que escreveu a respeito uma monografia – *The palace and magazines attached to the temple of Sety I at Abydos and the facade of this temple*. O autor agradece Omm Sety, nesse documento, pela sua valiosa colaboração, tanto nas plantas e desenhos quanto na ajuda no “preparo do texto”.

Jonathan Cott acrescenta, entre parênteses, que, aparentemente, ela ‘inglesificou’ todo o texto, como faria para outros egiptólogos famosos. Em alguns casos, ela teria praticamente escrito grande parte do estudo.

Vejam só como é que ela conclui a sumária autobiografia que escreveu para figurar na entrada de sua própria monografia, intitulada *Abidos, a cidade sagrada*:

Comprei uma pequena casa nos limites de uma área cultivada nas proximidades do templo. Em 1969,

cheguei aos 65 anos, idade oficial para aposentar-se. Por isso, o Departamento de Antiguidades me atribuiu uma pequena pensão e “soltou a velha égua no pasto”.²² Tenho um túmulo já preparado no meu quintal, no antigo estilo, e estou à espera de que a segunda metade de meu desejo se realize – morrer e ser enterrada aqui.

Nesse ínterim, gozo a vida. Tenho alguns amigos muito bons na vila, sete gatos e uma educada naja,²³ que vem e se vai quando bem lhe apetece. Considero-me uma mulher muito feliz e agradeço do fundo do coração, aos antigos deuses que ouviram minhas preces e me trouxeram de volta à minha terra.

Esse texto foi escrito em maio de 1979. Omm Sety teria de esperar, portanto, mais dois anos, antes de partir, de volta a sua outra terra, do lado de lá da vida, para onde foi ao encontro de seu amado faraó, como vimos, em 21 de abril de 1981.

É oportuno acrescentar algumas notas, embora tenhamos encontro marcado com algumas delas pelo livro afora. O corpo de Omm Sety não foi enterrado exatamente no local que ela preparou com essa finalidade. Veremos mais adiante como e por que isso aconteceu. Quanto aos animais, sempre conviveu com eles, especialmente, ali, em Abidos. Eram cães, serpentes, burros, aranhas, gansos, coelhos e, principalmente, gatos:

[...] gerações inteiras de gatos que tinham nomes de figuras da realeza egípcia, como Teti Sheri, Ahmes,

22 Não sei mais o que costumam fazer por aqui, quando cavalos, bois e vacas ficam velhos demais para trabalhar. Meu muito bondoso tio Alfredo, fazendeiro no estado do Rio, mandava soltar os animais que fizessem jus à ‘aposentadoria compulsória’, nas pastagens e nas sombras, para que gozassem, pelo resto de suas vidas, o privilégio do ‘ócio com dignidade’.

23 A naja é aquela serpente que, literalmente, ‘engrossa’ (o pescoço), quando fica enfurecida. Aquela mesma que figura esculpida na testa dos faraós.

Hor-em-heb e Ramsés. Este último era um gatão de cor amarelo-abricó, que se dignava comer apenasatum japonês enlatado, não hesitando em cuspir literalmente o macarrão e os ovos cozidos que Omm Sety preparava para seus companheiros felinos [a plebe, acho eu]. Tal como convinha ao seu xará (Ramsés), sentava-se imperiosamente à beira de um muro e fazia gestos desdenhosos para quem quer que passasse por ali. (Cott, p. 83)

Foi por essa época que, finalmente, Omm Sety conseguiu provar que havia, de fato, um belo jardim nas proximidades do templo, tal como ela sempre afirmara, inclusive ao severo Reuben Eady, seu pai.

Eu continuava convicta da existência do jardim [escreveria mais tarde], até que vim trabalhar aqui e, então, o encarregado das obras o encontrou exatamente onde eu dizia que ele devia estar – a sudoeste do templo – raízes de árvores, de videiras, pequenos canais destinados a distribuir a água e até uma fonte, que ainda tinha água.

Durante todo esse tempo, ela cumpriu pontualmente os preceitos de sua verdadeira religião – o culto de Osíris. Recitava, inclusive, o “Lamento de Ísis e Néftis”, que havia aprendido em sua versão inglesa, há mais de trinta anos, ainda na Inglaterra.

Em 1959, ela foi sumariamente informada de que não tinha mais o que fazer ali. Esgotara-se a verba destinada ao projeto de restauração no qual ela trabalhava e foi aconselhada a retornar ao Cairo, onde deveria apresentar-se ao Departamento de Antiguidades que a relocaria em outra função. Ela recusou. Dois meses depois estava completamente sem dinheiro para sobreviver. Com as últimas moedinhas que lhe restavam, comprou alguns ovos para alimentar sua ‘máfia’ de gatos, como era conhecida sua bicharada.

Sem saber o que fazer, entrou no templo a fim de ‘conversar’ com Osíris. Usou com o deus sua linguagem direta e objetiva: – Se você me quer aqui – disse na sua prece –, dê-me condições

de viver e alimentar meus gatos. Se não me quer, dê-nos, por favor, uma morte rápida e confortável.

Orou, portanto, não apenas por ela, mas pelos gatos.

Algumas horas depois, Edouard Ghazouli foi à sua casa para dizer que acabara de receber um telefonema do Cairo, pedindo-lhe que comunicasse a ela que seu contrato de trabalho em Abidos seria prorrogado. Osíris queria, portanto, que ela continuasse ali mesmo e fazendo o que sempre fez.

Dotada, como era, de agudas percepções e sensibilidades paranormais – minha palavra para isso é mediunidade –, Omm Sety não somente guiava-se por certeiras intuições, como testemunhava fenômenos insólitos que jamais a assustaram e com os quais convivia com naturalidade.

Algo dessa natureza aconteceu-lhe nas proximidades de um aposento perto do corredor dos touros, que ela usava como gabinete onde desenhava sobre uma mesa improvisada à luz de uma lamparina a gás. Tinha por companhia habitual, aliás, uma das temíveis najas que costumava alimentar regularmente de ovos cozidos e leite. Davam-se muito bem, para horror dos guardas e demais servidores do templo, de vez que se trata de um tipo de serpente perigosa que, uma vez enfurecida, pica ou projeta seus venenos à distância.

Foi ali, em 1958, que ela teve uma experiência curiosa, para dizer o mínimo. Seu relato é longo e meticuloso. Vamos reduzi-lo, aqui, ao essencial.

Ela trabalhava, à época, no Salão dos Barcos Sagrados, quando apanhou uma gripe. Insistiu em ir trabalhar, mas não conseguiu chegar até o fim do dia e resolveu ir para casa descansar. Tinha consigo todas as chaves necessárias às suas tarefas, mas resolveu sair por uma espécie de atalho que passava por cima de um muro e de onde se descia por um andaime. De repente, sentiu-se mal, tomada por uma crise de tonteira e tombou no piso, lá embaixo, torcendo o tornozelo direito e ferindo o ombro esquerdo. Ouviu forte ruído de uma pedra pesada rilhando sobre outra. Em seguida, rolou por uma rampa acentuada abaixo e ouviu novamente barulho da pedra se movendo sobre outra. Tão logo se recuperou o suficiente para acomodar a vista à escuridão – havia no teto

umas fendas ou rachaduras que deixavam entrar um pouco de luminosidade – levantou-se e começou a caminhar mancando e às apalpadelas. Encontrava-se numa área totalmente desconhecida do imenso templo, onde havia uma passagem apertada de cerca de apenas meio metro, num espaço abarrotado de caixas, mesas, estojos, peças de linho e objetos não-identificados de ouro.

Tropeçou de novo e, ao tentar levantar-se, viu diante de si o próprio deus Hórus, curvado sobre ela, usando a dupla coroa do Egito, com as mãos levantadas, contemplando-a de olhar fixo.

Ainda sem poder levantar-se de todo, apenas de cócoras, sentiu-se embaraçada. Como se dirigir ao deus numa posição daquelas? Logo percebeu, contudo, que se tratava de uma estátua de madeira colorida, em tamanho natural. Havia também, estátuas de Osíris e de Ísis, apoiadas nas paredes. A de Hórus estava danificada pelos insetos e, por isso, pendida para frente; as demais estavam aparentemente em perfeitas condições.

Perto dela, havia um vaso oval de ouro, de uns vinte e cinco centímetros de altura, com um comprido gargalo que terminava no formato de uma trombeta. A escassa luz ambiental não lhe permitia uma investigação mais detalhada, mas ela foi capaz de perceber o cartucho²⁴ de um dos faraós Seti, não o 'seu' Seti, o primeiro; provavelmente um da vigésima sexta dinastia.

Tentou apanhar o vaso – que desejava levar consigo, como evidência de sua descoberta, mas achou-o muito pesado e o depositou no mesmo lugar. Sentindo-se muito mal, continuou a caminhar penosamente, a passos incertos e algo inconsciente, quando subitamente encontrou-se lá fora, em plena luz do dia, que a cegava. Estava junto do poço no segundo pátio do templo. Um jovem desconhecido caminhava na sua direção, contemplou-a de modo abertamente perplexo e lhe perguntou onde poderia encontrar o arquiteto responsável pela restauração. Deu-lhe a informação pedida e o homem

²⁴ Nota da editora: Cartucho é a representação gráfica de uma moldura com o formato de um laço dentro do qual está inscrito o nome do faraó.

agradeceu e se despediu ainda com aquele olhar de surpresa.

Só mais adiante saberia porquê. Estava imunda, a roupa e os cabelos empoeirados e cheios de teias de aranha. Dirigiu-se à porta principal de entrada do Salão dos Barcos Sagrados, quando se deu conta de que estava sem as chaves. Dois trabalhadores olharam-na, espantados e lhe perguntaram:

– Por onde você andou? Você está coberta de sujeira e teias de aranha!

Ela lhes contou que havia levado um tombo, feriu-se no tornozelo e se esquecera de suas chaves. Nada mais. Arrastou-se como pôde até seu “gabinete de trabalho” e lá estavam as chaves, sobre a mesa.

Dois dias depois, conversando com o inspetor-chefe do Departamento de Antiguidades, discutiram o assunto, mas ficaram sem saber o que, de fato, teria acontecido. Seria uma alucinação suscitada pelo estado febril? Jamais ficou sabendo ao certo.

Contra a hipótese alucinatória, tinha a convicção de haver levado um tombo enorme, o que se demonstrava pelas dores no tornozelo inflamado, o que durou uma semana, e mais as escoriações no ombro. Além disso, tinha três testemunhas para confirmar que saíra de lá – seja qual for o lugar – coberta de pó e de teias de aranha. E mais: suas chaves estavam realmente onde ela as havia deixado e ela não poderia ter saído do templo senão contornando o edifício por fora, onde os vigilantes a teriam visto, mas, sem a poeira e as teias de aranha.

Se, de fato, a estranha aventura na escuridão da câmara aconteceu, então, só poderia haver uma explicação: ao tombar no piso, ela teria batido com o ombro no mecanismo de uma porta giratória que se abria para a rampa, pela qual ela rolou. Isso explicaria o ruído da pedra arrastando-se sobre outra, aliás, uma vez ao abrir-se a ‘porta’ e outra ao fechar-se. Restaria, porém, uma pergunta sem resposta: como é que e por onde ela saiu do outro lado à plena luz do dia?

Ainda sem explicação até o dia em que escreveu seu relato, Omm Sety supõe que a estreita passagem em que estivera lá dentro teria uma comunicação secreta com a ‘passagem do

tesouro', que, segundo ela, havia desmoronado, como se podia ver por alguns sinais.

O inspetor mostrou-se interessado e sugeriu a ela que tentasse redescobrir a suposta porta secreta dotada de pivô. Ela bem que tentou, percorrendo todo o local. Sem o menor resultado, a não ser – acrescenta – “alguns ferimentos novos!”

Vejamos como ela conclui o fascinante relato:

De uma coisa tenho certeza: o templo de Seti ainda retém alguns segredos... na verdade, muitos deles. Um dia, um paciente arqueólogo pode chegar em Abidos para investigar todas as suas desconhecidas e fascinantes possibilidades. E talvez suscitará o entusiasmo e admiração do mundo inteiro com algo maior e mais importante do que a descoberta dos tesouros mortuários de Tut-Ankh-Amon em 1922.

Palpite? Intuição? Esperança? Ou profecia? Esperemos pacientemente pelo paciente arqueólogo...

Eventos menos dramáticos também ocorriam com Omm Sety.

Como, por exemplo: um dia, o calor era tanto que ela resolveu livrar-se de toda a roupa para poder trabalhar, mesmo porque estava sempre só com seus hieróglifos e seus deuses e deusas. Aliás, ela não faz segredo algum de que, desde criança, detestava roupas em geral, especialmente os sapatos. Até nisso era uma verdadeira egípcia do tempo da 19ª dinastia, que, por muito especiais razões, como sabemos, se viu, de repente, projetada num tempo que não era mais o seu, ainda que ali fosse sua legítima pátria. Em sua opinião, roupas somente deveriam ser usadas quando a gente está sentindo frio. E lembra que, no Antigo Egito – seu padrão de aferição para tudo na vida –, só começavam a vestir-se as pessoas a partir dos doze anos de idade. Assim mesmo com tecidos leves, em peças curtas, pouco preocupados com alguma transparência.

Seja como for, estava ela inteiramente à vontade, quando

ouviu passos e vozes que se aproximavam. Eram alguns visitantes. Ainda a tempo, conseguiu chegar ao cômodo onde deixara suas roupas.

Recorrendo ao seu habitual senso de humor, ela conclui o sumário relato, dizendo que talvez tenha sido uma precursora dos *streakers*!²⁵

E por falar em roupas, sua indumentária lhe emprestava um toque evidente de singularidade e excentricidade. Cott (p. 88) fala de:

[...] uma incongruente combinação de lãs ou, mais tarde na vida, um conjunto de lenço de cabeça e um xale, colares de falsas pérolas, de mistura com variado sortimento de contas egípcias, talismãs e um amuleto em forma de *ankh* [sinal hieroglífico de 'vida'] tudo isso pendurado no pescoço.

Certamente, tanto para os residentes como para os visitantes estrangeiros, aquela mulher toda enfeitada, quando vista pela primeira vez, era uma figura muito estranha.

A dra. Veronica Seton-Williams – egiptóloga e escritora ligada ao University College, de Londres –, ao chegar a Abidos, em 1957, fazia uma refeição em companhia de uma amiga...

[...] quando, de repente, ouviram um tilintar de braceletes e uma voz, em inglês, que lhe dizia '*Prithee!*'²⁶

25 Caso você não se lembre mais, houve um tempo, há algumas décadas, em que certas pessoas menos inibidas passavam rapidamente por algum espaço público completamente 'desvestidas'. Eram conhecidos como '*streakers*'. O substantivo – *streak* – é usado como faixa, risca, linha ou lista, e o verbo, coloquialmente, significa: mover-se com muita rapidez ou correr despido em público, como se lê no dicionário *Michaelis*.

26 *Prithee* – arcaica e esquecida interjeição, corruptela de '*Pray thee*' (Peço-lhe, por favor.) A rigor, o verbo *pray* significa rezar, orar, suplicar, e '*thee*' é o caso objetivo de '*thou*' (tu), outro arcaísmo que ainda encontramos em Shakespeare, na bela tradução da Bíblia ordenada por James, filho de Mary Stuart, que foi James I da Escócia (1566-1625) e James VI, da Inglaterra (1603-1625).

(Ninguém nem antes, nem depois disso jamais me disse tal palavra). 'Prihee, você quer um pouco de água?' Levantamos os olhos e vimos um mulher com um jarro de água na cabeça. Foi assim que ficamos conhecendo Omm Sety.

Maureen Tracey, "uma exuberante guia turística inglesa", autora de um livro intitulado *English for americans with a sense of humor* (*Inglês para americanos dotados de senso de humor*), relata, por sua vez, como é que ficou conhecendo Omm Sety.

Estava eu num restaurante, quando uma mulher ao meu lado, vestida com um terninho de tecido listrado de cor cinza escuro – parecia ter sido feito de algum terno masculino já completamente fora de moda²⁷ – virou-se e, com uma pronúncia muito britânica, me perguntou: "Você gostaria que eu a levasse em visita do templo?" E eu exclamei: "Meu Deus! Uma senhora inglesa! Eu ouvi mesmo dizer que havia uma senhora (*lady*) inglesa vivendo aqui." E ela: "Well, não é bem uma senhora, minha querida!"

A amizade entre elas foi instantânea, espontânea e duradoura.

Tínhamos o mesmo senso de humor [declarou Tracey], ríamos das mesmas coisas (...), apesar de ela acreditar na reencarnação e eu não sei se acredito ou não – estou à espera de que me convençam. Omm Sety me diria com frequência: "Você sabe, Tracey, as pessoas vêm aqui pensando terem sido figuras do passado só porque viram imagens de (Marco) Antônio na própria na mente. Todos eles foram Cleópatra, Hatshepsut, Ramsés e Tutmés! Mas nunca foram joões-ninguém! Eu sou apenas uma das velhas faxineiras, não fui nada... a filha de um

27 A autora declara recorrer a um verbo de pouco uso, ao dizer que a roupa masculina estava 'demobbed', ou seja, literalmente, 'desmobilizada'. Táí uma boa palavra para não ofender um terno velho jogado fora!

soldado com uma verdureira, você sabe, abandonada nos degraus do templo."

Quando lhe perguntei se ela não se incomodava de viver sozinha naquele vilarejo, ela respondeu: "Ah, não! Nunca estou sozinha. De um jeito ou de outro, Ísis e Osíris estão sempre por perto."

Na verdade, ela não foi exatamente bem-vinda, quando chegou a Abidos. Uma mulher estranha e uma estranha mulher, sozinha, sem família e que passava todo o tempo disponível metida no templo não podia ser boa coisa. Ela não os condena por isso. E ela estava bem consciente de que não precisava de ninguém ali. Passara mais de vinte anos em Gizé, sabia falar árabe suficiente para se entender com o dono do mercadinho, o açougueiro, o verdureiro e os demais.

E acrescenta jocosamente: "Além disso, eu era também bastante eficiente nos palavrões, tanto quanto nos provérbios!"

Logo, porém, a situação começou a mudar. E para melhor.

Ela acabou descobrindo que não tinha medo de ninguém por ali pela simples razão de que todos tinham medo dela, por sua reputação de conhecedora da magia.

– Omm Sety – escreve Cott (p. 91) – também teve acesso a todos os antigos textos sobre magia e era dotada de faculdades curadoras, bem como de poderes sobre serpentes e outros animais.

Certa vez desapareceu Snefru, um ganso de Omm Sety, e ela ficou indignada, especialmente depois que sua amiga Tracey lhe contou quem havia devorado o gordo e apetitoso bípede. Omm Sety resmungou que o gatuno teria sua 'recompensa'. Pouco depois, ele morreu de raiva, por ter sido mordido por um búfalo aquático. Cott acha que ela fez um feitiço para ele.

Segundo os velhos textos, os segredos da magia foram confiados pelos deuses aos seres humanos para que se defendessem de certas maldades, nunca para prejudicar o semelhante.

Quando algo desse tipo acontecia a Omm Sety, ou aos seus bichos, ela ia ao templo e se queixava ao próprio Osíris.

Foi, por exemplo, o que aconteceu com um homem que nem era residente no vilarejo e que tentou proibir que ela entrasse no templo. Ficamos sem saber de que autoridade dispunha ele para essa atitude. O certo é que Omm Sety foi ter sua conversa pessoal com Osíris e pouco depois o homem foi encontrado morto. “Alguns dizem que de um ataque cardíaco – escreve Cott –, outros acham que foi por outra causa.”

Os antigos egípcios acreditavam que, usada indiscriminadamente, a magia era antiética em face da ‘lei’ e contrária à vontade dos deuses. Omm Sety sabia muito bem disso; ela usava seus conhecimentos secretos principalmente para curar as pessoas de suas mazelas ou reverter e proteger o efeito dos feitiços.

Dizia haver testado pessoalmente alguns desses ensinamentos secretos, do tempo da quinta dinastia, e que, de fato, eles funcionavam.

Um dos casos foi o seguinte: alguns turistas estavam do lado de fora do templo batendo suas habituais fotografias, quando surgiu uma serpente de um buraco e conseguiu caçar prontamente uma andorinha, passando logo a saborear sua refeição. Um dos turistas quis fotografar a cena, mas o guarda não o permitiu;²⁸ preferia matar a cobra. Omm Sety não concordou, pois o animal não estava fazendo nada de mau. O turista insistia na foto, mas queria a cobra posando em plena luz do dia, dado que ela se encontrava em local sombrio. Omm Sety apanhou a cobra e a trouxe para a luz, certa de que, ocupada em devorar o pássaro, não tinha o bicho como atacá-la.

– Bem – conta ela –, o danado do guarda atirou uma pedra na cobra e errou no alvo, mas enfureceu o bicho, que se empinou e começou a soprar e cuspir veneno, pronta para atacar quem quer que estivesse ao seu alcance.

²⁸ Embora eu não pretendesse, de modo algum, fotografar serpentes, é verdade que não me deixaram entrar com minha câmera no Museu do Cairo. Tive de deixá-la na portaria.

Foi aí que Omm Sety resolveu experimentar um de seus encantamentos e pronunciou repetidamente, uma frase mágica que terminava pela palavra ‘*Seben*’. E a cobra não lhe deu a menor importância, como se estivesse a rir da incompetente feiticeira. Omm Sety decidiu mudar a pronúncia da palavra-chave de ‘*Sében*’ para ‘*Sebén*’. Foi tiro e queda! A cobra – uma naja – desarmou o seu vistoso papo e se recolheu rapidamente de volta ao buraco de onde saíra. Fiquei sem saber se a andorinha salvou-se ou não.

– Acho – conclui Cott (p. 92) – que muito da magia egípcia deve ter sido baseada em vibrações que não entendemos, porque é importante o uso correto do tom de voz quando se pronuncia o encantamento.

O episódio seguinte tem, de certo modo, uma coloração algo singular, para dizer o mínimo. É a própria Omm Sety que o deixou documentado:

[...] um de meus vizinhos, recém casado, tinha um problema com a impotência. Tanto ele como toda a família estavam, por isso, em estado real de pânico. Primeiro, ele foi ao médico – e nada! Em seguida, visitou o túmulo dos antigos xeiques – e nada! Então, alguém da família me perguntou se, por acaso, eu sabia de algum remédio do Antigo Egito para esse problema. Bem, eu *havia* notado um encantamento nos *Textos da Pirâmide* que poderia ser indicado para o caso. Desenhei, então, o encantamento, que dizia mais ou menos o seguinte: “Estou amarrado, tu me desamarrarás... e o deus Min (Deus da fertilidade) me protegerá.” Escrevi tudo isso num ovo de gansa, desenhei a imagem do deus Min e mandei o homem enterrar o ovo debaixo da soleira da porta de sua casa. Assim ele fez e naquela mesma noite correu tudo bem... Depois disso, como se pode imaginar, quem quer que estivesse impotente vinha correndo para mim, em busca do encantamento. E ele funcionava sempre.

– Omm Sety – continua Cott (p. 93) – que podia, entre

outras coisas, fazer ou desfazer encantamentos, domar serpentes e curar a impotência, era, ao que parece, uma verdadeira descendente dos antigos magos egípcios.

É verdade isso.

Omm Sety era dotada de variadas faculdades mediúnicas, que exercia com natural espontaneidade, além do poder curativo e de encantamentos ou feitiçaria. Sua vida foi povoada de fenômenos ditos paranormais, a começar pela dramática manifestação materializada de Seti I, quando tinha quatorze anos de idade, ainda na Inglaterra.

Foi depois de alguns episódios desse tipo que ela começou a se entrosar melhor com a comunidade de Abidos, especialmente entre as mulheres. A essa altura, mais familiarizada com a língua árabe, foi, aos poucos, informandose de hábitos, costumes, tradições, superstições e da “magia folclórica” local, como a caracteriza Cott.

Tinha bom trânsito com a gente mais humilde. Durante sua curta vida de casada, em Manya El Roda, “para grande desespero de seu marido – escreve Cott p. 91 –, (preferia) conversar e se tornar amiga dos servidores, do que dar-lhes ordens como uma dona de casa de seu status”.

Foi assim que acabou bem informada, não apenas do que diziam os textos antigos, como das práticas de magia, cura e encantamentos que ainda se praticavam, ali, no século vinte da nossa era.

Certa vez – narra Cott –, estava a caminho do templo de Ramsés, em companhia de um amigo, quando viram duas meninas brincando uma espécie de “esconde-esconde”, numa passagem estreita, quando a mais jovem, de cerca de cinco anos, tropeçou, torceu o tornozelo e caiu ao chão. Ouviram um ruído surdo e a menina não mais se moveu, de bruços no chão. Subitamente, a mãe da criança correu para ela, aos gritos. Omm Sety assistia à cena, imóvel, pálida e tensa, como que hipnotizada (transe?). Seu amigo correu, apanhou a criança no piso de pedra e tentou fazê-la tomar um gole da água que levava numa garrafa térmica. A criança recuperou prontamente os sentidos, tão bem quanto antes do acidente, a não ser por algumas escoriações sem gravidade, e saiu

correndo para o colo da mãe.

Nesse momento, Omm Sety fez algo muito curioso. Tomou a garrafa térmica das mãos da amiga, encheu a tampa plástica de água fria e borrifou com ela o exato local onde a menina tombara ao chão poucos minutos antes. E disse:

– Que Alá a guarde, Ya, Omm Sety... e a você também, meu senhor – disse a mãe da criança.

Ao chegarem ao templo de Ramsés, o amigo perguntou a Omm Sety – já mais calma – por que ela havia borrifado água no local onde a menina tombara sem sentidos.

– A menina pode ter atingido um *akh* (espírito), ao cair – respondeu ela.

E acrescentou:

– O que eu fiz sempre se faz em Arabet Abidos²⁹ e, talvez, em todas as demais vilas no Egito desde tempos imemoriais.

Omm Sety dizia que nunca se machucara gravemente no templo, apesar de muitos tombos ocasionais quando caminhava distraidamente pelos corredores, pátios e salões da antiqüíssima construção. Aliás, jamais vira alguém ferido dentro do templo. Contava, para exemplificar isso, que, ao expulsar os morcegos que estavam danificando alguns relevos coloridos, despencou de uma altura de três metros e nada lhe aconteceu.

– Se aquilo houvesse acontecido fora do templo – concluiu – teria partido, na hora, para o Amênti!³⁰

Omm Sety não apenas acreditava nas possibilidades curativas da água existente dentro do templo, como o demonstrou em várias oportunidades.

Uma amiga viu um episódio desses acontecer diante de seus olhos atônitos.

Acometida de uma forte gripe e até febril, Omm Sety saltou de repente, à noite, na água gelada do reservatório

²⁹ Nome do vilarejo onde ela vivia, junto do templo de Osíris.

³⁰ Dimensão póstuma, mundo subterrâneo dos mortos, que ficava para as bandas do ocidente, onde o sol se põe.

e de lá emergiu, “sorridente, energizada e completamente restabelecida”.

De outra vez, o doente foi um bebê, filho de um dos arquitetos a serviço das obras locais de pesquisa e restauração do templo. A criança começou a passar mal, com a temperatura elevada e ofegante, com suspeita de difteria. Como ainda não havia hospital em Abidos – o mais próximo ficava há cerca de vinte e cinco quilômetros de distância –, o pai do bebê foi pedir socorro a Omm Sety. Sem saber o que fazer (Ou sabendo?), ela achou que a “água de Osíris” poderia resolver o problema.

Vejamos como ela conta o que aconteceu:

A noite estava escura. Apanhei o jarro e fui ao poço do Osirion. Tinha apenas a luz das estrelas e fui tateando pelo caminho, tocando as paredes com a mão. Ao entrar no aposento onde fica o poço, vi uma espécie de luz branca que brilhava como a do luar através da água. Tive uma sensação de reverência, porque era aquela a primeira vez que eu via aquela luz emergindo de dentro do poço, enquanto o cômodo estava mergulhado em completa escuridão. Mergulhei o jarro e o enchi com a água borbulhante, novamente perplexa ao ver, a seguir, que as gotas que pingavam do jarro brilhavam como diamantes.

Levei a água ao arquiteto, demos um pouco dela para a criança beber e a banhamos com a que sobrou. A mãe temia que isso acabaria por matar o bebê, mas eu lhe disse que, como se sabia, a água tem a propriedade de reduzir a febre (...). Feito isso, retirei-me. Ao retornar, pela manhã seguinte, para saber como estava o bebê, a mãe disse que não havia absolutamente nada mais de errado com ele. Naturalmente eu sei que as crianças são mesmo assim – a gente pensa que elas vão morrer e, no momento seguinte, até você deseja que isso realmente aconteça! Mas foi um caso muito estranho, aquele.

De outra vez, foi com ela mesma. Vinha sofrendo, há meses, de uma úlcera varicosa bastante grave e resistente aos medicamentos habituais. Certo dia, andando pelo campo, foi picada por um escorpião. No dia seguinte, estava completamente curada da ferida. Em vez de hospitalizar-se, como lhe sugeriram, ela limitou-se a comentar: “É um milagre que o escorpião não tenha morrido!”

Estranha também era a vida daquela mulher, igualmente singular. Apesar das lutas e da precariedade de suas condições de trabalho e habitação, era ali que ela queria ficar e mandar enterrar seu cansado corpo físico, ao morrer. Durante todos aqueles anos em Abidos, ela foi ao Cairo apenas uma vez. Ficou lá de um dia para o outro e voltou com muita alegria para as precárias condições de vida e trabalho às quais estava habituada.

A partir de 1969, aos sessenta e quatro anos, não foi mais possível prorrogar seu vínculo empregatício com o Departamento de Antiguidades. A aposentadoria foi declarada compulsória ou, no seu pitoresco dizer, como vimos, “soltaram a velha égua no pasto”, condenada a viver com uma ridícula pensão de apenas trinta dólares por mês. Isso, para uma egiptóloga autodidata de seu gabarito e que tanto contribuíra para o conhecimento da velha civilização da terra dos faraós.

Vejamos o que sobre ela escreveu o prof. Kent R. Weeks (*apud* Cott, p. 96):

É espantoso que Omm Sety tenha realizado tanta coisa... e ainda mais espantoso quando se sabe que ela vive num vilarejo, como um deles. Nunca freqüentou universidade, não teve acesso a uma grande biblioteca para pesquisar, nem possuía coisas como máquinas de escrever e penas decentes, o que para nós são coisas de rotina. Por isso, é realmente, impressionante que tenha produzido tantos textos. Era uma observadora muito perspicaz – acho que nada escapava ao seu olhar.

A partir de uma simples frase, sacada de *O livro dos mortos* ou dos *Textos da Pirâmide*, ela costumava escrever

estudos eruditos, comparando práticas de seu tempo com remotas tradições da cultura egípcia de outrora.

Comentando o interesse de Omm Sety por essas práticas, Jonathan Cott (p. 97) lembra que, tanto no Egito como em outras partes do mundo, sempre foi tênue a linha demarcatória entre a magia e a medicina, entre o sacerdote e o médico. Acha mesmo que, de alguma maneira, esse modo de pensar e agir ainda prevalece em tempos modernos, mas creio que isto seria válido apenas para comunidades social e culturalmente menos sofisticadas, mas disso não entendo eu, pois não sou antropólogo.

O autor, contudo, aproveita a oportunidade para nos passar uma valiosa informação, ao chamar a atenção para a evidência de que o Templo de Hathor e o de Seti, em Abidos, “foram, em outros tempos, conhecidos como santuários ‘curativos’, sendo que o de Seti era chamado a ‘Casa da Vida’ – um complexo que incluía biblioteca, *scriptorium*,³¹ e um centro de ensino, onde textos sobre medicina e magia eram compilados e copiados”.

Acrescenta que os pacientes passavam ali a noite a fim de terem “sonhos terapêuticos”. Omm Sety, segundo ele, acreditava firmemente que o ambiente do templo de Seti, como um todo, ainda era dotado de extraordinários poderes curativos.

Tinha ela uma antiga fratura no braço (teria sido resultante do tombo que levou aos três anos e que mudou sua vida?) que doía todas as vezes em que a temperatura baixava; no entanto, sempre que entrava no primeiro pátio do templo, a dor desaparecia como que por um passe de mágica.

“... e eu não estou certa de que aquilo se deva apenas a um efeito psicológico” – comenta ela.

³¹ O termo latino é empregado aqui como local destinado a reproduzir ‘livros’ por uma equipe de adestrados copistas.

Referências a tais centros de tratamento existem em várias fontes documentais e nos livros sobre Edgar Cayce, o sensitivo americano. Nesses templos-hospitais, os pacientes eram tratados por meio de passes ou desdobrados por magnetizadores que, fora do corpo físico, procediam a uma autoscopia, submetiam-se a exames realizados por entidades espirituais presentes e dotadas de conhecimentos suficientes para diagnosticar os males e recomendar o tratamento indicado para o caso.

Voltando, porém, às agruras da vida de Omm Sety, em Abidos, após sua aposentadoria, há a acrescentar um episódio curioso. Estava ela, como vimos, limitada a uma aposentadoria equivalente a trinta dólares mensais – isso em 1969, quando seu filho Sety foi visitá-la. Afinal de contas, ela era a Omm (mãe) dele, Sety! O jovem tinha pouco mais de trinta anos de idade, era proprietário de uma bem sucedida empresa editorial e conselheiro do Ministério da Educação, no Kuwait. Foi a Abidos, em 1971, para tentar convencer a mãe a mudar de vida.

– Mãe – disse ele –, tenho condições de proporcionar a você uma vila com ar condicionado, não uma cabana de barro.

Mas “o bobão”, na opinião dela, não era capaz de entender a obstinada fidelidade dela ao projeto de sua vida. Contaria ela, mais tarde:

Viver em Abidos e ser enterrada em Abidos: o objetivo traçado para a primeira metade da minha vida já havia sido alcançado – os deuses têm sido muito generosos comigo. Tudo o que me restava era realizar a segunda parte.

E lá ficou.

Acrescenta Cott, em nota de rodapé, que foi aquela a última vez que viu o filho, que morreria no Kuwait, em 1982 – cerca de um ano depois dela – aos quarenta e oito anos de idade.

Para reforçar com alguns dólares extras aquele salário

HERMINIO C. MIRANDA

submínimo, Omm Sety foi à luta. Além de prestar serviços avulsos ao Departamento de Antiguidades, começou a trabalhar como guia turístico.

– Pessoas que vinham como turistas ficavam me conhecendo e, de volta aos seus países, referiam-se a mim como uma espécie de monumento aqui e, assim, quando os amigos delas apareciam, também eles queriam ver aquele horrendo espécime de vida.

Com sua aguda percepção, era fácil para ela distinguir os turistas verdadeiramente interessados no que lhes podia ser mostrado e comentado, e os que apenas percorriam o roteiro padrão com um olhar mais atento ao horário do que ao que examinavam sem ver. A uns “poucos escolhidos” ela dedicava especial atenção e esbanjava erudição e familiaridade com as raridades antigas. Não lhe faltavam os habituais comentários irreverentes e divertidos, anedotas e brincadeiras bem-humoradas. E nem sempre suas opiniões conferiam com a de eruditos historiadores, dado que, em muitos aspectos, ela mantinha sua controvertida versão.



Deus Set sendo adorado

Novamente a serviço do templo

“Osíris e Ísis – Omm Sety costumava comentar – eram, naturalmente, irmão e irmã, tanto quanto marido e mulher; um bom sistema – acrescentava – porque dispensava a sogra!”

Parecia sentir-se tão integrada naquele ambiente como se fosse uma das raridades locais. Em paralelo com a função de guia turístico, funcionava como consultora do Departamento de Antiguidades, em tempo parcial. Não saberia mesmo viver fora de Abidos.

Além dessa atividade, dedicou-se a trabalhos de agulha, bordando a imagem de deuses egípcios, cenas do templo, cartuchos com hieróglifos e, mais tarde, tapetes e até roupas inspiradas em modelos egípcios de antanho, o que, aliás, fazia muito bem e que lhe rendia presentes de roupas, livros,³² revistas velhas, biscoitos, chocolate, vitaminas e chá. Mesmo sendo egípcia de fato e de direito, por ter sido casada com um cidadão egípcio, parece que conservou o gosto pelo infalível chá das cinco dos ingleses.

Em 1972, passou uns dias no hospital de Balyana, por causa de uma crise cardíaca, mas recusou-se a ficar internada por mais tempo. Assim que se sentiu melhor, desafiou as prescrições médicas e voltou aos seus afazeres habituais.

Foi nesse período que resolveu, sem mais nem menos, vender a velha casa – se é que se poderia dar esse nome à sua

³² Para grande surpresa minha, fiquei sabendo que o biógrafo de Omm Sety encontrou, entre seus livros velhos, um exemplar meio amarfanhado de *Pilgrimage to the rebirth*, de Erlo van Waveren, lançado em 1979, que vendeu apenas cerca de quinhentos exemplares [um deles é o meu] – e que me levou a escrever *As sete vidas de Fénelon*, edição Lachâtre. Nas páginas finais de *The search for Omm Sety*, Jonathan Cott transcreve sua entrevista com o dr. Van Waveren. Comentaremos isso mais adiante neste livro.

precária habitação. A justificativa para essa medida era simples e, ao mesmo tempo, espantosa: não tinha privacidade com “Sua Majestade ali e, às vezes, sentia-se como se estivessem sendo ouvidos às escondidas por alguém!”

É que, por esse tempo – acredite-se ou não –, passara a receber regularmente visitas de seu muito amado e materializado faraó Seti I. Veremos isso daqui a pouco, em capítulo especial, numa leitura de trechos de seu valioso diário pessoal, que o biógrafo transcreve generosamente.

Foi em busca da desejada privacidade que construiu “uma *zareba*³³ temporária”, ou seja, um cômodo feito de junco. Era, no dizer do biógrafo, “uma habitação tão primitiva quanto fosse possível imaginar-se” (p. 103). A ‘palhoça’ – literalmente, pois era feita de palha – ficava aos pés do castelo de água que abastecia o lugarejo, em terreno pertencente a Mahmoud Soliman, guarda do templo, a primeira pessoa a quem Omm Sety ficara conhecendo, por ocasião de sua primeira peregrinação a Abidos.

Omm Sety tornara-se praticamente uma pessoa da família do antigo guarda e Ahmed, seu filho, como que “tomava conta” da velha senhora e amiga. (E ela, por sua vez – diz Cott –, tomava conta dele.)

Foi Ahmed que acabou construindo para ela o que se poderia, com muita boa vontade, considerar-se uma casinhola de tijolos e barro, na propriedade da família amiga e a pouca distância do templo.

A nova habitação recebeu o pomposo nome de “Omm Sety Hilton” e consistia de dois pavimentos de três metros por três. O ‘segundo andar’ era a ‘residência de verão’.

Vejam os em que consistia essa, digamos, residência: uma pia (uma ‘casinha’ lá fora servia ao que se chamava *privada*) e seus móveis, também caindo aos pedaços, ou seja, dois

33 O termo inglês para qualificar (?) sua nova habitação é ‘*ramshakle*’, palavra que nem no meu competente *Webster* encontrei e que significa, segundo o *Michaels*, “periclitante, em vias de desmoronar-se, em ruínas, caindo aos pedaços”.

guarda-roupas, uma cama feita de algo parecido com madeira obtida do caule da palmeira, uma estante com livros, um rádio alimentado por bateria, no qual ela ouvia, à noite, a BBC, e alguns utensílios, tais como um lampião a gás e um velho bule de chá.

Pouco depois de ter se mudado, em julho de 1972, com todo o seu zoológico para a nova residência, Omm Sety recebeu a primeira visita de “Sua Majestade”.

“Sua Majestade – escreve ela em 20 de julho de 1972 – veio me ver ontem à meia-noite e meia. Eu estava ainda acordada, deitada na cama de fora (na qual durmo), lendo um livro de ficção científica à luz do lampião de gás.”

Após as manifestações de carinho mútuo, Seti lhe perguntou se sentia confortável na nova residência. Estava, mas o faraó achou que precisava “abrir a boca” dos cômodos, ou seja, consagrá-los aos deuses.

Pelo que se depreende do texto, a cerimônia teria sido apenas uma desculpa aceitável para ele abraçá-la e beijá-la na boca, dado que, desde que ela viera para Abidos, ele a beijava apenas a testa, as faces ou as mãos.

É preciso explicar. Entendiam ambos que, em Abidos, ela estava a serviço do templo, era uma virtual sacerdotisa, como nos velhos tempos, e eles tinham de se comportar rigorosamente de acordo com as severas normas que haviam desrespeitado há trinta e dois séculos.

Curiosamente, enquanto ela esteve casada com Imam Abdel Meguid, no Cairo, os preceitos religiosos podiam ser desconsiderados. Já que ela estava mesmo convivendo com o marido e não como sacerdotisa do templo, o pressuposto era o de que estivesse liberada do voto de virgindade. É o que depreendo das sutilezas contidas nas entrelinhas do relato confiado por ela a seu diário.

Concluído o ritual da “Abertura das bocas” do novo ‘palácio’, ou melhor, do *Omm Sety Hilton*, sentaram-se lá fora, de mãos dadas para conversar. Não que o ritual tenha corrido pacífica e solenemente como era de supor-se. É que, ao entrarem no quarto – ela e o faraó –, Teti Sheri, a gata, estava na cama do dia (havia duas, portanto) e fez o maior

escândalo, indignada, furiosa, cuspidando para todo lado, em defesa de seus indefesos filhotes, ante a ameaça representada por aquele estranho indivíduo. A gata se colocou entre o invasor e sua ninhada de bebês, disposta a lutar até a morte pela prole.

Mas o faraó a tranqüilizou, dizendo: “Não tenha medo, mãezinha, não vou engolir seus bebês!”

Omm Sety diz que ele usou o termo ‘*nunuiu*’, plural de ‘*nunu*’ – explica –, palavra que ela ainda ouvia dizer-se no Egito moderno exatamente para designar bebês.

Ao que parece, Teti Sheri e o faraó entenderam-se bem e a visita prosseguiu em paz. A longa conversa entre a dona da casa e o visitante, pôde então ser iniciada.

Ela queria que ele lhe falasse algo sobre os deuses, se, por exemplo, ele havia visto Set, o (mau) irmão de Osíris. O faraó olhou para ela, ficou de olhar vago, com uma expressão muito estranha e nada disse.

Ela pediu desculpas pela pergunta, imaginando que teria provocado a cólera dele, mas não era isso. Não estava aborrecido. Vira, sim, o irmão de Osíris. Isso aconteceu no tempo em que o faraó, ainda jovem, vivia na terra e – revelou ele – quando foi sacerdote do próprio Set.

– Você sabe, Bentreshi,³⁴ que eu fui sacerdote de Set? – perguntou ele.

Para surpresa dele, ela sabia. Tinha conhecimento de uma estela na qual Ramsés II – filho de Seti, convém reiterar –, mandou gravar episódios da história da família, inclusive essa informação.

– A boca de Ramsés – disse Seti – sempre foi tão grande quanto seu nariz!

O faraó contou mais, que, durante séculos, os homens de sua família dedicaram-se à carreira militar e a maioria deles, também ao sacerdócio de Set, adorado como deus da guerra, mas não levavam muito a sério esse currículo paralelo. Ele,

³⁴ O nome da jovem sacerdotisa seduzida por Seti I figura, usualmente, com um ‘t’ no fim, mas, no diário de Omm Sety, quando é o faraó que fala materializado ou não, o nome está escrito sem o ‘t’.

Seti, não pensava assim e dedicou-se também ao treinamento religioso, enquanto os colegas tomavam cerveja e se divertiam com as mulheres. “Foi por causa do que aprendi naquele tempo – acrescentou –, que sou capaz de vir à sua presença como homem vivo (materializado).”

Quando se julgou preparado para atravessar o “Primeiro Portal” iniciático, pediu permissão para fazê-lo e o sacerdote mais graduado concordou. Depois do jejum prescrito pelas normas, levaram-no a um nicho onde havia a estátua do deus, com a cabeça de um estranho animal. “Eu deveria me ajoelhar diante da imagem e repetir o nome do deus. Não podia me pôr de pé nem deixar a capela, e ali fui deixado sozinho.”

Ao cabo de algum tempo, sentiu o chão estremecer, ouviu um estrondo terrível, como o de um trovão, e viu uma luz brilhante que emanava do nicho e, em lugar de uma estátua de madeira pintada, lá estava o próprio deus.

– Bentreshi – acrescentou –, ele era de uma beleza indescritível! Seus cabelos eram vermelhos como o cobre novo, os olhos, verdes como o oceano, mas parecia ser o próprio espírito e a alma de tudo quanto é cruel e mau.

O deus o chamou a si a fim de servi-lo, mas ele pôs-se de pé, num salto, e gritou que jamais faria aquilo.

Diria, mais adiante, naquela longa conversação noturna, que nunca mais viu o deus, mas teve ocasião de ouvir-lhe a terrível gargalhada. Ouviu-a quando morreu seu filho mais velho e na noite em que soube da morte dela (por suicídio), bem como quando se retirava da corte de Osíris, depois de ouvir a sentença que o condenava a esperar, na tristeza e na solidão, pela volta dela.

– Quantas vezes – lamenta –, durante aqueles milhares de anos, jazia eu na cama, insone, com corpo e alma em agonia, ansiando por você; quantas vezes gritei seu nome em voz alta para a noite, e quantas vezes, como um eco, aquela terrível gargalhada zombeteira!

Ela ajoelhou-se aos pés dele e colocou o rosto banhado de lágrimas no colo dele, como que a consolá-lo de tão antiga saudade, mas foi ele quem tentou consolá-la pela saudade que ela também sentiu, mesmo porque era a mesma de ambos

e durara o mesmo tempo – trinta e dois séculos, três mil e duzentos anos, uma eternidade para a dor da separação.

Sem saber o que dizer, ela perguntou:

– Por que você não mudou de nome?

– Bobinha – respondeu ele –, os nomes nos são atribuídos quando nascemos e não podem ser mudados perante os deuses; eles são parte integrante da gente, como nosso *ka*³⁵ e nosso espírito glorificado.³⁶ Sempre detestei meu nome – continuou –, até que, no jardim da Casa de Men-maat-Ra (o templo de Seti I), eu te disse que você me chamasse por ele e, daí em diante, ele se tornou como música da minha “Harpa da Alegria”³⁷.

– Sim – disse ela –, mas, na Casa de Men-maat-Ra, seu nome está escrito “Theti”, com o emblema de Nossa Senhora Ísis.

– Ah, sua burrinha! – contestou ele. – Você está precisando voltar para a Escola do Templo para aprender a escrever! Você não se lembra que o emblema do sangue de Nossa Senhora Ísis se escreve ‘set’?³⁸

“Muito interessante isto – comenta o biógrafo entre parênteses –, de vez que todos os livros de filologia egípcia ensinam que esse emblema deve ser pronunciado com ‘TH’ ou ‘TI’! O que Sua Majestade diz, porém, faz mais sentido.”

35 Cott esclarece que se trata da “força vital da pessoa, duplo espiritual”. Sugiro ao leitor e à leitora que leiam o Capítulo IV – “Princípio vital”, de *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec, no qual se define o princípio vital como causa da animalização da matéria nos seres orgânicos.

36 De qualquer modo, a entidade distingue a alma – definida pelos instrutores da Codificação como espírito encarnado – e o espírito propriamente dito.

37 “Harpa da Alegria” era o nome da jovem sacerdotisa que foi o amor de sua vida, ou seja Bentreshit.

38 Nota da editora: Pelo que se depreende da explicação do faraó, seu nome (Seti) era homônimo ao do emblema de Ísis (*set*). Para maior clareza das inscrições, junto ao referido emblema, o nome do faraó era grafado como Theti. Outro nome semelhante que poderá causar dificuldades de compreensão é o do deus Set. Como o próprio faraó diz a Omm Sety, o nome do faraó (Seti) é derivado do nome da divindade (Set) e significa “seguidor desse deus”.

As lembranças daquela noite memorável, tal como documentadas no diário de Omm Sety, terminam assim:

Desculpei-me perante Sua Majestade por haver-lhe claramente suscitado a antiga dor ao formular a pergunta, mas ele disse que falar daquilo aliviava as dores de seu coração. “Procurei não lhe falar coisa alguma que pudesse entristecê-la” – disse ele. E ele: “Diz-se entre os bárbaros que a dor partilhada reduz-se à metade.” Disse-me ele, então: “Apague aquele belo lampião!” Assim o fiz. Ele se levantou, dirigiu-se para a cama e acrescentou: “Venha, minha amada, abrace-me até que eu tenha de te deixar.” Foi assim que passamos o resto da noite. Antes de partir, Seti me prometeu voltar em breve.

Palavra de Rei! “Sua Majestade visitou Omm Sety, não apenas na noite seguinte, mas em muitas outras – escreve Cott (p. 106) – durante as próximas semanas...” Tudo devidamente registrado ao fiel diário.

Em 26 de julho, ela conta que acordou aí pela 1h30 da madrugada, sentindo um peso no ombro e sobre o corpo – tal como da primeira vez, ainda na Inglaterra, quando ela estava com quatorze anos de idade. Seti dormia profundamente, com o rosto pousado no ombro dela e um braço por sobre o seu corpo. À luz do lampião, a face dele tinha uma expressão de contentamento e paz. Apesar de desejosa de falar com ele, Omm Sety deixou-o dormir à vontade e ela também acabou adormecendo. Ao acordar mais tarde. Ele havia partido também sem acordá-la. Ela achou que a nova ‘casa’ estava dando sorte...

Três dias depois, em 29 de julho, ele manifestou-se novamente, em torno de 11h40 da noite. Apertou-a tanto num abraço que ela se sentiu sem fôlego para responder à sua pergunta inicial.

– Que foi que você fez comigo, Bentreshi? Não consigo ficar longe de você!

– Não fiz nada – disse ela, o melhor que pôde, sufocada,

mal podendo respirar –, meu Senhor, senão pensar em você com todo o meu amor, como sempre faço.

– Bentreshi – queixou-se ele –, seu malvado coraçãozinho chama pelo meu e meu velho e triste coração corre para você e me arrasta com ele. O que vamos fazer?

– Temos de ser pacientes – disse ela – e lembrar que teremos toda a eternidade para estarmos juntos.

– Minha sábia pequenina, amada irmã de meu coração!

Ela sentou-se na cama e ele deitou-se de bruços com a cabeça pousada no colo dela.

Em seguida, colocou o braço em torno de meu busto e, com a outra, apanhou minha mão direita e a encostou suavemente sob sua face, com a palma para cima.

Por algum tempo ele ficou ali, muito quieto e até pensei que ele havia adormecido. Por fim, ele disse:

– Agora, você me conte uma história.

– Que história?

– Qualquer história – disse ele.

E ela lhe contou a história da Atlântida, explicando-lhe que o grande oceano e as geladas e brilhantes montanhas que ele vira uma vez fora um país povoado de gente sábia e educada. Disse-lhe mais, que, àquela época, o Deserto Ocidental jazia no fundo do mar e que, quando a Atlântida afundou, o Deserto Ocidental veio à tona como terra seca.

Ele ouviu a história e ficou calado por algum tempo. Em seguida, disse que um *khyti*³⁹ lhe havia contado a mesma história e acrescentou, “que o nosso mar (o Mediterrâneo) foi, no passado, uma grande nação, mas que afundou e sua terra e o resto do Nebu Hamebu (as ilhas do mar Egeu) eram os picos das montanhas daquela terra submersa”.

– Há quem diga – comentou ela – que nosso Senhor Osíris era sobrevivente da nação perdida.

³⁹ Pessoa natural da ilha de Creta.

– Não – contestou ele. – Nosso Senhor veio do Amênti,⁴⁰ quando retornou.

Além do conteúdo lírico, esse diálogo entre dois seres que se amam oferece oportunidade para algumas reflexões adicionais.

Primeiro: a entidade se apresenta materializada, de aparência sólida; seu corpo tem peso. A entidade manifestante demonstra bom conhecimento de variados aspectos da realidade espiritual, quando discorre sobre o fluido vital, a alma e o corpo espiritual ou duplo, distinguindo-os do espírito em si, ou seja: personalidade (alma encarnada) e individualidade.

Ao referir-se a Osíris, tratam-no como a um ser humano de extraordinárias faculdades e conhecimentos que teria – segundo Seti – voltado à vida depois de haver permanecido por algum tempo no Amênti, ou seja, no mundo dos mortos. Falam, portanto, de reencarnação.

Seti explica, ainda, que os estudos religiosos realizados em paralelo com sua formação militar, a fim de tornar-se um sacerdote, consolidaram nele conhecimentos que, agora, decorridos mais de três mil anos, lhe proporcionam condições para se manifestar, tanto em espírito (desmaterializado) quanto “como homem”, diz ela.

Falam mais, da Atlântida, cuja história – a julgar-se por numerosos autores – tem muito a ver com a do Egito. Edgar Cayce – o notável sensitivo americano – recuperou de sua memória integral, em suas numerosas regressões no tempo, informações curiosas acerca desse vínculo entre as duas nações. Segundo ele, as classes dominantes na Atlântida deixaram-se corromper pelo uso indevido de avançados conhecimentos científicos, ao passo que uma elite de seres superiores manteve-se fiel ao projeto evolutivo que vinha sendo trabalhado desde remotas eras. Essa minoria esclarecida tomou conhecimento da catástrofe que se programava para destruir a nação que se tornara moralmente irrecuperável.

⁴⁰ O país dos mortos.

Nesse sentido, não apenas instruíram alguns escolhidos para que migrassem para o Egito antes da tragédia que se desenhava no futuro, como prepararam uma espécie de cápsula do tempo, contendo preciosas informações históricas e científicas, para ser levada para o Egito. Ainda segundo Cayce, em transe anímico-regressivo, esse 'pacote' cultural estaria enterrado numa câmara ainda não descoberta, entre a esfinge e a pirâmide. Disse mais, que esse material acabaria sendo descoberto, o que ainda não aconteceu.

Em nosso grupo de atividades mediúnicas, manifestou-se certa vez, uma entidade que vivera na Atlântida entre aqueles que usaram o espantoso conhecimento tecnológico de que dispunham para dominar e exercer livremente suas paixões. O centro nevrálgico de suas angústias criara-se no episódio no qual, sendo ele um supercientista, supostamente capaz de tudo, não conseguiu salvar, creio que numa cirurgia, a mulher que amava. Desafiou os deuses e perdeu. Aliás, quando falamos em deuses, ele proclamou veementemente: "Nós não *tínhamos* deuses, nós *éramos* deuses!"

Sem qualquer chance de influir para que as coisas mudassem de rumo, de volta à prática do bem, da justiça e do amor ao próximo, os sábios teriam resolvido preparar um projeto de grande porte, segundo o qual as reais conquistas da civilização atlante seriam transplantadas para o Egito, suscitando, na terra de Kem, um impulso civilizador sem precedentes e que dificilmente se repetiria.

Há outras versões empenhadas em explicar ou, pelo menos, entender o salto civilizador ocorrido no Egito, que, de repente, de uma cultura primitiva, sem história, encontra-se em condições de conceber e construir um monumento matemático, científico, profético e histórico como a pirâmide de Gizé. Tratar-se-ia de um verdadeiro computador cósmico, cujas diversas mensagens ao futuro ainda estão por ser decifradas.⁴¹

41 Ao leitor e à leitora possivelmente interessados, sugiro texto de minha autoria, intitulado "A esfinge, as pirâmides e as estrelas", incluído no livro *Visão espírita do terceiro milênio*, autores diversos, organizado por Suely Caldas Schubert, Didier, 2001, Votuporanga, SP.

Numa de suas conversas com Omm Sety, Seti I diz que não foi Khufu (que conhecemos como Quéops) que construiu a Esfinge, que seria muito mais antiga.

Cayce dizia que o povo que construiu as monumentais pirâmides conhecia, não apenas matemática, geometria, mas recursos tecnológicos ainda não recuperados, que permitia aos construtores da ciclópica obra fazerem as pedras 'flutuarem', ou seja, elevarem-se movidas por forças desconhecidas. Técnicos modernos especializados discordam da hipótese de que os construtores da pirâmide teriam construído rampas gigantescas a fim de arrastar os enormes blocos – muitos deles pesando duzentas toneladas – até as posições exatas nas quais deviam ser encaixados com precisão milimétrica. Não haveria espaço suficiente numa rampa viável que conseguisse acomodar a quantidade necessária de homens para arrastar os blocos.

Ainda sobre as conversas iniciais entre Seti e Omm Sety, é de notar um pequeno debate em torno da identidade de Osíris. O faraó manifestado espiritualmente fez mais algumas declarações, com as quais, aliás, Omm Sety não concordaria.

Vejam os diálogos de 29 de julho de 1972:

– Algumas pessoas – diz Omm Sety – acham que Osíris teria sido um sobrevivente da catástrofe que vitimou a Atlântida.

– Quem é esse Mena?

– O rei que uniu as duas terras (O Alto e o Baixo Egito).

– Tenho estado a pensar – insiste Omm Sety – que nosso Senhor Osíris é o rei Mena.

– O nome dele não é Mena – disse o faraó –, é Meny, mas seu nome verdadeiro é Nârmer.

Parou um pouco para pensar e questionou:

– Por que você acha que nosso Senhor e Meny são a mesma pessoa?

Em resposta, Omm Sety faz uma exposição de seus argumentos, na qual menciona aspectos semelhantes na biografia de um e de outro.

Segundo ela estava informada pelos tradicionais textos

consultados, Nârmer-Mena, rei da primeira dinastia, havia sido morto por um hipopótamo, ao passo que Osíris foi assassinado por Set, que, às vezes, assumia a forma desse animal.

Seti discorda dessa hipótese e acrescenta que jamais ouviu dizer que “esse Meny tenha sido morto por um hipopótamo”. Na opinião dele, Osíris havia governado a terra de Kem (antigo nome do Egito) algum tempo antes de Meny. E tudo quanto ele ensinou e fez foi destruído por Set.

– Mais tarde – continua Seti –, o Senhor Hórus e seus seguidores, entre os quais Meny, assumiram o poder. Eles tornaram a unir as terras e restauraram todas as obras de Nosso Senhor Osíris.

E concluiu:

– Amada, suas histórias me causam dor de cabeça! Livra-me da dor com seus carinhos e deixe-me dormir em paz nos seus braços. Pela vida de Ra, eu serei um bom homem!

E assim, ficou encerrado o diálogo entre os dois.

Omm Sety, contudo, voltou ao assunto, num *post-scriptum*, no qual reafirma sua convicção, ao que deixa entender, após alguma pesquisa e meditação posterior. “Se Osíris viveu na terra naquele tempo – escreve –, todos os traços de sua civilização parecem ter desaparecido.”

Embora isto seja usualmente atribuído à malícia de Set, alguma coisa teria sobrevivido.

Omm Sety reafirma nesse adendo a suas próprias memórias, o seguinte: “Pessoalmente, duvido da teoria de Sua Majestade. Ele diz, definitivamente, que Meny e Nârmer são a mesma pessoa, e nós temos evidência sólida e contemporânea de que Nârmer foi sucedido por Hor-aha, que, no seu túmulo de Sakkara, declara especificamente ter sido filho de Ísis.”

Ela acha que o povo conhecido como “Flores de Hórus” seja descendente de Hórus, o Velho, irmão de Osíris e Set, e que, mesmo antes do Novo Reinado, Hórus, o Velho, e Hórus, o Filho de Ísis, se confundiram na mente do povo.

Declara-se, nesse trecho, decidida a pesquisar em busca de mais informação sobre o assunto. E, significativamente,

comenta que “um sacerdote mais culto, provavelmente saberia mais a respeito disso do que Sua Majestade, se é que – acrescenta cautelosamente – eu consiga pedir-lhe diplomaticamente para obter a opinião de uma pessoa dessas”.

Na sua opinião, Kha-em-Wast, o quarto filho de Ramsés, provavelmente saberia disso, mas, diz ela, ele:

[...] é um tremendo mentiroso e encrenqueiro. Poucos anos (depois que cheguei a Abidos), Kha-em-Wast contou a Seti que eu havia me casado! Houve um pandemônio por causa disso. Sua Majestade nunca mais falou com ele.

Bem, vamos dar uma arrumação nas coisas.

Primeiro, por mais respeito – quase temor – que Omm Sety tenha do seu amado faraó, ela não é menos ciosa de sua liberdade de pensar, o que lhe fica muito bem. Eu, mero escriba curioso e ignaro, fico a imaginar o quanto ela poderia ter contribuído, bem mais do que o fez, para aclarar muitos dos relevantes episódios da história egípcia, especialmente os mais controvertidos e mal esclarecidos, se fosse ouvida com mais atenção e se dessem um pouco mais de crédito às suas ‘esquisitices’ mediúnicas. Faltaram-lhe até mesmo alguns amigos mais chegados, com essa credibilidade mais confiante, ainda que tolerante, por achá-la excêntrica demais. Com todo o respeito e admiração que tenhamos, justificadamente, pelas grandes figuras do contexto acadêmico internacional, ainda é de se lamentar que não consigam vencer suas inibições e reservas para uma experimentação mais descontraída com as faculdades ditas extra-sensoriais ou paranormais de sensitivos de comprovada confiabilidade.

Experiências nesse sentido têm sido praticamente ignoradas, quando não sumariamente rejeitadas. Quatro delas, no mínimo, são dignas de melhor atenção:

1) a pesquisa em torno da abadia de Glastonbury, na

Inglaterra, feita por Frederick Bligh Bond,⁴² arquiteto e arqueólogo, com a ajuda de seu amigo e médium John Alleyne, pelo qual se comunicavam os antigos monges que ali viveram séculos antes;

2) pesquisa semelhante feita, nos Estados Unidos, cerca de meio século depois de Bligh Bond, por Jeffrey Goodman, outro pioneiro da 'arqueologia psíquica', ou seja, mediúcnica, realizada no local conhecido como Flagstaff, onde foram localizados convincentes indícios de uma 'perdida' civilização de não apenas alguns séculos ou uns poucos milênios, mas de cerca de 100 mil anos! Goodman, com mestrado em arqueologia pela Universidade do Arizona, insistiu obstinadamente em fazer o doutorado com sua pesquisa em Flagstaff, sob a orientação de entidades espirituais que lhe passavam as informações e as 'dicas' necessárias, através de Aaron Abrahamson, engenheiro de aeronáutica. Em paralelo, Goodman tinha seus próprios sonhos (desdobramentos?) orientadores. Diz ele⁴³ (p. 98) que, a despeito de toda a resistência ao que chama de suas 'idiosincrasias', a Universidade não teve como deixar de aceitar a temática de sua tese, pois ele havia obtido nota máxima em todos os cursos de arqueologia que frequentara. Com Bligh Bond passou a ser um dos pioneiros da arqueologia mediúcnica;

3) o estudo de Frederic H. Wood, doutor em música, que, através de Rosemary – pseudônimo de Ivy Beaumont –, médium xenoglóssica,⁴⁴ conseguiu, pela primeira vez

42 Ver *The gate of remembrance*, Thorsons, 1978, Wellingborough, Northamptonshire, Inglaterra, lançado em 1918.

43 *Psychic archaeology – time machine to the past*, Jeffrey Goodman, Berkley, 1978, New York.

44 Aurélio ensina que a xenoglossia é a "fala espontânea em língua(s) que não fora(m) previamente aprendida(s)", mas, com todo respeito, não é bem isso. A língua pode não ter sido aprendida durante a vigente reencarnação do médium, mas ela (ou ele) pode tê-la conhecido em existências anteriores. Ou, como alternativa, o médium é capaz de proporcionar à entidade manifestante condições suficientes para fazer uma espécie de *by-pass*, que lhe permita como que ignorar o condicionamento do médium à língua que usualmente fala, em vigília.

em milênios, *ouvir* o egípcio, que até então era somente conhecido através dos elegantes, mas mudos hieróglifos. A pesquisa foi acompanhada pelo prof. A. J. Howard Hulme, egiptólogo de formação acadêmica, conhecedor da língua do tempo dos faraós. Ver a respeito, o livro *After thirthy centuries*, edição Rider, 1935, Londres, de Frederic H. Wood, bem como, do mesmo autor, *This egyptian miracle*, Psychic Books Club, 1939, Londres e, ainda, meu livro *Arquivos psíquicos do Egito*, Lachâtre, 2ª edição, 2004, Bragança Paulista, SP, ou o "O cinqüentenário de Lady Nona", artigo publicado em *Reformador*, outubro de 1978, pp. 318-324. Neste caso, a arqueologia mediúcnica foi essencialmente lingüística, sem, contudo, deixar de abordar importantes episódios históricos, que, infelizmente, não encontraram espaço suficiente para figurar no livro e são apenas referidos de modo sumário para esclarecer aspectos em discussão. Convém acrescentar que o dr. Wood reuniu volumosa documentação sob o título genérico de "The Rosemary Records", que jaz, em Londres, em algum lugar incerto não-sabido por mim, fora do alcance de minha insarada curiosidade;

4) a pesquisa em torno do que se poderia caracterizar como geologia psíquica, promovida por William Denton, prof. inglês, emigrado para os Estados Unidos. O fascinante relato do prof. Denton consta de seu livro *The soul of things*, publicado inicialmente em 1863 e resgatado, afinal, do imerecido esquecimento, cerca de um século depois, pelo consagrado escritor britânico Colin Wilson, que assim se expressa no texto de apresentação da obra:

Na minha opinião, este é um dos livros mais importantes na história da pesquisa psíquica e o fato de haver sido negligenciado por mais de um século é nada menos do que uma tragédia. É também – como os novos leitores descobrirão – um dos mais empolgantes livros jamais escrito.

5) em *Window to the past: exploring History through ESP* (Pocket Books, 1970, New York), o dr. Hans Holzer, como diz o título do livro, promove pesquisas em temas obscuros da história, também com a ajuda de Sybil Leek, amiga e médium de sua

confiança. Holzer é dono de excelente currículo: formação em história, jornalismo e arqueologia, na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, e na de Viena, Áustria. Entre outros, Holzer selecionou para relatar em seu livro o assassinato do presidente Lincoln, o segredo de Mayerling, o papel de Nell Gwyn na queda de Carlos II, da Inglaterra, e a lendária figura de Camelot.

O estudo sobre Lincoln é o mais extenso, mesmo porque explora em maior profundidade as singulares 'coincidências' e simetrias históricas detectadas no confronto do caso Lincoln com o do presidente Kennedy. É também, o mais frustrante, por ser inconclusivo, por dois motivos: o primeiro deles porque, apesar de sua obstinada insistência, o pesquisador não conseguiu permissão para visitar a Casa Branca em companhia de Sybil Leek, a fim de que ela pudesse 'explorar' psiquicamente o local. O segundo motivo da frustração deve-se ao inesperado incidente com o mecanismo do gravador com o qual Holzer registrava uma entrevista crucial com uma reticente entidade espiritual que teria sido irmão de John Wylkes Booth, o ator que disparou o certeiro tiro fatal na nuca do presidente Lincoln, da mesma forma que Lee Harvey Oswald faria com o presidente Kennedy, um século depois, em Dallas. Artigo de minha autoria, intitulado "Que tem Kennedy a ver com Lincoln?", figura no livro *As duas faces da vida* (Lachâtre, 2005, Bragança Paulista, SP);

6) não poderia deixar de incluir nesta amostragem, o livro *Eu sou Camille Desmoulins* (lançado pela editora Arte & Cultura, Niterói, RJ, em 1989), no qual está relatada a experiência de regressão de memória, na qual meu co-autor Luciano dos Anjos detalha, convincentemente, sua participação, como Camille Desmoulins, nos dramáticos episódios da Revolução Francesa desde o (re)nascimento em Guise, até que a guilhotina implacável lhe decepasse a cabeça, em 1794, tal como, na sua própria definição, o *sans-coulotte* Jesus.

Importantes ramos do conhecimento, portanto – história, arqueologia, geologia, lingüística, entre outros –, continuam à espera de uma abertura mais serena e menos preconceituosa

para os fundamentos da realidade espiritual, entre outros: preexistência e sobrevivência do ser à morte corporal, reencarnação, imortalidade, responsabilidade cármica, comunicabilidade entre 'vivos' e 'mortos'. Convém enfatizar que estou falando de *leis naturais*, não de *crenças* ou *descrenças*;

7) para encerrar estas referências, cabe ainda acrescentar a excelente pesquisa feita pelo dr. Andrija Puharich, com a *Amanita muscaria*, o chamado cogumelo sagrado, e com a ajuda de um sensitivo holandês, arquiteto de profissão, identificado apenas pelo codinome Harry. Puharich relata suas experiências em *The sacred mushroom – key to the door of eternity*, Doubleday, 1959, New York.⁴⁵ Segundo apurou o autor, uma substância extraída do cogumelo, ou seja, um unguento, era usado no Antigo Egito para induzir um estado de transe que provocava desdobramento ou projeção astral, quando aplicado parcimoniosamente no alto da cabeça, no ponto onde a linha de uma junta faz ângulo reto com outra. Harry, em transe, suscitado por uma jóia egípcia que, por acaso, lhe puseram nas mãos, dera as instruções necessárias para o uso da substância e traçou a linha perpendicular sobre a outra, desenhou uns 'rabiscos' numa folha de papel e disse algumas palavras em língua ininteligível para os presentes.

Puharich, àquele tempo, ainda despreparado para cuidar de fenômenos daquela natureza, teria preferido que aquilo tudo não passasse de uma fraude ou de uma inconsistente fantasia; o problema, contudo, é que os tais 'rabiscos' eram hieróglifos de verdade, antiqüíssimos, alguns deles totalmente desconhecidos, mas o texto fazia sentido, ao se referir a um homem chamado Ra-Ho-Tep, também conhecido como

45 Tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente e com ele – uma das pessoas mais inteligentes que encontrei – conversar na residência de Luis Rodriguez, de quem traduzi o livro *God bless the devil*, publicado no Brasil pela antiga Freitas Bastos, do Rio de Janeiro, sob o título *Muito além da morte*. Minha sugestão foi a de preservar o criativo título do original inglês – *Deus abençoe o demônio* –, mas os editores preferiram o outro, que me pareceu bem pouco expressivo. Puharich esteve no Brasil investigando o fenômeno Arigó, sobre quem escreveu outro livro notável e de grande sucesso, *The surgeon of the rusty knife* (*O cirurgião da faca enferrujada*).

Em-Katu, e à sua mulher, Nefert. E mais: uma personagem histórica com esse nome vivera realmente no Egito cerca de 2.700 anos antes da era cristã.⁴⁶

A partir dessa investigação preliminar, Puharich mergulhou fundo no assunto, aprendeu a língua dos faraós e produziu um livro convincente, ainda que cauteloso, acerca de seus achados.

E, finalmente, para retornar a Omm Sety: suas evidentes faculdades extra-sensoriais, subutilizadas – quando não consideradas com olímpica arrogância ou, no mínimo, com reservas e desconfianças e até ridicularizadas –, poderiam ter sido colocadas a serviço de uma tarefa que os pesquisadores ainda estão nos devendo: a de decifrar persistentes enigmas e mistérios que, uma vez desvendados, nos levassem a uma releitura cultural de imprevisíveis conseqüências positivas para o modelo civilizador vigente que, desde muito, nos aflige com suas penosas distorções.

Sem ser a única, a civilização egípcia tem muitos desses enigmas que encerram lições que ainda não aprendemos ou, pelo menos, não praticamos.

Estou consciente de que talvez a própria Omm Sety tenha relutado em se entregar a uma tarefa desse porte, mas creio necessário levar em conta que, aparentemente, não havia entre seus amigos arqueólogos alguém preparado e disposto a estudar, com a ajuda dela, aquilo a que chamei de “arquivos psíquicos”.

Nesse contexto, entrariam não apenas suas faculdades mediúnicas, ou seja, sua capacidade de manter intercâmbio com entidades espirituais sobreviventes, como seu amado Seti I, mas recursos considerados anímicos, ou seja, aqueles com os quais o sensitivo é capaz de explorar suas próprias memórias ditas inconscientes, deslocando-se, por desdobramento ou projeção astral, no espaço e no tempo. Ela dispunha ainda

46 Artigo meu intitulado “O ‘cogumelo sagrado’”, foi publicado em *Reformador*, órgão oficial da Federação Espírita Brasileira, em julho de 1964 e, posteriormente, em meu livro *Sobrevivência e comunicabilidade dos espíritos*, lançado pela FEB, em outubro de 1977.

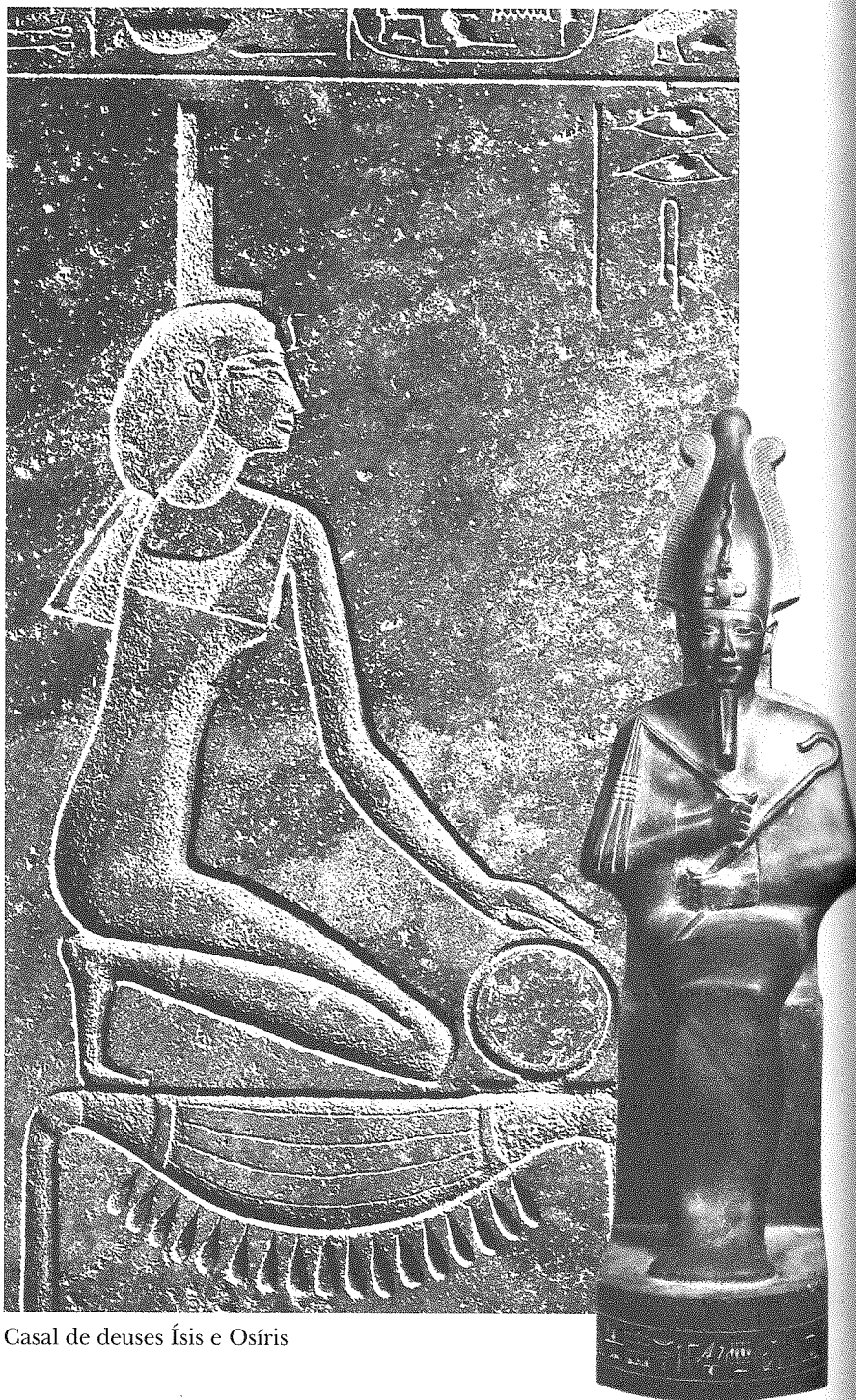
de condições de recorrer às suas intuições ou de utilizar-se de seus conhecimentos da magia do Antigo Egito, e isso foi repetidamente comprovado nas suas experimentações.

Às vezes, por exemplo – e isso desde criança –, ela falava de coisas que normalmente não poderia conhecer do aprendizado de uma só vida, em voz estranha que em nada se parecia com a sua habitual. Isso ocorreu na infância em mais de uma oportunidade e, de outras vezes, já adulta, quando, por exemplo, concentrou-se diante de um texto hieroglífico que nem ela nem outro colega de trabalho havia até então conseguido decifrar. De repente, uma voz lhe disse que se levantasse e lesse o que ali estava escrito. Ler como, se ela não tinha a mínima idéia do que diziam os enigmáticos caracteres? A voz insistiu e ela obedeceu. Levantou-se e leu o texto sem qualquer tropeço, com uma voz que, reconhecidamente, não era a sua.

Além disso, tinha ela sonhos esclarecedores; convivía, em estado onírico, com entidades conhecidas e desconhecidas, em visita a lugares diferentes.

E mais: psicografava textos, como sua história pessoal, quando fora Bentreshit, há 3.200 anos, ao tempo em que Seti I foi o seu faraó e seu amor proibido. Esse documento lhe foi ditado por uma não menos enigmática entidade que se apresentava como um monge medieval, mas também reportava-se à figura histórica de Hor-Ra, um escriba e fiel amigo, e servidor de Seti I.

É lamentável que, por total falta de sensibilidade para aquilo a que chamo insistentemente de “realidade espiritual”, da parte de tantos pesquisadores talentosos, não se tenha utilizado de um raro e precioso arquivo psíquico vivo como Omm Sety.



Casal de deuses Ísis e Osíris

Interlúdio para Osíris

É impraticável falar do Egito sem mencionar Osíris. Vamos, então, abrir aqui um espaço suficiente para isso, ou seja, contar a história de Osíris, ou melhor, uma das versões conhecidas. Escolhemos a que a própria Omm Sety conta, em seu estudo intitulado *Omm Sety's Abydos*,⁴⁷ ao qual já recorreremos anteriormente para recontar uma versão sumária de sua autobiografia. O capítulo a isso destinado chama-se “O deus Osíris” e assim diz:

Como Abidos é tão intimamente ligado ao culto do deus Osíris, é melhor, antes de prosseguir, mencionar o que se conhece acerca desse deus. A versão padrão de sua história, tal como era conhecida durante o Novo Reinado, foi a de que Osíris, seus dois irmãos Set e Hórus, o Mais velho, e suas irmãs Ísis e Néftis eram todos filhos de Nut, deusa do Céu, e Geb, da Terra. Osíris casou-se com Ísis e se tornou rei do Egito, mas, naquele tempo, os egípcios eram um povo totalmente inculto. Viviam em assentamentos temporários ao longo das margens do deserto, vestidos de peles de animais selvagens, e se sustentavam da caça e da pesca. Toleravam também, o sacrifício humano e o canibalismo.

Osíris ensinou as artes da agricultura e da irrigação aos seus súditos. Mostrou-lhes como construir casas de tijolos de barro secados ao sol⁴⁸ e a erigir templos do

⁴⁷ *Omm Sety's Abydos*, Dorothy Louise Eady (p. 5-8), Benben Publications, Mississauga, Canadá.

⁴⁸ Tijolos secados ao sol – diz uma nota de rodapé (p. 6) – permaneceram sendo o material padrão para toda a arquitetura doméstica no Egito até o século 19 de nossa era e ainda hoje é utilizado em todos os vilarejos.

mesmo material, a fim de que pudessem viver juntos, em harmonia, nas comunidades assentadas. Osíris lhes proporcionou leis e educação e até a prática da escrita, usando os caracteres hieroglíficos inventados por seu amigo, o sábio deus Tot.

A deusa Ísis ajudava seu marido de todas as maneiras possíveis. Foi ela que persuadiu o povo a cultivar o linho e ensinou as mulheres a fiar e tecer os panos, a fim de que pudessem usar roupas limpas de linho, em vez de peles de animal.

Tanto Osíris como Ísis eram muito amados por seus súditos. Mas o mau irmão Set odiava Osíris e se amargurava com a popularidade dele. Finalmente, Set conseguiu suscitar uma disputa com Osíris, assassinou-o e picou seu corpo em quatorze pedaços e os espalhou por todo o Egito.

Tão logo ficou sabendo dessa tragédia, Ísis partiu em busca dos pedaços do corpo de seu marido, embalsamou-os com a ajuda do deus Anúbis e os enterrou no local onde foram encontrados.⁴⁹ Outra tradição diz que Anúbis e Ísis reuniram os pedaços e os enterraram todos em Abidos. A mais antiga das versões da história, encontrada nos *Textos da Pirâmide*, datada da quinta dinastia, informa apenas que Set assassinou Osíris em Abidos e abandonou o corpo num banco de areia no canal. Ele foi encontrado por Ísis e Néftis, embalsamado por Anúbis e enterrado em Abidos.

Ao tempo do assassinato, Osíris e Ísis não tinham filhos, mas, por meio de procedimentos místicos, Osíris conseguiu ressuscitar por uma noite e dormiu com Ísis. Foi assim que ela concebeu seu filho, Hórus, que mais tarde vingaria a morte de seu pai.

Set apossou-se do trono do Egito e o governou como despótico tirano. Ísis fugiu para o norte e se escondeu nos

49 Segundo esta versão da história – lê-se no rodapé ao texto de Omm Sety –, a cabeça de Osíris foi enterrada em Abidos. O coração foi enterrado na ilha de Philae, perto de Assuan. O pênis foi atirado às águas do Nilo e foi engolido por um peixe. Por esta razão, era proibido aos sacerdotes comer peixe.

vastos pantanais do Delta, à espera do nascimento de seu filho, Hórus. Néftis, sua irmã, horrorizada ante os crimes de Set, deixou-o para sempre.

Depois que Hórus cresceu e alcançou a idade adulta, desafiou o direito de Set, seu maldoso tio, ao trono e, após muitas batalhas judiciais, guerras de verdade e demonstrações de força, venceu-o e retomou o trono do Egito. Hórus governou o Egito nas mesmas elevadas tradições de seu pai, Osíris, e se tornou o tipo do perfeito faraó. Na verdade, até o fim do período faraônico, todos os governantes usaram o nome de Hórus como título oficial.

Alguns eruditos pensam que o culto de Osíris se originou no Delta e que ele foi identificado com um deus de nome Andjti, adorado em Busíris (atualmente Abusir el Malek). Parece, contudo, mais provável que o oposto é que é verdadeiro, porque Osíris foi sempre representado usando a Coroa Branca do Alto Egito e nunca a Coroa Vermelha do Norte. Outros acham que a história de Osíris tem um núcleo de verdade e que ele foi, de fato, uma personalidade histórica, mas, quando teria vivido, não pôde ser provado até hoje.⁵⁰ Em minha opinião [de Omm Sety], há uma possibilidade de que Osíris e Nârmer-Mena sejam a mesma pessoa.⁵¹ Isso porque, em primeiro

50 Sem qualquer título cultural que me autorize a dizer o que se segue, acredito ser esta a versão correta, ou seja, Osíris teria sido mesmo uma das mais destacadas personalidades históricas do Egito e que, no decorrer dos séculos, tornou-se, literalmente, uma figura lendária.

51 Convém reiterar, aqui, que Omm Sety era dotada de grande capacidade intuitiva e muitos dos enigmas históricos por ela revelados tiveram o impulso inicial de *flashes* de intuição como esse. Afinal de contas, o hemisfério cerebral direito, no qual se acha plugada a individualidade espiritual – em contraste com a personalidade –, é a usina geradora de intuições, seja através dos sonhos ou de regressões espontâneas ou provocadas de memória. É aí que se encontram os arquivos secretos da memória integral, onde está gravado para sempre “tudo quanto fomos”, no dizer da jovem senhora a que me refiro nas páginas iniciais de meu livro *A memória e o tempo*. Devo lembrar que ela descreveu o procedimento inicial da iniciação dos discípulos dos grandes mestres da época e acrescentou que essa regressão era feita na chamada Câmara do Rei, no coração mesmo da pirâmide de Gizé.

lugar, o povo do Egito, antes da primeira dinastia, era primitivo, mas, com a fundação da dinastia por Nârmer-Mena, a civilização egípcia desabrochou de repente, em toda a sua pujança, ainda que puramente egípcia em suas características; não de uma importação do exterior. Diz a tradição que Nârmer-Mena foi morto por um hipopótamo, como se vê dos relevos no templo de Edfu. Nârmer-Mena foi sucedido por seu filho, Hor-aha, que tem dois túmulos, um em Abidos e outro que parece ser um cenotáfio,⁵² em Sakhara. Neste, o prof. Walter Emery encontrou um vaso de alabastro com a seguinte inscrição: “Hor-aha, filho de Ísis”, único exemplo de um faraó ao qual se atribui esse título. O nome Hor-aha significa “Hórus, o guerreiro”. Portanto, a pessoa que mais tarde seria adorada como o deus Hórus foi filho de Ísis, não há como deixar de concluir-se e isso não seria mera coincidência. Além do mais, uma etiqueta de marfim encontrada no túmulo de Hor-aha, em Abidos, mostra-o oficiando uma cerimônia diante de Nârmer-Mena, que se encontra vestido com a roupagem oficial de Osíris!

Como já vimos, isto não passa de uma teoria e, no estado atual de nossos conhecimentos, não pode ser provado, mas, seja quem for que tenha sido Osíris, a humanidade lhe deve uma decente e bem ordenada condição de vida, uma firme expectativa de ressurreição e vida eterna,⁵³ bem como a crença de que o ser humano

52 Como já vimos, cenotáfio é um monumento fúnebre erigido em homenagem a alguém, mas que não guarda os restos mortais do homenageado.

53 O termo ressurreição tem sido, consistente e equivocadamente, empregado como retorno da vida orgânica ao cadáver; quando a palavra mais adequada seria ressuscitação, que, no entanto, costuma ser usada para o “conjunto de atos pelos quais, mediante o uso de manobras manuais e de aparelhos adequados, se restaura a vida ou a consciência de indivíduo aparentemente morto”(Aurélio). Jesus, por exemplo, não retomou a vida no seu corpo físico morto, e sim manifestou-se materializado postumamente, aos seus amigos e seguidores. Aliás, é o que ensina o apóstolo Paulo em sua *Carta aos Coríntios*, cap. 15, ao declarar explicitamente que o corpo físico – a semente, na sua metáfora – desintegra-se e liberta o espírito que a ele estava ligado durante a vida na carne. No caso de Osíris, tanto pode ter se manifestado materializado, como renascido, em outra existência terrena. A lenda

é responsável pelo seu comportamento.⁵⁴ Pois a tradição diz que, por causa de sua bondade na terra, o Grande Deus (que os egípcios chamavam de “Senhor de Todos”) o indicou como rei e juiz no Outro Mundo. Cada pessoa, depois da morte, vai ao grande Salão do Julgamento, na presença de Osíris; seu coração, simbolizando a consciência, é pesado numa balança com uma pluma de avestruz, emblema da Verdade e da Justiça absolutas. Nesse momento, o morto deve estar em condições de negar haver cometido os 42 pecados e, se a negação for falsa, seu coração falará para contraditá-lo. Qualquer que seja o resultado do julgamento, cabe a Osíris atribuir a recompensa ou a punição. Se o morto for inocente, Osíris o admite ao seu reino: Amênti (que significa “O Ocidente”), uma réplica do Egito terreno que ele tanto amou. Se o morto for culpado, será banido para um local muito parecido com a idéia cristã do inferno.⁵⁵ Não há misericórdia, nada de arrependimento de última hora no leito da morte no culto a Osíris; mas o deus, em sua sabedoria, e relembrando sua própria vida na terra, levava em conta as razões que induziam o morto ao pecado e decretava uma pena compatível, mais leve ou mais pesada.

Assim, Abidos tem a honra de ser o local onde nasceu esse culto que mais tarde difundiu-se por todo o Egito e, nos tempos romanos, foi levado para a Europa, alcançando até mesmo a nevoenta ilha Britânica, de cuja existência os antigos egípcios jamais sonharam.

interferiu e bordou em torno dele especulações que levaram a um desvio do foco, ao misturar uma realidade que os antigos egípcios conheciam muito bem com fantasias que toldaram o entendimento do que realmente se passou.

54 Lei de causa e efeito, conhecida também por carma. O mecanismo das vidas sucessivas – reencarnação – nos proporciona os recursos necessários para nosso ajuste perante as leis cósmicas desrespeitadas. Esse conceito, aliás, descaracteriza a reparação como castigo ou punição divina, quando, em verdade, se trata de um processo educativo.

55 Pelo que percebo, Omm Sety está expondo o que os egípcios pensavam disso tudo e não, necessariamente, o que *ela* pensava. Quanto ao inferno, eu teria redigido o texto de outro modo, chamando a atenção para o fato de que a teologia católica e reformista – não o cristianismo – é que teria copiado esse aspecto específico da teologia egípcia.

Em 1º de agosto de 1972, lá estava de novo Seti I de visita a Omm Sety, ou melhor, à sua muito amada Bentreshit. Ela despertou durante a noite e o viu abraçado com ela, deitado ao seu lado.

– A noite estava quente – continua ela –, a roupa de cama fora atirada ao chão e a camisola de dormir estava levantada até os joelhos. Sua Majestade – sem aspas, como ela o tratava – percebeu que ela o contemplava com um olhar suspeito. Ele se riu e disse: “Não, minha pequena, não foi eu que fiz isso. Sou um homem direito. Foi a própria roupa que se desarranjou.”

Ela sentou-se na cama e começou a falar, mas ele a fez deitar-se novamente e disse:

[...] em voz firme, mas baixa, como um comandante falando com um oficial de mais baixa hierarquia: “Nada de conversa! Um pequeno beijo! Dormir bastante!”

Riu-se e acrescentou que estava falando sério. Queria dormir e, quando estava ao meu lado, o sono era, de fato, uma doçura.

Ela ainda demorou um pouco a adormecer. Estava pensando na frequência das visitas do seu amado e, naturalmente, sentindo-se muito feliz por isso. Talvez fosse porque, no local onde a ‘casa’ fora construída, nunca morou ninguém, pois até pouco tempo a região fora coberta pela água do canal de Nef-wer. E explicita no seu texto:

Quando um local é habitado, as pessoas deixam nele algo de suas vibrações [influências, diz ela literalmente] e, no correr do tempo, constrói-se ali uma espécie de espessa cortina entre nós e o mundo dos espíritos, especialmente se os habitantes foram de mau caráter e baixa mentalidade.

Acha ela que esse ambiente, digamos, não contaminado facilita o intercâmbio entre as duas faces da vida, o que explicaria

a assiduidade das visitas de Seti I. O mesmo aconteceria quando ela viveu na casa do Pashá, nas proximidades das Pirâmides.

A casa – explica ela – tinha cerca de duzentos anos, mas sua

[...] atmosfera [...] fora construída com amor e cuidado.

Era freqüentada pelo espírito do Pashá, sua mulher, dois criados e um amável burro branco. Eram espíritos gentis e bondosos, e acho que era o amor pela casa que os atraía.

Segundo dizem os espiritualistas,⁵⁶ esse tipo de atmosfera facilita a manifestação de outros espíritos.

Em 9 de agosto de 1972, o diário de Omm Sety registra uma cena doméstica e terna durante nova visita de Sua Majestade. Ela estava adormecida, mas acordou com Mery, o gato, aos guinchos, cuspiendo e fugindo de casa. O faraó estava de pé, junto do lampião. Parecia aborrecido. Ela se levantou rapidamente e correu para ele. Abraçaram-se e ele a beijou.

56 Como se percebe, ela não se considerava espiritualista e muito menos espírita. O espiritualismo praticado especialmente na Inglaterra sempre foi mais voltado para a fenomenologia mediúnic do que para os aspectos doutrinários, ao passo que o espiritismo codificado pelo prof. Rivail (Allan Kardec), sem minimizar os fenômenos – pelo contrário, a partir deles –, estruturou um corpo doutrinário atento às conotações científicas, religiosas e filosóficas, sem, contudo, propor uma instituição eclesiástica hierarquizada e dogmática. Cabe acrescentar que o espiritualismo, em geral e não apenas o que se praticava na Inglaterra, não tinha suas simpatias pela doutrina da reencarnação, que, para o espiritismo kardequiano, é de fundamental importância. O conceito das vidas sucessivas tem melhor acolhida hoje, mesmo porque impõe-se naturalmente pela força de fatos e evidências amplamente demonstrados em pesquisas desvinculadas do meio espírita, como as de regressão de memória, fenômenos de quase-morte e lembranças espontâneas de existências anteriores, sem contar depoimentos convincentes colhidos nos trabalhos mediúnicos que os pesquisadores leigos encaram sempre com boa dose de suspeita.

Quanto a Omm Sety, e para concluir, ela não tinha a formação doutrinária de um espírita e nem se considerava participante do movimento espiritualista vigente na Inglaterra, onde nasceu e se educou até os vinte e nove anos de idade. Não há como negar, contudo, suas óbvias e ricas faculdades mediúnicas e sua convicção acerca da doutrina das vidas sucessivas, de vez que ela própria é disso um exemplo indiscutível. Ela convive com entidades desencarnadas, não apenas com o espírito de Seti I, que até se materializa com frequência na sua presença, como psicógrafa textos, dispõe de faculdades curativas, desdobra-se em ‘viagens’ astrais, tem certas intuições sobre sua própria vida e sobre seus estudos.

– Bentreshi – disse ele –, um velho cansado e solitário quer dormir no lugar que seu gato acabou de deixar vago.

– Você não está velho, meu amado, e nem se sentirá mais solitário esta noite. Venha!

Deitaram-se lado a lado, ele a abraçou e adormeceram. Quando ela acordou, mais tarde, de madrugada, ele havia partido e ela estava coberta com uma manta que ficava guardada numa caixa. Ao que parece, ele havia procurado algo com que agasalhá-la.

Jonathan Cott interrompe as longas transcrições do diário para discorrer sobre o relacionamento de Omm Sety com os mais destacados egiptólogos de seu tempo, o conhecimento que demonstrava das minúcias da história do Antigo Egito e da familiaridade com a qual se referia, de modo especial, a Seti I e a Ramsés II, “como se fossem – escreve William Murnane, apud Cott, p. 111 – amigos muito íntimos ou membros de sua família”.

Nunca penso em Ramsés como um homem feito – disse ela a Murnane. – Para mim, ele é sempre um adolescente. Você sabe, quando a gente conhece uma criança e passa muito tempo sem vê-la, sempre se lembra dela como uma criança. Eu me lembro de Ramsés como o rapaz alto, bonitão, com um lampejo meio endiabrado nos olhos... bom rapaz, mas inquieto.

Na opinião dela, Ramsés “foi o mais caluniado de todos os faraós”, por haver sido identificado – incorretamente, segundo ela e outros eruditos – acrescenta Cott –, com o faraó bíblico da Opressão.

Ela até que admitia que Ramsés teve lá seus “pequenos defeitos” e se perguntava tolerantemente: “Quem não os tem?”; nada, porém, da “crueldade e do despotismo” que alguns lhe atribuem.

Admite, ademais, que o famoso faraó tenha sido “inclinado a trombetear” suas virtudes e seus feitos, mas nada tem a ver com o opressor deliberado de um povo escravizado e de

mandar matar bebês indiscriminadamente.

Ao contrário – prossegue ela, no texto citado por Cott (p. 112) – a evidência documentada em monumentos de sua época mostra que Ramsés era um homem bonitão, alegre e bondoso, pai afetuoso, sábio e leniente governante, bravo guerreiro e amigo dos animais.

Omm Sety explica, ainda, que ele permitia que o chamassem de Ramsés, o que era proibido a não ser por membros de sua família imediata. E mais, podiam tratá-lo até pelo apelido de Sisi.

– E isso – conclui ela vitoriosa – nada tem a ver com déspota de Mr. Cecil B. de Mille.

Donde se vê que ela não gostou nada do tratamento que o grande diretor de Hollywood deu no seu filme ao poderoso faraó.

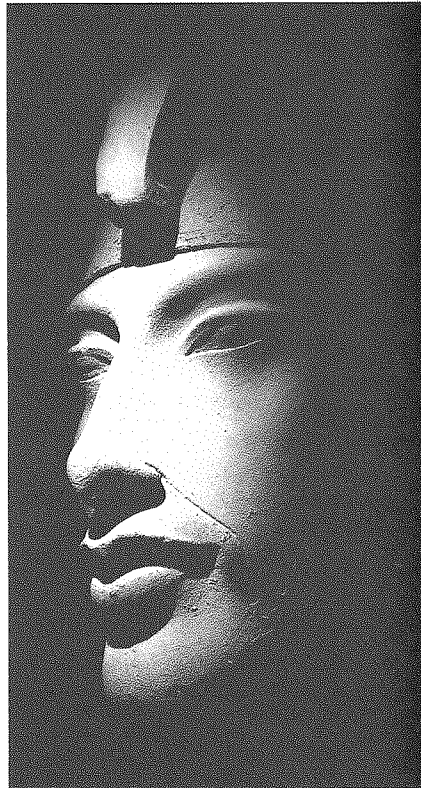
Parece que ela tem alguma razão. Lemos em Cyril Aldred (*Akhenaten – pharaoh of Egypt*. Abacus, 1972, Londres, p. 188), grande admirador de Akhen-Aton, o seguinte:

É irônico que Ramsés II, o mais ativo faraó na perseguição movida a seus antecessores, muito deveu ele próprio a muitas das inovações instituídas por Akhen-Aton em busca de uma linguagem mais moderna para seus pronunciamentos oficiais nas composições que cobriram as paredes de seu templo e pela egomania que fez dele o mais bombástico de todos os faraós divinizados.



Nefertite

Akhen-Aton



Akhen-Aton versus Ramsés II

Quanto a Akhen-Aton, Aldred entende, nas suas conclusões (p. 192) que:

Afinal de contas, foi a intolerância de Akhen-Aton com relação aos outros deuses e o fechamento de seus templos que desorganizou a máquina do governo egípcio e levou suas inovações a um fim inglório.

No entanto, assegura esse mesmo autor:

[...] haver um aspecto no qual ele (Akhen-Aton) foi totalmente original, ou seja, sua insistência em um verdadeiro monoteísmo, na adoração de um único deus, cuja encarnação era ele próprio, à exclusão de todos os demais.

Omm Sety, contudo, no dizer de Cott, era “menos caridosa” com a Grande Mãe do jovem Ramsés ou, para lembrar o leitor, a esposa de Seti I, que ela considerava cruamente como “*Miss Rich Bitch*”, isto é, a senhorita Cadela Rica, dura expressão de explícito desdém. Mesmo assim, disse que “nada tinha de pessoal contra ela”. Será? E adoçava: “Era uma senhora exemplar, mas tinha um jeito esnobe” –, ou seja, arrogante, afetado, pretensioso.

Parece-lhe, contudo, que Ramsés gostava dela, pois mandou construir o único monumento conhecido dela. Quanto a Seti I, não, nunca erigiu um monumento para “essa mulher”. E dispara a picada final: “Ele estava farto dela, acho eu. Puramente um casamento de conveniência!”

Como se vê, a saudade durou trinta e dois séculos, mas

parece que o ciúme tem a mesma idade...

Não tenho as mínimas credenciais exigidas para entrar nesse debate de eruditos e até compreendo a manifesta má-vontade de Omm Sety por aquela que teria sido sua rival. No entanto, para acomodar as coisas à minha maneira, fico com a opinião do dr. Kenneth Kitchen – citado por Jonathan Cott (p. 113) –, autoridade indiscutível em tudo quanto diga respeito à décima nona dinastia. Foi quem escreveu *Pharaoh triumphant: the life and times of Ramsés II*, em sete volumes (Prestaram atenção? Sete volumes!), contendo todas – todas – as inscrições que Ramsés mandou gravar.

Kitchen conheceu pessoalmente Omm Sety e declarou conclusivamente: “Você sabe, afinal de contas, há certa verdade naquele tratamento ‘familiar’ dela.” (Com os ramessidas, claro.)

E acrescenta lembrar-se muito bem de um comentário de Omm Sety, ao dizer que “Ramsés foi tão turbulento quanto Mohammed Ali, o boxeador!” O que mais a impressionava, contudo, era a beleza física de Ramsés, bem como a de Seti I, o pai, cuja múmia ainda hoje é tida como a mais bonita, tanto quanto se pode dizer isso de um cadáver preservado – diria eu, vosso escriba.

O prof. Kitchen informa que testemunho idêntico deu Amelia B. Edwards, que, chegando em Abu Simbel, em 1874, “numa noite encantada de luar”, como conta em seu livro *A thousand iles up the Nile*, e assim expressa seu ‘encantamento’ pessoal por Ramsés:

Ora, Ramsés, o Grande, se é que ele correspondeu aos seus retratos e como seus retratos se parecem, deve ter sido um dos homens mais bonitos, não apenas de sua época, mas de toda a história [...] O rosto é oval, os olhos rasgados, proeminentes, as pálpebras pesadas, o nariz ligeiramente aquilino e, caracteristicamente, curvado na ponta; as narinas abertas e sensíveis; a parte inferior dos lábios projeta-se para fora; o queixo é curto e quadrado [...] Há uma serenidade semelhante à de um deus, um orgulho

quase sobre-humano, uma vontade inquebrantável emana da escultura de pedra. Ele aprendeu a acreditar na sua irresistível bravura pessoal e em si mesmo como quase divino.

Realmente é um depoimento fascinante de uma inteligente e fascinada pessoa. Omm Sety – que, certamente o leu, no livro de Amelia Edwards – deve tê-lo aplaudido e assinado em baixo, de vez que suas referências ao destacado filho de seu amado com “aquela mulher” deve ter sido o filho que ela, Omm Sety, gostaria de ter tido com o pai dele.

Vejamos, agora, o que tem a dizer James Henry Breasted, in *History of Egypt*, Scribner’s, 1956, New York, pp. 460-461, sobre o caráter e a personalidade de Ramsés II:

[...] era alto e bonito, dotado de expressão sonhadora de uma beleza quase feminina, em nada compatível com as características másculas que certamente possuía. No incidente em Kadesh, demonstrou ser um homem de inquestionável coragem, capaz de colocar-se à altura de uma grave crise, enquanto que o indomável espírito evidenciado naquele episódio é novamente demonstrado na tenacidade com a qual conduziu a guerra contra o império hitita e conquistou, ainda que não por muito tempo, amplos territórios, até o norte da Síria.

Após quase quinze anos de campanha, na qual mais do que se redimiu do quase fatal desastre em Kadesh, estava perfeitamente pronto para usufruir a muito bem conquistada paz. Era desmedidamente vaidoso e fez muito maior exibição de suas guerras nos seus monumentos do que Tutmés III.

Adorava o conforto e os divertimentos e se entregou, sem qualquer constrangimento, aos prazeres da sensualidade. Tinha enorme harém e, à medida que os anos se passavam, multiplicava-se rapidamente o número de seus filhos. Deixou mais de cem filhos e pelo

menos metade disso em filhas,⁵⁷ com algumas das quais ele próprio se casou. Deixou, por isso, uma família tão numerosa que se tornou a nobre classe dos ramessidas, dos quais muitos ainda seriam encontrados mais de quatrocentos anos depois, ainda usando, entre outros títulos nobiliárquicos, o nome de Ramsés não apenas como patronímico, mas como identificação de uma classe ou *status* hierárquico.

Talvez impossibilitado de encontrar esposas adequadas para seu exército de filhos, um deles casou-se – como vimos – com a filha de um comandante naval sírio.

Ramsés tinha grande orgulho de sua enorme família e, com frequência, ordenou a seus escultores que representassem seus filhos e filhas em longas fileiras nas paredes de seus templos. Os filhos mais velhos, gerados durante a mocidade, acompanhavam-no em suas guerras e, segundo Diodorus, cada um deles comandava uma divisão de seu exército. Seu favorito foi Khamwese, a quem fez sumo sacerdote de Ptah, em Mênfis. Mas a todos incluía no seu afeto e suas esposas favoritas e suas filhas figuram com explícita frequência nos monumentos que mandou erguer.

Diz, ainda, o dr. Kitchen – apud Cott (p. 113) – que, ao ler, pela primeira vez, o livro de Amelia Edwards, pensou consigo mesmo que a autora não deixava de ter suas razões para tamanha admiração pelo faraó. “Ramsés – escreveu Kitchen – *tem mesmo* um bonito perfil, e a rainha Nefertari (sua mãe) *foi* uma linda mulher”.

E qual seria a avaliação que Kitchen teria feito de Omm Sety?

⁵⁷ Omm Sety tem outros números. Ele contabiliza 111 filhos e 69 filhas, ou seja, uma respeitável prole de 180 descendentes. Por isso é que, ao falar das mulheres de Abidos, que ficavam desesperadas quando não conseguiam ter um filho por ano, recomendava que recorressem a Ramsés II, como padroeiro delas.

[...] era uma pessoa encantadora, adorava o templo, punha-se do lado dos antigos egípcios e tinha profundo interesse pela história deles – e é isso que se espera dos egiptólogos. Era de caráter tão transparente e tinha uma história pessoal tão curiosa que, pensando nisso, você não poderia deixar de gostar dela.

Há, contudo, um porém: a crença de Omm Sety na reencarnação não encontra espaço no generoso perfil que o dr. Kitchen traçou dela. Seria, a seu ver, assunto de natureza puramente pessoal ou, como ele diz, “*a bee in the bonnet*”, ao pé da letra, “uma abelha na touca”, melhor: uma excentricidade ou peculiaridade incômoda, mas tolerável.

Minha atitude – confessa Kitchen – é a seguinte: é assim que ela pensa; pois bem, vamos ser justos, ela tem direito à sua visão pessoal da vida; tudo bem. Faça-lhe tal concessão e não há problema algum.

Não foi o único a assumir essa atitude. Não havia como deixar de reconhecer e respeitar a competência profissional de Omm Sety, não apenas como desenhista, mas como pesquisadora, escritora e, afinal de contas, como autêntica egiptóloga, ainda que sem a menor formação acadêmica. O estudo da civilização egípcia foi a paixão de sua vida e não faltaram pesquisadores que reconheceram nela autoridade indiscutível para discorrer sobre os mais variados aspectos do legado religioso, histórico e cultural da era dos faraós.

– Omm Sety [escreveu ainda, o dr. Kitchen, *apud* Cott, p. 114] chegava a toda sorte de conclusões perfeitamente sensatas acerca do material objetivo existente no templo de Seti [que *também* coincidiam com coisas que, a seu ver, ela sabia por outros meios] dado que ela permanecia no local noventa e nove por cento do tempo que nós não temos (...) e isso lhe era bastante proveitoso. Desse modo, mesmo numa irrelevante interpretação, tinha ela oportunidade de muitas discretas e pequenas observações.

Não importa a vida anterior... *esta* aqui era mais do que suficiente!

Há, pois, na avaliação do dr. Kitchen, um óbvio cuidado em minimizar a participação das estranhas idéias de Omm Sety e o de tratar com certa dose de condescendência suas excentricidades e esquisitices, como essa história de reencarnação que, no entender de alguns, nada tinha a ver com egiptologia ou arqueologia, em geral.

Ficam os que se acham mais bem informados sobre o chamado 'lado oculto' das coisas – abomino esse termo *oculto* – com o direito de também colocar algumas reflexões. Quantas das conclusões que Kitchen considera meras “coincidências” teriam chegado ao conhecimento dela através de suas inegáveis faculdades mediúnicas, sua percepção intuitiva, suas regressões espontâneas de memória ou providas de revelações das entidades que com ela trabalhavam, especialmente e por todos os motivos, o espírito do próprio Seti I?

Quanto a isso, porém, nem pensar. Espíritos? Mediunidade? Reencarnação? Faraós 'mortos' que conversam com gente viva?

Muito mais avançado estaria o conhecimento da civilização egípcia, se os pesquisadores e estudiosos trabalhassem articuladamente com as entidades que ali viveram e não apenas testemunharam o que aconteceu no correr daqueles milênios, mas fizeram história, governaram, tomaram decisões, mandaram construir obras ciclópicas como as pirâmides, a esfinge, os templos e os palácios.

É ainda o dr. Kitchen que aborda o problema da rejeição de Omm Sety por Akhen-Aton. Aliás, o termo usado por Kitchen é mais incisivo: *hostilidade*. É certo isso. Ela se referia a ele como aquele “criminoso” que resolveu mudar a religião de seu povo, 'por decreto', como se diria hoje. Aqui, também, temos de reconhecer que Omm Sety tinha lá suas razões. Afinal de contas, o faraó herético substituiu Amon-Rá por Aton, simbolizado por

um disco de ouro⁵⁸ e que passou a ser o deus único; ela jamais poderia concordar com a desclassificação de seu querido deus Osíris. Restava-lhe o consolo de que Seti I, o seu faraó predileto, muito contribuíra para restaurar o culto dos antigos deuses, ao dedicar três capelas, no templo de Abidos, respectivamente, a Amon-Rá, a Ha-Hor-akhty e a Ptah.

Em 1979, dois anos antes de morrer, Omm Sety foi convidada para uma breve participação no documentário produzido por Nicholas Kendall, para o National Film Board do Canadá, intitulado *The lost pharaoh: the search for Akhen-Aton* (com 'e'), que, por sua vez, baseava-se nas pesquisas realizadas pelo dr. Donald Redford, professor de egiptologia na Universidade de Toronto. Ela aceitou e, na sua fala, não poupou o faraó herético, a começar por sua aparência física. “... era um sujeito feio – começou – quase nos limites da deformação. Tinha o queixo comprido, como também as costas, e uma postura medonha”.

E não parou por aí.

Havia uma coisa engraçada com ele: tinha muitas características femininas: a barriga protuberante, quadris muito amplos, coxas gordas e pernas finas como as da galinha. Médicos modernos, a julgar pelos retratos de suas estátuas, dizem que ele sofria de alguma doença glandular progressiva [síndrome de Fröhlich]. De acordo com esses médicos, ele se teria tornado impotente e não

58 A alusão ao disco solar, no texto me faz lembrar uma experiência pessoal. Houve um tempo, em nosso pequeno grupo de trabalho mediúnico, em que fomos incumbidos de cuidar de algumas entidades ainda presas a compromissos cármicos por desvios cometidos no Antigo Egito. Manifestou-se, certa noite, um sacerdote que se apresentou honestamente, não como meu adversário, mas como membro de um culto rival e herético, dado que identificou em mim, discretamente oculto nas minhas vestes, o disco de ouro que simbolizava Aton, o deus solar. Acrescentou, porém, que a rivalidade estava superada – Pudera! Mais de trinta e dois séculos se haviam passado! –, e vinha pedir nossa ajuda no atendimento de alguns companheiros daquela época, que continuavam perdidos pelos atalhos e envolvidos em dolorosos conflitos. Foi o que fizemos, na medida de nossos recursos, e apoiados na generosa parceria com os antigos adversários que o tempo convertera em amigos.

tinha como gerar filhos. De onde teriam vindo, portanto, suas seis filhas, só Deus sabe! Como todas as seis filhas se parecem razoavelmente com ele, acho que elas são, de fato, filhas dele. Ao vê-lo arruinando o país, penso que Nefertite, a mulher dele, deveria ter despejado furtivamente alguma coisa na cerveja dele e fugido com Hor-em-heb,⁵⁹ o comandante do exército!

Jonathan Cott observa que não foi apenas sua biografada que não gostava de Akhen-Aton, mas também estudiosos eruditos, como Veronica Seton-Williams e até Donald Redford, que descartava o faraó herético como um “autoritário iconoclasta”, dotado de “mentalidade fixada num só objetivo, que mandava empalar⁶⁰ os cativos e deportar as populações”. (Redford). Ou, segundo Seton-Williams, que “rodava na sua carruagem apenas preocupado com sua louca religião”.

Omm Sety – insiste Cott (p. 115) – não deixava por menos. Para ela, o faraó de Aton, era um “fanático”, comparável ao aiatolá Khomeini e que “havia envergonhado nosso país”.

Desabafando-se com um turista que lhe perguntou algo sobre Akhen-Aton, ela contou que havia entrado, certa vez, no túmulo do rei Tut (Tut-Ankh-Amon?), mas saiu de lá “mais depressa do que entrou, pois, quando estava lá dentro, sentiu como se alguém a tivesse agarrado pelas costas e a empurrado para fora, dizendo, ‘Sai daqui, sai, sai!’ (...) Não gosto dessa família!” – concluiu.

Outro aspecto curioso de seu relacionamento com o faraó herético colhemos em um diálogo de Omm Sety com o espírito de Seti I, seu amado, e que ficou registrado em 18 de dezembro de 1973, no seu diário.

Seti manifestou-se às 11h30 da noite e, ao que se

59 Hor-em-heb acabou como faraó, após dois curtos reinados, dois anos para Tut-Ankh-Amon e cerca de quatro para Ay. Com a morte de Hor-em-heb, em 1307, Ramsés I subiu ao trono, dando início à importante décima nona dinastia. Seu reinado também foi curto – entre 1307 e 1306. Sucedeu-o seu filho Seti I e, em 1290, seu neto Ramsés II, talvez o mais conhecido faraó do Egito e que governou o país de 1290 até 1224, ou seja, durante sessenta e seis anos!

60 Aurélio: “Suplício que consistia em espetar o condenado em uma estaca, pelo ânus, deixando-o assim até morrer.”

depreende, ela lhe perguntou logo sobre o que sabia ele sabia de Akhen-Aton.

– Por que você me pergunta sobre esse mau sujeito? – respondeu ele com uma expressão de desagrado.

Ela informou que, apesar de se tratar de mau caráter para eles dois, Imy-Rawer Hani (Hanny El Zeini), seu estimado amigo de longos anos e que figura na biografia de Cott como colaborador, estava interessado no faraó herético.

Seti descontraiu-se num sorriso e concordou em falar o que sabia, como cortesia a Imy-Rawer.

Ele mesmo, Seti, havia perguntado, certa vez, por que razão Ka-Hor havia desertado da guarda pessoal de Akhen-Aton, cerca de um ano antes da morte daquele “criminoso”.

Pelo que apurou, os componentes do que hoje chamaríamos de a ‘segurança’ do rei, “não suportavam mais as condições de vida ali e que certamente a maldição de Amon, o deus rejeitado, havia desabado sobre Akhen-Aton, levando-o à loucura”. Segundo Kai-saneb,⁶¹ circulava entre os soldados a história de que, pouco antes do rei morrer, o deus dele (Aton) o havia transformado numa donzela e que ele havia tomado um veneno a fim de ir ao encontro do deus, puro como uma noiva.

Acrescentou, no entanto, que ele nunca ouvira falar disso, dado que vivia ao norte do país (na antiga Mênfis). Acreditava-se, porém, que Hor-en-heb e Ay⁶² “mandaram matá-lo, a fim de salvar a Terra Negra” (Egito).

Ainda segundo o diário, Omm Sety perguntou a Seti I se era verdade que Akhen-Aton tinha mesmo a doença (síndrome de Fröhlich) que, de acordo com os médicos modernos, causa impotência. E mais: se suas filhas, exceto a primeira delas, não eram filhas dele, mas, talvez, de Amen-Hotep III, da décima oitava dinastia e pai de Akhen-Aton.

Seti riu e negou:

61 Kai-saneb fora um velho general reformado durante o reinado de Seti I e que, na juventude, servira também a Akhen-Aton.

62 Hor-em-heb foi comandante do exército tanto no reinado de Akhen-Aton como no de Tut-Ankh-Amon, que o sucedeu. Ay foi conselheiro de ambos; esses faraós e assumiu o trono, quando da morte de Tut-Ankh-Amon.

– Não. Nunca ouvi essa história e não acho que isso seja verdade. Talvez as duas últimas meninas não fossem realmente dele, de vez que, por essa época, Nefertite já o odiava e pode ser muito bem que tenha tomado um amante para si. Mas, se foi isso que aconteceu, ela guardou muito bem o segredo e o criminoso acreditou que ele próprio as havia gerado.

Acrescentou, ainda, que uma história dessas acabaria sendo conhecida em todo o Egito, de vez que, “como você sabe”, o povão adora ouvir falar de escândalos nas altas rodas da aristocracia.

Prometeu, não obstante, que falaria sobre o assunto com Kai-saneb, certamente na dimensão póstuma, onde ambos viviam. Da próxima vez – assegurou – falaria mais à sua querida Bentreshit “sobre o que aconteceu naquela cidade amaldiçoada” (Akhetaton).

“E – preveniu – tenho certeza de que você vai ficar furiosa.”

Em seguida, despediram-se com um beijo, pois ele tinha compromissos do outro lado da vida.

“Obedeci, como de meu dever – escreveu ela, no diário –, o comando real e ele se foi.”

Seguem-se outras cinco transcrições do diário – uma delas bem longa –, entre agosto de 1974 e a última, de janeiro de 1976. Falaremos delas mais adiante.

Antes de encerrar o tema Akhen-Aton, convém acrescentar algumas observações.

Omm Sety teria encontrado uma antiga filha?



Omm Sety

Vamos recorrer, para isso, ao capítulo que o dr. Hanny El Zeini⁶³ escreveu sob o título “*A Chronicle of a Friendship*”, “Crônica de uma amizade”, especialmente para a biografia de Omm Sety, de autoria de Jonathan Cott.

Foi ele que também escreveu, de parceria com Omm Sety, o excelente e (graficamente) belíssimo livro *Abydos: holy city of Ancient Egypt* (L. L. Company, Los Angeles, Califórnia, 1981).

Hanny El Zeini, amigo incondicional de Omm Sety durante muitos anos, tem um currículo impressionante. Nasceu em 1918, graduou-se em química pela Universidade do Cairo e foi trabalhar na Egyptian Sugar & Distillery Company, operadora de oito grandes usinas de açúcar e álcool espalhadas por diferentes regiões, nas proximidades de importantes locais arqueológicos no Alto Egito.

Muito jovem ainda, interessou-se, em paralelo, pela egiptologia, que, mais do que mero *hobby*, tornou-se sadia paixão, exercida com argúcia, competência e erudição. Viajou intensa e extensamente pelo Egito e reuniu valioso material de pesquisa que, segundo Arthur Wallace – editor do livro escrito de pareceria com Omm Sety –, quando publicado, “poderá clarear com novas luzes as origens da civilização egípcia”.

À época da publicação da obra sobre Abidos (1981), o dr. Zeini integrava o grupo de estudos criado pela UNESCO, para estudar os papiros gnósticos de Nag-Hammadi, local onde ficava a poderosa empresa da qual ele era o

⁶³ Pensei, inicialmente, em escrever uma espécie de compacto sobre o dr. Zeini, o que se revelou impraticável, em vista da longa convivência dele com Omm Sety e o importante papel que desempenhou em relevantes episódios vividos por ela. A cada passo, neste livro, temos de nos socorrer de seus lúcidos comentários.

principal executivo.⁶⁴

Não menos bem sucedido foi ele no exercício da atividade profissional. Foi ele que projetou a indústria egípcia do açúcar, em 1961, ao inventar e patentear um novo processo que se tornou conhecido internacionalmente como “a difusão da cana egípcia”.

Além de participar de várias sociedades arqueológicas, ele trabalha, também, na UNIDO, como consultor para a indústria açucareira.

Mencionando suas incansáveis andanças pelos locais mais relevantes da arqueologia egípcia, o dr. Zeini declara que foi inevitável o encontro com muitas ‘reencarnações’, ou seja, pessoas que se diziam antigas personalidades da história de seu país. Entre eles e elas, faraós, rainhas ou, em casos mais modestos, um vizir. Seria impraticável para ele recordar-se do número de Ramsés, Nefertites, Cleópatras, Hatshepsuts e outros e outras... Muitas das histórias que ele ouviu foram “pouco criativas, sem colorido e burras” – queixa-se ele, com toda razão. Com muito menor ‘quilometragem’ em minhas andanças, já encontrei uma boa dezena delas. Poderia, no entanto, fazer ressalva semelhante à do dr. Zeini, que selecionou dois casos que lhe pareceram “realmente dignos de ser ouvidos” e ambos referiam-se a reencarnações de pessoas de origem humilde. “Omm Sety – prossegue –, não é necessário dizer, era uma delas” e a outra foi “uma linda mulher americana”.

E não é que as duas se encontraram! E na presença do dr. Zeini!

Aí vai essa curiosa história, que já estava escrita nos astros, mas que precisava de um toque mágico de coincidência para ser narrada.

O dr. Zeini e Omm Sety encontravam-se a bordo de um hotel flutuante de nome *Ísis*, que fazia turismo fluvial entre Nag Hammadi até Luxor e Aswan, ida e volta.

64 Sobre os papiros de Nag-Hammadi, sugiro a leitura de meu livro *O evangelho gnóstico de Tomé*, editora Lachâtre.

Com o barco ancorado em Nag Hammadi, os dois amigos jantavam e conversavam animadamente, quando uma voz feminina perguntou atrás deles:

– Vocês se incomodam de que eu participe?

– De modo algum – respondeu Omm Sety –, sente-se, por favor.

Esse encontro inesperado – escreve o dr. Zeini (p. 145) – estava destinado a ser um dos incidentes mais desconcertantes e, de certo modo, mais deliciosos que eu vivi com Omm Sety e graças a ela.

As duas mulheres entenderam-se imediatamente, com uma “calorosa, afetuosa e até amorosa” familiaridade – especialmente surpreendente, porque Omm Sety não era de se abrir daquela maneira com pessoas que ela não conhecesse muito bem.

Não menos fascinado se mostra o dr. Zeini. Quando a desconhecida disse que já era avó, ele teve uma expressão tão incrédula, que ela resolveu ir buscar o passaporte, a fim de provar que tinha apenas trinta e sete anos de idade.⁶⁵

Nesse ínterim, enquanto a bonita avó ausentou-se em busca do passaporte, Omm Sety comentou com o dr. Zeini:

– Você não acha que ela é muito bonita? Ela se parece tão egípcia! Adorei-a. Ela me parece tão familiar, não sei porquê. Tenho a impressão de tê-la visto ou conhecido antes... Não acho que seja uma total estranha a mim.

Para mim, vosso escriba, se é que você está interessado em minha opinião, as duas de fato se conheceram em alguma esquina do passado.

Não faltou assunto e animação para a conversa, que se prolongou pelo jantar afora. A simpática americana contou um pouco de sua história pessoal. Falou de sua vida na Carolina do Norte, de sua filha casada, dos dois filhos mais jovens e do

65 Conheci também uma avó de trinta e seis anos de idade, em plena floração de sua vitalidade e beleza. Disse-me que tivera a primeira filha aos dezoito anos e essa filha lhe dera a primeira neta também aos dezoito anos.

marido, do qual havia se separado há dois anos.

Mas aquilo era apenas o prefácio de uma longa e fascinante história. Disse ela que uma estranha força a atraía para Omm Sety e que, no momento em que a viu, sentiu que precisava falar-lhe de sua própria vida.

Educadamente, perguntou ao dr. Zeini se ele se incomodava que ela formulasse a Omm Sety algumas perguntas sobre a vida dela. Por que teria pedido permissão a ele e não à própria Omm Sety, não foi explicado.

Seja como for, “parece que lhe haviam dito num ‘sonho’ – conta o autor – que ela havia sido, numa existência anterior, uma dama de companhia no palácio de Akhen-Aton, em Akhetaton”.

Já de início, o dr. Zeini – consagrado egiptólogo – ficou admirado da precisão com a qual ela falou sobre a vida ao tempo do ‘faraó herético’. Mas o que o deixou realmente pasmo foi o relato dos detalhes que ela mencionou não apenas sobre o palácio, mas sobre a cidade. Ora, a desconhecida jamais estivera no Egito e nem estava no seu roteiro turístico visitar a antiga Akhetaton, hoje Amarna.

Talvez ela tivesse lido o bastante sobre o período da reforma religiosa promovida por Akhen-Aton – justifica para si mesmo o dr. Zeini, ainda perplexo e sempre um tanto desconfiado dessas histórias de vidas passadas.

Não menos surpreendente era a reação de Omm Sety. Enquanto “aquela belíssima mulher” falava, sua amiga Omm Sety...

[...] tinha uma estranha e intensa expressão no olhar. Notei, para minha grande surpresa, que a jovem senhora pronunciava algumas palavras em antigo egípcio de modo peculiar e pessoal, totalmente diferente da pronúncia com a qual eu estava habituado tanto nos livros didáticos, como em conversas com os egiptólogos.

De repente, ela declarou estar disposta a ir a Amarna, onde pretendia permanecer alguns dias, em visita às ruínas da antiga capital dedicada ao deus Aton.

Em resposta ao seu pedido de informação, o dr. Zeini lhe disse que, em Amarna propriamente dita, não havia acomodações adequadas para essa permanência, mas ela poderia ficar razoavelmente bem instalada em Minieh, a cerca de trinta quilômetros ao norte.

Era isso mesmo que ela queria. Não precisava de mais nada.

No correr da conversa, no entanto, Omm Sety mantivera-se calada. Como amigo de muitos anos de Omm Sety, o dr. Zeini sabia muito bem da explícita rejeição dela por Akhen-Aton e, com frequência, a provocava de brincadeira sobre o assunto e, pronto, estava armada uma das divertidas ‘brigas’ entre os dois, mas, naquele momento, ali, em Nag Hammadi, “havia uma ausência total de rancor, uma ausência absoluta daquele estranho desconforto que Omm Sety costumava sentir sempre que o nome de Akhen-Aton fosse mencionado”.

“Subitamente – prossegue o autor – surge a inevitável pergunta: ‘Você acredita em reencarnação, Omm Sety?’”

– Sim, minha querida... de fato, acredito – respondeu Omm Sety.

Segue-se o longo relato das experiências vividas pela bela vovó. O pai era diplomata e ela, a mãe e os irmãos acompanharam-no em suas missões pelo mundo afora. Ao completar doze anos de idade, o irmão mais velho deu-lhe de presente um livro sobre Akhen-Aton, o que aguçou o desejo que ambos tinham de ir ao Egito. Além disso, ao contemplar as fotos, ela se via caminhando rapidamente lá dentro do palácio, acompanhada de duas mulheres. Em algum lugar, numa das alas do suntuoso edifício, havia um amplo salão, onde uma mulher muito bonita estava à espera de que alguém lhe desse alguns cosméticos de uma caixa pequena e belas jóias de um estojo maior.

Estavam em Roma, naquela ocasião, e o pai concordou em passarem uma semana na terra dos faraós, antes de assumir seu novo posto na Dinamarca. Mas a mãe foi acometida de uma pneumonia e a viagem foi cancelada.

Se você me perguntar – mas, também, se não perguntar

–, deixe-me dizê-lo: não era aquela a hora de ir ao Egito. A menina tinha de esperar cerca de vinte e cinco anos a fim de encontrar-se ‘por acaso’ com Omm Sety e com o dr. Zeini. De minha parte, estou convencido de que ‘acaso’ é um dos pseudônimos de Deus, quando Ele prefere não assinar.

Não dá para resumir em um mínimo possível de palavras toda uma longa e fascinante história real. Vamos saltar por cima de alguns detalhes.

Aos quinze anos, a menina ‘psicografou’ inconscientemente um texto. A letra era sua, mas ela não tinha a menor idéia de tê-lo escrito. “Ficou intrigada... e assustada!”

Isso durou uma semana e ela acabou descobrindo que alguém estava ditando a ela sua própria história de uma existência anterior. Era um homem com uma vestimenta parecida com a de um monge beneditino, muito reservado, distante e reticente, que às vezes murmurava algumas palavras em inglês, com pesado sotaque que lhe parecia espanhol e que ela não entendia.

Disse aos seus dois atentos ouvintes que Nefertite era uma esposa apaixonada pelo marido e que era extremamente temperamental. Que seu corpo não era tão deformado como figura nas estátuas e nos desenhos que o representam, que nada tinha de homossexual e que seu olhar era irresistível às mulheres. “Sua aparência – descreveu – era sonhadora, terna, apaixonada e, às vezes, tão ardente que ninguém conseguia contemplar por um tempo mais longo. O grande desejo dele era ter um filho homem que desse continuidade aos ensinamentos sobre o monoteísmo.”

Ela era tão precisa na descrição de Akhen-Aton e Nefertite e dos incidentes que ocorriam na casa real [comenta Zeini], que até mesmo Omm Sety, com seu profundo e às vezes irracional ódio dele, ouvia atentamente sem articular um só comentário. Esse fato por si mesmo muito me surpreendeu. Mesmo eu, com meu ceticismo acerca de gente que pretende ser a reencarnação de uma figura ou outra, fiquei realmente muito impressionado.

Bem, vamos dar alguns saltos aqui.

Depois de longuíssima e emocionante conversação, os três descobriram que já passava de duas horas da madrugada e o restaurante se esvaziara. Haviam conversado durante quatro horas!

Despediram-se – com beijos dela em ambos! – e o dr. Zeini e Omm Sety desceram apressadamente pela escadaria para o cais, parando a cada momento para acenar para a bela americana, que horas antes lhes fora uma total estranha.

Mas o encontro ainda não estava de todo encerrado. Para a maior perplexidade do dr. Zeini, Omm Sety parou, virou-se para trás e começou a subir a escadaria de volta à embarcação, enquanto a outra a descia correndo. Ao encontrarem-se a meio caminho, a americana mal pôde balbuciar emocionada: “Ah, minha querida Omm Sety!” E ali ficaram as duas abraçadas, em prantos, “como se fossem mãe e filha, despedindo-se para sempre. E eu, de pé, sem voz.”

Já que estamos nesse clima de emoções, deixem-me falar da minha opinião, que resulta de mero palpite (Atenção! Eu disse palpite): acho até que as duas teriam sido, de fato, mãe e filha. E acrescento, por minha conta e risco, que a bela vovó americana teria sido a filha da qual Omm Sety ficou grávida de Seti I, em sua remota encarnação como Bentreshit. A rigor, pois, não estavam se despedindo para sempre naquele cais, em Nag Hammadi, mas comemorando um reencontro que desejavam que fosse para sempre. Provavelmente, teriam um encontro definitivo, sem despedidas, marcado naquele, ainda nebuloso, mas emocionante futuro.

Três semanas após, o dr. Zeini recebeu uma carta da americana, já de volta aos Estados Unidos. Regressara maravilhada de sua visita de quatro dias às ruínas de Amarna, a antiga Akhetaton. Quando o dr. Zeini deu a carta para Omm Sety ler – havia um afetuoso recado para ela, nova surpresa. Omm Sety – a durona – começou a soluçar, a beijar a carta e a murmurar “Pobre criança, meu pobre e querido bebê... Peço a Ísis para que eu possa vê-la novamente!”

Quanto a mim [escreve Zeini, à p. 149] me sentia profundamente emocionado. Era a primeira vez que eu a via chorando; era muito estranho para mim ver uma mulher forte e corajosa como Omm Sety a chorar pela partida de uma mulher com a qual se encontrara apenas uma vez. Depois que ela conseguiu acalmar-se, eu disse: – Omm Sety, há mais de oito anos que nos conhecemos e já demos com todo tipo de reencarnações. Por que você ficou tão abalada com essa?

– Oh, esta é diferente’ – respondeu Omm Sety –, bem diferente de todas as que vimos anteriormente. Esta é de verdade, como a minha própria.

Ao que se percebe, bem que o dr. Zeini tentou preservar seu habitual ceticismo, mas é claro que a americana mexeu com suas emoções. (Nem uma só vez, ele a identifica pelo nome). Confessa honestamente não poder negar ter ficado muito impressionado “pela inocente candura (dela) e sua evidente honestidade”. Ou seja, não era pessoa exibicionista, que inventa uma história fantástica apenas pelo prazer de se mostrar. Além do mais, há em tudo isso um fator que o dr. Zeini não mencionou, mas que contribuiu de modo decisivo para autenticar a narrativa da bela vovó: a emoção dela, que acabou suscitando em seus dois ouvintes uma resposta dramática e que acabou explodindo em lágrimas em ambas. Para o dr. Zeini ela não tinha o perfil de uma farsante: além da beleza, que Omm Sety menciona e ele confirma, ele acrescenta que ela era uma mulher saudável e de aparência normal, não o tipo da pessoa sujeita a alucinações.

Para Omm Sety, tudo o que ela dissera era perfeitamente verdadeiro e podia ser conferido com a leitura da literatura especializada. Foi uma pena – lamentou ela – que ele não tivesse trazido seu gravador.

– Você teria gravado tanta informação – disse ela ao amigo – sobre o homem (Akhen-Aton) que você tanto admira. Foi uma rara oportunidade e ela é uma pessoa perfeitamente honesta.

Parece, portanto, que o relato da americana não apenas impressionou o dr. Zeini, como teria produzido certo amaciamento no coração de Omm Sety em relação do detestado faraó herético que ela não hesitava em qualificar de “criminoso”. Ou será que estou apenas ousando uma hipótese insustentável?

Lê-se, porém, certo ponto do diálogo entre ela e seu amigo egiptólogo em que ela diz:

Você sabe que todos aqueles que seguiram Akhen-Aton foram desprezados e tratados com brutalidade quando ele morreu. Mas, pelo menos, ela desfrutou sua vida em Akhetaton depois que Nefertite, sua soberana, permitiu que ela fosse viver seus últimos tempos em Tebas. Eu *sei* que Nefertite morreu em Tebas, e sei *onde* ela foi sepultada, mas se eu lhe dissesse você não me acreditaria!

Pelo que ouvira da bela vovó, a antiga dama de companhia de Nefertite sentiu-se um tanto perdida após a morte do faraó, certa de que corria perigo de vida.

Também, ela estava marcada pelo resto da vida como seguidora do rei herético, o criminoso de Akhetaton, como os sacerdotes mercedamente o chamavam. Pobre, querida menina... ela deve ter sido uma entusiasmada crente da religião de Aton, de vez que se manteve firme até o último sopro. Deve ter sido uma mulher muito corajosa. Você sabe como os sacerdotes de Amon saciaram seu desejo de vingança em todos os pobres seguidores de Akhen-Aton!

Depreende-se dessa fala que o impacto emocional da conversa com a americana balançou a rígida postura anti-Aton de Omm Sety.

Mas, nesse ponto, o dr. Zeini fez um comentário que quase põe tudo a perder.

É verdade, eu tenho uma idéia a respeito disso. E que eles se danem! [exclamou]. Eles [os sacerdotes] estabeleceram medonha confusão no país depois que ele morreu apenas para se vingarem do rei morto. Devem ter sido uma súcia bem estranha! Talvez nunca tenham entendido corretamente o fato de que a religião de Aton, a despeito de suas falhas, transcendeu a todo o mesquinho e medíocre lixo que pregavam!

Foi aí que Omm Sety perdeu a serenidade e discordou, indignada, do amigo.

– Eles *não* estavam pregando lixo algum e Akhen-Aton não trouxe nada de novo ou que os intelectuais egípcios ignorassem. Você não deve culpar o sacerdócio pela balbúrdia em que se encontrou o Egito após a morte de Akhen-Aton. A balbúrdia já estava lá... por todo o império!

Ao que se depreende, o dr. Zeini resolveu não retrucar a essa veemente defesa produzida pela amiga. Ou, pelo menos, seu texto muda de assunto, ao perguntar se ela não havia achado meio bizarra aquela história do monge que teria ditado à americana o relato de uma vida anterior dela.

Omm Sety achou que não, de jeito nenhum. Na opinião dela, o monge seria “a reencarnação de alguém que a conheceu muito bem numa vida anterior”...

Dito isso, voltou ao assunto Akhen-Aton. Não desejava ser injusto com “aquele insensato herético”. O que ela realmente questionava eram suas motivações, não sua pregação da nova fé. E mais: na sua opinião, era “extremamente irritante” todo esse desperdício de tempo e atenção que ainda hoje se dedica “a esse homem e sua detestável família, enquanto tão pouco se fala, digamos, do glorioso período de Tutmés III”.

Uma chamada entre colchetes esclarece que Tutmés III, freqüentemente chamado de o Napoleão do Egito, foi trisavô de Akhen-Aton.

Bem. Tenho meus próprios comentários. Omm Sety mantinha sua aversão por Akhen-Aton e os de sua dinastia, mas deixa entrever que não era uma atitude tão pessoal como se poderia supor, dado que ela questionava não propriamente a personalidade dele, mas suas motivações. Em outras palavras: ela era uma religiosa tradicional, fidelíssima a Ísis e Osíris, suas grandes, legítimas e inocentes paixões. Não cabiam outros deuses no seu panteon pessoal.

Quanto à alta estima em que tem a figura histórica de Tutmés III, eu até concordo com ela, ainda que reiterando a desvalia de minha ignara opinião. A dinastia dos Tutmés produziu grandes figuras, como a de Hatshepsut, sua irmã, uma das raras faraonas. Penso, porém, que nada impede que se dedique mais tempo e atenção a essa casa imperial. A questão é que Akhen-Aton tornou-se um faraó polêmico e, a despeito de seu governo reconhecidamente desastroso, foi um indivíduo carismático, diferente e determinado na sua reforma religiosa, bem como na influência igualmente reformista que exerceu na arte, que surge mais solta, livre, criativa e inovadora.

Sem minimizar Akhen-Aton – pelo contrário –, James Henry Breasted, consagrado egiptólogo americano, escreve largamente sobre os faraós da dinastia dos Tutmés, com especial e merecido destaque para o terceiro deles.

Diz ele, em sua maciça *A history of Egypt*,⁶⁶ p. 355:

Nenhuma nação jamais esteve em mais premente necessidade de um governante forte e prático do que o Egito após a morte de Amen-Hotep III. No entanto, aconteceu-lhe ser governada, nessa crise fatal, por um jovem sonhador, que, a despeito de uma grandeza sem precedente no mundo das idéias, não estava preparado para enfrentar uma situação que exigia um dinâmico estadista e um experimentado militar, um homem, enfim, como Tutmés III. Amen-Hotep IV, o jovem e inexperiente

66 Scribner's Sons, 1905, New York. Meu exemplar faz parte da edição de 1956.

filho de Amen-Hotep III e da rainha Tiy, era, em verdade, forte e destemido em alguns aspectos, mas falhou totalmente no entendimento das necessidades práticas de seu império.

Não resta a menor dúvida de que, além de despreparado, ele herdou uma situação difícil, senão caótica. Em torno dele, umas poucas pessoas igualmente despreparadas para o que delas se exigia. O historiador cita três de tais personagens: Tiy, mãe do jovem faraó, Nefertite, a esposa – provavelmente de origem asiática, diz ele – e Ay, seu sacerdote predileto e marido da ama de leite de sua infância.

Não sei se Tiy fica bem nesse terceto. É certo que ela fazia parte do círculo íntimo do rei, mas, a julgar pelo depoimento da história, era uma mulher determinada e até mesmo autoritária, que assumiu larga faixa de poder especialmente durante os anos finais da vida de seu marido e dos anos iniciais de regência do próprio Amen-Hotep IV, futuro Akhen-Aton. Talvez não tivesse, porém, o perfil suficiente e necessário para o desastroso momento histórico vivido pela nação egípcia.

Sabe-se, também, da influência exercida por Nefertite na vida de seu jovem marido, mas nem sempre as opiniões se harmonizam na avaliação da qualidade e do rumo que teria tomado tal influência.

Breasted (p. 356) concede que as duas mulheres eram (talvez, diz ele) “bem dotadas, mas que, por mais capazes que fossem, não tinham a fibra necessária para mostrar ao novo faraó o de que realmente precisava o império”.

O fato é que o jovem faraó, um adolescente que ainda se intitulava Amen-Hotep IV, era, de fato, um sonhador, pensador e teólogo e não tinha o menor gosto pelas atividades de estadista que a situação exigia.

Em tais contemplações [acrescenta Breasted] ele foi gradualmente desenvolvendo ideais e objetivos que fizeram dele *o mais notável de todos os faraós e o primeiro indivíduo na história da humanidade*. [Destaque meu]

Ao referir-se a Tutmés III anteriormente, em seu livro (p. 319), lembra Breasted que o caráter dele “destaca-se com mais viva coloração e individualidade do que qualquer outro rei do antigo Egito, *exceto Akhen-Aton*”.

Assim, a despeito da explícita rejeição de Omm Sety pelo chamado faraó herético, concorde-se ou não com suas idéias e com o rumo (ou falta de) que ele imprimiu ou deixou de imprimir ao seu império, ele é uma figura histórica carismática, relevante, enigmática, que tem suscitado enorme interesse de estudiosos e de meros curiosos. Talvez, em parte, por ser marcado pelo signo da controvérsia, não sei.

Em *Akhenaten, pharaoh of Egypt – a new study* (Abacus, 1972, Londres) – o egiptólogo inglês Cyril Aldred oferece sua visão do controvertido faraó, após estudá-lo exaustivamente durante dezessete anos.

Acha ele que há, entre os historiadores contemporâneos, uma tendência a desconstruir a imagem de Akhen-Aton, reduzindo-a a “uma figura muito menos atraente” (p. 13) e que “seu monoteísmo teria sido descartado como mero henoteísmo.”⁶⁷ Além disso, teriam de ser desconsideradas suas inovações sociais e políticas, bem como seu alegado pacifismo e internacionalismo. Nem mesmo as evidências de sua idílica convivência com Nefertite, sua bela esposa, e as filhas do casal foram respeitadas como válidas. Salvou-se apenas e, sem muita convicção, as inovações nas artes, obviamente estimuladas por ele. Pintura e escultura mostram-se mais soltas e dotadas de movimento, sem a clássica rigidez da arte até então praticada. As estátuas e bustos do faraó são realistas, bem como os painéis nos quais ele é representado no dia-a-dia da convivência com a família. Dessa nova arte, sobreviveu à sistemática demolição promovida por seus sucessores imediatos o fragmento de um quadro pintado nas paredes do túmulo de Neb-Amon, um sacerdote de Tebas. A cena é a de uma festividade animada por uma orquestra e por dançarinas, no melhor estilo da época: “mais sofisticado, com suas linhas fluidas, poses mais

⁶⁷ Segundo Max Müller (1823-1900), orientalista alemão, forma de religião em que se cultua um só Deus sem que se exclua a existência de outros (Aurélio).

soltas e mais naturais e um senso de movimento. [...] Duas das mulheres são representadas em novo estilo, com o rosto e os seios vistos de frente”, (em vez do clássico perfil imposto pela tradição). É o que se lê em Aldred (p. 206), ao referir-se a uma gravura colorida que ele mandou incluir no livro, entre as páginas 112 e 113. Mesmo isso, contudo, seria, segundo tais detratores, mais uma “distorção dos códigos artísticos da época do que uma transcendência renovadora”.

Para não se dizer que estamos citando apenas Aldred, convicto admirador de Akhen-Aton, parece necessário transcrever mais um depoimento consagrado do respeitado arqueólogo James Henry Brestead, ao qual temos recorrido alhures neste livro. Diz ele sobre o seu faraó predileto:

[...] morreu com ele um espírito que o mundo jamais conhecera – uma alma dotada de bravura, enfrentando destemidamente a força viva de uma tradição imemorial, destacando-se de uma longa lista de faraós convencionais e sem cor, a fim de disseminar idéias muito além e acima da capacidade de seu tempo para entendê-las. Entre os hebreus, sete ou oito séculos antes, procurávamos homens como ele, mas o mundo moderno [O livro de Brestead é de 1929] ainda está por se adequar ou mesmo familiarizar-se com esse homem, que, numa época tão remota e sob condições tão adversas, tornou-se não apenas o primeiro idealista e o primeiro indivíduo do mundo, mas também, o mais remoto monoteísta e o primeiro profeta do internacionalismo – a mais notável figura do Mundo Antigo, antes dos hebreus.

Não vamos, porém, nos demorar mais do que o estritamente necessário em especulações algo ociosas em torno de minúcias históricas que apontam para rivalidades políticas e teológicas que não têm hoje o sentido e o relevo que lhes foram atribuídos, quando aquecidas pelas paixões dominantes na época e que, curiosamente, repercutem, ainda que em menor escala, na divergência entre Omm Sety e o prof. Zeini.

Temos de entender que ambos têm respeitáveis razões

pessoais para discordar: ela porque, no seu entender, a verdadeira e gloriosa história do Egito começa com seu ídolo, o faraó Seti I, e continua com Ramsés II. Não há como deixar de reconhecer que foram dois grandes governantes e que deixaram marcas indelévels de suas passagens pelo poder na velha terra de Kem. E ela ainda vê Akhen-Aton como o faraó maldito que pôs em risco as conquistas da civilização e, principalmente, da religião egípcia, ao colocar Aton como deus único acima de seu muito querido e respeitado Osíris. Em outras palavras: Omm Sety continuava sendo uma politeísta convicta e praticante.

Devo confessar que não entendi muito bem as razões da habitual disputa verbal entre ela e seu grande amigo dr. Zeini em torno de Akhen-Aton. Isso porque, no livro *Abydos – the holy city of Ancient Egypt*, escrito por Zeini de parceria com Omm Sety, o faraó Seti I, construtor do templo é caracterizado – com toda justiça, aliás – como “um dos maiores, mais sábios e mais nobres soberanos que aquele país conheceu” (p. 40).

Prossegue o texto:

Seti não era de puro sangue real; provinha de família militar conhecida como a dos Set, que vivia há cerca de quatrocentos anos, na parte oriental do Delta.

Uma nota de rodapé, nessa mesma página 40, esclarece que:

Naquele tempo e naquela região do Egito, Set, o terrível inimigo de Osíris, era adorado como um deus guerreiro, culto esse adotado pela família, muitos dos quais usavam o nome Seti (com i), que significa “Homem de Seti”. O rei Seti foi, na juventude, sacerdote de Set, mas sua verdadeira devoção religiosa era a de Osíris.

E mais (p. 41):

Os reis da 18ª Dinastia, Akhen-Aton, Semekh-

ka-Ra, Tut-Ankh-Amon e Ay, foram governantes desinteressados do império ou de conquistas, arruinaram a economia interna do país e deixaram o grande império egípcio escorrer por suas débeis mãos.

O único que se salva, nesse período, na opinião dos autores é Hor-em-heb, um general de boa família provinciana que acabou, com um golpe de estado, unindo o Egito.

Detalhe curioso: como a linha sucessória passava pelo lado feminino das famílias, o general casou-se com uma jovem de sangue azul, de nome Nedjem-Mut, que, ao que se supõe, seria, afinal de contas, irmã de Nefertite, esposa do detestado faraó herético. E mais: como Hor-em-heb não teve filhos, nomeou seu vizir, um companheiro de armas por nome Ramsés, para sucedê-lo. Este Ramsés, por sua vez, era casado com uma senhora de nome Sat-Ra que, “talvez – diz o texto – tenha sido irmã do mesmo Akhen-Aton”.

Portanto, o ramo colateral dos Ramsés – o primeiro dos quais seria, mais tarde, pai de Seti I –, enxertou-se originariamente no tronco dos Amen-Hotep – mais conhecidos na história menos erudita como Amenófis –, dos quais o sempre presente Akhen-Aton foi o quarto.

Espero eu, vosso escriba, que, ao chegar de volta à dimensão espiritual, Omm Sety tenha ‘perdoado’ o faraó herético por suas heresias e sua inapetência pelo exercício do poder civil. Aliás, não percebemos essa explícita rejeição de Seti I, nos seus diálogos com Omm Sety, ou melhor, com Bentreshit reencarnada, por Akhen-Aton, que parece ser tratado com boa dose de condescendência e compreensão.

Bem. Ainda uma palavra sobre Tutmés III, que foi trazido para este debate que persiste em torno de Akhen-Aton. É que, já que estamos, a cada passo, falando de reencarnações, darei mais um palpite.

Planejei escrever, há longos anos, um grupo de estudos em torno da possibilidade de serem alguns vultos históricos de relevo a mesma entidade espiritual reencarnada em diferentes

tempos e contextos. Um dos livros estava destinado a versar sobre especulações em torno de Alexandre, o Grande, da Macedônia, Júlio César e Napoleão, que, poderiam ter sido o mesmo espírito em diferentes passagens pelos corredores da história. Reuni a possível documentação, estudei as respectivas personagens por muito tempo, alinhei as ‘coincidências’ e aquilo a que chamei de as ‘simetrias históricas’ e escrevi o livro que... permaneceu inédito!

Bem, mas o que tem isso a ver com Tutmés III? Simples. Há umas tantas das mesmas coincidências e simetrias que justificariam o acréscimo de uma quarta encarnação daquela mesma entidade – a do famoso faraó – aos três já mencionados. Ainda há pouco não vimos, aqui mesmo, uma breve menção a Tutmés III, como “o Napoleão do Egito”?

Deixemos, porém, de lado essa hipótese. Vejamos as outras três possíveis identidades.

Em todas elas, o gênio militar, a ânsia pelo poder, a amplitude da visão política, o fascínio pelo Egito, a dificuldade (Cármica? Genética?) em deixar descendentes, ainda relativamente jovem, o senso intuitivo de um destino excepcional, talvez de um missionarismo. Tutmés III cumpre a promessa de libertar do areal sem fim antigas construções de uma glória igualmente antiga.

Júlio César, apaixonado por Cleópatra, pensa em transferir a capital do império romano para Alexandria, que ele próprio havia fundado, alguns séculos antes, quando por lá esteve como Alexandre, o Grande, da Macedônia. Napoleão proclama aos seus soldados que, do alto das pirâmides, quarenta séculos os contemplavam. E leva consigo, uma equipe de estudiosos, desenhistas, geólogos, egiptólogos em potencial e descobre a lasca de basalto negro, em Roseta, que abriria para Champolion o cofre dos segredos guardados atrás do biombo dos hieróglifos.

Alexandre é reconhecido pelos historiadores como a pessoa que primeiro concebeu o mundo como um todo, não um retalho de povos isolados e espalhados pela amplidão de desconhecidos e inexistentes mapas. Sua missão – ousei

eu imaginar – seria a de unificar esses povos e passar-lhes o conhecimento da língua grega, como uma espécie de esperanto da época, a fim de tornar possível mudar o modelo civilizador oriental e, ao mesmo tempo, receber de volta, como generosa recompensa, a extraordinária sabedoria acerca da realidade espiritual, escassa no Ocidente. Foi colocado pelos ‘deuses’, digamos assim, para reformatar o mundo político a fim de que o Cristo o encontrasse cerca de três séculos depois, mais homogêneo e pronto para que Oriente e Ocidente aprendessem um com o outro e se ensinassem mutuamente. Teríamos, hoje, uma civilização oriental mais preparada para não se deixar dominar pela excessiva tecnologia ocidental e, por outro lado, um ocidente menos envolvido com o lado puramente materialista da vida, totalmente desinteressado de que não somos corpos físicos perecíveis, mas espíritos imortais temporariamente acoplados a uma prodigiosa máquina biológica de viver, aprender, crescer e amadurecer espiritualmente na terra, da qual ninguém é dono ou imperador, porque a todos nós pertence.

Acontece, porém, que o homem era afoito demais, (re)nasceu praticamente sentado num trono, com um exército de primeira qualidade treinado pelo seu pai, Felipe, e estava com pressa, queria logo consertar o mundo de uma só vez e quanto mais rápido, melhor. Não deu certo, porque o desejou todo, inteiro e para sempre, para si mesmo, como propriedade particular. Em suma: exagerou na ambição e tentou brincar de Deus, refazendo-o à sua imagem e semelhança. Aliás, chegou a ponto de acreditar em sua própria divindade, gerado em Olímpia, sua mãe, por um dos deuses de plantão. Pouco depois dos trinta anos de idade, um ‘menino’ genial foi recolhido sumariamente de volta à dimensão espiritual, a fim de que não botasse tudo a perder irreversivelmente, tanto para ele próprio, como para o mundo.

Como Júlio César, (re)nasceu chegado à nobreza, porém, não mais no trono, e sim nas suas imediações. Os talentos eram os mesmos: a audácia, o gênio militar, o estrategista, o político e até o historiador e literato (*De bello galico*). Depois

de atravessar o Rubicão, ninguém mais o segurou. Dali mais um pouco de tempo, já estava ele sentado no trono e acabou dando o nome aos doze imperadores que o sucederam. O título durou intocável, até o século dezenove, com os czares ou tzares (russos) e os *kaisers* (germânicos). Deu nome, que até hoje permanece, até à operação que dizem ter sido feita em sua mãe, para que ele pudesse nascer – a cesária ou cesariana.

Mas ele ainda estava devendo aos mentores espirituais da civilização a unificação política dos povos que moram aqui no terceiro planeta do sistema solar. Desta vez, porém, seus mentores espirituais promoveram um evento de grandes proporções nas dimensões invisíveis do espaço, uma espécie de congresso universal, a fim de que ele viesse preparado para exercer sua missão unificadora, mas não como o ‘dono’ do mundo, que tentou ser das outras passagens por aqui.

Prometeu, contrito e resolvido a não falhar mais, e veio de volta a um corpo físico.

Desta vez, (re)nasceu muito longe dos tronos da época, em família modesta, numa ilha, para viver seus últimos anos e morrer exilado e esquecido em outra ilha perdida na imensidão dos mares. Inicialmente, sua nacionalidade nem estava bem definida: teoricamente francês, mas falava italiano – das línguas românicas, a mais próxima do tronco latino originário. Foi estudar na França, como um adolescente estrangeiro e um tanto rejeitado, solitário, pobre e genial. Aí, explodiu a Revolução Francesa e ele, em vez de desaparecer no sanguinário tumulto dos desacertos, emergiu do caos como general, aos vinte e um anos de idade. Outra vez, um ‘menino’ nas proximidades do ápice do poder político, conquistado, como no passado, pela pujança do seu gênio militar, do estrategista que sabia jogar, como ninguém, o xadrez das manipulações políticas. De certa forma, participou da equipe que deu o xeque-mate ao rei Luís 16, mas, paradoxalmente, se fez rei, ele próprio, mesmo porque, no meio do desvario cadenciado da guilhotina, ele se tornou o homem providencial, que sabia o que fazer para livrar a França da humilhante ocupação comandada por reis de outras terras, dispostos a botar em ordem a casa alheia. Daí, outro paradoxo histórico: a Revolução feita para acabar para

sempre com o direito divino dos reis acabou gerando, em seu próprio bojo, um novo rei, ou melhor, um imperador, César, tal como na Roma Antiga, ou no Egito antigo, se você quiser estender a vista mais longe, rumo ao passado.

Uma nova dinastia de césaes – chamavam-se, agora, tzars – estabeleceu-se na Rússia e acabou em novo banho de sangue, com a revolução que levou teoricamente a classe trabalhadora ao poder, com a implantação de um modelo político, que se revelaria, mais tarde, tão opressor quanto o dos césaes romanos.

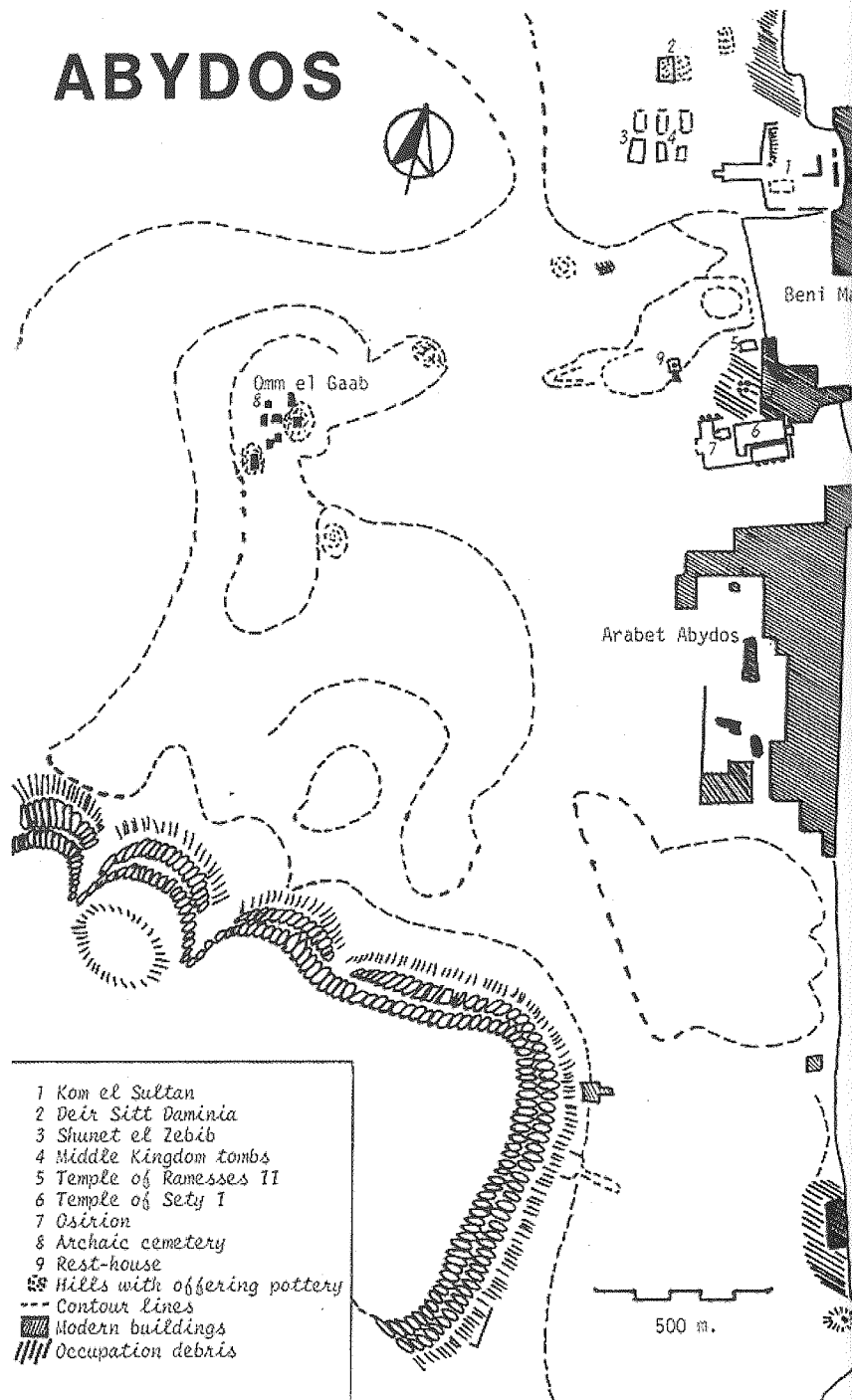
Curiosamente, foi a Rússia dos tzars que resistiu, com a estratégia do recuo, diante do invasor francês – comandados por Napoleão, naturalmente – apostando na força telúrica do gelo das estepes. E foi, mesmo, a neve que derrotou o general tido por invencível. Ou teria sido essa derrota imposta por sua própria e desmedida ambição?

Repetiu-se, de certo modo, o esquema francês de 1789-1794: eliminou-se o tzar para que diferentes imperadores supostamente proletários assumissem o poder ditatorial. Stalin foi um tzar, Mão Tsé-tung, outro; ou Tito, na Jugoslávia, pedaço da antiga Macedônia de Alexandre-César-Napoleão, ou, finalmente, Fidel Castro, no Caribe, e mais, Coréia do Norte, etc., etc.

O modelo serve até hoje, início do século vinte e um. Mudaram os títulos e rótulos dos cargos exercidos pelos dirigentes, mas o sistema opressor é o mesmo de sempre: a lei do mais forte e, por conseguinte, a luta para conquistar o poder a fim de tornar-se o mais forte.

Dentro desse mesmo quadro de conjeturas, vale lembrar mais um significativo episódio: o regime imperial implantado pelos ditadores soviéticos, em substituição ao czarismo, acabou sendo surpreendentemente desmontado por Mikhail Gorbachev, curiosa personalidade histórica que subiu ao poder, desempenhou rapidamente sua tarefa e voltou, depressa, a um quase anonimato. Não desejo formular inferências, muito menos fantasiosas, mas há personalidades que *fazem* história em vez de apenas assistir ao desenrolar dos acontecimentos, em outras palavras: gente que está no palco e não na platéia.

ABYDOS



Conversações com Sua Majestade

Depois dessa longa digressão, vamos retomar o diário no qual Omm Sety relata, com a habitual espontaneidade, o encontro realizado em 29 de agosto de 1974.

Após uma ausência de mais de vinte dias, Seti lhe contou uma história “estranha e muito terrível” – diz ela. E acrescenta que, se não estivesse convencida de que ele é uma pessoa que não mente, diria tratar-se de uma espécie de antiga ficção científica.

Estavam os dois a contemplar as estrelas, particularmente brilhantes e belas naquela noite, e ela perguntou a ele por que os egípcios desenhavam as estrelas em forma de um disco a emitir raios luminosos.

– Há uma tradição – começou ele –, vinda dos sábios do tempo de nossos ancestrais, segundo os quais as estrelas são mundos redondos, alguns maiores outros menores.

Omm Sety comentou que isso era uma idéia moderna e que os seres humanos estavam tentando construir “pássaros de metal”, com os quais pudessem chegar até elas e que, aliás, já haviam conseguido com o pouso na superfície de lua.

Seti reagiu prontamente, ao declarar que não acreditava nisso. Ou eles estavam mentindo ou haviam ido até a lua com seus *akh*, o que era proibido pelo Senhor de Todos.

Dois aspectos nos surpreendem nessa fala: o primeiro é o de que me parece estranho, ainda que admissível, que, por encontrar-se na dimensão espiritual, Seti não haja tomado conhecimento do pouso dos astronautas americanos na lua. Segundo, ao demonstrar estar bem consciente de que é possível uma viagem dessas em espírito, por desdobramento ou, como propõe o dr. Waldo Vieira, por projeção, mas isso seria proibido pelo “Senhor de Todos”, que imagino ser Osíris.

Sempre questionadora, embora com todo o respeito devido ao faraó, ela pergunta como é que ele sabe disso.

Ele faz alguns momentos de relutante silêncio, mas, afinal, resolve contar algo que jamais teria contado a ninguém, nem mesmo ao seu filho Ramsés, obviamente o predileto (p. 117).

Você precisa compreender – começa ele – que, ao chegar ao Amênti [o mundo dos mortos ou dimensão em que ficam os mortos], eu estava enlouquecido de tristeza. Pensava encontrar você lá, mas não encontrei. Procurei, interoguei, mas sem qualquer resultado. Meus amigos sacerdotes contemplavam minha dor com um olhar de compaixão, mas estavam proibidos de responder minhas perguntas ou me dizerem qualquer palavra de consolo. No meu desespero, cheguei a afrontar a fúria do Conselho e eles me advertiram: “Essa que você procura não se encontra aqui e nem na face da terra.” Quando eu tentava saber de mais alguma coisa, eles diziam apenas uma coisa: “Vai-te embora!”

Ou seja, ali, no Amênti, nem a Seti I era permitido exigir respostas às suas justas indagações acerca do paradeiro de sua amada; limitaram-se a informar que ela não se encontrava nem naquela dimensão póstuma e nem reencarnada na terra. Para onde, então, teria sido sumariamente despachada a pobre Bentreshit, que, além de suicidar-se, causou a morte da criança gerada por Seti e que trazia no ventre? Teria permanecido nessa espécie de penitenciária cósmica durante todos aqueles trinta e dois séculos de separação? E que coisa era aquele Conselho, que o ex-faraó teria desafiado?

Há outras referências a esse curioso Supremo Tribunal de Justiça nas falas do faraó.

Várias delas figuram nas páginas seguintes (pp. 118-119) do livro de Cott, quando Seti declara que, ante sua insistência em ficar perambulando pela dimensão espiritual em busca de sua amada, acaba sendo sumariamente convocado pelo

Conselho,⁶⁸ onde é severamente advertido no sentido de acabar com sua desvairada busca de Bentreshit pela infinitas trilhas do cosmos, em seu corpo astral ou, como diz ele, “na condição de *akh*”.

Nesse ínterim, teria visitado estranhos e “detestáveis” mundos. Parece fazer essa peregrinação em companhia de alguém (um guia espiritual?) que lhe vai respondendo às inúmeras perguntas que faz a respeito dos espantosos mundos visitados. Um deles – informa – era coberto de uma vegetação luxuriante de coloração intensamente verde. Nenhum animal ou ser humano por ali. Nada, senão as plantas desconhecidas. Outro desses mundos (planetas?) estava coberto de água em turbilhão batida por forte e incessante ventania. Num deles, o solo era agreste, coberto de pedras. Curiosas torres em forma de cornetas, com a base maior pousada no solo e que subiam a alturas variadas, desde a de uma simples parede de casa ou elevadas como as *Akhet Khufu* (as pirâmides). Do lado elevado mais delgado desprendia-se um ar quente e de terrível mau cheiro. Nenhuma alma vivente por ali. Segundo Seti, aquilo parecia ser obra de algum deus mau. Mas para quê? E por quê?

A experiência mais traumática, no entanto, lhe foi proporcionada na visita a um mundo onde a vida como que se congelara instantaneamente, ou melhor, se carbonizara. Ali havia gente, sim, muita gente – mulheres, homens, crianças – todos mortos. Não estavam em estado de decomposição ou apodrecidos, mas simplesmente transformados em horrendas estátuas carbonizadas, sem um pêlo no corpo, no qual o terror deixara estampada sua marca em seus olhares apavorados. “Parece terem morrido subitamente, no lugar onde se encontravam” – explica –, dentro de veículos, entrando ou saindo deles ou de edifícios, ou, ainda, a caminhar pelas amplas ruas e avenidas. Era um mundo sem água e sem ar, totalmente ressequido, pavoroso.

68 Em momento oportuno, alhures neste livro, exploraremos com maior amplitude os aspectos suscitados por esse curioso Conselho.

Ao que tudo indicava, ali se desenvolvera uma adiantada civilização – é de supor-se –, dado que demonstravam ser gente “de elevada cultura [...] que parecia ter muitas das coisas que as pessoas da terra usam hoje. Em algumas casas – acrescenta –, vi imagens feitas de luz.”

Não é de admirar-se que Omm Sety tenha considerado esse material como do gênero da ficção científica. Imagens luminosas (TV?) E de onde viria a energia necessária para produzi-las e reproduzi-las?

Para concluir: ele ficou de tal modo horrorizado e sentindo-se mal que fugiu de volta ao Amênti.

Foi por isso que o Conselho o convocou. Foi-lhe dito que nunca mais visitasse regiões como aquelas. Era um habitante da terra e jamais deveria ir a qualquer outro lugar. Disseram-lhe mais, que “os astros eram locais malignos e que não se poderia admitir que sua influência maléfica viesse a contaminar o mundo dos humanos”.

Seti contestou a advertência: como é que os visitantes a essas regiões cósmicas, em visita aos diferentes astros, iriam causar qualquer tipo de dano ao mundo?

Seu companheiro de viagem – não identificado no texto transcrito do diário de Omm Sety – declarou que não havia como questionar as determinações do Conselho, que era incapaz de mentir.

Seti ficou, por algum tempo, pensando naquilo tudo, enquanto Omm Sety, ao seu lado, se sentia perturbada pelo relato que acabara de ouvir. Perguntou-lhe, enfim, por que nada dissera ele a ninguém a respeito dessa tenebrosa aventura. Por que contar aos outros?

Ramsés, por exemplo, iria lá, por certo, a fim de ver pessoalmente o tétrico cenário.

E poderia ela relatar essa experiência de Seti ao dr. Hanny el Zeini?

– Sim – respondeu ele –, você pode contar a ele. Ele é um sábio e não vai querer visitar os astros e, talvez, ele até saiba como teria morrido toda aquela gente de uma só vez. Conte-lhe, também, a advertência do Conselho, a fim de que ele

possa, por sua vez, acautelar os outros do perigo.

Omm Sety perguntou-lhe, então, quando ele ficou sabendo que ela havia retornado à terra.

– Após longas eras de sofrimento – respondeu ele. – Nosso Senhor Osíris teve piedade de mim e o Conselho me convocou e me disse que você “estava adormecida na escuridão e que, um dia, você renasceria”.

A notícia lhe deu algum alento. Continua Seti:

Muito tempo depois me foi dito que você havia renascido na terra, quase que na mesma forma anterior (fisicamente parecidas?) e que me era permitido procurar por você em minha condição de um *akh*, a perambular por todo o mundo. Foi assim que vi muitos lugares e coisas estranhas, até que, afinal, encontrei você; o resto você sabe.

Pouco depois de haver dito isso, Seti foi embora, deixando-a insone, a meditar sobre o que ouvira.

A súbita morte de uma nação – escreve no diário – me fez lembrar os mamutes peludos encontrados num lamaceiro congelado, na Sibéria. Estavam perfeitamente preservados; podia-se até comer-lhes a carne. Um deles tinha a boca cheia de grama e ranúnculas,⁶⁹ sendo que estas somente vicejam em clima temperado; e os cientistas dizem que esse era o clima da Sibéria há milhões de anos e que, por alguma razão, uma súbita queda de temperatura matou os mamutes ocupados em se alimentarem, congelou-os e os conservou num *freezer* natural. Isso, contudo, não foi o que aconteceu com as pessoas que Seti viu, pois ele disse que estavam ressecadas como múmias. O estranho é que eles devem ter tido uma elevada e complexa civilização. O que seriam aqueles veículos sem asas e sem rodas?

69 Aurélio: “Gênero de plantas da família das ranunculáceas, próprio das áreas temperadas, do qual algumas espécies são medicinais e outras ornamentais, prevalecendo hoje estas, em face de sua grande beleza.”

Em 5 de setembro de 1974, a visita foi breve, descontraída, pontilhada de trivialidades e até divertida, ainda um tanto espalhafatosa, dado que os dois gansos de Omm Sety promoveram o maior estardalhaço, grasnando e batendo as asas, o que muito divertiu o visitante. Eram gansos 'mediúnicos', pois, ao contrário de muita gente – como eu –, eles viam os espíritos, mesmo porque serviam de guardiões. Seti comentou que um ganso faz mais barulho do que dez cães. As vigilantes aves tinham até nomes: a fêmea chamava-se Nebet e o macho Snefru. Omm Sety comentou que, quando era criança, tinha um sapo ao qual deu o nome de Faraó.

– Se você o tivesse chamado de faraó Ay – comentou ele –, teria sido um bom nome, uma vez que ele tinha uma cara de sapo, ainda que os sapos tenham um caráter melhor do que o dele.

Dois dias depois, o faraó compareceu tarde da noite, vestido com toda a pompa de seu poder político, ostentando até mesmo a dupla coroa do Egito – o Superior e o Inferior.

Para se pôr mais à vontade, ele a retirou e a depositou sobre uma mesinha. Explicou que havia participado de uma cerimônia religiosa em homenagem a Osíris, na dimensão espiritual onde vivia, ou seja, no Amênti. Ela também havia feito o seu culto, do lado de cá da vida. As oferendas ainda estavam ali sobre o improvisado altar: uvas, tâmaras, biscoitos e cerveja. Ele achou muito bonita a embalagem que envolvia os 'bolinhos', meras folhas de plástico dourado. Ela teria preferido uma conversa mais comprida, mas ele disse que não poderia demorar-se. Ao sair, o casal de gansos com nomes faraônicos e mais os cães da vizinhança promoveram outra algazarra. Enfim, mais uma visita enfeitada modestamente por suas próprias trivialidades.

Três dias depois, outra visita sem grandes eventos ou falas. O faraó disse que estava obrigado protocolarmente a comparecer a uma comemoração em homenagem ao aniversário de Ísis e que seria o único homem desacompanhado na festa e comentou:

– Gostaria de me atrever a levar você, mas o risco é grande demais!

Omm Sety acrescenta – não sei se ela disse ou apenas pensou nisso – que gostaria de ir à reunião principalmente para estar com Nefertari,⁷⁰ que deveria ser tão amável e inteligente quanto bela.

De repente, como que subitamente atento à quebradeira à sua volta, Seti perguntou assustado:

– O que você está fazendo aqui? Destruindo todo este cômodo?

Ela explicou que não era bem isso – ela estava fazendo uma reforma na casa, o que aparentemente o faraó aprovou, invocando as bênçãos divinas para as novas instalações e assegurando à sua amada que viria com prazer, passar as noites ali, com ela. E, ainda nesse tom casual, perguntou-lhe:

– Quer mandar suas lembranças para Ramsés?

– Sim – disse ela –, por favor, e também para a sua encantadora senhora e todos os seus convidados. Aproveito a oportunidade para desejar-lhes um feliz ano novo.

Pediu-lhe, ainda, que saudasse Ankhsi, governanta e dama de companhia do palácio de Seti, delicadeza que muito agradou ao faraó. Dito isso, ele se foi, “depois de alguns beijos e abraços”.

Como se percebe, uma cena puramente doméstica e informal, talvez um tanto informal demais, como se nada houvesse mudado nas rotinas do dia-a-dia, a não ser que toda aquela gente estava oficialmente 'morta' há mais de trinta séculos.

A vida, de fato, continua do outro lado, na dimensão póstuma. Temos, a respeito disso, testemunhos convincentes em numerosos livros, principalmente os de André Luiz,

70 Segundo se lê *Abydos – holy city of Ancient Egypt* (p. 186), Nefertari foi uma das numerosas esposas de Ramsés II, aliás, a favorita. Seu nome – que o faraó pronunciava Nofert-iry (Nofert-airy?), significa 'a bela companheira'. Omm Sety, sempre bem-humorada e irreverente, comenta que ela bem mereceu o nome, pois teve com o real marido vinte e dois filhos! Coincidência ou não – como explicar o inexplicável? – estava eu escrevendo esta nota, quando minha mulher veio falar rapidamente comigo acerca das encantadoras trivialidades da vida. A coincidência? Ah, sim. Minha mulher pintou certa vez, em cristal espelhado, um retrato da bela Nefertari.

psicografados por límpidas e responsáveis mediunidades como as de Chico Xavier, Divaldo Franco, Yvonne Pereira ou Zilda Gama.

No entanto, e por isso mesmo, algumas perguntas ocorrem aqui. Tais como: será que nenhuma daquelas personalidades teria tido oportunidade de outras experiências evolutivas na terra ou em outros corpos celestes? Estariam ainda fixados na vivência egípcia, como que prisioneiros do tempo? Nenhuma existência anterior ou posterior àquela?

Em 2 de janeiro de 1976, novo e extenso registro no diário de Omm Sety. Era o primeiro dia da grande festa de Osíris e o faraó estivera com ela durante a noite. Divertiram-se a valer. Conta ela:

Cheguei a pensar que fizemos barulho suficiente para despertar toda a vila. Quando ele apareceu, eu ainda estava acordada, pois havia trabalhando até tarde da noite. Todos os gatos fugiram do quarto, menos o bebê Khufu,⁷¹ que, embora assustado, encarou por algum tempo Sua Majestade, cuspiendo seu desprazer, antes de fugir também.

De gatos, passaram a falar de leões e o faraó mencionou os que Ramsés tinha como bichos de estimação, sendo que o favorito chamava-se Amit (o devorador). Seti percebia de longe a aproximação de Ramsés pelo cheiro fétido que o leão exalava.

Depois da festa programada para aquela noite, haveria outra dedicada aos seus soldados e que todos eles dançariam. Ante a surpresa de Omm Sety, ele fez uma demonstração ao vivo de como era a dança. Acrescentou que Ramsés dançava muito melhor do que ele.

Em seguida, ele vestiu seu robe dizendo: “Agora, deixa o pobre velho repousar debaixo de seu belo cobertor vermelho”.

⁷¹ Khufu – nome do faraó ao qual se atribui (indevidamente, acho eu, o ignaro) a construção da Grande Pirâmide de Gizé.

Ao cabo de muita conversa fiada, dormiram. “Ele se foi pouco antes da cinco horas da manhã – concluiu ela –, alvoroçando o cachorro, que uivava e latia sem parar.”

Após viver em precárias condições de salubridade e conforto durante quase vinte e cinco anos, não eram das melhores as condições de saúde de Omm Sety, já septuagenária. Doenças e acidentes deixaram suas seqüelas: infarto, fraturas num joelho, flebite, resfriados, disenteria, corrimento ocular, apendicite crônica. Estava fragilizada e, para combater suas mazelas, lançava mão dos medicamentos de que dispusesse no momento, alguns deles, digamos, bem pouco ortodoxos, como a miraculosa água de Osíris, uma xícara de chá de erva-doce, picadas de escorpião (você leu certo: picadas de escorpião), vitaminas para cachorro e coisas desse tipo. Se elas serviam para os cães, por que não para ela? Passado o pior, voltava ao trabalho, alegando que tinha no corpo seus próprios antibióticos.

Aí por volta de 1978/1979, confidenciou à fraternal amiga Tracey⁷² que andava ultimamente cansada de tudo aquilo. Adquirira um pedaço de chão onde seu corpo fosse enterrado numa daquelas bolsas de plástico verde que os americanos usavam para enterrar soldados mortos durante a guerra do Vietnam. Será que Tracey conseguiria uma das bolsas para ela? Sim, a companheira a conseguiu com um amigo militar americano e Omm Sety não perdeu a oportunidade para uma piada: “Que boa risada daria Osíris ao ver-me chegar pré-embalada do outro lado!” Acrescentaria, posteriormente, que usaria para a última viagem o vestido branco com o qual viera a Abidos pela primeira vez.

Dava como certo, ainda, ser enterrada no cemitério particular de seus amigos da família Ahmed, que tinham túmulos separados para homens e para mulheres. No entanto, ao saber disso, um dos líderes muçulmanos locais interpelou Ahmed, que negou a intenção de ceder espaço para Omm Sety

⁷² Maureen Tracey era, segundo Cott (p. 88), uma “exuberante” inglesa, administradora de uma agência de turismo e autora do livro *English for americans with a sense of humor* (Inglês para americanos dotados de senso de humor).

no túmulo da família e foi logo avisando taxativamente que não permitiriam “aquela mulher maléfica em nosso cemitério muçulmano”.

Algum tempo depois, foi a vez do sacerdote copta (cristão) fazer a mesma interpelação e com a mesma atitude do outro religioso, ao comentar: “Não pense que você vai sepultar aquela horrível mulher pagã em nosso cemitério cristão.”

Omm Sety encerrou a polêmica de modo direto e contundente, ao dizer a Ahmed que dissesse a todos eles o que fazer de seus respectivos cemitérios. Que, aliás, localizavam-se em terreno surrupiado a um antigo cemitério local que não pertencia nem a muçulmanos nem a coptas.

Para si mesma, mandou preparar um túmulo em seu próprio quintal com todos os requisitos da ritualística egípcia de antigas eras. Veja só como ele o descreve:

Trata-se de um encantador cômodo subterrâneo feito de tijolos vermelhos, assentados com cimento e coberto com placas de concreto. Na parede ocidental, ela entalhou o desenho de uma falsa porta, tal como nos antigos túmulos.⁷³ Em seguida, entalhou a cena de uma prece na qual se pedia uma oferenda de “1000 jarras de cerveja, 1000 pães, 1000 bois, 1000 gansos, 1000 jarras de vinho, perfume e todas as coisas boas e puras”. Finalmente, na parte frontal, entalhou a figura de Ísis com as asas desdobradas. Um dos homens que trabalhava para o Departamento de Antiguidades fez para mim uma lápide, o pessoal da Chicago House me deu a imitação de um *shawabati*⁷⁴ e minha amiga Tracey me mandou um sarcófago de plástico que me fica muito bem (Eu já o experimentei)... Agora, portanto, quando eu bater as botas, terão apenas de remover um pouco de terra,

73 Era por aquela porta – aberta para o lado ocidental – que passava o *ka* do falecido, rumo ao Amênti, o mundo dos mortos.

74 Estátua mágica de um servo – explica Cott (p. 166) – que, quando viesse chamar a morta para alguma tarefa, era ele que iria fazer o trabalho por ela.

levantar as placas de concreto, despejar-me lá dentro e me dar um empurrão, e lá me vou eu.

A despeito de toda essa meticulosa preparação, o velho e cansado corpo de Omm Sety, abandonado pelo seu valente espírito, não foi sepultado no belo túmulo artesanal. Cott informa (p. 174), que o Departamento de Saúde local não o permitiu. Por isso, ela foi enterrada no deserto mesmo, a noroeste dos templos de Seti e de Ramsés, à beira do cemitério copta, virada para o ocidente, como de praxe. Ao escrever o livro – acrescenta Cott –, ainda não existia uma lápide para assinalar o local, apenas algumas lascas de calcário, sobre as quais haviam sido escritas, em hieróglifos, algumas preces votivas. Havia também “uma xícara de chá quebrada, colocada por algum amigo desconhecido”.

Aí pelo final do ano de 1979 – relata seu biógrafo (p. 167) – Omm Sety achou que havia chegado sua hora de partir para o Amênti. Trabalhava no templo, ainda que fortemente gripada, tomou algumas aspirinas, deitou-se no piso de um dos cômodos e adormeceu. Depois de algum tempo, sentiu que seu rosto estava sendo lambido por um enorme cão de pêlo negro e pernas compridas. Só podia ser Wepwawat,⁷⁵ pensou ela, declarando-se pronta para a jornada rumo ao além, mas pediu algum tempo para ir buscar um de seus gatos prediletos. Olhando mais atentamente o animal, contudo, viu que se tratava do Nico, que pertencia ao pessoal de uma casa de repouso dali mesmo. De qualquer modo, afirma convictamente que, para ela, o animal era mesmo Wepwawat.

Em 1980 – prossegue Cott – ela estava visivelmente mais magra e enfraquecida e suas conversações com o diário passaram a ser telegráficas.

Exemplos:

75 Cott explica que se trata de uma divindade parecida com um chacal, cujo nome significa ‘Aquele que abre caminhos’, incumbida de guiar as almas dos mortos para o outro mundo. Como o ‘w’ tem o som de ‘u’, neste caso, o nome da divindade parece um tanto onomatopéica, ou seja, Uip-au-aut, com dois ‘au-au’.

Quarta-feira, 2 de janeiro: Primeiro dia da grande festa. Fui ao templo levando incenso e cerveja. Sinto-me muito doente outra vez. O dr. Hani (Hanny El Zeini) mandou-me algumas polivitaminas e *Asmac* (algum medicamento para asma?) por intermédio de uma amiga.

Domingo, 6 de janeiro: Sinto-me um pouco melhor. Fui à Casa de Repouso e descansei. Foukay (seu amigo, dono do local) ofereceu-me um lanche com *koufa*. Vendi alguns desenhos por 18 libras.

Segunda-feira, 7 de janeiro: Mohamed, meu neto, veio me ver em companhia de alguns amigos. Ficou o dia todo e vai ficar para dormir. Ele veio do Kuwait especialmente para servir ao exército. É a primeira vez que o vejo e ele parece um típico irlandês, como meu tio Wilfred (irmão de seu pai). Parece ser um bom e bem educado rapaz.

Terça-feira, 8 de janeiro: Fiquei em casa o dia todo. Mohamed foi para Alexandria para servir o exército.

Na quinta-feira, dia 10, recebeu alguns amigos e foi com eles ao templo. De volta à casa, expeliu, ao tossir, estranhas substâncias espessas e coloridas – branco, preto e vermelho, as cores de nossa bandeira, acrescentou, como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. Depois disso sentiu-se melhor e comentou, tranqüilamente: “Penso que foi um coágulo que estava aprisionado em meu pulmão desde 1942!” Pelo menos nessa observação botou um sinal de exclamação.

Em 13 de fevereiro, foi novamente à Casa de Repouso, levou um tombo e quebrou a perna direita. “Sinto uma dor terrível” – comentou.

No hospital de Balyana, verificou-se que a cabeça do fêmur tinha uma fratura por impacto. Lá, ficou dois meses, inquieta e cheia de dores. Lentamente começou a recuperar-se e, aos poucos, voltou a andar, agora com a ajuda de muletas,

mas não com mobilidade suficiente para se movimentar como antes.

Em outubro de 1980, chegou a Abidos a equipe de Julia Cave, produtora e diretora da BBC, para filmar as cenas para o documentário intitulado *Omm Seti and her Egypt*.⁷⁶

Não conseguimos uma cópia desse vídeo, mas temos sobre ele a avaliação de Jonathan Cott, nas páginas 168-9 de seu livro:

Este maravilhoso documentário de cinquenta minutos – escreve Cott – narra a história de Abidos, descreve as escavações realizadas ali e apresenta entrevistas com T. G. H. James, do Museu Britânico e com a dra. Rosalie David, autora de *A guide to religious ritual at Abydos* – uma análise brilhante e erudita do culto de Osíris. A ‘estrela’ do filme é, naturalmente, Omm Sety, que discorre longamente sobre sua vida e que, apesar das agudas dores que estava sentindo, conseguiu superar as dificuldades do momento e caminhar tropeçadamente até o templo, com a ajuda de muletas. À medida que a câmara a mostra entrando no templo, vemos o rosto contorcido e exausto daquela mulher subitamente radiante diante de nossos olhos, com o corpo e o espírito misteriosamente transfigurados e rejuvenescidos.

Temos, ainda, recolhido por Cott, o texto que, a respeito disso, Omm Sety escreveu em seu diário:

20 de outubro: Pela primeira vez em nove meses, caminhei até o templo, graças à misericórdia da Senhora Ísis. Julia Cave & Cia. vieram me ver e fizeram algumas

76 Não conseguimos localizar na internet uma cópia desse filme, nem no site da BBC nem no de livrarias especializadas como a Amazon e a Abebooks. E não somente eu. No texto crítico que escreveu sobre o livro *The search for Omm Sety*, de Jonathan Cott, o escritor Mike Hammer se queixa da mesma dificuldade em encontrar uma cópia do vídeo. Veja o que diz ele: “O autor menciona um curto filme feito pela BBC, em 1980, *Omm Seti and her Egypt*, no qual Omm Sety figura em seus templos favoritos.” Não vi esse filme, mas o recomendaria entusiasticamente a qualquer pessoa suficientemente afortunada para ter a oportunidade de vê-lo. (E, por favor, diga-me onde poderia eu encontrar uma cópia dele!)

fotos e gravações no templo. Mandaram buscar minha cadeira, dado que é cansativo ficar de pé por ali enquanto eles ajustam luzes e câmeras. Convidaram-me para o almoço na Casa do Repouso, levaram-me para lá na cadeira e me trouxeram de volta à casa. A perna dói muito, mas me sinto tão feliz por ter ido ao templo.

O documentário foi apresentado pela BBC 2, em 6 de maio de 1981. O comentarista de televisão do *The Times*, de Londres – Cott não lhe cita o nome –, escreveu um pequeno e emocionante texto, dividido que parecia estar entre crer e não crer naquilo que viu.

Um incrédulo sorriso congelou-se em meus lábios – disse ele –, enquanto eu assistia ao documentário *Omm Seti and her Egypt*. Será que eu estava absolutamente convencido de que se tratava apenas de uma bobagem? Naturalmente que não. E nem você se convencerá disso. De qualquer modo, trata-se de televisão no seu mais maravilhoso sentido.

Naquela mesma semana, enquanto trabalhava com a BBC, Omm Sety concordou em participar de outro documentário intitulado *Egypt: quest for eternity*,⁷⁷ que Miriam Birch estava produzindo para o *National Geographic Magazine*. A equipe da BBC filmou, em meados de março (1981), a cena na qual o pessoal da Chicago House comemorou com atraso, o aniversário de Omm Sety (77 anos), que ocorrera em 16 de janeiro daquele ano.

O dr. Lanny Bell, que também figura no vídeo em companhia do dr. Kent Weeks, fez um brinde, dizendo: “A Omm Sety, em seus setenta e sete anos, a caminho dos cento e dez!”

E ela respondeu, “com seu irrepreensível charme e humor”: “Bebamos em homenagem ao nosso querido e velho amigo Ramsés II... um grande sujeito e um filho maravilhoso!”

⁷⁷ Desse temos uma cópia, em VHS, sob o título *Egito: em busca da eternidade*, um vídeo da *National Geographic Magazine*, narrado em português.

Dito isso, “a equipe de filmagem carregou a valente mulher até o templo de Seti. Era dia 21 de março de 1981 e aquela foi a última visita de Omm Sety ao seu amado santuário.”

Ela morreu exatamente um mês depois, em 21 de abril de 1981.

Em 8 de abril, antes de partir para o Amênti, folheava, na cama, um velho exemplar da revista *The Lady*, que ganhara de algum turista e deu com um artigo sobre “A costa oriental do Sussex”, ilustrado com uma foto da *Polegate Mill* (você se lembra, leitor?), era aquele mesmo moinho de vento que ela costumava freqüentar aos doze anos de idade e, para desespero do proprietário, Mr. Katz, surfava temerariamente agarrada às pás da hélice.

Ela recortou a foto, pregou-a no seu fiel diário e escreveu:

Encontrei essa foto na revista *The Lady*. Jamais poderia esperar ver ‘The Cat Mill’ novamente. Alegra-me saber que ele ainda existe e funciona. Quem será que pega carona nas suas pás hoje?

Na verdade, o nome era “Moinho do Mastro”, mas ela não perdeu a oportunidade para uma brincadeira, chamando-o de “Moinho do Gato”, clara homenagem de saudade ao senhor Katz. E ainda fica a imaginar se alguma menina meio moleca, como ela fora, estaria por lá afligindo o pobre dono do moinho com suas perigosas proezas circenses.

Vivia seus últimos dias na terra, uma vida de privações e encantamentos, naquele corpo cansado. Faltava desfazer-se de algumas das poucas coisas que possuía e de seus muito queridos animais. Deu de presente seus dois gatos, Ankhsi e Ahmés, “na esperança de que fossem felizes”, declarou ao diário.

Dia 11, queixa-se de mais um dos seus resfriados e dor de garganta. No dia seguinte, ficou sem voz, mas em dois dias melhorou bastante a ponto de receber a visita de Bob Brier, com quem manteve “longo e interessante bate-papo”.

Brier era diretor de filosofia do “C. W. Post College”, de Long Island, na Grande Nova Iorque, parapsicólogo, egiptólogo e autor do livro *Ancient Egyptian Magic*.

Tinham, realmente, muito sobre o que conversar.

Omm Sety – afirmou o dr. Brier (*apud* Cott, p. 170) – tinha a melhor percepção de qualquer pessoa de meu conhecimento sobre como foi realmente o Antigo Egito. Quando conversava com ela, você sentia que não havia distância alguma entre ela e a vida tal como era naquele tempo. Você tinha a impressão de que, de fato, era aquilo mesmo... Eu via as cerimônias religiosas de certa maneira, mas ela me dizia: ‘Não, não era assim que se fazia, você levava a cerveja lá, você fazia isto ou aquilo e às vezes as pessoas se embriagavam. E isso – conclui Brier – soa verdadeiro. A gente a via apanhando as oferendas para levar ao templo e não havia nada fantasioso ou muito especial – simplesmente um pedaço de pão, um jarro de vinho... e era o que as pessoas faziam mesmo... E por falar nisso, a última vez que estive com Omm Sety, ela me disse que adoraria assistir ao filme *Guerra nas estrelas*, do qual ouvira dizer e lera a respeito, e aquilo lhe parecia maravilhoso! Quando me despedi dela e lhe disse que voltaria a visitá-la em junho, ela comentou: “Se você não me encontrar mais aqui, estarei ali do lado de fora, no jardim”.

Era seu modo de dizer que já se fora para o Amênti e o que restasse dela seriam apenas os ossos que durante quase oito décadas sustentaram-lhe o corpo físico nas suas andanças pela vida terrena. Mas nem isso estaria ali, como vimos, pois seus restos mortais foram enterrados em sepultura rasa no deserto.

Um turista impetuoso, e certamente pouco educado, interpelou-a, por esse tempo, já nos meses finais de sua vida nestes termos: “De suas memórias de uma existência anterior, qual foi seu relacionamento com Seti Primeiro?”

– Nenhum [disse ela]. Não sou uma daquelas realezas

reencarnadas. Devo tê-lo visto quando ele veio a Abidos para a grande festa, ocasião em que o faraó costumava desempenhar o papel de Hórus. O excelente trabalho feito no templo indica que ele deve ter vindo muitas vezes de surpresa, apenas para ver como iam as obras... É possível que eu o tenha visto uma ou duas vezes.

Mesmo com pessoas de quem ela gostava e respeitava – informa Cott (p. 170) –, raramente mencionava seu relacionamento ‘secreto’ com Seti.

Isso aconteceu, por exemplo, com o egiptólogo dr. William Murname, que declarou nunca haver conversado com ela sobre o ‘caso’ com o faraó.

Lembra-se, contudo, de que, no início de sua amizade com ela, ele aludira indiretamente ao assunto e ela:

[...] nem fingiu ignorar a referência e nem me disse para cuidar de minha própria vida, mas respondeu de jeito que deixou claro que estava curiosa por saber por que razão eu estaria suscitando o assunto.

Educadamente, jamais ele voltou ao problema com ela. E explicou por que o fez. Não se referira a qualquer conotação de natureza sexual, mas sobre algum aspecto da vida diária no Antigo Egito.

De qualquer modo, a leitura que ele fez do diálogo com Omm Sety foi o seguinte:

“Você está sendo impertinente!” E acrescenta: “Acho que eu o mereci!” E mais:

Ao contrário de muita gente considerada excêntrica, Omm Sety não tinha o menor interesse em empurrar pela garganta de seus interlocutores abaixo suas crenças e sentimentos. Isso era questão pessoal sua, eis tudo!

Informa, ainda, seu biógrafo que o “envolvimento passado e presente” (destaque para o presente) dela com “Sua

Majestade” foi revelado, em detalhe, a uma única pessoa – o dr. Hanny El Zeini. Acho eu, HCM, que se pode dizer que ela confiou tais segredos do presente ao seu diário, como vimos de algumas amostras. Quanto ao passado, a história desse romance multimilenar está narrada no texto de autoria da entidade Ho-Ra, psicografado por ela, como também vimos.

Ocasionalmente ela diria alguma coisa a respeito desse *affair* a uma pessoa com a qual sentisse grau maior de afinidade, como foi o caso de Olívia Robertson, co-fundadora da Irmandade de Ísis, sediada na Irlanda.

A sra. Robertson esteve com Omm Sety em 1975 e escreveu sobre ela interessante depoimento, no qual conta, de início, que a Irmandade foi fundada por seu irmão, o barão Robertson de Strathloch, Pamela, a esposa dele, e ela, Olívia. Contava, em 1985, com 5.654 membros espalhados por cinquenta e cinco países e centros em vinte e sete países.

Em nome da Irmandade, a sra. Robertson reconhecia nestes termos, a extraordinária contribuição que o trabalho de Omm Sety havia dado à história do Antigo Egito.

O faraó morto Seti Primeiro [diz seu texto (p. 171)] foi trazido de volta à vida para milhares de peregrinos e visitantes a essa sacerdotisa dos mistérios do século vinte, Dorothy Eady. Seu amor e sua devoção ao Templo do Coração de Osíris, em Abidos, revitalizou, em nosso tempo, a religião do Antigo Egito.

E mais adiante:

Conheci Omm Sety em outubro de 1975, gostei dela, admirei-a e acreditei no maravilhoso relato de suas descobertas psíquicas⁷⁸ a respeito de Seti Primeiro, seu perdido amante de tanto tempo. A contribuição de Omm Sety à Irmandade de Ísis foi a de seu exemplo da continuidade ao sacerdócio, na pessoa de uma mulher

⁷⁸ Termo usualmente empregado em inglês em lugar de mediunidade.

com uma tradição de seis mil anos. Com a sua vida, ela trouxe para a realidade a verdade da reencarnação e o Mistério de Ísis e Osíris. Agiu desse modo, como ponte – um arco íris – que liga o mundo das terríveis guerras do século vinte com a nova era, quando as antigas verdades estão e estarão sendo revividas.

Quanto à partida para o outro lado da vida, Omm Sety não tinha dúvidas, nem temores. Esperava passar incólume pelo processo do julgamento, com a ressalva de que Osíris talvez reservasse para ela um olhar de reprovação, por causa de alguns ‘pecados’ que cometera. Num ensaio de “Confissão Negativa”, encontrara dezessete coisas que não deveria ter feito, a maioria delas para proteger seus amigos animais. E conta uma delas:

Quando menina, na fazenda de sua avó, havia um vizinho horroroso que maltratava os animais, especialmente os cavalos, nos quais batia com frequência. Ela tomou logo suas providências: alagou as terras dele com água salgada e o homem arrumou suas coisas e desapareceu.

Como o motivo era justo, ela também se sentira justificada por agir daquele modo. Ah! havia outro ‘pecado’: ela xingara um rei, mas foi com Faruk, do Egito, e “talvez – confia ela – isso não seja levado em conta”.⁷⁹

Reconhecia, também, que fizera algumas pessoas chorarem, usualmente por uma boa causa. É que ela não fora uma filha das mais obedientes aos seus pais e, por isso, eles se punham contra ela. Acontece, porém, que eles estavam sempre forçando-a a fazer coisas que ela não queria fazer e obrigando-a a não fazer as que ela queria. Afinal de contas – justificava, com toda razão – se ela não houvesse sido um tanto rebelde, não teria ido parar no Egito.

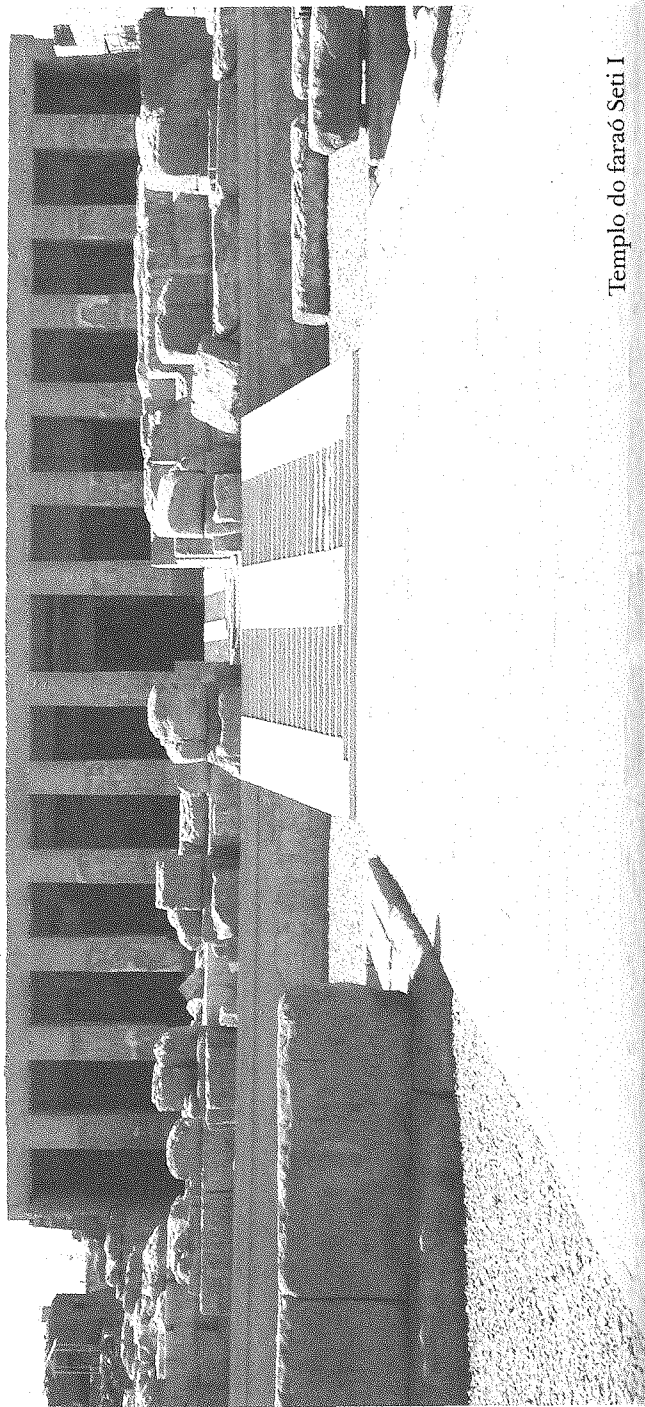
Mesmo com esses possíveis desacertos, esperava ser

⁷⁹ Nota da editora: Faruk I (1920-1965), rei do Egito no período de 1936 a 1952. Contrário ao estabelecimento de um governo democrático em seu país, Faruk apoiava a dominação britânica sobre a região. Desmoralizado, após um reinado tumultuado e impopular, foi deposto em 1952, pelo golpe liderado por Gamal Abdel Nasser.

HERMINIO C. MIRANDA

absolvida para, naturalmente, partir, toda feliz, para o Amênti, certa de reencontrar-se com Seti I, ainda que tivesse de:

[...] ficar o dia todo lá fora do palácio a berrar e desmaiar até ele aparecer, como uma adolescente ante os astros famosos. Farei o mesmo com Ramsés. “Ah, Majestade – diria ainda – *por favor*, me conte a história da batalha de Kadesh!” Vou implorar. Não hesitarei um momento em fazê-lo. Ele já teve à sua disposição três mil anos para melhorar esse relato. Vai ser realmente uma história e tanto.



Templo do faraó Seti I

Amor em duas dimensões

Decorridos cerca de 3.200 anos de dolorosa separação, não foi nada tranqüilo nem romântico, como vimos, o primeiro encontro do antigo faraó Seti I com sua amada Bentreshit, ainda conhecida como Dorothy. Ela estava com quatorze anos de idade e ele apresentava-se em sua forma física mumificada, tal como figura nas fotos que ilustram qualquer bom livro sobre a história do Antigo Egito. Subitamente ela acordou no meio da noite com aquele peso em cima dela. Era a múmia de seu remoto e inesquecível amor que, num impulso ainda mais espantoso, rasgou-lhe a camisola de dormir.

Isso aconteceu no outono de 1918, quando a chamada Primeira Guerra Mundial chegava ao fim. E foi justamente por causa da guerra e dos destrutivos bombardeios a que Londres foi submetida pela aviação alemã, que Dorothy fora despachada pela família para a fazenda de uma tia, na zona rural do Sussex.

De volta a Londres, ela se sentia mais infeliz do que nunca. Além da falta que sentia da vida saudável da 'roça' – onde, entre outras coisas, divertia-se a valer com um sábio cavalo ao qual dera o nome de Mut-Hotep –, a angustiante fixação no Egito Antigo, seus deuses, faraós, templos e mistérios constituía fonte de permanente aflição. Decididamente, a Inglaterra não era sua verdadeira pátria, sua cidade predileta não era Londres e nem mesmo sua família era a dos prosaicos Eady, pai alfaiate e mãe dona de casa.

Já vimos alhures, neste livro, o relato do dramático pesadelo que, ao mesmo tempo em que a assustou, não deixou paradoxalmente de lhe causar secretas emoções e até alegria. Afinal de contas, o Egito começava a surgir, ainda que fantasmagoricamente, em sua vida monótona, rotineira, sem interesse, sem amigos e sem sabor.

Como também vimos, o que mais espantou sua mãe foi o grito agoniado da menina, que “parecia vir de uma criatura possuída, na qual a sra. Eady mal podia reconhecer sua filha”. Aliás, a mesma sensação de estranheza que lhe causara não menos dramática cena do acidente aos três anos, quando a criança rolou pela escada abaixo.

Naquela ocasião – confessaria a sra. Eady –, a criança lhe disse, “com uma voz irreconhecível, que soava [...] como a da uma velha mulher estranha e não de uma menina daquela idade: – Deixe-me em paz... esta é a minha gente!”

Estaria ela, naquele momento, rodeada de entidades do seu muito amado Egito?

Vimos, ainda, que, consultando um grupo espiritualista, o dr. Zeini foi informado de que, no momento de sua morte aparente, após o tombo na escada, “possivelmente um antigo espírito teria entrado em seu corpo”, por um mecanismo de possessão.

Anos depois, já casada, seu sogro foi vê-la no quarto, onde ela se refazia de uma doença passageira, e alarmou toda a família ao sair de lá gritando que “havia um faraó sentado na cama de Bulbul.” (*Bulbul* – rouxinol, em árabe – foi o apelido que o sogro lhe havia posto, talvez – especula Cott – por causa de sua “voz doce, quando cantava”.)

Parece que a esse tempo eram freqüentes as visitas do faraó, por mais que Dorothy-Bulbul procurasse fazer com que a família as ignorasse. Como já narramos, pelo menos numa das vezes, a testemunha foi a própria sra. Eady que, assustada, recomendou que a filha fosse definitivamente embora do Egito (“Este não é lugar seguro para você!”)

Anos mais tarde, Dorothy confessaria que essas aparições começaram a acontecer pouco depois da chegada dela ao Egito. “Sua Majestade” – ela fazia questão do tratamento formal, sem aspás como usa Cott – não vinha sob a aparência de múmia, como da primeira vez, ainda na Inglaterra – mas, segundo ela, em sua forma e aparência “normais”. Acrescentou que, todas as vezes que tentava tocá-lo ou ele experimentava tocá-la, era como se existisse uma lâmina de vidro entre eles. E mais:

somente depois de alguns anos que ele lhe falou pela primeira vez. Experimentava, contudo, muita dificuldade em entendê-lo, tanto quanto em se fazer entender por ele. A enorme barreira do tempo ainda precisava ser contornada ou superada.

Quando estavam juntos e ela percebia movimento de pessoas nas proximidades, em vez de dizer “Silêncio!”, dizia “Cale a boca!”

Uma noite, contudo, ele descobriu que, ao colocar a mão em mim – e, de modo especial, segurar minha mão – eu era capaz de entendê-lo e falar corretamente, como se algum poder pessoal de Sua Majestade tomasse conta de mim.

Ainda bem que Imam jamais viu o fantasma do faraó a rondar sua excêntrica e enigmática mulher!

Seja como for, prevaleceu a vontade dela na escolha do nome do menino que se chamou Seti e acabou resultando na alteração do nome dela mesma, que passou a ser, como vimos, Omm Sety, ou seja, a Mãe de Sety.

Faltava pouco para o rompimento definitivo e ela confessa, com honesta sensação de alívio, que entregou o bebê para a sogra⁸⁰ para dedicar-se, no correr dos dezenove anos seguintes, a trabalhar e estudar pacientemente, no Cairo, em Gizé e em Sakhara, com os mais destacados egiptólogos da época, tornando-se praticamente uma colega deles e não uma simples (mas exímia) desenhista, auxiliar e revisora dos textos que eles escreviam. Como diz Cott (p. 61), ela queria não apenas mergulhar em seu tema favorito, como dedicar-lhe sua contribuição pessoal, o que fez com reconhecida competência e devotamento.

80 Na verdade, ela usa uma expressão algo chocante, ao dizer que “*dumped* o menino nos braços da sogra dela e avó dele”. O choque vem de que o verbo ‘*to dump*’ significa, entre outras coisas, “*esvaziar, descarregar em massa, lançar por terra, descarregar lixo etc., embarcar. 2 queimar, liquidar, vender ou exportar a preço abaixo do mercado. 3 livrar-se de sobras ou de pessoas indesejáveis.*” (Ver *Dicionário Michaelis*, da UOL)

A principal motivação para a demora em partir para o seu destino final, o sonho de sua vida, ou seja, seu 'regresso' a Abidos deveu-se ao seu 'apaixonado' envolvimento com seu amante, Seti Primeiro. (Cott, p. 61)

Prossegue o biógrafo, dizendo que se trata de uma "estória de viagem astral, materialização e uma estranha relação com seu 'amante fantasmagórico'".

"Foi – acrescenta ele – uma extravagante história que não dá nem para contar."

Com frases intercaladas, o autor explica o que é viagem astral – "Experiência de desligar-se do corpo físico e mover-se livremente pelo espaço".

A materialização ocorre:

[...] em ambiente escuro, por intervenção desconhecida de espíritos temporários [?!],⁸¹ em diferentes estágios de solidez, na forma, semelhança e aparência de seres humanos, no todo ou em parte, e tida como sendo composta de ectoplasma.

Quanto ao "amante fantasmagórico", explica ele tratar-se de "consorte" espiritual de uma mulher, ou sua "outra metade", "companheiro invisível ligado a ela durante a vida."

Devo declarar que as primeiras três definições me parecem aceitáveis, mas não a última sobre o "amante fantasmagórico".

O assunto é bem mais complexo. Primeiro de tudo, as hipóteses das chamadas *metades eternas* ou *almas gêmeas* não é muito de meu gosto e aceitação. O tema é, no mínimo, controvertido e tem sido discutido no âmbito doutrinário do espiritismo, por exemplo. A primeira delas – metades eternas – não faz muito sentido para mim, por exigir a crença de entidades espirituais criadas incompletas. Quanto à das almas gêmeas, creio merecer alguma atenção especial, pelo fato de

81 Ou seria "manifestações temporárias de espíritos"?

sugerir a existência de dois seres criados juntamente, não necessariamente metades um do outro.

Lembra Cott (p. 61) que Omm Sety evitava, a todo custo, passar a noite em casa de qualquer pessoa. Uma de suas amigas – continua Cott – se lembra de que, certa vez, depois de um jantar excepcionalmente tardio, conseguiu convencê-la a dormir ali mesmo.

Relata o biógrafo:

No meio da noite, a amiga despertou, ao ouvir estranhas e persistentes batidas no vidro da janela do quarto de hóspedes. Julgando que algo de errado estivesse ocorrendo, ela se levantou e esgueirou-se cuidadosamente para dentro do quarto, onde viu, assustada e preocupada, Dorothy muito pálida e como que sem vida na cama. Pensando que a amiga precisava desesperadamente de ar, ela abriu a janela e observou perplexa que sua hóspede, em estado comatoso,⁸² voltou magicamente, à vida. Pela manhã, a amiga pediu-lhe que falasse algo sobre o incidente e Dorothy confidenciou-lhe que, enquanto dormia, seu *akh* (espírito, no Antigo Egito) desprendia-se do corpo físico e não conseguia retomá-lo a não ser que as janelas estivessem abertas.

O que significa – assim parece – que ela retirava do corpo físico grande quantidade de energia (ectoplasma?), a fim de adensar suficientemente o corpo espiritual com o qual se deslocava no tempo e no espaço.

Em outras palavras: ela funcionava como sua própria médium de efeitos físicos, para a necessária semimaterialização. Curioso, contudo, que ela conseguisse sair do cômodo em que dormia, passando através do vidro, mas não era capaz de passar por ele na volta. Imagino, à falta de explicação melhor,

82 Aurélio, por favor: "1. Med. Estado de inconsciência em que nem sequer uma estimulação enérgica desperta o doente, e durante o qual se perdem as atividades cerebrais superiores, conservando-se a respiração e a circulação."

que, ao sair, ela ia com o corpo astral ainda não impregnado de ectoplasma que, nesse caso, teria de ser como que 'sugado' de dentro do quarto para fora. Ou, então, a janela estava aberta quando ela saiu.

Qualquer que seja a explicação, os fenômenos de desdobramento e materialização foram uma constante na vida de Omm Sety.

O dr. Hanny El Zeini, seu especial amigo, foi a única pessoa a quem ela confiou toda a história de sua ligação amorosa com o faraó.

Ao dr. Hanny El Zeini, ela confidenciaria (Cott, p. 62):

Quando cheguei ao Egito, "Sua Majestade" começou a aparecer. Você sabe – prosseguiu –, desde a primeira visita, quando eu tinha quatorze anos, muito desejei que ele viesse de novo, mas ele não o fez até que eu me casei. Eu sentia, no fundo do coração, que teria de viajar para o Egito para ter condições de me encontrar com ele novamente, ainda que eu soubesse muito bem que as distâncias nada significavam para ele, seja na Inglaterra, no Egito ou em qualquer lugar. Por outro lado, como ele se mantinha vinculado às nossas antigas leis morais, enquanto eu me encontrava casada, lhe era permitido apenas me ver... e a maior parte do tempo não se apresentava em sua forma solidificada. Eu mal podia sentir sua presença, exceto em algumas ocasiões, quando, infelizmente, ele foi visto por minha mãe, meu sogro e até, uma vez, pelo meu filho... mas, aparentemente, isso causou profundo desagrado ao Conselho.⁸³

Uma noite – conta ela mais adiante –, o faraó mandou um jovem sacerdote de nome Ptah-mes buscá-la, ou seja, buscar seu corpo astral, explica.

Eu estava dormindo, quando acordei subitamente e lá estava aquele sacerdote dentro do meu quarto. Ele

⁸³ A curiosa temática do Conselho figura no bloco de "Anexos", neste livro.

me fez um aceno, sentei-me na cama e ele disse alguma coisa em antigo egípcio que não entendi muito bem, a não ser as palavras: "Nosso senhor quer falar com você." Naquela ocasião eu tinha três gatos e, no momento que o homem apareceu, eles arquearam as costas, cuspiram e saíram disparados do quarto. Senti uma curiosa sensação, como se estivesse me expandindo. Levantei-me e experimentei extraordinária sensação de leveza. Olhei para a cama e lá estava meu corpo, vestido com uma camisola de flanela, com uma aparência nada saudável e sem nenhum atrativo! E aqui estava eu, totalmente nua, mas me sentindo maravilhosamente leve e aquele sujeito me disse: "Venha!" e nós saímos para o ar livre. Olhei as pirâmides muito lá em baixo e atravessamos um trecho escuro como que envolvido em densa neblina.

Tão logo atravessaram a neblina, viram-se diante das portas de um palácio, detidos pelos guardas. Entraram, em seguida, e Ptah-mes conduziu-a por uma passagem a um cômodo em forma de 'L'. A parte dianteira desse cômodo era mais baixa e havia nela uma porta que dava para um jardim e uma série de baixos degraus que davam para outro cômodo, aparentemente um quarto de dormir. Lá estava, afinal, Sua Majestade... mas como homem, ou seja, não como uma difusa figura espiritual. Ele se levantou, apanhou uma almofada, colocou-a no chão e sentou-se nela, dando início a uma conversação na qual se entendiam perfeitamente.

Sem explicar porque o assunto da conversa tomou aquele rumo, ela lhe perguntou algo sobre o Osirion (o templo de Osíris). O faraó respondeu-lhe que não, não fora ele quem o construía. O templo era mais antigo e já existia muito antes de seu tempo.

Ela comentou que, de acordo com os estudiosos, a Esfinge havia sido construída por Khafra – conhecido por Quefren –, mas novamente ele negou, dizendo que o monumento era muito mais antigo. Pelo que ele sabia, fora dedicado ao próprio Hórus. Ela insistiu que, segundo a tradição, fora erigido por Khafra, mas ele reiterou que não, declarando que a pirâmide era muito mais antiga.⁸⁴ Pela madrugada, Ptah-mes apareceu

⁸⁴ Curiosamente, muitos anos antes de estar aqui a escrever este livro, uma pes-

de novo para levá-la de volta à sua casa, alhures no tempo no espaço. Que tempo? Que espaço? Que dimensão? Me pergunto eu.

Todas as vezes que Ptah-mes vinha buscá-la – e foram muitas, diz ela –, os gatos se arrepiavam, cuspiam e saíam correndo, espavoridos. A sensação experimentada por ela era de indescritível leveza e liberdade, tão logo se livrava do corpo físico. Ouvira amigos espiritualistas⁸⁵ dizerem que, nas suas viagens astrais, mantinham-se ligados aos seus corpos físicos por um cordão luminoso, mas que, no caso dela, Omm Sety, não havia cordão algum, mesmo porque – comenta jocosamente – se houvesse, ela certamente tropeçaria nele...

Muitas viagens dessa natureza ela fez ao Amênti e, a julgar-se pelos seus relatos, o faraó tinha lá seus palácios e sua corte. Declara ter tido “ternas noites” com ele. Lembra-se, ainda, de ter visto por lá Mery, o sumo sacerdote, como sua tola mulher, bem como Wennefer, outro sacerdote e oficiais do gabinete de Seti I. Ou, pelo menos, encontrava-se junto daqueles que foram seus amigos durante a vida terrena. Certa vez, viu Ramsés, ainda menino, a brincar com um arreio montado no pescoço de um cavalo. Estava muito alegre, murmurava uma canção e era “muito bonito”.

Foi naquela noite, aliás, que Sua Majestade perguntou se ela concordaria em que ele se materializasse como homem,

soa regredida a remotas eras egípcias me disse a mesma coisa acerca da Grande Pirâmide, que não teria sido construída por Quéops, mas que era muito mais antiga.

85 Se bem que aos poucos se vá atenuando, ainda perdura sensível diferença entre o espiritualismo praticado especialmente nos Estados Unidos e na Europa e o espiritismo codificado por Allan Kardec, apresentado em *O livro dos espíritos* e praticado no Brasil. No contexto espiritualista, a reencarnação é tratada com certas reservas e há um interesse maior na fenomenologia do que nos aspectos doutrinários, como, por exemplo, na prática espírita brasileira. O aspecto religioso também é tratado de modo diferente entre os espiritualistas, que organizam suas próprias igrejas e seus cultos e até adotam o título de reverendo. Admitem, ainda, o exercício profissional remunerado da mediunidade.

quando de sua visita a ela.

E comenta: “Ele queria que eu soubesse o que esperar de tal visita. Ramsés observava tudo como um falcão, naturalmente; e eu disse que sim, estava de acordo.”

Em seguida, perguntou-lhe como foi que ele foi autorizado a visitá-la como um *sahu* (múmia), quando ela contava quatorze anos de idade. A resposta foi a de que a permissão lhe havia sido dada apenas para que ele se apresentasse na forma que ele tinha na terra. Uma vez que ele a conhecera como Bentreshit, esperava vê-la exatamente nas mesmas condições de então, ele como homem cinquentão e ela como adolescente. Não se lembrava, contudo, de ter visto seu corpo mumificado.

Fora, contudo, severamente repreendido pelo Conselho por havê-la assustado daquele modo, logo em sua primeira aparição. Supunha até – acrescenta – que teria sido essa a razão pela qual ele havia sido proibido de estar com ela depois de tantos anos.

Confesso não ter entendido bem o que se passou nesse episódio. Se o faraó estava autorizado a manifestar-se a ela em sua forma física mumificada, por que a proibição posterior? Por que abusara dela e lhe rasgara a roupa.

Há, a seguir, no livro de Cott (pp. 64-65), um longo relato de Omm Sety que me proponho a reproduzir, na íntegra, em tradução para o português.

Quando Sua Majestade me visita agora em sua forma ‘natural’ – começa – ele tem sempre a aparência de um homem nos primeiros anos de seus cinquenta (...) muito saudável e conservado. No entanto, tinha sessenta e três quando morreu. Ramsés, que tinha cerca de noventa anos ao morrer, me aparece como um jovem de vinte e dois ou vinte e três. Certa vez, perguntei isso a Seti e ele me disse que podemos escolher a idade sob a qual preferimos nos manifestar, desde que não seja maior do que a tivemos ao morrer. Acrescentou que a maioria das pessoas prefere aparecer com a idade na qual foram mais felizes na terra e, por isso, Ramsés apresentava-se como o eterno jovem herói da batalha de Kadesh. Perguntei a Sua Majestade

porque ele não se decidiu pela idade em que se tornou rei. Lembro-me dele ao dizer: “Não há felicidade em ser rei... e sim uma amarga chatice.” Disse que decidiu pela idade que tinha quando conheceu e amou Bentreshit – na verdade ele mencionou cinquenta e quatro anos –, porque aquelas poucas semanas foram as mais felizes de sua vida. Destacou que, dentro dos limites de nossa idade ao morrer, estamos inteiramente livres de escolher nossa aparência no outro mundo. E mais; a despeito do fato de que nosso corpo no outro mundo se pareça com o terreno, ele está em perfeitas condições. As pessoas que perderam um membro, ficaram cegas, com cicatrizes ou desfiguradas por algum acidente ou doença durante a vida terrena não se apresentam desse modo no Amênti.⁸⁶

Esse longo testemunho prossegue, dizendo que, durante os dois primeiros anos em que viveu no Cairo, Omm Sety era “uma mulher casada e não uma mulher livre”. Sua Majestade havia sido perdoado pelo Conselho, mas ainda não lhe era permitido materializar-se, ou seja, ir procurá-la em sua forma ‘sólida’, sem o consentimento dela. Na visita que ela lhe fez ao Amênti referida acima, ela deu seu consentimento, porque – diz ela – “se não o fizesse, não teria como vê-lo e tocá-lo”. E explica, com perfeito conhecimento de causa e propriedade, que era indispensável essa autorização. Afinal de contas, para que pudesse materializar-se, ele tinha, naturalmente, que “tomar um tanto de seu *sekhem*” – energia espiritual, explica seu biógrafo. Melhor teria dito, como em outro momento de seu livro, que tal energia fosse expressa pelo nome adequado de

86 Não é bem assim. O estado do corpo espiritual na dimensão póstuma é poderosamente influenciado pela motivação de eventuais deficiências ‘físicas’. O autor espiritual de *Memórias de um suicida*, psicografado pela excelente médium brasileira Yvonne A. Pereira, descreve a aparência terrível, deformações e mutilações dos infelizes suicidas abandonados ao desespero, em regiões tenebrosas do mundo póstumo.

ectoplasma.⁸⁷ Destaca Omm Sety, nesse relato, que certa porção de sua “força física” estaria necessariamente participando do procedimento, o que é estritamente verdadeiro. Evidência disso, lembra, está em que, “depois de cada encontro no qual Sua Majestade se apresentava em sua forma sólida – fosse breve ou longo esse encontro – sempre eu experimentava algum tipo de fadiga física depois que ele partia”.

Por essa razão, quando ela estava cansada, indisposta ou doente, sentia-se exausta ou *extremamente* fatigada, depois que ele se ia.

A seguir, ela escreveu:

Suponho ser por essa razão que ele precisou obter meu consentimento pessoal antes de conseguir permissão para me visitar na terra. Penso ser uma norma, no Amênti, não permitir que os mortos interfiram na vida daqueles que ainda vivem na terra, a não ser que estes aceitem a presença do morto em sua forma materializada.

87 É suficientemente ampla e esclarecedora a literatura especializada no assunto das materializações e são muitas as experimentações e pesquisas realizadas sobre o fenômeno. Para não alongar a bibliografia, lembro apenas o metucioso e competente estudo do dr. Gustave Geley, médico e cientista francês, em seu raro e imperdível livro *Lectoplasmie et la clarivoyance*, Félix Alcan, 1924, Paris, no qual apresenta convincentes fotos de ‘luvas’ moldadas por entidades manifestantes, ao mergulharem as mãos invisíveis em baldes de cera fervente e, em seguida, desmaterializadas. O cientista russo Alexandre Aksakof também obteve documentação importante ao respeito, como se pode ver de seu livro *Um caso de desmaterialização*, no qual estuda a desmaterialização parcial e rematerialização da médium conhecida como madame d’Espérance. Foi também Aksakof que prefaciou o livro autobiográfico *No país das sombras*, dessa mesma sensitiva, dotada de poderosa faculdade de emitir ectoplasma. Este último traz fotos de plantas vivas transportadas para o ambiente das sessões realizadas, bem como retratos ao vivo de várias entidades, um das quais de Philip Melanchthon, amigo e companheiro de Lutero nas lutas pela reforma protestante. Esse retrato foi obtido às 15 horas do dia 14 de fevereiro de 1897, dois dias antes da data em que Melanchthon estaria comemorando exatamente 400 anos de idade. Atenção: não se trata de um *retrato pintado* do teólogo protestante, mas de uma *foto*. Esses livros figuram no catálogo da Federação Espírita Brasileira. Estudos semelhantes foram realizados com grande sucesso, pelo o cientista inglês William Crookes, com a médium Florence Cook.

Vosso escriba discorda de tal suposição. Ao contrário, os mortos – ou, pelo menos, muitos deles, interferem, sim, na vida dos que ainda se encontram encarnados na terra, haja ou não consentimento para assim agir. Aí estão os numerosos casos de obsessão e possessão para evidenciar tal realidade. É certo, porém, que entidades desencarnadas mais evoluídas situadas na dimensão espiritual evitam qualquer tipo de interferência, de vez que cabe a cada um de nós realizar suas próprias escolhas e decisões. Viver é escolher – costume dizer. Sem esse mecanismo, não teríamos como aprender com a própria vida e evoluir, corrigindo rumos e refazendo certo aquilo que outrora tenhamos feito de modo equivocado. Essa posição é particularmente adotada pelos espíritos guias, que acompanham nossos passos, oferecem uma ou outra sugestão via intuição, ou mediúnica, mas nos deixam espaço suficiente para o pleno exercício do livre-arbítrio. Do contrário, seria o mesmo que nos mandar para a escola e fazer por nós todos os deveres de casa que nos fossem solicitados.

Mas o depoimento de Omm Sety prossegue.

Ela quis saber, certa vez, como Seti I conhecera os procedimentos para materializar-se, e ele respondeu que aprendera a fazer isso quando ainda na terra. Em outra oportunidade, ele lhe contou que, enquanto se preparava para assumir o trono do Egito, entre as matérias de estudo intenso, além das de natureza militar, havia no currículo de treinamento matérias adicionais sobre aspectos espirituais e religiosos da vida. E, segundo afirmou, ele foi um excelente e dedicado estudioso.

Quanto à solidez de seu corpo materializado, Omm Sety confessa não haver a menor dúvida a respeito.

Da primeira vez que ele se manifestou em sua forma solidificada – confessa ela explicitamente –, não houve necessidade alguma de perguntar-lhe se era possível manter com ele uma relação normal entre homem e mulher (...) porque ele *demonstrou* [destaque dela] sua capacidade sexual.

E explica mais, que não havia como engravidar e ter crianças resultantes de tal relacionamento, “uma vez que nada dele era permitido ficar para trás, quando ele partia de madrugada, sempre antes do alvorecer”.

Provavelmente, ficamos com o direito de especular, toda a energia física que ela cedia a ele para essas materializações lhe eram como que devolvidas.

Dizia ele pretender casar-se com ela no Amênti, o que ela não julgava necessário, mas ele insistia nesse propósito.

Nunca se cogitou de saber – acrescenta ela – se, para algum tipo de casamento na dimensão póstuma, seria necessário que ela se apresentasse em seu corpo astral.

“Dessa maneira – comenta ela, irreverente e jocosa – aparentemente Sua Majestade imaginava ter de esperar até que eu morresse para fazer de mim uma mulher honesta.”

Havia, contudo, um problema nesse complexo esquema amoroso.

Quando ainda no Cairo, ela começou a pensar seriamente nas conseqüências de sua mudança definitiva para Abidos, de vez que, lá, ela passaria a ser novamente “propriedade do templo”, ou seja, uma vestal, uma sacerdotisa, sujeita às severas leis reguladoras dessa condição, o que caracterizaria a impossibilidade de dar continuidade ao apaixonado caso com o homem a quem ela amava. (Cott, p. 65)

O biógrafo chega a atribuir a essa razão pessoal o fato de haver perdido o trem, na primeira tentativa de mudar-se de uma vez para Abidos. Afinal de contas, era o seu destino definitivo e razão pela qual ela havia decidido vir para o Egito. No fundo, porém, estava bem certa de que seria apenas uma questão de tempo empreender o que Cott considera acertadamente “sua predestinada jornada”.

Em registro sem data no seu diário (Cott, pp. 70-72), ela conta como foi assim que essa decisão aconteceu.

Desde que ela começou a falar com Seti, disse-lhe de seu

desejo de toda uma vida de ir para Abidos e viver lá pelo resto da vida, trabalhando no templo. O plano tinha a simpatia dele e, nos momentos de desânimo, quando os eventos não tomavam o rumo desejado, ele a consolava e encorajava, dizendo-lhe que era inevitável que ela fosse para Abidos “a fim de cumprir nosso destino”.

A uma abordagem racional e realista, a idéia nada tinha de atraente e ela se sentia numa encruzilhada. Foi em 1954, por ocasião de uma segunda peregrinação a Abidos, onde ficou durante duas semanas, que ela sentiu que o projeto estava maduro. Ademais, estava no Cairo apenas por causa de pessoas maravilhosas como o dr. Ahmed Fakhry, chefe o Projeto Dashur, junto às duas pirâmides ali existentes, e o dr. Selim Hassan, a quem muitos anos antes, ainda menina, ela enviou da Inglaterra a caixa contendo toda a sua coleção de objetos do Antigo Egito. Eram ambos destacados egiptólogos e ela lhes era grata pelo muito que aprendera com eles. Mas... Abidos era seu destino e sua meta final, o ponto magnético que a atraía irresistivelmente. *Maktub!* Estava escrito que ali é que era seu lugar. Era uma mulher livre, divorciada, o filho estudava no Kuwait...

Não que as coisas tenham sido facilitadas para ela. Pelo contrário.

Primeiro, tentou repetidas vezes transferir-se para Abidos, ainda a serviço do Departamento de Antigüidades, mas nada conseguiu, paradoxalmente, porque, para seus chefes e colegas, aquela não era uma decisão sensata. O desejável seria uma transferência, no mínimo, para o Cairo ou, melhor ainda, para Londres. Abidos não era destino apropriado para ninguém, muito menos uma mulher e sozinha!

O lugar sequer figurava no mapa como Abidos, mas sob o nome El Araba El Madfouna, ou seja, a Aldeia Soterrada. No meado da década de 50 (século 20, claro), o lugarejo não tinha luz elétrica, nem água encanada. A água provinha de dois poços e era distribuída diariamente em odres feitos de pele de cabra, por homens conhecidos como *sakkas*. Nenhum dos habitantes daqueles casebres de barro (pau a pique?), e

que transitavam por becos de terra, sem calçamento, falava uma só palavra em inglês.

O projeto era considerado tão despropositado que o dr. Fakhry, seu chefe e amigo, lhe deu uma saída não menos extravagante: ela deveria galgar a Grande Pirâmide e, uma vez lá em cima, virar-se para o ocidente e dirigir-se a Osíris, perguntando-lhe – disse ele – “*Quo vadis?*”⁸⁸ E Osíris lhe diria: “Venha para o Amênti!”

– Tudo o que você terá de fazer, então – concluiu ele –, é pular na direção do ocidente e todos os seus problemas estarão resolvidos.

Outro engano do dr. Fakhry, por melhor que tenha sido sua intenção em dissuadir sua funcionária e amiga da loucura de ir sepultar-se viva em Abidos. Melhor do que ninguém, Dorothy estava certa de que o suicídio é algo impensável e já uma vez, há trinta e dois séculos, ela cometera esse erro fatal. Nenhum problema resolvera com seu trágico e desesperado gesto; pelo contrário, aí é que os criara de maior gravidade e pelos quais estava ainda a responder perante sua consciência e as leis divinas.

Penso até que esse foi mais um dos testes que teve de enfrentar e vencer. Deixando-se levar pela sugestão do doutor, ela estaria repetindo o mesmo erro e deixando escapar a oportunidade que lhe fora concedida, a duras penas, de se resgatar do poço de aflições em que mergulhara. Salvou-a sua obstinação em cumprir seu destino no inóspito lugarejo perdido no deserto.

É evidente que o excelente dr. Fakhry estava brincando com ela – brincadeira arriscada, aliás –, porque ele ofereceu-lhe duas opções, cuja escolha lhe parecia óbvia e salvadora, a seu ver, para a sua amiga e colaboradora: um bem remunerado e confortável cargo no Departamento de Documentação, no Cairo, ou um trabalho algo braçal em Abidos, ganhando apenas dois dólares por dia. Desnecessário dizer – escreveria ela mais tarde – que ela optou por Abidos.

⁸⁸ O que, afinal de contas, não era uma pergunta adequada, de vez que a expressão latina quer dizer “Para onde vais?” e não “Para onde vou eu?”

E mais: entre todos os demais inconvenientes da teimosa decisão, restava o doloroso problema sentimental que respondia pelo nome de Seti I.

Ela conta esse episódio no que Cott (p. 70) considera “uma extraordinária anotação” em seu diário.

Logo que soube, afinal, que estava aprovada sua transferência para Abidos, o faraó apareceu-lhe, ainda nas pirâmides, onde ela trabalhava seus últimos dias. Ele se mostrou comovido e declarou – talvez sem muita convicção, acho eu: “Meu coração – disse ele – se alegra com isso, minha amada.”

– Ele ficou comigo a noite inteira – escreveu ela, a seguir – e nos amamos de modo insuperável.

Ao deixá-la, pela madrugada, disse-lhe: “Mandarei um sacerdote te buscar amanhã, pois tenho algo a te dizer, meu Lótus Branco.”

E aquela [informa ela, com a espontânea e honesta candura habitual] foi a última noite que nos amamos. Foi a mais doce de todas. Ele dormiu ao meu lado muitas vezes a partir de então, quando nos abraçamos e nos beijamos e nada mais, porque agora o Templo se colocava entre nós dois como uma espada desembainhada.

Encontrou-o no dia seguinte, sozinho, carinhoso, mas muito sério.

Por algum tempo, falaram apenas sobre o culto praticado por ela, no templo. A certa altura, contudo, ele comentou: “Os deuses sabem de tudo, eles ouvem o que está no coração.” E a fez jurar que ela agiria sempre de acordo com tal ensinamento, promessa que declara ter cumprido fielmente daí em diante.

Ao cabo de longo silêncio, ele retomou a palavra com certa solenidade e visível emoção. Era necessário que ela entendesse bem o que acontecera.

– A roda da carruagem – acrescentou – havia dado uma volta completa. A partir de agora, até o fim de sua vida terrena,

você passa a pertencer de novo ao templo e me fica proibida a mim ou a qualquer homem.

Talvez ela não tivesse ainda atinado com toda a profundidade e extensão do grave compromisso que estava assumindo. Aquela encruzilhada seria provavelmente mais um dos duros testes que ambos teriam pela frente.

O momento era solene e ela se pôs a chorar, perguntando-lhe se, afinal de contas, deveria desistir de ir para Abidos.

“Ele me sacudiu gentilmente e disse: – Minha pequena, será que você vai cometer o mesmo engano de novo?”

Se faltava, ainda, um bom motivo para a plena consciência das dificuldades e renúncias que se avizinhavam, ele o explicitou, advertindo-a de que estavam em período de testes.

– Se resistirmos à tentação pelo resto de minha vida em Abidos – escreve (p. 71) –, nosso crime original seria perdoado e eu lhe pertenceria pela eternidade.

A mais uma pergunta dela, ele respondeu que continuaria, sim, a visitá-la em Abidos.

Nova pergunta: “E você virá como espírito intangível como antes?”

– Não, amada – disse ele –. Virei como um homem vivo; não posso renunciar aos seus beijos e ao toque de suas mãos.

– Aí estará a tentação – exclamou ela.

– Sem tentação não há teste – respondeu ele –, mas, amada, ajude-me a ser forte e não chore. Nunca a abandonarei nem deixarei de te amar.

Em seguida, enxugou-lhe as lágrimas com a borda do manto, quando Omm Sety declarou:

– Por que seria eu proibida a você? Vou para Abidos para restaurar o templo, não como uma sacerdotisa, e você sabe muito bem que não sou virgem.

Na opinião dele, isso era algo pré-ordenado e ela confirmou que cumpriria o desejo dele de recitar as “Lamentações de Ísis e Néftis”, conforme prometido no início da conversa daquela noite de tantas emoções.

Em seguida, ele a beijou, disse que ela era uma boa menina e

a agradecia pelos anos de felicidade de que haviam desfrutado furtivamente, enquanto ela trabalhou nas pirâmides.

– Seu amor – disse ele para encerrar – é um bálsamo derramado sobre as feridas de meu coração.

Emocionada, ela a custo conteve nova enxurrada de lágrimas.

Nesse ponto da conversa, perceberam que o jovem e ruidoso Ramsés se aproximava. Logo após os cumprimentos, Seti contou a ele o que se passava e ele os congratulou, mas Omm Sety teve a fugidia impressão de que ele se mostrara um tanto preocupado. Seti perguntou-lhe o que ele estava pensando e acrescentou com um sorriso:

– Não tema, meu filho; desta vez seremos ambos bem fortes.

E ele: “Que os deuses o permitam”.

A chegada de Ramsés quebrara o clima de tensão. Quando o sacerdote veio buscá-la para levá-la de volta à casa, Seti estava calmo.

Poucos dias depois – conclui ela no diário –, parti para Abidos.

Arrumou sua bagagem que consistia no mínimo dos mínimos: um colchão, duas malas grandes contendo roupas, papel de desenho, alguns livros e mais (por fora da mala, claro!) os dois gatos de sua preferência: um deles se chamava Iriru, “grande sujeito”, comenta, e uma “bela criatura branca” que ganhara de presente de uma simpática senhora francesa. “A gata – diz ela – não falava árabe, nem inglês e, por isso, a senhora tentou ensinar francês a Omm Sety para que ela pudesse entender com a elegante gatinha, que, sendo mais inteligente que eu, aprendeu inglês antes que eu aprendesse francês!”

Na tarde de 3 de março de 1956, aos 52 anos, Dorothy Eady foi de táxi para a estação central do Cairo, tomou o trem com uma passagem somente de ida e iniciou a jornada de 520 quilômetros até Abidos.

Não foi nada fácil para os dois amantes cumprirem à risca os votos de castidade. Em 1972, Omm Sety teve um problema

cardíaco e ficou hospitalizada por alguns dias no hospital de Balyana, mas não agüentou por muitos dias a reclusão e, rebelde como sempre, desobedeceu as ordens médicas e voltou às suas atividades habituais.

Foi quando resolveu, sem mais nem menos, vender a velha cabana que, no seu entender, não lhe garantia suficiente “privacidade com Sua Majestade, sendo que, às vezes, percebia que podiam estar sendo ouvidos clandestinamente, por alguém”.

Construiu outra palhoça – uma *zareba* – a que chamou jocosamente de “Omm Sety Hilton”.

Pouco depois de mudar-se com o seu zoológico pessoal para a nova residência, em julho de 1972, recebeu visita de “Sua Majestade”, como consta do longo texto escrito no dia 20 daquele mês e ano, no seu fiel diário. A conversa entre eles foi igualmente longa. Foi nessa ocasião que o faraó lhe disse que foi graças ao aprendizado no culto do Senhor da Força, quando estudou “poderes mágicos”, que estava podendo comparecer, agora, perante ela “como homem vivo”.

Ela desculpou-se por lhe fazer tantas perguntas sobre assuntos tristes e, então, ele pediu que ela apagasse a luz, levantou-se, deitou-se na cama e lhe disse: “Venha, minha amada, envolva-me em teus braços até que eu me vá.”

“Foi assim – conclui ela – que passamos o resto da noite. Antes de partir, Seti me prometeu voltar em breve.”

Segundo o biógrafo (Cott, p. 106), ele cumpriu a promessa e visitou Omm Sety na noite seguinte e muitas outras noites durante as próximas semanas, como consta de seu diário. Como em 29 de julho, por exemplo. O faraó abraçou-a tão fortemente que ela quase perdeu o fôlego e lhe perguntou: “O que você fez comigo, Bentreshit? Não consigo ficar longe de você!”

Nada havia feito ela, senão pensar nele com todo o seu amor, como sempre. No desespero da separação, ele perguntou, talvez a si mesmo, sem esperar resposta definitiva e salvadora: “O que faremos?”

Ela lembrou sensatamente do compromisso: “Temos de ser

pacientes e lembrar que teremos toda a eternidade juntos.”

Por trás deles, seguindo-lhe os passos, estavam os olhos vigilantes dos severos e afetuosos membros do Conselho.

Foi somente a Hanny El Zeini que Omm Sety confidenciou seus mais secretos pensamentos e a quem ela contou toda a história de sua vida. Ninguém a conheceu melhor do que ele; e é importante, pois, apurar e dizer algo sobre sua notável colaboradora e “melhor amiga”. (Cott, p. 130)

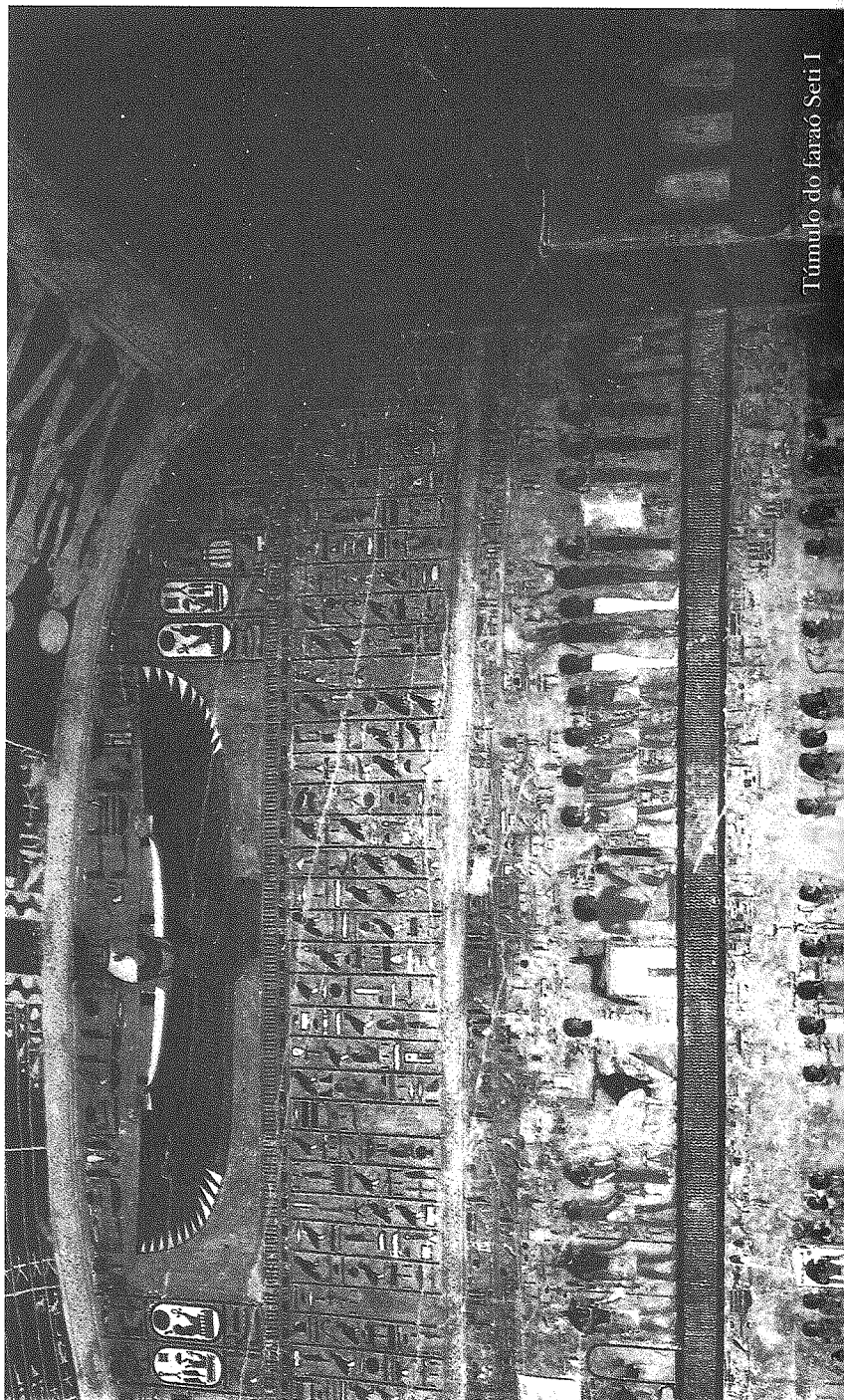
No seu texto – incluído, como vimos, no livro de Cott – Zeini menciona a pureza dessa amizade e admiração por ela, mas confessa ter levado “vários anos para acreditar em sua história, em seus mais extraordinários detalhes”.

Omm Sety não fazia questão alguma de convencer ninguém da autenticidade de suas excentricidades. Pelo contrário, especialmente no problema de seu relacionamento amoroso com Seti I. Respondeu ao dr. William Murname, com expressivo silêncio a uma abordagem indireta e sutil, mas, ao mesmo tempo, indiscreta e que deixou bem claro a ele que “ela ficou a imaginar o que o teria levado a tocar no assunto”. (Cott, p. 170)

Ele acha até que mereceu aquele tratamento, dado que se arrependeu, na hora, da abordagem indiscreta. Sobre isso, escreveria mais tarde:

Ao contrário da maioria das pessoas tidas por excêntricas, Omm Sety não estava ansiosa por empurrar pela garganta de ninguém suas crenças e sentimentos pessoais. Considerava-os assuntos pessoais de natureza reservada e isso era tudo. (*apud* Cott, p. 171)

A não ser ao dr. Zeini, ela se manteve sempre discreta naquilo que considerava acertadamente problema seu apenas, embora se referisse ocasionalmente à sua ligação anterior com Seti a pessoas com as quais sentia certo grau de afinidade.



Túmulo do faraó Seti I

Esfinge a decifrar

Jonathan Cott encerra a biografia propriamente dita de Omm Sety, embora ainda tenha muito a dizer sobre ela, em dois módulos finais. O primeiro deles, no qual reproduz o notável texto e os desenhos dela – assinados com seu nome de origem (Dorothy Eady) – sob o título “*A dream of the past*” (Um sonho do passado). Trata-se de um estudo baseado em baixo-relevo muito bem preservado no túmulo de Ti, em Sakara. Ti – explica ela – foi um homem de origem humilde, que, por indiscutível competência, conquistou as boas graças do faraó Nefer-ir-ka-Ra, da quinta dinastia (cerca de 2446-2426, antes da era cristã). Esse monarca – continua –, notável por seu caráter bondoso e democrata, promoveu Ti a sucessivos cargos honrosos e de responsabilidade, até tornar-se um dos mais poderosos nobres do país. Além disso, o faraó Nefer-ir-ka-Ra deu-lhe em casamento uma das jovens da família real, a graciosa Nefer-hetep-es, e concedeu aos filhos do casal o título nobiliárquico de príncipes.

No segundo módulo, intitulado “Epílogo: em busca de Omm Sety”, o autor oferece uma longa e bem pesquisada avaliação da extraordinária personalidade de sua biografada e entrevista numerosas pessoas de destaque intelectual, profissional e cultural que a conheceram de perto ou que têm algo interessante a dizer sobre as singularidades e excentricidades que lhe foram atribuídas e sobre os enigmas suscitados pela rica fenomenologia que ocorria com ela e à sua volta.

Antes disso, porém, vamos ler um esplêndido texto no qual ela declara seu amor incondicional à sua muito querida Abidos, onde a menina-moça Bentreshit e o faraó viveram, há trinta e dois séculos, inesquecível paixão proibida.

Para aqueles que a amam, Abidos ainda vive seus mistérios. Outros ouvidos que não os meus ouviram música à noite no Saguão do Hipostilo⁸⁹ do templo de Seti. O tilintar dos sistros,⁹⁰ a batida de um tamborim e o lamento de uma flauta de junco têm sido ouvidos ali. Tenho visto o brilho dourado de uma candeia na capela dedicada ao culto de Osíris, sem que qualquer candeia ali estivesse acesa; ali estive, de pé e sozinha, à noite, no Pega-the-Gap, na primeira noite da Grande Festa de Osíris, ouvindo o uivo dos chacais. Mas, quando a meia-noite chegou, calaram-se os chacais, um profundo silêncio se fez e, de repente, senti como se estivesse no meio de uma grande multidão. Nada podia ver, senão o deserto iluminado pelas estrelas, mas, à minha volta, ouvia a respiração de numerosas pessoas e o suave sussurro de pés calçados de sandálias, pisando a areia. Caminhava eu no meio da multidão invisível rumo às muralhas de Kom El Sultan. E então, parece que toda aquela gente passou pelo portão e desvaneceu-se no passado. E eu fiquei ali ao relento, fria e abandonada no presente.

Poesia pura! E da melhor, porque iluminada pelas misteriosas candeias da emoção.

Segue-se a esse belíssimo texto um comentário não menos poético do autor:

⁸⁹ Aurélio: “compartimento cujo teto é sustentado por colunas”.

⁹⁰ Aurélio: “Antigo instrumento egípcio de percussão, que consistia num pequeno arco metálico atravessado horizontalmente por pequenas hastes também de metal, as quais, agitadas por meio de um cabo, produziam som agudo e prolongado: ‘Crótalos, búzios, tímpanos, badalos, / Sistros ressoam!’ (Martins Fontes, *Verão*, p. 21)”.

Mas, certamente, ela já fez sua jornada pelo portal que se abre para o ocidente, onde, sem dúvida, encontrou-se com seus queridos amigos e, no dizer dos *Textos da Pirâmide*, “ela dorme para que possa despertar e morre para poder viver”.

E isso me remete a outras vinhetas guardadas em secretas gavetas mágicas de minha própria memória. A primeira delas – citada pelo muito amado Frédéric François Chopin, ao escrever que a gente só está vivo de fato, quando adormecido. E a segunda, do não menos querido Francesco, o *Poverello*, aquele do “é morrendo que nascemos para a vida eterna”.

E mais: não é verdade que os versos do santo-poeta da Úmbria fazem lembrar poemas ainda mais remotos, como os de Akhen-Aton?

Omm Sety que me desculpe por trazer o faraó herético para o âmbito de um livro dedicado à história pessoal dela. Estou ciente de que você, Omm Sety, jamais o perdoou por ter colocado Aton acima de Osíris e a questão religiosa acima da glória política da mui sagrada terra de Kem. Mas isso são águas passadas pelos moinhos da eternidade e eu espero, desejo e creio que, a esta altura, você já o tenha perdoado, mesmo porque “é perdoando que somos perdoados”.

Afinal de contas, os sonhos que sonhamos, todos eles, giram em torno de um futuro de paz, de entendimento e de amor entre todos nós, irmãos e irmãs, criados como “individualizações do princípio inteligente” e, portanto, portadores da mesma centelha divina, testemunha da Grande Presença em nós.

*
* *

Depois de narrar – e muito bem – a história de Omm Sety, Jonathan Cott resolve contar como se viu irresistivelmente atraído por ela, por que a escreveu e as pesquisas subseqüentes que realizou, no empenho de entender melhor sua singular figura humana. É como se fosse a história dele, dentro da

história dela. Sua busca, enfim, no esforço de decifrar, ele próprio, a enigmática personalidade de sua biografada.

Começou tudo – depõe ele – em 17 de abril de 1979, quando leu um artigo intitulado “*A Long Life (How Long?) Given to Pharaohs Ruins*” – Uma longa vida (De que tamanho?) dada às ruínas dos faraós. O texto vinha estampado na página 8 do *Times*, de Nova Iorque, e fora escrito por Christopher W. Wren, chefe do birô do *Times*, de Araba El Madfuna, no Egito. Assunto: uma velha senhora inglesa por nome Omm Sety, que teria vivido há 3.200 anos, durante a décima nona dinastia, ao tempo de Seti I e Ramsés II e que se sentia perfeitamente à vontade, entre aquelas ruínas por tanto tempo esquecidas nas areias do deserto.

A estranha “senhora inglesa transplantada” vivia sozinha com seus bichos, numa casa precária feita de tijolos de barro numa aldeia no Alto Egito.

Impressionado com a matéria jornalística, tida por ele como “fascinante”, dessas que ficam rodando na cabeça da gente, Cott recortou o artigo e o guardou em seus arquivos na expectativa de que, um dia desses, pudesse ficar conhecendo aquela mulher tão extraordinária.

Dois anos depois, em abril de 1981 – vocês já notaram a frequência do abril na vida de Omm Sety? –, Cott estava relendo *The wonderful wizard of Oz* (O mágico de Oz), quando deu com a seguinte passagem:

Dorothy começou a soluçar... dado que se sentia sozinha no meio de toda aquela gente desconhecida. Parece que suas lágrimas tocaram o bondoso coração dos Munchkins, pois eles logo apanharam seus lenços e começaram a chorar também. A Feiticeira do Norte apanhou sua própria touca, equilibrou-a na ponta do nariz e contou: “Um, dois, três!”, numa solene entonação de voz. Subitamente a touca se transformou numa lousa, na qual estava escrito em letras grandes e brancas de giz: “DOROTHY DEVE IR PARA A CIDADE DAS ESMERALDAS.”

A pequena e velha senhora apanhou a lousa que lhe

pendia do nariz, leu o que estava escrito ali e perguntou:

– Seu nome é Dorothy, minha querida?

– Sim, senhora – respondeu a criança, enxugando as lágrimas.

– Então, você deve ir para a Cidade das Esmeraldas.

Por alguma razão inexplicável, Cott lembrou-se da *outra* Dorothy, que empreendeu viagem tão extraordinária, a fim de “voltar para casa”, como a órfã da historinha que tanto desejava a companhia de sua tia e de seu tio, na fazenda deles, no estado de Kansas, de onde havia sido carregada por um ciclone para a terra de Oz.

Afinal de contas, pensou Cott, o destino de Dorothy Eady, a futura Omm Sety, era, de certo modo, a própria Oz, a “terra antiga” do Egito a que se referiu Percy Bysshe Shelley, no seu famoso soneto “*Ozymandias*”.⁹¹

De surpresa em surpresa, Cott confessa que jamais havia prestado atenção ao fato de que o título do soneto começava com as letras OZ!

E não era só isso. De repente, ocorreu-lhe que o ‘mágico’, na vida de Dorothy Eady, seria o próprio faraó Seti I, que ela imaginava (diz Cott, p. 198), de modo misterioso, ter conhecido e até amado. E que Seti I foi o pai de Ramsés II, o “rei dos reis”, que constitui objeto do poema de Shelley!

Para Dorothy Eady, portanto, Abidos era a verdadeira Cidade das Esmeraldas da encantadora historinha de L. Frank Baum, autor de *O mágico de Oz*. Era para lá que a menina inglesa teria de ir, sem saber como nem quando, atraída irresistivelmente pelo desejo de voltar para casa, depois que o ciclone a arrancou do solo e arrastou-a para a desconhecida terra de Oz, onde só sabia chorar a ausência de seus amores.

Então, concluiu Cott, Christopher Wren, correspondente do *Times*, no Egito, a localizara em Abidos!

Cott queria saber, agora, como foi e o que fez ela para chegar à sua estranha Cidade das Esmeraldas, disfarçada de Abidos, no Egito.

⁹¹ Sobre *Ozymandias*, nome atribuído a Ramsés II, ver módulo próprio com esse título, na “Leitura Suplementar”, ao fim deste livro.

Por isso, em meados de abril de 1981, dirigiu-se à Embaixada do Egito, em Washington, onde foi recebido por um adido cultural muito gentil, que lhe disse ter estado várias vezes com Omm Sety, que era, “de fato, uma mulher notável”.

Prontamente enviou um telegrama ao Departamento de Antigüidades Egípcias, no Cairo, solicitando, se possível, que fosse agendada uma entrevista dela com Jonathan Cott.

Era tarde demais. Uma semana depois, o *attaché* da Embaixada do Egito, em Washington, telefonou a Cott para dizer-lhe que Omm Sety havia morrido há poucos dias, em 21 de abril, dois anos após seu futuro biógrafo haver lido o “comovente relato de Christopher Wren, no *Times*, de Nova Iorque”.

Perdeu, assim, por alguns dias, a oportunidade de conhecer a lendária e singular egiptóloga, depois de ter adiado por dois anos a decisão de vê-la...

Wren – apurou Cott mais tarde – fora correspondente do *Times* no Cairo entre 1977 e 1980, quando seu amigo Don Schanche, também com base na capital egípcia, escrevia para o *Times* de Los Angeles, no qual publicou seu texto sobre Omm Sety, em 1977. Como Wren teve, em 1979, um compromisso profissional em Asyut, no Alto Egito, Don lhe falou algo sobre Omm Sety e sugeriu-lhe que reservasse algum tempo para uma visita a ela.

Na avaliação de Wren, Don era “um repórter experimentado, um tanto agnóstico⁹² e desconfiado”, ou seja, não fazia o tipo de pessoa que aceita tudo quanto lhe digam. Bem, pensou Wren, se Don se interessava por Omm Sety, então estava resolvido: também ele deveria encontrar-se com ela.

92 Aurélio, novamente: “Segundo Thomas Henry Huxley (1825-1895), naturalista inglês, posição metodológica que só admite os conhecimentos adquiridos pela razão e evita qualquer conclusão não demonstrada. 2. Atitude que considera inúteis as discussões sobre questões metafísicas, já que estas tratam de realidades incognoscíveis. 3. P. ext. Doutrina, ou atitude, que admite uma ordem de realidade que é incognoscível.”

Ao chegar a Abidos, acompanhado da esposa, perguntou a alguém onde morava Omm Sety, foi até lá e bateu à porta. Foram atendidos por “uma senhora de cabelos brancos, em tufos, e brilhantes olhos azuis”. Sim, ela era Omm Sety, respondeu. Ela vivia em extrema pobreza numa choça diminuta e sem conforto. Sentaram-se por ali mesmo no quintal e ficaram em animada conversa durante quatro horas até a noitinha, bebendo chá, naturalmente.

Christopher Wren e a esposa não se decepcionaram com a amável interlocutora. A avaliação dele sobre ela é um bom exemplo de bom jornalismo em excelente texto.

Gostaria de traduzi-lo e transcrevê-lo todo, mas é um tanto longo para os nossos propósitos de economia de espaço. Opto por um resumo no meu fosco estilo.

Omm Sety falou ao casal, de sua vida. Depois de referir-se às suas encarnações anteriores, acrescentou a rir que isso poderia levar as pessoas a concluir que ela é um tanto doida.

Quanto mais o jornalista se informava, mais claramente percebia o quanto era, de fato, extraordinário aquele relato. Estava, pois, diante de “uma impressionante e maravilhosa pessoa, dotada de admirável senso de humor”. E quando a gente vê um super-repórter como Wren esbanjando qualificativos já de si mesmos hiperbólicos, então é porque aquilo que ele ouve mexe com suas emoções.

Conversaria, posteriormente, sobre ela com vários intelectuais de reconhecida erudição e eles foram unânimes em declarar que, “abstraída a condição de ser autêntica ou não sua história pessoal, ela realmente sabia tanto sobre Abidos quanto qualquer egiptólogo”.

Em muitos aspectos – acho eu – ela demonstrou saber mais do que eles, com suas intuições e a ‘visão retrospectiva’ arquivada em sua prodigiosa memória integral há mais de trinta e dois séculos. Há ocasiões, como tivemos oportunidade de ver, nas quais ela é explicitamente ajudada pelas entidades espirituais que a assistem do lado invisível da vida. Uma dessas ocorre quando ela, parada diante de uma inscrição

hieroglífica indecifrável, recebe ordem de uma voz que lhe ordena que leia o que está escrito ali e ela assim o fez. De outra vez, afirmou que havia por ali, uma fonte e raízes de antigas árvores que faziam parte do antigo e desaparecido jardim do templo.

Um trabalhador que acreditava nela e em seus 'palpites', cavou o lugar indicado e não deu outra – lá estava a água e os tocos de remotas árvores decorativas.

James P. Allen, do Centro Americano de Pesquisas, no Egito, lhe diria mais tarde, em conversa com Wren, que Omm Sety era "a santa padroeira da profissão" (de egiptólogo).

A despeito de explicitamente fascinado pela história pessoal dela – e veremos essa mesma atitude em outros depoimentos – Christopher Wren coloca discretas ressalvas ao relatar esse primeiro encontro com ela. "O que mais me intrigava em tudo aquilo – diz ele (Cott, p. 199) – é o fato de que, acima de tudo, ela se mostrava lúcida e racional... *especialmente se considerarmos a natureza bizarra de sua história.*" (Destaque meu)

Ou seja, ela teria de ser, necessariamente, confusa e irracional, em vista de suas extravagantes idéias como reencarnação, espíritos, vida póstuma e coisas desse tipo, tidas por indignas da atenção de uma pessoa 'normal'.

Omm Sety pouco estaria ligando para opiniões como essa, mesmo porque não tinha ela outra história para contar a seu respeito – era aquilo mesmo: um espécie de noviça rebelde do templo de Osíris que cometera duas faltas gravíssimas, imperdoáveis pelo sistema vigente no Egito dos faraós, há trinta e dois séculos: desrespeitara o severo código de posturas que regia o sistema e, ainda mais, suicidara-se, depois de haver seduzido ou se deixado seduzir pelo poderoso Seti I. Depois dessa longuíssima e sofrida separação, voltara reencarnada em outra vida, em pleno século vinte, para cumprir a programação daquela remota existência.

Ela, porém, nada tinha a lamentar, pois, ao fim de sua conversa com Wren, declarou que sua volta à terra, em outro corpo físico, mais do que valeu a pena. E acrescentou: "Eu não

mudaria nada." E, apontando para o túmulo que construía para si mesma, declarou que, quando chegasse a hora de ir-se embora, "bastaria remover as placas de concreto que encobriam a cova e me empurrar para dentro dela".

Em janeiro de 1985, cerca de quatro anos depois da morte de Omm Sety e já empenhado nas suas palavras, a "investigar o mistério de Omm Sety e escrever a biografia dela, Jonathan Cott foi a Abidos em visita aos lugares onde ela se ocupara em viver, no presente, sua remota existência no Egito de trinta e dois séculos antes, a vida que ficara como que 'devendo' aos seus deuses, seus amigos espirituais e, principalmente, a si mesma.

Sentara na pequena horta no quintal, na qual Omm Sety conversara com Christopher Wren e a esposa.

Ao contrário do que anunciara ao casal Wren, o túmulo que ela própria construía encontrava-se vazio, pois as autoridades sanitárias locais não haviam permitido o enterro naquele local, de seu velho corpo cansado, sofrido e embalado num saco de plástico, como estava planejado, e sim numa área inabitada no deserto, não muito longe do templo de seu querido deus e senhor Osíris.

Ainda havia por ali algumas verduras, como cebolinha, espinafre, agrião e tomilho; não mais as que ela plantara, e sim cultivados por Ahmed, seu filho adotivo, cujo pai era aquele mesmo vigia noturno que ela encontrara ao desembarcar do trem que a levava a Balyana, em 1952, por ocasião de sua primeira peregrinação a Abidos.

Ali, Cott ficou, em silêncio, observando a sombra das laranjeiras a se moverem lentamente pelo chão à medida que o sol (Rá) deslizava nas alturas do céu límpido, ouvindo o alarido dos macacos, a gritaria das crianças e o latido dos cães.

Ao aproximar-se, afinal, da entrada da casa de tijolos de barro, que, agora, pertencia a Ahmed, um lagarto fugiu espavorido.

Lá dentro, a 'sala' principal – mero cubículo de menos de um metro quadrado, aliás, o escritor diz que eram 3 pés por

3 pés, o que dá apenas cerca de 90 centímetros quadrados. Isso para o cômodo principal da casa (que casa?). Uns poucos objetos avariados de uso da antiga moradora podiam ser observados: a cama, um guarda-roupa vazio – as roupas haviam sido enterradas com ela –, um fogareiro Bunsen à gás, ao lado de um bule de chá quebrado, duas imagens primitivas de Ísis e Hórus, que ela mesma moldara no barro que ela colocara num pequeno nicho numa das paredes, acima do qual repousava um queimador de incenso e um grande pôster fotográfico que exibia, em *close*, a cara de um gato tendo, acima da cabeça, os dizeres, que pareciam ter sido transcritos de uma declaração universal dos direitos felinos: “Todo gato tem o direito de comer peixe”. Nada mais típico para Omm Sety.

Havia também, um arremedo de estante cheia de brochuras que ela ganhara de turistas.

Em seguida – e aí o surpreendido sou eu, que vos fala neste momento – escreve Cott: (p. 200):

Um livro, em particular, capturou meu olhar [o verbo é do autor: *caught*] *Pilgrimage to the rebirth*, de autoria de Erlo van Waveren. Curiosamente, eu mesmo já havia deparado com esse pequeno livro, escassamente conhecido, contendo notável relato de um caso de reencarnação e que eu encontrara apenas umas poucas semanas antes de embarcar para o Egito. A obra me deixou um tanto perturbado, mas comovido pela estranha e dramática confissão – uma espécie de alegoria da alma – sobre as ‘vidas anteriores’ do autor, um psiquiatra.⁹³ Havia ido inesperadamente⁹⁴ ao consultório de van Waveren, em Nova Iorque, e combinara uma entrevista com ele assim

93 O autor menciona nominalmente três de tais reencarnações: o arcebispo Fénelon, santo Astério e o profeta Judas Barsabás. Uma retificação por minha conta: Judas Barsabás não foi profeta e sim discípulo de última hora do Cristo e que exerceu marcada influência nos primeiros tempos do cristianismo nascente.

94 ‘Inesperadamente’ não é minha tradução predileta para a curiosa e colorida expressão do original: ‘*out of the blue*’. Teria preferido, ainda que menos formal, a alternativa sugerida pelo modesto e competente *Mimi Collins Dicionário*, da Harper’s (publicado no Brasil pela Siciliano, em 1991, 2ª edição em 1994), ou seja, ‘de estalo’. Você decide, leitor.

que retornasse aos Estados Unidos, a fim de discutir a temática da reencarnação. E agora – comenta a seguir –, numa estante caindo aos pedaços numa palhoça de barro no Alto Egito, novamente topo com um exemplar do livro que, desde sua publicação pela Samuel Weiser, Inc., em 1978, vendeu apenas cerca de quinhentos exemplares.

O encontro com van Waveren ocorreu alguns meses após e o analista se mostrou “muito surpreso” de que Cott tenha encontrado o livro dele na casa “daquela mulher, lá no Egito”. E acrescentou:

– Talvez o fato de ler o livro e, depois, encontrá-lo novamente seja sinal de seu interesse pela reencarnação.

– Não estou certo de que eu acredite na reencarnação – respondeu o escritor.

– Ah, isso é porque o senhor ainda não teve nenhuma experiência com isso... Mas, talvez venha a ter – comentou van Waveren, com um sorriso.

Tinham os dois muito que conversar.

Cott descreve van Waveren como “um homem de aparência distinta, elegantemente vestido e tinha, à época, 82 anos de idade.

O leitor poderá conferir tais referências examinando a foto do dr. van Waveren que publiquei em meu livro intitulado *As sete vidas de Fénelon*, devidamente autorizado pelo sr. Olivier Bernier, diretor da The Ann and Erlo van Waveren Foundation, de Nova Iorque. O analista está sentado numa poltrona, provavelmente no seu consultório, o mesmo talvez, onde recebera Jonathan Cott, em 1984.

Van Waveren nasceu em 1902, na Holanda, em família de classe média alta, muito bem sucedida no negócio internacional de flores e morderia no ano seguinte ao da entrevista, em 16 de novembro de 1985, aos 83 anos. Cott acrescenta a informação de que Ann, a esposa, morreu, trinta e cinco dias depois, em 21 de dezembro, precisamente quando comemoravam cinquenta anos de casados. Casamento, aliás, que foi pura vivência de uma idílica história de amor e mútua admiração.

Tanto quanto Cott se surpreendeu ao reencontrar, na 'palhoça' em que viveu Omm Sety, aquele livro do qual não se vendeu mais do que quinhentos exemplares, me surpreendendo eu ante o fato de estar como que envolvido nessa curiosa e quase ignorada obra.

Creio que vale a pena recontar, resumidamente, a história de como eu entro nisso.

Para isso, basta transcrever os dois primeiros parágrafos da "Introdução" feita para *As sete vidas de Fénelon*:

Pesquisava eu o material com o qual construiria meu livro *Alquimia da mente*, quando encontrei em *Your past lives*, de Michael Talbot, menção à curiosa experiência vivida pelo dr. Erlo van Waveren, ao resgatar esquecidas memórias de algumas de suas mais dramáticas existências anteriores, a começar, retrospectivamente, pela que teria vivido na França, como Fénelon (1651-1715), arcebispo de Cambrai, ao tempo de Luís XIV.

O caso continha os ingredientes habituais de meu interesse pessoal: história, biografia, teologia, regressão de memória e reencarnação. Àquela época, porém, *Alquimia da mente* constituía projeto prioritário e eu não poderia abandoná-lo para seguir outras pistas. Além disso, eu não dispunha de dados suficientes para avaliação do assunto em maior profundidade.

Mandei vir um exemplar de *Pilgrimage to the rebirth* – um dos quinhentos exemplares vendidos a que se refere Jonathan Cott.

Trata-se [continua meu texto, pouco adiante] de um fascinante depoimento. Pensei até em traduzir o livro para publicação no Brasil. Cheguei a trabalhar na tradução, mas me deixei persuadir, por uma amiga que também lera a obra, a abandonar a tarefa.

Realmente, o dr. van Waveren despejou sua história pessoal, ainda aquecida pelas emoções suscitadas, em

moldes literários, filosóficos e psicológicos tão esdrúxulos que a tornam praticamente ininteligível, como um obscuro texto alquímico medieval. Aliás, ele recorre, com certa freqüência, ao jargão da alquimia.

Preferi, por isso, recontar o drama vivido pelo ilustrado analista, fazendo um levantamento das personalidades histórias que ele alegava ter vivido no passado, ou seja: Judas Barsabás, santo Astério, Wilfrid, Walter de Gray e Fénelon.

Mas ele mencionara, em breve referência no início de seu texto, que seriam dez as vidas reveladas nas suas regressões, sonhos, fenômenos mediúnicos de psicografia e vidência.

Em edição posterior ampliada, provavelmente de tiragem também escassa, ele desenvolveu bem mais a temática das vidas apenas sugeridas, entre elas as do profeta Isaías, o primeiro deles, e o chamado dêutero-Isaías, ou seja, o segundo, e mais o rei selúcida Antíoco IV (176-164, antes de Cristo), de Comagene. Este último, monarca belicoso, derrotou o Egito, que tentava conquistar a Palestina, e, por sua vez, invadiu e ocupou o Egito até ser expulso de lá pelos romanos, mais tarde. Esse mesmo rei é acusado de tentar suprimir o judaísmo pela força, do que resultou a rebelião dos macabeus.

Mas, como vinha relatando, o encontro Cott-van Waveren deu-se numa "bela casa de pedra acastanhada", em Nova Iorque, que continha extraordinário acervo de quadros antigos e modernos, e objetos religiosos recolhidos pelo mundo afora; mas a peça central de sua coleção era um raro e anônimo retrato alemão, do século dezesseis, de Paracelsus, o grande médico, filósofo e alquimista.

Van Waveren, como contei em *As sete vidas de Fénelon*, abandonou os rendosos negócios da família para, no seu dizer, "tornar-se um terapeuta de orientação junguiana".

E acrescentou: "Digo orientação junguiana, porque temo ser considerado uma 'ovelha negra' nos círculos junguianos oficiais."

Não consta do texto da entrevista de Cott por que razão van Waveren era rejeitado pelos junguianos mais próximos e

tradicionais do mestre suíço. Em seu livro, ele revela, contudo, não ter formação universitária, nem em medicina, como de praxe para os que optarem pela psicanálise. Jung e ele se tornaram grandes amigos e até confidentes.

Encontraram-se pela primeira vez em 1935 e, antes de iniciar sua prática terapêutica em Nova Iorque, em consultório geminado com o da mulher, a dra. Ann van Waveren, Erlo – esquecia-me de dizer o nome dele – fizera terapia com o próprio Jung e freqüentara conferências e seminários particulares promovidos pelo mestre, em Zürich. Havia, aliás – não sei se ainda prevalece –, o conceito de que os analistas não precisavam ser, necessariamente, médicos. Pelo menos, era essa a posição de Freud.

Sabemos todos que, dotado ele próprio, como também van Waveren, de apurada e variada gama de faculdades mediúnicas e anímicas, Jung jamais conseguiu administrar adequadamente seu relacionamento com a realidade espiritual, apesar de que sua tese de doutorado foi centrada no estudo da mediunidade de uma prima sua.

Toda a sua longa vida gira em torno da fenomenologia, digamos, espírita, que ele testemunhava consigo mesmo, de um lado, mas rejeitava sistematicamente, de outro, ou, pelo menos, sem assumir a responsabilidade pelas conclusões e evidências que lhe foram oferecidas.

É fato conhecido que ele viveu essa dualidade até o fim. Ao que parece, não queria ‘comprometer’ seu trabalho científico com aquilo que Freud denominou “a onda negra do ocultismo”, observação, aliás, que o criador da psicanálise fez ao próprio Jung, de modo veemente, como se fosse uma voz de comando ao jovem discípulo. Na verdade, Freud queria dele um compromisso, quase um juramento, de que jamais se deixaria arrastar pela temida onda.

Com o tempo, se separaram, pois Jung preferiu seguir seu próprio caminho, em aberta dissidência com seu antigo guru. De qualquer modo, a impressão que fica – pelo menos é a minha – é a de que a severa advertência de Freud no sentido de que ele, Jung, não se deixasse envolver pela fenomenologia

tida como sobrenatural ou, no mínimo, extra-sensorial, parece ter criado na mente do discípulo mais jovem do mestre vienense uma inibição que resultou num bloqueio consciente e deliberado a tudo quanto lembrasse manifestações desse tipo.

Não estou dizendo nenhuma heresia, nem aventando novidades com essa observação – basta ver, por exemplo, o livro *Freud, Jung and Occultism*, de Nador Fodor,⁹⁵ comentado em meu livro *Alquímia da mente*.

Aliás, nem precisamos ir muito longe, pois aqui mesmo, na biografia de Omm Sety que estamos a examinar, encontramos explícita opinião de Cott, segundo o qual, “Na sua bela autobiografia – *Memórias, sonhos, reflexões*⁹⁶ – Jung aborda, mas contorna [skirts – diz o original, que também significa saia] a possibilidade da reencarnação.”

E cita o próprio Jung, ao dizer:

Poderia, muito bem, imaginar que eu possa ter vivido em séculos passados e que dei com questionamentos que ainda não tenho como resolver; que eu tenha de nascer de novo por não ter realizado a tarefa que me foi confiada...

Aliás, tinha ele perfeita consciência de estar negligenciando a missionária tarefa de introduzir, com sua indiscutível autoridade, o conceito da reencarnação na ciência de sua época. Afinal de contas, ele viveu sessenta e um anos no século vinte, dado que morreu aos 86 anos de idade, em 1961. Poderia ter deixado a marca de sua presença renovadora nas ciências da alma e o mundo nunca mais seria o mesmo e nem a vida das pessoas que nele habitam.

Além disso, como ele mesmo, Jung, conta, em *Memórias, sonhos, reflexões*, em um desdobramento memorável, ele foi levado, em espírito, a um grupo de entidades ao qual, no seu dizer, ele pertencia, explicitamente para ser cobrado do

95 University Books, 1971, New Hyde Parke, New York.

96 Tradução brasileira publicada pela Nova Fronteira, Rio, sem data.

compromisso que assumira quanto à introdução da realidade espiritual no bojo da ciência contemporânea – o que não estava cumprindo e nem cumpriu enquanto esteve por aqui, entre os viventes na carne.

A propósito disto, devo mencionar a realidade de grupos como aqueles que figuram na história de Omm Sety e mais, no livro como “*The Council*”, ou seja, “O Conselho”, longamente estudado pelo terapeuta regressivo americano, Michael Newton, Ph.D., na obra intitulada *Destiny of souls*.⁹⁷

Examinaremos esse livro mais adiante.

Do que apurou Cott, em sua entrevista com van Waveren, Jung acreditava na reencarnação. Vejamos o que disse o entrevistado, naquela ocasião (Cott, p. 202):

Falei, certa vez, com o professor Jung sobre este assunto e posteriormente a mulher dele me procurou para dizer: “Não fale a ninguém sobre isso, pois os tempos ainda não estão maduros.” Isso aconteceu em 1950 e eu mesmo tive um sonho de advertência que me dizia que não mencionasse abertamente tal assunto. No sonho, eu conversava com um sacerdote acerca da reencarnação e rasguei minha roupa numa ponta de ferro. Por isso, me mantive em silêncio, porque a palavra à qual Jung queria para provar que havia de fato essa coisa chamada *psique* não estaria compatível com a noção de reencarnação. Hoje – continua o depoente –, muitas pessoas, especialmente jovens, se interessam pela questão, por estarem interessadas nas raízes da vida. Como fiz eu mesmo em meu livro, parafraseando São Paulo: “As trombetas soarão e os mortos ressuscitarão, incorruptíveis, e nós não morreremos.”⁹⁸ São Paulo disse isto há vinte séculos, mas, hoje, podemos dizer de novo que os mortos

97 Llewellyn publications, St. Paul Minnesota, 9ª edição.

98 A citação de Van Waveren não está muito precisa. O que se lê (I Cor. 15,52), é o seguinte: “ao toque da última trombeta, soarão as trombetas, os mortos ressuscitarão, incorruptíveis, e nós seremos transformados”.

retornam, incorruptíveis, ao estado de percepção que tinham em séculos passados a darem continuidade à consciência psíquica tanto agora como no futuro. Agora que eu próprio me encontro com mais de oitenta anos de idade, posso dizer-lhe que o professor Jung me informou que ele havia estado de volta (à vida na carne) a cada cem anos, desde o século treze. Disse-lhe que eu tive apenas duas encarnações durante aquele período e ele me olhou e disse: “Você é preguiçoso!” E eu lhe perguntei: “E você não descansa nunca?” E ele me retrucou: “Ah, sim, eu descansei durante mil anos.” Jung me contou vários de seus sonhos – eu os anotei – que me revelaram uma série de suas encarnações.

A essa altura do diálogo, Cott (p. 202) comenta com o seu entrevistado que Jung preferiu, como Buda, deixar em aberto o problema da reencarnação. E lembra que o livro de van Waveren menciona logo no parágrafo de abertura o sonho que ele teve, no qual Buda lhe apareceu saindo de um buraco redondo – que ele explica(?) como sendo o Buraco Sagrado da Eternidade –, deu alguns passos até os pés de sua cama, sentou-se no assoalho na posição de lótus e determinou, mentalmente, que van Waveren deveria “sentar-se no seu regaço e descarregar seu sêmen em forma da cauda de um pavão, sobre seu peito”.

Essa imagem teria, segundo van Waveren, o seguinte sentido: “Dê-me o que você tem de mais íntimo e que pertença ao seu lado eterno... [pois] a cauda do pavão é um símbolo do renascimento do eterno retorno.”

Não se espante o leitor com a complicada linguagem do ilustrado psicanalista – ela é, mesmo, obscura e a leitura que ele faz de seus sonhos, vidências, textos psicografados e regressões espontâneas é sempre psicanalítica. Sei disso, porque enfrentei seu livro para escrever *As sete vidas de Fénelon*, mas não estou só nesta floresta terminológica; seus próprios colaboradores confessam, na segunda edição mais ampliada de seu livro, que muita coisa não pode ser relatada depois da morte dele, porque não se entendeu suficientemente sua linguagem, seus símbolos, imagens e mitos.

Mesmo assim, como se pode ver desta amostragem, aqui neste relato, há uma espantosa contradição em falarem livremente, ele e o dr. Jung, sobre suas vidas anteriores, sem assumir explicitamente a realidade da reencarnação.

No seu prefácio ao livro do marido, Ann van Waveren considera a reencarnação mera possibilidade e considera o livro “totalmente irrelevante perante as realidades da vida atual” e dirigido ao leitor de “mente aberta”, disposto a encarar “o lado irracional da vida”.

E “quem disse – me pergunto eu, em *As Sete vidas de Fénelon* (p. 19) – que a realidade espiritual é irracional?”

Afinal de contas, o livro de van Waveren e, em grande parte, os de Jung tratam de fenômenos mediúnicos e anímicos, que são da própria substância daquela realidade que os dois ilustrados psicanalistas testemunham em si mesmos e nos outros.

Especificamente sobre Omm Sety, van Waveren diz o seguinte:

Omm Sety, pelo que você me diz, descobriu suas vidas anteriores nos sonhos – e isso está absolutamente certo. Foi em *meus* sonhos que descobri que havia sido Fénelon, o arcebispo francês, controversa figura na corte de Luís 14. Tive de aceitar isso em vista do poderoso conteúdo emocional dos sonhos. Era tudo tão estranho para mim... e, de repente, comecei a me lembrar, em estado de angústia, coisas daquela existência e me sentia arrebatado, como se em êxtase, soluçando, soluçando... Subitamente, soube quem fora eu na existência anterior à de Fénelon. [O destaque está no original.] (Cott, p. 203)

A uma pergunta de Cott, sobre até onde teria mergulhado no seu passado, ele responde que “veio para cá pela primeira vez [como encarnado], 700 anos antes de Cristo”.

Veio de onde? – me pergunto eu. Só se teria sido de outro planeta, o que é admissível, pois não poderia encarnar-se pela primeira vez no contexto humano, como o profeta Isaías, com

toda a pujança de sua incontestável genialidade.

Cabem, aqui, algumas observações adicionais que, em vez de colocar como nota de rodapé, por serem muito extensas, prefiro ocupar algum espaço no texto principal, mesmo porque são relevantes.

Isaías nasceu aí por volta do ano 765 antes do Cristo e, a partir do ano 700, não se tem mais notícia dele. Foi em 740 que ele assumiu a condição de profeta, uma espécie de chamamento ocorrido no templo de Jerusalém.

Lê-se, na *Bíblia de Jerusalém* (Edição em espanhol),⁹⁹ o seguinte:

A ativa participação nos assuntos do país fez de Isaías um herói nacional. É, também, um poeta genial. O brilho de seu estilo, a originalidade de suas imagens converteram-no num ‘clássico’ da Bíblia. Seus textos têm uma força concisa, majestade e harmonia que jamais seriam alcançadas depois dele.

Há uma singularidade que precisa ser destacada no contexto deste livro que você está lendo.

A crítica moderna – adverte a *Bíblia de Jerusalém* – não reconhece como sendo de Isaías a segunda parte do livro de Isaías – capítulos 40-55 –, que seria de autoria de outro profeta, mas os organizadores dessa tradução da Bíblia consideram insuficientes os argumentos oferecidos em favor dessa hipótese e recomendam prudência aos exegetas católicos no trato desse problema.

Seja como for, o texto adicional que compõe os capítulos indicados são usualmente atribuídos à autoria de um dêutero-Isaías – o segundo Isaías –, em contraste com a primeira parte, que seria do primeiro, o proto-Isaías.

Essa discussão, que tem as características de mero tema para debate acadêmico entre teólogos e exegetas, assume aqui uma face nova, de vez que, na opinião de van Waveren, o Isaías segundo seria uma reencarnação posterior do Isaías primeiro.

⁹⁹ Estou consultando meu exemplar, em espanhol, de Ediciones Nauta, 1969, Barcelona.

Em outras palavras, ambas teriam sido reencarnações do próprio van Waveren, que, por sua vez, seria, ainda, Judas Barsabás, santo Astério, Wilfrid, Walter de Gray – ambos arcebispos de Iorque, na Inglaterra – e Fénélon, além de outras, que o analista não revela no seu livro, num total de dez.

Retomando, porém, o fio da narrativa, quando Cott pergunta quando ele acha ter se encontrado pela primeira vez com sua atual esposa (Ann), seu entrevistado responde que não a via há dois mil e quinhentos anos, pois estivera apaixonado por ela aí por volta do ano 500 antes de Cristo. Depois desse encontro, cada um teria seguido seu próprio caminho, separados, portanto.

Diz ainda ter “tido idéia” de haver conhecido sua mãe na existência em que viveu como Fénélon.

Confessa, contudo, ter sido muito difícil aceitar essas informações que lhe chegavam de uma dimensão espiritual e num contexto doutrinário ao qual, obviamente, ele não estava preparado para aceitar, ou melhor, tinha tudo na sua formação para rejeitar.

Pode-se testemunhar esse drama cósmico que se processa dentro dele, que fez de seu sofrido e angustiado depoimento pessoal um documento confuso e até contraditório, de vez que, ao mesmo tempo em que descreve o processo das convincentes revelações que lhe chegam, esforça-se, por outro lado, em não querer admitir a óbvia e lógica conclusão de que se trata ali, naquele contexto, da simples, lúcida e competente realidade das vidas sucessivas, ou seja, a reencarnação.

Diz ele, no livro, que o próprio Jung lhe recomendou, com toda a sua autoridade de seu mestre e amigo, que ele não deveria admitir publicamente que ‘aquilo’ fosse mesmo reencarnação. Usasse, por exemplo, termos vagos e inócuos como lembranças ancestrais.

Sem a respectiva autoridade, por óbvias razões, para decidir a questão para você que me lê, devo expor com leal e humilde convicção que a nebulosa teoria junguiana do inconsciente coletivo seria mera metáfora para livrar-se o mestre da incômoda e evidente realidade da reencarnação.

Parece que o eminente cientista suíço ainda estaria, consciente ou inconscientemente, marcado pelo veemente comando de Freud, que o fez jurar que jamais se deixaria envolver pela “onde negra do ocultismo”.

Por isso, a despeito de todas as dramáticas evidências em favor da doutrina da reencarnação que ambos, Jung e van Waveren, tiveram, recusaram-se a arriscar suas respectivas reputações profissionais e acadêmicas para cumprir a tarefa para a qual se haviam preparado na dimensão espiritual antes de se reencarnarem. Vimos isso, há pouco, em palavras inequívocas do próprio dr. Jung, cuja responsabilidade é dupla, por não ter cumprido o compromisso de atribuir a força da cidadania à doutrina das vidas sucessivas na ciência de seu tempo e, ainda, de haver impedido que van Waveren o fizesse.

Este, com as características de um discípulo muito especial, talvez igualmente programado para introduzir a reencarnação no contexto científico, também recuou ante a responsabilidade, recusando-se positivamente a reconhecer essa verdade, assumi-la e proclamá-la corajosamente; preferia continuar a pensar e fazer o que pensava e fazia como bem sucedido profissional da saúde mental, em Nova Iorque. Chega mesmo a confessar, com toda a pureza da candura, que almejava o aplauso, a glória mundana e o reconhecimento de seus pares e de seus amigos. Queria lecionar, escrever livros e deixar para trás, ao morrer, a reputação de um bom e fiel conservador, em vez de um rebelde contestador.

Foi um pena, dado que muita falta continua fazendo, à comunidade como um todo e às diferentes modalidades científicas, o conceito multimilenar da reencarnação que há tanto tempo está incorporado à cultura oriental.

Pelo menos para mim, vosso escriba, a entrevista com ele foi excelente como trabalho jornalístico de Jonathan Cott, mas van Waveren falou mais sobre si mesmo e sobre Jung do que sobre Omm Sety. O problema mesmo da reencarnação, objeto fundamental da pesquisa de Cott, me parece ter sido o de formular seu próprio juízo acerca dessa verdadeira pedra no

caminho de tanta gente culta e inteligente que, ao se deparar com a questão, faz o que o próprio biógrafo apontou no procedimento de Jung, ou seja, contorna, cheio de cuidados e ressalvas, a incômoda e 'controvertida' temática, que, ao vigilante meio acadêmico, pode suscitar suspeitas de que a pessoa esteja se envolvendo com o "ocultismo", como disse Freud a Jung e este a van Waveren.

Cott encerra sua entrevista, dizendo que van Waveren morreu em novembro de 1985. Vinte e cinco dias depois, partiu também sua muito querida esposa Ann. Seria aquele o ano em que comemorariam, juntos, as alegrias das bodas de ouro, o que certamente fizeram já de volta à dimensão espiritual, tão rejeitada pelo casal, a despeito de tão evidente e insistentemente demonstrada a ambos.

Cott tem outras entrevistas a oferecer, mas, entre a de van Waveren e a seguinte, com o astrônomo, cientista e escritor Carl Sagan, oferece algumas reflexões pessoais.

Para ele, ninguém jamais teria respondido conclusivamente às questões suscitadas pela 'vexatória' doutrina da reencarnação, o que está longe de ser verdadeiro.

A noção de reencarnação é uma dessas hipóteses, Nem refutável, nem irrefutável, dado que nunca foi demonstrado inequivocamente que ela ocorre ou não. (Cott, p. 204)

O leitor convicto da validade do conceito das vidas sucessivas – e eu sou um deles – deve considerar os que a negam com todo o respeito, sem arrogância ou intolerância. Discordar nada tem com desprezar, muito menos, com odiar. A declaração de Cott se reduz a uma postura estritamente pessoal, ou seja, *para ele* as evidências, os fatos e os argumentos de que dispõe não o convenceram, o que está longe de autorizar a conclusão de que a reencarnação seja uma simples hipótese desqualificada. Se alguma falha existe no procedimento de abordagem aos aspectos espirituais da vida, como é o caso com a doutrina das vidas sucessivas, não é suficiente para

considerá-la não-demonstrada. Isso porque tal abordagem é sempre feita com os instrumentos de busca padronizados pela ciência contemporânea para estudar a matéria bruta. Tanto quanto pôde entender vosso ignaro escriba, Einstein entendia a matéria não como uma coisa em si, surgida do nada, mas determinado *quantum* de energia concentrada. Há quem prefira expressar-se mais poeticamente, ao declarar que a matéria é "luz coagulada". Emmanuel, por exemplo. Objetos de pesquisa como os que compõem a realidade espiritual, no entanto, não se submetem à percepção da metodologia e da aparelhagem usualmente empregada para explorar a matéria densa. Aliás, que tipo de prova deseja o descrente para se convencer da verdade reencarnacionista, se o corpo físico ao qual o espírito se acopla para viver cada existência terrena nunca é o mesmo, embora composto basicamente dos mesmos ingredientes, vida após vida? Até quando teremos de argumentar – inutilmente, já se vê – contra a não menos improvável realidade de que *somos* espíritos, não corpos físicos e que apenas *estamos* neles, vivendo temporariamente numa dimensão cósmica que exige de nós esse tipo de instrumentação?

A prova dos nove é a morte, quando a entidade espiritual se liberta da sua prisão magnética à matéria densa, mas isso para o cético não basta. Ele não aceita realidades digamos 'anteriores', como a da própria existência, da preexistência e da sobrevivência do espírito.

A prova está na morte, porque ela nos põe inapelavelmente cara-a-cara com a verdade para a qual nem todos se acham preparados. Só então descobriremos que a realidade desprezada não constitui objeto de crença ou de fé, e sim de *conhecimento*. E é o conhecimento que nos liberta de nossas obstinadas teimosias negativistas. "Conhecereis a verdade – disse Ele – e a verdade vos libertará".

As diferentes manifestações do pensamento gnóstico ao longo dos milênios, ainda que a terminologia varie, dizem a mesma coisa, ou seja, que o combustível mágico do processo evolutivo é o conhecimento. O problema está em que somente nos ocupamos da matéria densa e, ainda insuficientemente, da

energia, que poderíamos imaginar como *matéria desencarnada*, ou luz coagulada que se tenha ‘descoagulado’, reassumindo sua condição de luz pura e simplesmente, luz.

O apóstolo Paulo deixou clara a evidência de haver percebido tal sutileza, ao recomendar a atenção do ser que busca decifrar os enigmas da vida, a dedicação e interesse pelas “coisas invisíveis”, que são eternas, e não as visíveis, que são passageiras. Para reiterar, somos espíritos – seja qual for o conceito que disso temos formulado – não matéria, da qual precisamos apenas para interagir com a dimensão cósmica em que vivemos, a estagiar como seres encarnados.

Fora dessa abertura para o conhecimento de que ainda não dispomos, ou não queremos aceitar, não resta alternativa senão a de perder-se pelos atalhos da mera especulação negativista.

Cott – para voltarmos a ele (p. 204) – recorre a Freud e ao arsenal de recursos defensivos sugeridos pelo criador da psicanálise, com o objetivo de oferecer opções mais palatáveis à cultura ‘oficial’ de nossos tempos. Ou seja, fenômenos psíquicos diversos, como “fantasia, distúrbios da memória – paramnésia (falsa memória), criptomnésia (memória oculta), memória genética, retrocognição (percepção extra-sensorial do passado) e ‘possessão’ seriam explicações possíveis para casos específicos como os de Erlo van Waveren e Omm Sety”.

Jung acrescentaria pelo menos mais duas opções: inconsciente coletivo e ancestralidade.

De Freud, Cott passa ao muito culto e fecundo escritor Lyall Watson, que, em seu livro *Lifetide*, declara que “o vácuo existente entre as conhecidas capacidades do cérebro e a evidência de invulgares faculdades reduz-se a cada nova descoberta na vida das ciências”.

O que significa, obviamente, que Watson aposta numa progressiva explicação materialista para os fenômenos inexplicados do psiquismo, que acabariam, eventualmente, explicados no âmbito cerebral, sem necessidade de recorrer a hipóteses, doutrinas e fantasias ocultistas.

Em suma: o secular temor de que, afinal de contas, a

reencarnação seja mesmo uma verdade, como, de fato, é. Já imaginou você o que representará para a ciência como um todo e, em particular, para as que envolvem o lado psíquico do ser humano, uma realidade desse porte? Se a reencarnação é verdadeira – repito: como é –, então os paradigmas vigentes para entendimento de que coisa é a vida revelam-se, súbita e brutalmente, não apenas inúteis, como prejudiciais e tacanhos ante uma busca inteligente da verdade.

Tudo vale para explicar aquilo que para muitos ainda está recoberto pela espessa neblina das fantasias ocultistas. Quando será que vamos conseguir separar as coisas, botando o que é realmente fantasia, fraude ou credice para um lado e realidade para outro?

Na verdade, o que observamos é que as supostas ‘explicações’ alternativas são ainda mais disparatadas e fantásticas do que a verdadeira, ou seja, a de que voltaremos à existência na carne tantas vezes quantas forem necessárias ao nosso aprendizado e processo evolutivo.

Afinal de contas, o que seriam memórias genéticas e erros da memória, como a paramnésia, criptomnésia, inconsciente coletivo?

Em *Lifetide*, por exemplo, segundo transcrição de Cott (p. 204), lê-se:

A existência de vasta e inexplorada informação contida nos genes, a pressão por parte de memórias alternativas em sistemas rivais em cada célula e a crescente descoberta de poderes inerentes no inconsciente tornam mais razoável admitir-se que mesmo uma criança de três anos de idade possa, sob condições adequadas, herdar ou adquirir e, em seguida, organizar e elaborar uma personalidade secundária.

Com todo o respeito que merece Lyall Watson, pelos seus numerosos e aprofundados estudos sobre o psiquismo humano e seus fenômenos, sua hipótese não resiste a uma séria e bem informada análise crítica. No entanto, hipóteses como essa

e outras tantas que temos visto são oferecidas com o único propósito de contornar e contestar a realidade espiritual e, principalmente, a reencarnação.

A uma 'explicação' como essa, prefiro a opinião de Carl Sagan, que, também ouvido por Jonathan Cott, declara que:

Dorothy Eady foi uma mulher vivaz, inteligente e devotada, que fez uma contribuição real à egiptologia. Isso é verdadeiro, quer sua crença na reencarnação seja fato ou fantasia.

Não que Sagan, autor de livros importantes e de grande sucesso, como *Dragões do Éden*, seja um reencarnacionista convicto; pelo contrário, dado que, na seqüência de sua exposição a Cott, declara, a seguir:

Reconhecendo-se que nossas esperanças nos tornam vulneráveis à decepção, o ônus da prova deve ser claramente atirado aos ombros daqueles que reivindicam que há evidência suficiente em favor da reencarnação.

Nesse ponto, o biógrafo produz um texto mais longo no qual expõe umas tantas reflexões pessoais, ao lembrar, por exemplo, que nós, criados no contexto de uma civilização judaico-cristã-islâmica, que rejeita, até com certa veemência, o conceito da reencarnação, nos esquecemos de que cerca de metade da população mundial acredita nele. E que levantamentos recentes (seu livro, como vimos, é de 1987), um quarto da população dos Estados Unidos e da Grã Bretanha está entre os que também aceitam a reencarnação.

Lemos em *Reincarnation – the missing link in christianity*,¹⁰⁰ de Elizabeth Clare Prophet (pp. 12-13), que mais de 20% da população dos Estados Unidos declara-se reencarnacionista, números que se repetem no Canadá e na Europa, sendo que, nos Estados Unidos, outros 22% se revelam não estar certos

100 Summit University Press, 2002, Cowin Springs, MT.

se acreditam ou não, o que significa, na visão da autora, uma indicação no sentido de que esses 22% estariam “pelos menos, abertos à crença”.

E mais: pesquisa realizada pela Gallup, em 1990, apurou que 21% dos protestantes (inclusive metodistas, batistas e luteranos) e 25% dos católicos declaram sua crença na reencarnação. Isso leva, segundo Prophet, à espantosa conclusão de que 28 milhões de cristãos se declaram abertamente reencarnacionistas.

Acrescenta ela que, no universo dos luteranos mais jovens, de dezoito a trinta anos de idade, somente 15% acreditam na ressurreição da carne, vetusto dogma, que figura até no Credo, ao passo que 18% preferem crer na reencarnação.

De minha parte, não vejo conexão entre uma e outra, ou seja, reencarnação é uma coisa, ressurreição é outra; seja como for, porém, um percentual expressivo de cristãos rejeita uma e acolhe a outra.

Prophet lembra que essas mudanças no teor das crenças, no contexto das religiões cristãs institucionalizadas, já está levando alguns eruditos pensadores a falar de “religião pós-cristã no Ocidente”. Até que enfim, diria eu.

Um dos mais aflitivos dramas da civilização mundial, a meu ver, é que não se conseguiu, no correr de milênios, estabelecer uma aproximação para valer entre Ocidente e Oriente. O lado em que vivemos nós, os ocidentais, teria muito o que oferecer ao Oriente em termos de tecnologia e as melhores condições de vida que disso resultaria para as grandes massas de população marginalizada que acabam sendo vitimadas por um regime desumano de exploração do homem pelo homem. De outro lado, muito, mas muito mesmo, teriam os ocidentais que aprender com a visão amadurecida que os orientais desenvolveram quanto à realidade espiritual, reencarnação inclusive e prioritariamente.

E não estou pensando isso agora – em 1958, há cerca de cinquenta anos, portanto, bisonho escriba iniciante, escrevi um texto diminuto e ‘imberbe’ sobre tal assunto que já ocupava espaço nas minhas especulações.

Muitas vezes tenho imaginado a altura do patamar evolutivo em que estaríamos todos situados se – um dramático ‘se’ – o cristianismo houvesse conservado no seu ideário e em seus procedimentos o conceito da reencarnação, claramente ensinado pelo Cristo, em mais de uma oportunidade, como sabemos.

Se – outra vez o ‘se’ – tivéssemos um cristianismo reencarnacionista, não estaríamos agora a declarar, como o faz Jonathan Cott, que a nossa formação na tradição judaico-católico-islâmica nos condicionou a uma visão que leva a nos pôr em guarda e alinhar mil ressalvas e cuidados para nos eximirmos da ‘pecha’ de crer em fantasias inaceitáveis.

Não faltaram reiteradas oportunidades para que isso ocorresse; entre elas, a mais persistente influência oriental sobre a civilização ocidental, principalmente no correr das últimas décadas do século vinte, com a migração de instrutores bem informados sobre a realidade paralela. Teimamos, contudo, em ignorá-los, tanto quanto textos produzidos do lado de lá do planeta e que começam a ser divulgados por aqui, em traduções nas muitas línguas vivas de nosso tempo. Isso sem falar da pressão exercida pela mídia – jornal, revista, TV, cinema – que, cada vez mais ampla e ruidosa, publica artigos, reportagens, livros, comentários, especulações e questionamentos sobre essa temática. Esse rico veio de matéria de interesse público está sendo explorado em todos os seus aspectos. Nem sempre com a competência e o conhecimento necessários, diga-se de passagem. Os meios de comunicação se mostram, afinal, sensíveis e alertados para esse fenômeno social. Mesmo porque a exploração dessa temática gera lucros.

Cott cita, por exemplo, um texto no qual o Dalai Lama declara o seguinte:

Fundamentalmente, acreditamos que a consciência de uma criança não teria como provir de seus pais, do mesmo modo que o corpo procede. A mente é amorfa, mera iluminação e conhecimento. Por essa razão, não é

possível à matéria atuar como causa substancial. Somente um momento anterior de consciência é capaz de servir como causa primeira da mente – neste caso, a de uma vida anterior.

A observação revela, muito a propósito, uma convergência do pensamento do Dalai com os ensinamentos espíritas e que convém lembrar aqui.

As elevadas entidades que integraram a equipe que transmitiu a doutrina espírita a Allan Kardec caracterizaram Deus como “inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”.

Essa é a resposta que deram à pergunta na qual, significativamente, o prof. Rivail formulou da seguinte maneira: “*Que é Deus?*” – e não “*Quem é Deus?*”

Posteriormente, perguntados sobre “*Que é o espírito?*”, responderam de modo igualmente simples, compacto e objetivo: “O princípio inteligente do universo”.

Ou seja: não somos corpos físicos – meros instrumentos de trabalho enquanto estamos aqui na terra –, mas inteligências individualizadas provindas da inteligência suprema, que conhecemos como Deus.

Mas, por óbvias e respeitáveis razões, de Kardec não cuida o excelente biógrafo de Omm Sety, que lembra, no entanto, o conceito das vidas sucessivas no conteúdo de várias instituições religiosas através dos tempos. Entre elas, as dos druidas, órficos,¹⁰¹ cátaros e gnósticos, bem como a cabala dos judeus e alguns sufistas muçulmanos. Reporta-se, ainda, às especulações dos filósofos gregos nesse sentido, dentre os quais destaca Pitágoras e Platão. Faltaram, na sua curta lista, o mestre Sócrates, bem como Plotino e, mais tarde, os neoplatônicos.

Lembra, mais, o fato de que o pensamento reencarnacionista

101 Aurélio: orfismo [Do mit. *Orfeu* + *-ismo*.] Substantivo masculino. 1. Filos. Culto religioso-filosófico, difundido na Grécia a partir dos sécs. VII e VI a.C., ligado ao culto de Dioniso, e que se acreditava instituído por Orfeu. Caracterizava-se principalmente pela crença na imortalidade, conquistável por meio de cerimônias, ritos purificadores e regras de conduta moral, que propiciavam a libertação da alma das sucessivas transmigrações.

emerge com frequência, em poesia e prosa em muitos romancistas e pensadores, dos quais cita apenas Shelley e, curiosamente, o pintor Van Gogh, que teria sido um excelente escritor, com o que concordo, não fosse a paixão pela pintura. Ver, a propósito, suas angustiada cartas ao irmão Theo.

Transcrevo apenas o comentário feito por Shelley, a um amigo: “Alguns de nós – disse o poeta – nos apaixonamos por Antígona em existência anterior e isso nos faz sempre insatisfeitos com qualquer vinculação mortal”.

Na verdade, o conceito da reencarnação é a argamassa que mantém a solidez pétreo do compacto bloco da realidade espiritual subjacente a todo o “fenômeno humano”, no feliz achado de Teilhard de Chardin.

Esse bloco, ao mesmo tempo compacto e imponderável, vem de antigas eras, entre as quais a egípcia, mas, talvez, muito antes disso, aqui, neste planeta, ou alhures no universo, dado que tal realidade não é composta de meras especulações filosóficas ou religiosas, e sim de um conjunto de leis cósmicas que funcionam independentemente de crermos ou não nelas. Ela resiste, por outro lado, a qualquer esforço político, religioso ou social de sufocá-la e sepultá-la para sempre, não com argumentos ou debates, mas não poucas vezes por abomináveis métodos de tortura e assassinato, como no tenebroso período inquisitorial, de triste memória.

A realidade paralela parece de fato ter desaparecido para sempre, mas, decorrido algum tempo, ela sempre re-emerge teimosamente, como que, ela própria, a ‘reencarnar-se’ em outros contextos históricos e geográficos. É o que se viu, por exemplo, na trágica epopéia dos cátaros no Languedoc, entre os séculos doze e treze.¹⁰²

Por coincidência, a realidade espiritual como corpo ideológico que ‘se encarna’ de tempos em tempos é metáfora à qual recorri em alguns escritos e falas, e que, para surpresa minha, encontro no citado livro de Elizabeth Clare Prophet,¹⁰³

102 Leitoras e leitores interessados devem recorrer a *Os cátaros e a heresia católica* (Lachâtre), de minha autoria.

103 Elizabeth Clare Prophet, *Reincarnation – the missing link in christianity*, Summit University Press, 1997, Corwin Springs, MT.

que acabo de ler enquanto escrevo este, o subtítulo: “*The reincarnation of a heresy*” (“A reencarnação de uma heresia”), situado no capítulo 4, que cuida precisamente desse aspecto da realidade espiritual, ‘reencarnada’ no contexto do catarismo languedociano.

Leitores habituados aos meus textos sabem que, de vez em quando, interrompo o fluxo da exposição para uma conversa em paralelo que tenha algo a acrescentar ao que está sendo discutido. Vamos, pois, de volta à busca de Jonathan Cott, no esforço de decifrar sua biografada.

*
* *

Sua peregrinação leva-o a mencionar o eminente bioquímico inglês Rupert Sheldrake, que, em entrevista à BBC-rádio, em 1983, resumiu sua avaliação do problema da reencarnação. Apelou, de início, para o conceito de “memória coletiva”, que seria uma espécie de reservatório “de todas as experiências de seres humanos vividos no passado, e que funcionaria como uma espécie de substrato ou base para nossa atividade coletiva” (p. 206). A concepção que mais perto se aproxima desse conceito seria a do inconsciente coletivo de Jung, que constituiria a base ou memória comum. Ao alcance de qualquer um de nós, acha ele.

“Mas – acrescenta Sheldrake, *apud* Cott –, quando se chega a memórias específicas de pessoas específicas, temos de ir um pouco além, o que não seria compatível com a idéia de Jung.”

Deixemo-lo explicar-se, ele próprio. Para ele:

[...] as memórias conscientes podem ser transportadas de um estado passado para o presente, *simplesmente* por uma analogia com o estado presente pelo processo que chamo de *ressonância mórfica*. (O primeiro destaque é meu, o segundo do prof. Sheldrake.)

E como é que funcionaria tal “ressonância”? Simples, diz ele. Se nós, como todos os animais, podemos nos sintonizar com experiências do passado – não apenas as de nossos

ancestrais, mas as de todas as demais espécies – então, essa influência “*não* é veiculada pelos genes, e sim por algo que se comunica no tempo e no espaço”.

Isso me faz lembrar William James, um dos primeiros teóricos e sistematizadores da psicologia, e que criou a expressão dubitativa “*will to believe*”, ou seja, a vontade ou o desejo de crer, mas sempre com a ressalva explícita ou camuflada de não se expor a uma posição ‘comprometedora’, encerrando a discussão com uma pergunta que fica no ar. Como no caso de Sheldrake, que encerra sua fala dizendo: “Trata-se de mera possessão de memória, ou será outra coisa?”

Que a memória não é veiculada geneticamente, ou seja, pelo corpo físico, podemos até concordar, em princípio, mas o que seria de fato a “outra coisa”? Como se transmitiriam, e por quais veículos, as memórias através do tempo e do espaço?

Você observa que minha concordância é qualificada e relutante, e você sabe, também, que não disponho do mínimo de competência para contestar o sábio bioquímico inglês. Vamos, contudo, fazer um exercício de ignorância assumida e, ao mesmo tempo, atrevida, dado que temos todos o direito e o dever de pensar com nossa própria cabeça, por mais ignaro que se seja, e eu sou um deles.

Realmente, a memória não é *gerada* em nosso corpo físico e por iniciativa dele – ela apenas *circula* pelos dispositivos biológicos que aí encontra a sua disposição. Ela é atribuição e faculdade do ser espiritual que ocasionalmente esteja acoplado a esse corpo, ao qual transmite seus impulsos e comandos, a partir de – agora, sim – um *pool* de experiências adquiridas através de incontáveis existências terrenas, desde que começaram a luzir os primeiros clarões incertos da consciência. Esse acervo de conhecimentos é indispensável ao processo evolutivo dos seres. Todos, não apenas o do chamado *homo sapiens*, tido como rei da criação. O instinto – uma forma primitiva de memória – começa a acumular-se desde as primeiras experiências do ser vivo e acaba por integrar-se num conjunto de normas automáticas de procedimento que garantem a sobrevivência de cada um. Os animais sabem

como agir numa situação crítica, na qual ele tenha de decidir-se entre fugir ou resistir ao ataque de um predador, por exemplo. A língua inglesa tem, para isso, uma expressão curta, expressiva e rimada, na qual uma única letrinha faz enorme diferença: *fight or flight*, ou seja, lutar ou fugir. Os instrutores espirituais que trabalharam com Allan Kardec na elaboração de *O livro dos espíritos* caracterizaram o instinto como forma rudimentar de inteligência e, mais, uma inteligência infalível, exatamente como instrumento de preservação da vida. Ao ficar frente a frente com um predador em potencial, o animal tem de decidir, e rapidamente. Se tem condições de medir forças com o adversário com boa chance de sair vitorioso, ele parte para a luta; se não se sentir suficiente para isso, ele foge desabaladamente.

De algum modo, portanto, essa capacidade de avaliação e decisão resulta de experiências anteriores acumuladas e está arquivada e operante, ou as espécies não sobreviveriam.

O problema ocorre quando o ser vivo passa a trabalhar seu rudimentar psiquismo com os primeiros lampejos de um mecanismo consciente, a fim de tomar outras decisões que, aparentemente, não têm aquele grau de urgência finalista. É nesse ponto que o psiquismo em evolução começa a construir a capacidade de livre escolha, bem mais complexa, e que pode resultar em decisões erradas, não apenas do ponto de vista da sobrevivência do mais apto, como perante a ética.

Não me arrisco a mais longas e profundas especulações a respeito, porque o território fica do lado de cá de minhas muitas ignorâncias. O que aí está são noções captadas no fascinante estudo *The origin of consciousness and the breakdown of the bicameral mind*, do prof. Julian James.¹⁰⁴ O que eu desejava lembrar, já que estamos analisando os ensinamentos de Sheldrake, é que há um mecanismo qualquer até no psiquismo mais rudimentar que funciona como acumulador de experiências e as transmite, preservadas, ao longo de toda

104 Edição Houghton Mufflin, 1990, Boston, Mass. O leitor interessado poderá recorrer ao meu livro *Alquimia da mente*, no qual as idéias de James são comentadas em maior amplitude.

a escala animal, até alcançar as complexidades dos arquivos psíquicos humanos. Não vejo, aí, contudo, um procedimento de transmissão meramente genético.

Aliás, na longa citação em que Cott registra a fala de Sheldrake, este sábio bioquímico faz uma preciosa ressalva, ao declarar a inconsistência da teoria dominante segundo a qual a memória estaria “armazenada dentro do cérebro (...) tem escassa evidência em seu favor”.

Não falta – diz ele – quem considere essa hipótese, de vez que uma lesão grave no cérebro resulta em perda da memória, argumento que ele considera insubsistente uma vez que, “se você cortar uma diminuta seção do circuito de um receptor de TV – removendo os transistores e os fios –, as imagens na tela também desaparecem”.

É verdade. Só que a ciência contemporânea ainda mantém a posição denunciada por Teilhard de Chardin (ver *O fenômeno humano*), de ignorar provisoriamente aquilo que o eminente cientista e pensador jesuíta considera “o dentro das coisas”, concentrando-se apenas nos aspectos exteriores do fenômeno da vida.

Chardin está, nessa postura, repercutindo ensinamento do apóstolo Paulo, ao chamar nossa atenção para “as coisas invisíveis, que são eternas”, em vez de nos ocuparmos com tanto afincamento às visíveis que são transitórias.

Falta, por outro lado, à ciência, como um todo, o conceito resolutivo da existência nos seres vivos de um campo magnético que sobrevive à morte corporal e preserva todo o precioso acervo para novas aventuras de aprendizado em vivências posteriores fora do corpo físico ou em novo corpo organizado. Kardec propôs para esse componente humano o termo *perispírito*, um corpo imaterial que continua a viver e pensar mesmo depois da ‘morte’ corporal.

O trabalho do doutor Harold Saxton Burr sobre tais campos – ele os rotulou de “*L-fields*” (campos vitais) – é digno da melhor atenção.

Para rematar com Sheldrake, sua palavra final me pareceu um tanto ou quanto paradoxal, ao declarar o seguinte: “Prefiro dizer que a vida da memória provém de outras pessoas no

passado, deixando aberta a questão de que sejam ou não a mesma pessoa reencarnada.”

Ainda bem que ele não fechou a questão, ao admitir a fugaz e indecisa possibilidade de um processo reencarnatório, mas sua conclusão me pareceu anticlímax.

Vejamos suas palavras finais (*apud* Cott, p. 207):

Se alguém capta memórias de vidas passadas pela chamada ‘telepatia retrocognitiva’, a questão de saber se é realmente aquela pessoa ou não reduz-se a uma discussão em torno do que nos faz ser o que somos. Trata-se meramente da posse das memórias ou será algo diferente?

Telepatia entre quem e quem? Por outro lado, saber o “que nos faz ser o que somos” é da essência mesma do problema. Sem isso, não há como saber de que modo funcionam os mecanismos psíquicos que recolhem as experiências e os fatos ocorridos e os preservam na lembrança como memória viva e operacional para sempre, vida após vida. De certa forma, contudo, não há como deixar de concordar com Sheldrake no sentido de que a questão ainda não está resolvida para a ciência, ou seja, se estamos lidando com a “posse das memórias” ou “algo diferente”. Qual seria esse algo sobre o qual ainda se especula interminavelmente?

Cott lembra ainda que, nessa mesma série de programas da BBC, compareceu o dr. Ian Stevenson, cujo livro *Twenty cases suggestive of reincarnation* havia sido louvado pelo *Journal of the American Medical Association*.

Entre os demais profissionais da saúde mental consultados pelo biógrafo de Omm Sety, ou que ainda seriam consultados, o dr. Stevenson tem merecido destaque. Primeiro porque teve coragem de enfrentar o contexto acadêmico em que desfrutava de reconhecido prestígio para arriscar sua reputação, enfrentando um dos grandes tabus contemporâneos e que perdura até hoje, enquanto escrevo estes comentários, já no final de 2006.

Seu primeiro livro, há pouco mencionado, lançado em 1966, foi recebido com as desconfianças de sempre entre seus pares, mas alcançou boa aceitação de parte do público leitor.

Devemos sua tradução para a língua portuguesa no Brasil, sob o título *Vinte casos sugestivos de reencarnação*, a Hernani Guimarães Andrade, saudoso amigo de muitos e muitos anos e que manteve com o dr. Stevenson, pessoalmente, fecundo intercâmbio de idéias. Pelo que me lembro, Stevenson visitou Hernani no seu respeitado Instituto, em São Paulo, mais de uma vez.

Eu mesmo, ínfimo estudioso da questão reencarnacionista perante luminares como Stevenson, andei trocando correspondência com ele. Esse intercâmbio epistolar teve início a partir de um resumo, em inglês, do caso Desmoulins, que escrevi e foi publicado pela revista inglesa *Two worlds*, dirigida à época por Maurice Barbanell. Mandei-lhe uma xérox e ele me respondeu gentilmente, manifestando seu interesse pelo nosso estudo. Achou a pesquisa interessante e queria saber a técnica que usáramos na regressão feita com o amigo Luciano dos Anjos, narrada em suas minúcias no livro *Eu sou Camille Desmoulins* (edição Lachâtre). Expliquei-lhe, em longa carta, que se tratava de um processo de magnetização por meio de passes longitudinais e ele me perguntou, ainda, se Luciano, regredido à existência em que falara francês, falava nessa língua.

Respondi-lhe que não, mesmo porque, segundo consta dos textos da Codificação, pelos quais me orientava, os espíritos se comunicam pelo pensamento, sem qualquer linguagem articulada, cabendo ao médium através do qual se manifestam 'traduzir' as impressões recebidas na língua que lhe é familiar naquele momento e não na da entidade manifestante.

No caso específico de Luciano, a comunicação era de natureza anímica, ou seja, de seu próprio espírito através de seu cérebro físico, comandado naturalmente pela língua portuguesa, ou seja, a de sua encarnação atual, e não da outra, na França.

Dr. Stevenson não se deixou convencer, alegando que o

fenômeno seria mais autêntico se ele falasse francês. Aliás, Luciano, no transe anímico, me dizia que "falava" francês, mas que "lá embaixo", ou seja, no corpo físico, a linguagem era convertida para o português.

O assunto ficou nesse pé.

Decorridos vários anos – não me lembro quantos – ganhei de um amigo e confrade uma meia dúzia de exemplares de uma revista inglesa de capa preta, intitulada *Om* (teria sido algum 'recado' antecipado de Omm Sety?). Numa delas, encontrei notícia de um congresso internacional, na Europa, ao qual comparecera o dr. Stevenson e que o ilustre cientista declarara que a linguagem dos espíritos é o pensamento.

Não posso nem devo ter a pretensão de havê-lo convencido da 'minha' verdade – aliás, doutrinária; acredito, contudo, que ele passou a observar o fenômeno e acabou reconhecendo que os instrutores da Codificação estavam certos.

Coincidência ou não, pouco antes de iniciar a tarefa de escrever este livro sobre Omm Sety, tive oportunidade de ler o livro *The scientific evidence of past lives* (1999), de Tom Shroder, jornalista que acompanhou o dr. Stevenson, já idoso, mas incansável, ao Oriente, em busca de novos casos de reencarnação e, ao mesmo tempo, para visitar casos antigos sobre os quais colhera dados anteriormente. O jornalista, saudavelmente cético como costumam ser, acabou convencido da autenticidade do trabalho do ilustre professor.

Cabe acrescentar que, pouco antes de morrer – duas semanas? –, Hernani ligou para mim. (Estaria prevendo intuitivamente, seu breve desenlace?) Foi um longo papo, como sempre, pois há muito não nos víamos. Estava entusiasmado com o lançamento, em 1997, do recente livro de Stevenson, intitulado *Reincarnation and biology – a contribution to the etiology of the birthmarks and of birth defects*, em dois volumes, que trata da temática da reencarnação conjugada com a biologia.

– Herminio – disse-me ele –, não há mais dúvida possível: a reencarnação está comprovada!

Foi esse o homem a que Jonathan Cott se refere na sua busca pessoal por uma resposta para o que considera enigma ainda não resolvido.

Começa Stevenson, no seu depoimento à BBC, dizendo que “a maioria dos ocidentais não possui estrutura de crenças que pudesse tornar o conceito da reencarnação inteligível para eles”.

No prefácio que escreveu para o livro de van Waveren, seu marido e colega de profissão, a dra. Ann van Waveren, considera reencarnação mera “probabilidade”, um mito, um conjunto de símbolos oníricos vistos pelo ângulo junguiano, o conjunto das espantosas revelações de uma dezena de vidas anteriores dele. Dirigindo-se especificamente ao leitor *racional*, antecipa-lhe o julgamento da obra a ser considerada “totalmente irrelevante perante as realidades da vida atual”. Tem, contudo, uma palavra de compreensão para o leitor de “mente aberta [para] o lado irracional da vida”.

E eu me pergunto, em meu livro *As sete vidas de Fénelon* (p. 19): “Quem disse que a realidade espiritual é irracional?”

Está, portanto, coberto de razão o doutor Stevenson ao caracterizar as maiorias ocidentais como despreparadas para lidar com o problema da reencarnação.

Por isso, continua Stevenson (*apud* Cott, p. 208):

Aceitar experiências estranhas significa encontrar onde situá-las dentro de nosso sistema conceitual e, se não pudermos fazer isso confortavelmente, é mais fácil livrar-se delas, negando-as.

Como veremos, foi o único depoimento de um cientista de peso a declarar enfaticamente sua convicção na realidade das vidas sucessivas.

A próxima visita de Cott, em busca de um consenso acerca da reencarnação, foi a Stephen A. Schwartz, presidente e diretor de pesquisas do Mobius Group, de Los Angeles. A instituição dedica-se à descoberta de antigas localizações históricas por meio de uma técnica a que denominam “*remote viewing*”, ou seja, vidência à distância, segundo a qual o sensitivo tenta descrever um local geograficamente distante.

Informa Cott (p. 208) que, em 1979 e 1980, Schwartz e

sua equipe, assistidos por um grupo de arqueólogos egípcios, declararam haver descoberto as ruínas do palácio de Marco Antônio e o que poderia ter sido o palácio de Cleópatra. (Ver livro *The Alexandria project*, de Schwartz mencionado por Cott.)

A ‘descoberta’ foi veementemente contestada, o que não constitui surpresa quando nos lembramos da resistência que a ciência como um todo opõe a esse tipo de informação, colhida por meios não-ortodoxos de pesquisa.

Não estou com isto contestando ou aceitando como válido o trabalho e as revelações de Schwartz e seu grupo. Não tenho sobre isso informações suficientes para uma avaliação desapassionada. Parece-me, contudo, absolutamente convincente pesquisa parecida com essa, realizada no século dezenove, pelo prof. William Denton, geólogo inglês radicado nos Estados Unidos e narrada com minúcias no, hoje esquecido livro *The soul of things (A alma das coisas)*, lançado em 1863 e relançado por iniciativa de Colin Wilson, em 1988, que escreveu, logo na entrada de sua apresentação, o seguinte depoimento:

Na minha opinião, este é um dos livros mais importantes na história da pesquisa psíquica, e o fato de haver sido negligenciado por mais de um século é nada menos do que uma tragédia. É também – como os novos leitores descobrirão – um dos mais empolgantes livros jamais escrito.

Por uma dessas ‘coincidências’ inexplicáveis, tanto a esposa de Denton quanto sua irmã eram dotadas de faculdade paranormal, se você quiser, conhecida como psicometria, segundo terminologia adotada, entre outros, por Ernesto Bozzano, respeitável estudioso italiano.¹⁰⁵

Denton colocava usualmente nas mãos de suas sensitivas, mas às vezes na testa delas – e não foram somente a esposa e a irmã – uma peça arqueológica animal, um fragmento mineral,

¹⁰⁵ Ver *Os enigmas da psicometria*, edição FEB, 1949, reeditado em 1991.

resíduos recolhidos em sítios históricos e elas faziam, com impressionante precisão, uma 'leitura' do material, algumas vezes, desde suas origens em remotos tempos pré-históricos. Menciono apenas um deles, pela conexão que tem com as pesquisas feitas por Schwartz, no Egito.

Nessa experiência, uma das centenas que realizou, Denton entregou à sua sensitiva e, como sempre, sem que ela tivesse a mínima noção do que fosse, o fragmento de uma cerâmica recolhida no local onde existira o palácio de Cícero (106-43 antes de Cristo), famoso estadista, orador e escritor romano.

A 'vidência' logo se manifestou, como de costume, mas as cenas descritas não batiam com a figura de Cícero; o que a sensitiva via era um líder militar dotado de evidente capacidade de comando a lidar com tropas, em preparo para campanhas bélicas.

Em experiência posterior, a sensitiva parecer ter, afinal, se sintonizado com a época certa, na qual figurava Cícero, o grande orador e pensador.

Denton descobriu, mais tarde, que o mesmo palácio havia pertencido a Sila – Lucius Cornelius Sulla (138-78 antes do Cristo) – general e político romano, o que explicava a experiência anterior, na qual se via um general a treinar tropas.

A teoria proposta por William Denton foi de que toda a natureza não seria mais do que uma onipresente câmera a registrar, momento a momento, tudo quanto se passa no planeta, desde suas origens. Essa câmera, contudo, não guardava apenas imagens congeladas como que fixadas em fotografias, mas o movimento, as cores, os sons e até os sentimentos das pessoas por ela captadas, como se o próprio universo estivesse o tempo todo a registrar cada sopro de vento, a gota que cai, o rugido dos animais pré-históricos, a vida primitiva dos rudes humanóides de antigas eras, bem como onde estavam os imensos e ignorados depósitos de ouro, carvão ou manganês, por exemplo.

Foi numa dessas vidências que uma sensitiva viu revelar-

se aos seus olhos de alcance multimilenar a origem vegetal do petróleo, que teria resultado de um processo natural de filtragem de substâncias indesejáveis – que hoje chamaríamos de poluidoras – contidas nas águas primitivas.

Em suma: as pesquisas de Denton, através de suas sensitivas, nos remetem de volta ao antiqüíssimo conceito dos registros acásicos da sabedoria oriental e aos quais também se referia constantemente o sensitivo americano Edgar Cayce. Mas aí estaríamos invadindo o temido território do ocultismo, pelo qual a ciência contemporânea ainda tem suas explícitas alergias culturais.

Vamos, contudo, de volta a Schwartz, que, através do grupo Mobius, fazia pesquisas consideradas por ele como de "arqueologia psíquica", ou seja, mediúnica, usando a técnica que ele denominou de "vidência (ou visão) à distância", que, de certa forma, assemelha-se aos estudos de Frederick Bligh Bond, em Glastonbury,¹⁰⁶ ou a de Jeffrey Goodman, em Flagstaff, nos Estados Unidos, que, aliás, usou a mesma terminologia para caracterizar seus estudos, ou seja, "arqueologia psíquica", como se pode ler no título de seu livro.¹⁰⁷

Durante sua estada em Alexandria, Schwartz foi a Abidos, onde ficou conhecendo Omm Sety, com quem conversou longamente, como se lê em Cott (p. 208).

Referindo-se, contudo, ao dr. Ian Stevenson, Schwartz considera "muito interessante" seu trabalho, mas ressalva logo que ele "não prova a reencarnação", de vez que as experiências vividas pelos seus depoentes podem ser, alternativamente, explicadas pelo onipresente e todo-poderoso "inconsciente coletivo", ou pela metodologia do próprio Schwartz, isto é, a visão à distância, que, a seu ver, foi o que aconteceu com a própria Omm Sety ao localizar os jardins do templo de Seti, em Abidos.

De qualquer modo, Schwartz admite, em conversa com Cott, que "alguns aspectos da consciência humana têm –

106 Ver o livro *The gates of remembrance*, de Blight Bond.

107 *Psychic archaeology – time machine to the past*, Berkley Medallion Book, 1978, New York.

aparentemente, pelo menos –, a *aparência* de se mover no tempo e no espaço”. (O primeiro destaque é meu; o segundo, está no original inglês da fala de Schwartz.)

Mais um, portanto, que invoca o surrado testemunho do inconsciente coletivo e usa duas vezes, na mesma frase pleonástica de uma *aparência* que *aparentemente* se move no tempo e no espaço.

Como Schwartz “puxou uma brasa para a sua sardinha”, referindo-se à sua própria técnica da visão à distância como alternativa para a explicação reencarnacionista, sinto-me à vontade para puxar outra para a minha, ao lembrar que, em meu livro *A memória e o tempo*, lançado em 1980, já preconizava o deslocamento da consciência rumo ao passado e ao futuro, bem como seu deslocamento no espaço. Esta última faculdade costuma ser caracterizada em inglês, como ‘*travelling clairvoyance*’, ou seja, ‘clarividência itinerante’. O conceito aqui é o de que o sensitivo se desdobra do corpo físico e ‘viaja’ em seu corpo espiritual até os locais onde se encontra aquilo que ele deseja ver.

Para Schwartz, contudo, não se trata, de modo algum, de movimento. Para ele – e nisso inclui o fenômeno das experiências extracorpóreas – isso nada teria a ver com um ‘deslocamento da consciência’; nós é que, como parte integrante de nosso próprio ser, “andamos por aí com um canal de acesso a um ‘campo morfogenético’, como diz Rupert Sheldrake”.

E continua:

Agora, quando falei com Omm Sety, tive o muito claro pressentimento de que seu caso pode muito bem proporcionar um bom argumento para a possibilidade da reencarnação... ainda que certamente em favor da possibilidade de ter o indivíduo acesso àquilo que Jung chamou de inconsciente coletivo e que, no Oriente, seria denominado *registros acásicos*.

Ainda mais adiante, ele reitera que o caso Omm Sety:

[...] é especialmente extraordinário. Quase todos, no entanto, dispõem da faculdade de descrever algo que *sabe* que *não sabe*, e que *não pode saber*, porque talvez seja um evento que ainda não ocorreu.

Confesso, honestamente, que me sinto algo perdido nesse contorcionismo verbal. Afinal, como ficamos? Em cima do muro?

Schwartz entende, por exemplo, que a fonte de informação através da qual Omm Sety localizou o local onde existira o jardim do templo de Abidos pode ter suas origens na reencarnação, no inconsciente coletivo ou na visão à distância, ou ainda numa mistura dos três, “*de vez que – acrescenta ele – não entendemos muito bem esse aspecto da consciência humana*”. (Destaque meu.)

De qualquer modo, é evidente que Omm Sety continua sendo um enigma não resolvido para Schwartz, que a tem como:

[...] uma personalidade muito controvertida, por saber coisas que não devia ter tido condições de fazer ou saber [...], sendo muito mais confortável agir como se aquilo não houvesse acontecido.

Por tudo isso, Omm Sety foi para ele uma “pessoa extraordinária” e, para concluir, mais adiante – acrescentou:

A qualidade do seu trabalho levou as pessoas, pelo menos, a aceitarem a *possibilidade* daquilo em que ela acreditava. Suas concretas realizações pessoais não poderiam ser ignoradas. [destaque no original.]

Mas Cott ainda não está satisfeito e recorre mais uma vez ao dr. Stevenson, do qual cita um documento intitulado *The evidence of man's survival after death* (A evidência da sobrevivência humana à morte), no qual o respeitável (e corajoso) cientista declara:

[...] a evidência indicativa da sobrevivência provém não apenas de um tipo de experiência, mas de vários, como: aparições, projeções fora do corpo, visões no leito de morte, certos tipos de comunicação mediúnica e casos do tipo reencarnação.

Na opinião do biógrafo, Omm Sety parece ter experimentado todos os fenômenos citados por Stevenson. E acrescenta que “o mais bizarro deles teria sido aquele no qual ela acreditava serem viagens corpóreas astrais durante o sono”.

Cita, a propósito, texto recolhido no muito citado diário, no qual a egiptóloga registrava suas experiências pessoais com a vida e a fenomenologia dita paranormal.

Escreve ela, em 1972, no seu diário, acerca de sua conversa com Edyth Mallory, uma senhora americana que havia morado no Cairo e que era muito bem informada sobre “a ciência oculta”, por ter estudado com os teosofistas da sra. Blavatsky. Segundo Mallory, algumas pessoas têm a faculdade de viajar à vontade em seus corpos astrais. Não explicou a Omm Sety que aparência teriam esses corpos, mas insistiu em dizer que “eram *sempre* ligados ao corpo físico terreno por um longo cordão prateado”.

O dr. Albert Doss lhe disse a mesma coisa – comenta Omm Sety –, mas nem um nem outro esclareceu se o corpo astral era vestido ou não.

No seu caso – acrescenta –, o corpo com o qual se desdobrava:

[...] estava sempre nu, tem uma aparência muito juvenil e saudável, nenhuma cicatriz, nem veias varicosas. Nunca lhe vi o rosto e, definitivamente, nada de cordão prateado.

Mais adiante, acrescenta, com sua habitual irreverência, que, se lá estivesse o tal cordão, ela “acabaria tropeçando nele”.

Diz mais, que o formato da cabeleira variava de acordo com o estilo que ela adotava usualmente no corpo físico.

Dito isso, transmite casualmente uma informação curiosa,

que tive eu mesmo oportunidade de observar em minhas experiências. Citando Helena Blavatsky, em *Ísis unveiled* (*Ísis sem véu*), que, por sua vez, cita Paracelso, que também menciona o fenômeno do desdobramento durante o qual visitam locais distantes e informa que “a contraparte astral do ser pode ficar ligada à múmia por 3.000 anos, por meio de um fio magnético que somente poderá ser rompido por esforço pessoal” da entidade mumificada. (Helena Blavatsky. *Ísis unveiled*. Vol I, p. 226)

Em pesquisas realizadas pelo nosso pequeno grupo – conforme consta de *A memória e o tempo* – uma pessoa com a qual experimentávamos sentia-se imantada a uma antiga múmia que, em remotas eras, havia sido seu corpo físico. Aceitando sugestões minhas, o *sujet*, uma jovem senhora culta e que, por ‘acaso’, passara uma temporada no Egito, quando o marido lá esteve a serviço do governo brasileiro, conseguiu quebrar o vínculo que ainda a prendia ao velho corpo físico mumificado. Ao despertar, sentia-se tonta, como que apanhada num rodamoinho. Usou, para explicar-me melhor a sensação, a imagem perfeita para descrever o que parece ter realmente acontecido. Disse que era como se ela estivesse enrolada num comprido lençol que alguém puxara por uma ponta e que, ao libertar-se, ficara rodando no espaço.

Omm Sety lembra, neste ponto, em suas anotações de diário, que, na cena do sarcófago, na câmara de Osíris, os corpos astrais são mostrados vestidos, mas sem os cordões luminosos.

Creio legítimo interpretar a falta do cordão fluídico entre corpo físico e espírito, neste caso, como indicação de que as entidades ali representadas já estariam totalmente desligadas de seus respectivos cadáveres, de vez que a presença desse cordão somente existe para espíritos ainda encarnados ou presos por alguma razão aos seus restos mortais de matéria, como costuma ocorrer com suicidas e pessoas mortas em

acidentes violentos. Pelo menos é o que nos ensinam textos confiáveis existentes na literatura especializada.¹⁰⁸

Isto, porém, introduziria em nossas especulações acerca de Omm Sety uma complicação a mais, ou seja, a de que o espírito dela não estaria ligado ao seu corpo físico pelos mecanismos usuais da reencarnação, e sim por algum tipo de 'possessão'. Em outras palavras: a entidade espiritual que passou a comandar o corpo físico da menina Dorothy Eady, a partir de sua mal explicada 'morte' aos três anos de idade, não seria a mesma que se reencarnou no seu corpo, e sim outra, que dele teria tomado conta para desempenhar a tarefa que lhe estava programada.

Deixaremos este aspecto para discutir com mais detalhes ainda mais adiante, neste livro; acrescento, porém, que alguns aspectos dessa transição de uma menina dada oficialmente como morta e, logo em seguida, retornando à vida, em plena lucidez, não me ficaram muito claros. *Primeiro*, a voz que a menina usou naquele momento chamou a atenção da mãe, que nela não reconhecia a voz habitual de Dorothy; *segundo*, porque foi depois do incidente da 'morte', tecnicamente em consequência da queda pela escada abaixo, que a menina começou a manifestar desusado interesse pelo Egito antigo e a comentar que lá é que era sua casa.

Seria essa a razão pela qual Omm Sety nunca via o famoso

108 Nota da editora: Entre os "textos confiáveis", transcrevemos trecho da obra *Memórias de um suicida*, onde encontramos expressivo relato sobre a existência do cordão fluídico no espírito suicida: o suicida "trazia, pendente de si, fragmentos de cordão luminoso, fosforescente, o qual, despedaçado, como arrebatado violentamente, desprendia-se em estilhas qual um cabo compacto de fios elétricos arrebatados, a desprenderem fluidos que deveriam permanecer organizados para determinado fim. Ora, esse pormenor, aparentemente insignificante, tinha, ao contrário, importância capital, pois era justamente nele que se estabelecia a desorganização do estado de suicida. Hoje sabemos que esse cordão fluídico-magnético, que liga a alma ao envoltório carnal e lhe comunica a vida, somente deverá estar em condições apropriadas para deste separar-se por ocasião da morte natural, o que então se fará naturalmente, sem choques, sem violência. Com o suicídio, porém, uma vez partido e não desligado, rudemente arrancado, despedaçado quando ainda em toda a sua pujança fluídica e magnética, produzirá grande parte dos desequilíbrios, senão todos que vimos anotando, uma vez que, na constituição vital para a existência que deveria ser, muitas vezes, longa, a reserva de forças magnéticas não se haviam extinguido ainda, o que leva o suicida a sentir-se um 'mortovivo' na mais expressiva significação do termo."

cordão luminoso, quando despreendida do corpo físico, em suas freqüentes viagens astrais? É o que me parece.

Seja como for, Stephan Schwartz encerra sua fala, enquadrando as experiências de Omm Sety na sua própria teoria da visão à distância, o que faz sentido, quando sabemos que esse distanciamento deve ser entendido como a partir do corpo físico do sensitivo, não de seu corpo astral, que se desloca "no tempo e no espaço", como o próprio Schwartz admite. O corpo astral ou perispírito, na terminologia doutrinária espírita, encontra-se nos locais que vão sendo descritos e onde as cenas descritas se desenrolam, como também nos fenômenos de psicometria estudados, entre outros, por Ernesto Bozzano, Alexandre Aksakof e o geólogo William Denton, nos estudos relatados por ele em um livro de título tão expressivo como *The soul of things (A alma das coisas)*, como vimos há pouco.

Não basta, a meu ver, para caracterizar tais fenômenos, como se lê nas declarações de Schwartz, conceber que haja apenas um "deslocamento da consciência". É de supor-se que a consciência, um conceito puramente energético ou imaterial, precise, no caso, de algum veículo que a contenha e a leve consigo aos locais visitados.

Os deslocamentos de Omm Sety oferecem, ainda, algumas características peculiares, como se percebe dos registros deixados em seu riquíssimo diário, inclusive em suas anotações de 1972, que acabamos de consultar, mas em muitos outros entre aqueles que constam do livro de Cott.

Por eles se percebe que, uma vez destacada do corpo físico que lhe serve de instrumento de trabalho na terra, seu corpo astral ou espiritual tinha condições de assumir marcante estado de materialização, como se pode deduzir do caso, já relatado nesta obra, em que Omm Sety dormiu em casa de uma amiga, que precisou abrir a janela do quarto de dormir de sua hóspede a fim de que ela conseguisse entrar e retomar o corpo físico estendido no leito, segundo suas próprias palavras, em "estado comatoso".

Como podemos comprovar pelas freqüentes referências contidas no diário, nesses fenômenos, Omm Sety não

apenas adquiriria, desdobrada, certo grau de materialização, mas fornecia também recursos magnéticos ou energéticos ao 'fantasma' do faraó Seti I, que a visitava regularmente, o que lhes permitia, segundo ela, até mesmo a prática do ato sexual.

Sobre este aspecto em particular, lembra Cott (p. 212), baseado em Edward H. Schafer, os antigos xamãs (homens e mulheres) chineses alegavam manter relações íntimas com "seres divinos" com os quais se encontravam, quando desprendidos do corpo físico, em suas viagens astrais.

A literatura inquisitorial medieval – que consultaremos mais adiante – usa e abusa das figuras temáticas dos chamados *incubus* e *succubus*, caracterizando-os como demônios masculinos e femininos envolvidos com "feiticeiras e feiticeiros" nesse tipo de relacionamento. Muita gente foi queimada por essa motivação por ordem da Inquisição.

Por essas e muitas outras razões, Omm Sety continua sendo um enigma para aqueles que se esforçam por enquadrá-la rigidamente em suas teorias e hipóteses. Digo mais: mesmo as pessoas familiarizadas com a fenomenologia contida naquilo a que costumo chamar de realidade espiritual podem encontrar dificuldades em interpretar corretamente episódios inusitados, como o da estranha mudança de personalidade ocorrida com Dotothy – a futura Omm Sety –, aos três anos de idade. O caso deixou o médico da família indignado e os pais da criança perplexos, sem saber o que fazer e como lidar com o problema. De qualquer modo, Dorothy Eady nunca mais seria a mesma.

Cott menciona, como exemplos típicos de desdobramento espiritual, os casos de Carlos Castañeda, em suas numerosas

experiências sob a direção de Don Juan, bem como a que figura em *Things invisible to see*, obra de ficção escrita por Nancy Willard, que o autor considera, "talvez, a mais linda de todas".

Castañeda esfregava no corpo uma variedade de maçã espinhosa¹⁰⁹ e partia para sua viagem astral "sob o olhar atento de seu *nagual*", que seria, segundo Don Juan, seu guru, "a parte de nós para a qual não existe descrição, nenhuma palavra, nenhum nome, sensação ou conhecimento".

Com todo o devido respeito pela opinião do sábio Don Juan, creio poder atribuir a essa outra 'parte' de nós mesmos, vários nomes: eu superior, espírito (em contraste com alma, que, segundo a doutrina dos espíritos, é o espírito encarnado), também rotulado de ISH, na terminologia especializada inglesa, ou seja *Inner self helper*, espécie de supervisor situado no íntimo de cada um de nós. Em meu livro *Alquimia da mente*, emprego o termo individualidade, nosso lado dito inconsciente, em contraste com a personalidade, o lado consciente.

Já *Things invisible to see*, de Willard, narra a história de uma adolescente de 17 anos de nome Clare, que ficou paraplégica ao levar na cabeça a pancada de uma bola de beisebol. À noite, deitada na cama de um hospital, ela vê uma mulher com o rosto meio encoberto por uma espécie de touca, pairando no ar, e que lhe diz:

– Você está me vendo com seus olhos espirituais, minha filha. Agora, caminhe para mim com suas pernas espirituais.

Dizendo isso, aproximou-se de Clara, tocou-a com a mão e a jovem se viu prontamente fora do corpo físico, ao lado dela.

– Não posso acreditar – disse para si mesma. – Não posso acreditar, terminou o meu tempo na terra.

109 Vejo no *Michaelis* que se trata de planta de nome estramônio (Que nome!). Socorrendo-me de Aurélio, descubro o seguinte: "estramônio [Do lat. cient. *stramonium*.] Substantivo masculino. 1. Bot. Planta herbácea, da família das solanáceas (*Datura stramonium*), de propriedades tóxicas e medicinais, folhas grandes com dentes compridos e agudos, flores alvas ou azuladas, solitárias, que brotam do ângulo de bifurcação dos ramos, e cujos frutos são cápsulas ovóides, erigidas de grossos espinhos, que contêm sementes amareladas e, quando maduras, de cor preta; figueira-brava, figueira-do-inferno, mamoinho-bravo, zabumba ou zambumba."

– Você não está morta, minha filha. Tudo o que está vivo parece morto e o que está morto parece vivo – acrescentou.

Em seguida, a velha senhora flutuou no ar rumo à porta, onde fez uma pausa, olhou por cima dos ombros para a menina, sinalizando para que ela a acompanhasse.

Cott lembra a similaridade desse caso com os espantosos relatos de Omm Sety, que se erguia “totalmente nua” e “gloriosamente leve” e partia com Ptah-mes, seu mensageiro e guia, por uma faixa de névoa escura, acima das pirâmides, para, finalmente, chegar até onde se encontrava ‘Sua Majestade’, no Amênti.

Tanto num caso como no outro, lembra Cott, observa-se a presença de espíritos guias para guiar as pessoas.

Como se sabe, Ptah-mes é a entidade que estava a serviço de Seti I junto de Omm Sety; foi ele, aliás, que ditou a ela o texto no qual conta a história dela no Antigo Egito, quando era Bentreshit, a noviça de Ísis que se deixara seduzir pelo poderoso faraó.

Parecendo até que aceita, sem grandes reservas, a estranha história de Omm Sety, Cott esclarece que, em verdade, Ptah-mes é apenas um espírito auxiliar, de vez que o guia espiritual de Omm Sety seria o próprio Seti I, o faraó, que, da primeira vez, manifestou-se à jovem Dorothy Eady, aos quatorze anos, na assustadora personificação materializada da múmia do antigo faraó. Cott caracteriza esse episódio como “o Grande Sonho xamânico”, que é, aliás, estranhamente parecido com o que figura no poema do poeta espanhol Antonio Machado, que Cott transcreve em tradução inglesa de Robert Bly.

Certamente, foi ele o faraó que Imam Abdel Meguid, sogro de Omm Sety, viu sentado na cama dela, certa vez, e recuou espavorido e perplexo. Quanto a Ptah-mes, o marido de Dorothy nunca o viu, a despeito das constantes e demoradas visitas da entidade, especialmente durante o período em que o discreto e misterioso personagem escreveu, pelas mãos da estranha senhora inglesa, a história dela própria e que assim dizia, em versos livres:

E ele era o demônio de meus sonhos, o mais belo de

todos os anjos. Seus olhos vitoriosos fulguravam como aço e as chamas, que se desprendiam de sua tocha como gotas, iluminavam as profundezas da alma. ‘Quer vir comigo?’ ‘Não, jamais! Túmulos e corpos mortos me assustam.’ Mas sua mão de ferro tomou a minha. ‘Você irá comigo.’

“E assim como fez o poeta, Dorothy Eady ia com ele” – conclui Cott (p. 214).

O biógrafo de Omm Sety oferece, neste ponto, algumas reflexões pessoais acerca do termo *daimon*, que, no seu acertado entender, foi ‘demonizado’ na teologia cristã, mas que, antes disso, significava ‘o bom espírito’ (guia) de uma pessoa, como o celebrado *daimon* de Sócrates, interpretado por Apuleio, na alegoria de *O asno de ouro*, como:

[...] benfeitor, guia individual e observador do que se passa no ser interior, como guardião do bem-estar de cada um, por conhecer-nos mais intimamente, sendo o mais alerta e constante observador, juiz individual e testemunha inescapável que tem um olhar de censura para o mal e exalta o bem.

Ainda citando Apuleio, Cott acrescenta que, em casos especiais, o *daimon* pode até comunicar-se com seu tutelado:

[...] ora por meio de um sonho, ora por um sinal, ou até mesmo manifestando-se pessoalmente a fim de rechaçar o mal, fortalecer o bem, erguer a alma de um revés, socorrê-lo na sua inconstância, iluminar nossa escuridão, encaminhar o que nos for favorável e contrabalançar o mal que nos atinja.

Como se vê, é longa a lista dos serviços prestados pelos espíritos guias. É preciso ressaltar, contudo, que a boa doutrina ensina que eles não fazem por nós o trabalho que nos compete fazer.

Temos, a respeito, uma informação de Cott, ao lembrar que Apuleio foi um iniciado nos mistérios egípcios e ensinava que os maiores entre os *daimons* foram Ísis e Osíris.

Foi inspirada pela evidência das visitas da entidade (Seti I), que Cott caracteriza como seu “*amante daimon*”, que a menina teria decidido retornar àquele mundo antigo, ao qual ela estava convicta de haver pertencido. Ali estavam seu ambiente e seus deuses tutelares, presença constante nos seus rituais. Ou seja, Omm Sety fora de volta no tempo, a fim de dar conta dos compromissos que assumira há 3.200 anos, mas que deixara de cumprir. Ela não estava ali, portanto, apenas para se tornar uma respeitável egiptóloga, a lidar com templos, peças de museus, textos hieroglíficos, desenhos, imagens, enigmas e a própria magia de uma remota civilização, e sim para viver como a sacerdotisa devotada à religião, à qual a prendia seu juramento, o que não conseguira cumprir por causa da avassaladora paixão pelo faraó da época e, acima de tudo, pelo desastroso e desesperado gesto do suicídio.

Não apenas ficara ela como que prisioneira daquele severo esquema, como também nele ficara comprometido o faraó. Ambos ficaram devendo às severas posturas religiosas da época uma reparação, que somente puderam resgatar – e sob condições tão peculiares – trinta e dois séculos depois.

Mesmo porque, como assinala Cott, em numerosas das épocas intermediárias, no longo espaço temporal desses milênios, a antiga noviça seria trucidada ou queimada na fogueira da intolerância e do fanatismo.

Acrescento por minha conta que, mesmo após todo esse tempo de penúria espiritual, Omm Sety ainda enfrentou a intolerância da incompreensão de grande parte, senão de todos os seus contemporâneos, com as raras exceções de sempre. Isso porque a gente percebe que mesmo seus amigos mais íntimos e dispostos a serem compreensivos ante suas ‘excentricidades’ relutam em conceder-lhe irrestrita credibilidade e empregam muitas e freqüentes condicionantes ao relatar as conversas que tiveram com ela, os fenômenos que nela observavam e sua desconcertante e franca abordagem a aspectos indigestos à sofisticada mentalidade moderna, como vidência espiritual, interesse explícito pela teoria e prática da magia, e, principalmente e acima de tudo isso, seu convicto

apego à realidade espiritual da reencarnação, o grande e incômodo tabu que a cultura ocidental, de modo especial, não consegue exorcizar para sempre, como gostaria.

Na verdade, a doutrina das vidas sucessivas insiste teimosamente em se reapresentar por toda parte, em qualquer momento histórico, com todo tipo de gente, em todas as culturas.

Nos tempos que estamos vivendo, no início do chamado terceiro milênio, não há tamanha disposição fanática em apedrejar ou queimar heréticos e feiticeiros, mas o ostracismo a que se refere Cott prevalece por trás de repetitivas e monótonas referências a ‘alternativas’, como inconsciente coletivo, herança genética, fantasias e fraudes; tudo, menos o exame desapassionado e atento das evidências oferecidas, como as que figuram no paciente trabalho de décadas de um cientista do porte e da seriedade do dr. Ian Stevenson.

Ressalve-se, como costume fazer, que essa atitude alérgica na ciência como um todo sempre foi e continua sendo compensada por estudos e experimentos de cientistas isolados que, pessoalmente, se expõem à crítica de seus pares, por admitirem, corajosamente, a realidade cada vez mais incontestável das vidas sucessivas.

Uma palavra, ainda, se encaixa neste ponto sobre a magia no contexto da civilização egípcia antiga. Cott cita o prof. Erik Hornung, ao declarar que a magia do Egito Antigo, posteriormente pervertida, era uma “força, energia nuclear das civilizações primitivas [...], por serem perigosas e pelo poder de transformar o mundo”. (Cott, p. 216)

A meu ver, esse diagnóstico continua válido, no sentido de que a cultura contemporânea continua rejeitando a realidade espiritual como um todo e a reencarnação, em particular, precisamente pela mesma causa, ou seja, o potencial subversivo que essas idéias trazem em seu bojo, dado que, uma vez aceitas, desencadeiam necessariamente uma completa e radical reformulação nas estruturas de conhecimento sobre as quais se apóiam as arquiteturas ideológicas da civilização, em termos de ciência, filosofia, religião, ética, comportamento e até em ramificações menos idealistas do pensamento como economia ou política.

Originariamente concedida aos seres humanos como arma de defesa pessoal, acabou eventualmente a serviço de objetivos egoísticos e agressivos, especialmente no amor, com seus fetiches e encantamentos. Os magos não hesitam em ameaçar os poderes invocados nos mais terríveis eventos, como os da destruição do próprio mundo. Em mãos humanas, a força da magia, originariamente livre de julgamento de valor, tornou-se pervertida. (Hornung. *Conception of God in Ancient Egypt, apud Cott, p. 216*)

Cott lembra que Omm Sety, competente conhecedora da teoria e prática da magia, mostrava-se bem consciente dos riscos decorrentes dessa ‘perversão’ apontados pelo prof. Hornung.

Ela estudava a magia e a empregava na prática com todo o respeito pelas antigas regras, segundo as quais esse procedimento havia sido criado, ou, no dizer do professor, entregue nas mãos dos seres humanos; usava-os com a finalidade primordial para a qual haviam sido criados, ou seja, para se proteger, mas também para se instruir a respeito de segredos e enigmas cujo sentido se perdeu com o uso e, principalmente, com o abuso indiscriminado e egoístico. E mais: para ajudar, com suas manipulações secretas, pessoas em dificuldades de variada natureza que a procuravam em busca de socorro e cura orgânica ou espiritual, bem como para proteger seus queridos irmãos menores, os animais.

Num de seus apontamentos de diário, ela expõe os ensinamentos de Seti I, perguntado acerca da presença das figuras de Heka e Sai (magia e sabedoria), na imagem do Barco Solar, no *Livro dos portais*, texto funerário da décima oitava dinastia:

Lembre-se [disse-lhe Seti] que eu te disse que não há nenhum Barco Solar e que Ra, Iuf e Ra-Hor-akhty (deuses solares) são apenas manifestações do Senhor de

Todos? Pela mesma razão, não há seres por nome Heka e Sai. Em nosso tempo havia alguns magos autênticos e a magia era uma realidade. A magia era representada simbolicamente por Heka e, como você sabe, *Sai* significa ‘sabedoria’ e ‘entendimento’. São mostrados juntos a fim de lembrar aos que os contemplam e que tenham e usam *Heka*, que devem ter também *Sai*; do contrário, usariam indevidamente *Heka*. Compreende agora?

Em outras palavras, na correta prática da magia, não era suficiente conhecer os procedimentos, mas usá-los com sabedoria.

Não há dúvida de que Omm Sety tinha isso em mente, ao usar seus conhecimentos com ética e sabedoria, em proveito do próximo e na promoção de sua causa pessoal, como – no acertado dizer de seu biógrafo – “devotada sacerdotisa pagã de Ísis”, aliás, a deusa da magia, e “não como perversa manipuladora da ‘magia negra’ para alcançar objetivos exploratórios satânicos, extorsivos ou sexuais”. (Cott, p. 219)

Pouco se lhe importava que, no exercício de sua tarefa de convicta sacerdotisa, fosse tida como excêntrica e não muito certa da cabeça, por acreditar em coisas esdrúxulas como reencarnação, manifestação de espíritos de faraós, vidências, psicografia ou viagens em corpo astral. Como temos visto, a tônica dos pronunciamentos sobre ela, da parte de numerosas pessoas consultadas que conviveram ou não com ela, quando não a de rejeição sumária, pode ser resumida na condescendente avaliação de que o trabalho dela como egiptóloga sempre foi da melhor qualidade. Tinha, portanto, direito a suas excentricidades em respeito à sua competência e profissionalismo com os quais lidava com os ensinamentos e enigmas da herança cultural do Antigo Egito.

Cott reproduz a opinião do dr. James P. Allen, diretor do American Research Center in Egypt, segundo o qual Omm Sety tinha uma visão algo infantil do mundo, *quase* igual à dos antigos egípcios. E ressalva que esse ‘quase’ se devia ao fato de que, por mais que o desejasse, ela não tinha como escapar ao

fato de ser uma pessoa embutida num contexto moderno.

Mesmo seus amigos mais próximos enfrentavam certa dificuldade em lidar com as excentricidades dela. Um exemplo disso pode ser observado no seu relacionamento de cerca de vinte e cinco anos com o respeitável dr. Hanny El Zeini, seu amigo e confidente. E ele próprio se declara incapaz, de início, de aceitar desapaixonadamente as confissões dela.

Chegou até – como Cott – a procurar, no Cairo, um psiquiatra amigo a fim de submeter à sua apreciação a gravação de uma entrevista com ela.

O doutor ouviu atentamente a gravação e declarou, escolhendo cuidadosamente suas palavras:

– Gostaria de conhecer essa senhora Omm Sety; trata-se de um caso muito interessante. Não posso chegar a uma conclusão definitiva sobre ela, contudo, sem examiná-la cuidadosamente. Mas [conclui, chegando, paradoxalmente a uma conclusão arrasadora] certamente ela não é uma pessoa ‘normal’.

E o que seria uma pessoa normal, segundo os padrões aferidores do doutor?

Parece que essa avaliação preliminar deixou Zeini um tanto dividido, a questionar-se intimamente. Se, por um lado, ele queria ajudá-la – o que implica dizer que ele considerava necessário algum tipo de ajuda a ela –, por outro, ocorreu-lhe formular a si mesmo uma pergunta relevante: será que, realmente, ela precisava da ajuda dele ou de quem quer que fosse? Afinal de contas, tanto quanto podia ele observar, sua amiga mostrava-se perfeitamente satisfeita com a vida que levava.

Pelo que se depreende, o dr. Zeini não se deu por satisfeito com a avaliação de seu amigo psiquiatra, dado que, algum tempo depois, foi, com o mesmo objetivo, conversar com “alguns membros de um grupo espiritualista do Cairo”, conhecido como Al Ahram (Sociedade da Pirâmide), e eles tinham uma visão diferente daquela que lhe fora oferecida pelo psiquiatra.

Um erudito bem informado nos ensinamentos da Rosacruz sugeriu-lhe que “levasse muito a sério tudo quanto Omm Sety lhe dissesse e que ela não vivia num paraíso de loucos”.

“Daí que – confessa Zeini – retornei a Nag Hammadi mais perplexo, inseguro e confuso do que antes.”

Em desabafo semelhante, o biógrafo Cott queixa-se da mesma perplexidade e do esforço que estava desenvolvendo para obter respostas às numerosas questões que lhe ocorriam, diante da “extraordinariamente complexa personalidade de Omm Sety”. Haveria, por exemplo, alguma correlação neurológica que explicasse a história dela? Pelo menos era o que se sabia em face do que acontecera com a menina Dorothy Eady, aos três anos, ao levar o tombo na escada que mudou a sua vida. Incidentes assim – segundo Cott, que recorre, neste ponto, a suposições formuladas pelo cientista Carl Sagan – podem suscitar:

[...] espantosas anamneses e ativar seqüências de memórias fossilizadas no cérebro; mas, ainda assim, poderiam despertar lembranças de uma ‘vida anterior’? [...] Seria Omm Sety um caso de oneirofrenia [espécie de loucura sustentada por sonhos] ou de mitomania [espécie de representação de um drama criado pela própria pessoa]?

Mas, afinal de contas o que seriam “lembranças fossilizadas” no cérebro? Não faz sentido isso, porque os fósseis só existem quando algo foi ali depositado ainda ao vivo, por assim dizer. E de onde teriam vindo tais *fósseis*? Do Egito, por exemplo? E como?

Em longa nota de rodapé, o autor da biografia desenvolve um pouco mais suas especulações. Vamos ler o que ele diz:

Vários neurologistas por mim consultados sobre a queda de Dorothy Eady na infância sugeriram que o problema encerrava muitos fatores desconhecidos e variáveis para formular quaisquer deduções acerca de alguma causação neurológica no sistema constitucional

dela. Segundo um dos neurologistas: “Crianças de três anos de idade podem, às vezes, imaginar toda espécie de coisas ao se despenhar escada abaixo. Há, por exemplo, fantasias populares segundo as quais as crianças imaginam que não são, de fato, filhas ou filhos de seus próprios pais.” Mas, um psiquiatra especializado em comportamento de adolescentes me informou que a queda de Dorothy Eady escada abaixo pode ter produzido algum dano ao *locus ceruleus*, (uma protuberância azulada no assoalho do quarto ventrículo do cérebro). E isto, por sua vez, pode muito bem ter resultado de uma deformidade caracterológica antiga, que se manifestou em Dorothy como falta de sincronização ou de adequação com seu próprio ambiente. E que a melhora desse estado ocorre freqüentemente ao transformar-se numa obsessão – no caso de Dorothy, obsessão com o Egito. (p. 219)

Com todo o respeito devido ao psiquiatra consultado, a ‘explicação’ oferecida em lugar da transparente singeleza da hipótese (digamos assim) reencarnacionista, não passa de um erudito contorcionismo verbal. Em outras palavras, tudo vale como hipótese, menos a reencarnação.

Na sua meticolosa busca de explicações alternativas, o biógrafo traz, ainda, para o seu texto, depoimentos de William James, grande figura dos primórdios da metodização da psicologia.

James fala de “uma dupla consciência”, ou “um eu secundário subconsciente”. E isso encontramos também em Carl Jung, em Maurice Maeterlinck, em Paul Brunton – que, aliás, andou lá pelo Egito a estudar seus mistérios –, em Julian Jaynes, em Gustave Geley e outros, que, se me permitem a imodéstia, são examinados e comentados em meu livro *Alquímia da mente* (Editora Lachâtre).

Para James (*apud* Cott, p. 220), não há padrões puramente objetivos para avaliar a saúde (mental). Tem, contudo, o

veterano e erudito formulador da psicologia uma palavra final de bom senso ao fazer suas autorizadas ressalvas a autores como (Max) Nordau, o que vem muito a propósito no contexto em que estamos aqui a discutir. Diz James, no encerramento de sua conferência, na qual Cott foi buscar seus ensinamentos, que:

A dúvida com escritores como esse [Nordau] está em que empregam nomes descritivos de sintomas meramente como artifícios para emprestar autoridade objetiva às suas aversões pessoais. A terminologia médica transforma-se em mero porrete apreciativo para derrubar alguém.

E conclui:

Devemos acolher sensibilidades, obsessões e impulsos, se os temos, desde que, por meio deles, possamos aprofundar o campo de nossa experiência e contribuir para fortalecer o conhecimento da humanidade; para ampliar nosso conceito de saúde e não para estreitá-lo; para não considerar um único elemento fatal como fraqueza – em suma, não devemos *temer a vida*.

Apoiado na autoridade e no bom senso de William James, creio estarmos autorizados a concluir que se encontram *temendo a vida* aqueles que admitem qualquer outra hipótese, por mais obscura que seja na sua confusa expressão terminológica, desde que se possa manter fora da discussão a ‘incômoda e fantasiosa’ realidade da reencarnação.

Estava Jonathan Cott a revolver essas especulações na mente, quando decidiu consultar mais dois psicólogos:

[...] que compreendiam que conhecer-se a si mesmo significa conhecer e discernir seus próprios *daimons*, e não simplesmente varrê-los do caminho, considerando-os meros produtos de uma mente iludida em si mesma.

O primeiro deles consultado foi o dr. James Hillman, em escrito seu (não identificado por Cott), em que diz:

Para ir às raízes da ontologia humana, sua verdade, essência e natureza, é preciso movimentar-se de maneira ficcional e usar instrumentos poéticos [...]. Ficções poéticas e dramáticas são o que realmente povoam a vida psíquica das pessoas. Nossa vida na alma é uma vida na imaginação.

Não sei se entendi bem o que quer dizer o dr. Hillman com isso e, para ser absolutamente honesto, acho que entendi muito pouco do restante de sua longa conversa com o biógrafo de Omm Sety.

Prefiro assumir uma atitude de humilde e silencioso respeito pelas suas idéias a me arriscar a interpretá-las ou situá-las no contexto de minhas convicções.

Quando o escritor observa que Omm Sety parece ter vivido num mundo psíquico,¹¹⁰ do mesmo modo que os antigos egípcios, mas que, por isso mesmo, se torna difícil saber o que pensar acerca de suas experiências, ele retruca que a gente não tem de “acreditar” em coisa alguma. E acrescenta: “Ela viveu de modo peculiar, viu de modo peculiar e isso é que importa.”

Cott traz à conversa mais uma citação do dr. Hillman, ao referir-se à idéia platônica de memória, declarando que:

Essa história de lembrar-se do que nunca aconteceu deve ser considerada corretamente como coisa imaginada e esse tipo de memória é imaginação.

Omm Sety, portanto, na sua imaginação, vivia totalmente

110 É preciso lembrar sempre que o termo inglês *psychic* tem em português um sentido mais amplo específico, como se pode ver no *Dicionário da VOL.*, no qual se lê o seguinte: “psy. Chic n. médium, sensitivo, paranormal. // adj (também *psychical*) 1 psíquico, mental. 2 sobrenatural, supranatural. 3 mediúnico, espírita.”

durante a décima nona dinastia. “Mas – acrescenta –, se ela realmente estava lá ou não, é irrelevante; pelo menos funcionou com ela.”

E conclui:

[...] eu não discutiria sobre se tal coisa é ou não possível. Essa é a maneira pela qual essa mulher entendia sua vida e isso, psicologicamente, é verdadeiro. Ela se mantinha viva por causa de sua história pessoal e penso que seria errado duvidar. Mas isso deveria ser considerado como uma estória – e a estória ela própria contou a fim de viver a vida que ela viveu.

Em suma, a teoria de que aquilo tudo era uma ficção, mas com todo o aspecto de uma realidade para ela.

A próxima autoridade consultada pelo biógrafo, na sua busca obstinada por uma explicação racional para o fenômeno Omm Sety, foi o dr. Michael Gruber, “brilhante psicólogo radicado em Nova Iorque”.

Que juízo faria ele – pergunta Cott (p. 225) –, se ela de repente entrasse ali no seu consultório?

Admitindo-se que ela contasse ao analista toda a sua história, ou seja, que ela trabalhava fielmente para o Departamento de Antigüidades Egípcias, pagava seu próprio aluguel, convivia socialmente com as pessoas, que bordava, fazia colares artesanais, que era desenhista profissional e escreveu livros, que se relacionava com as pessoas da comunidade, em resumo, ela vivia uma vida funcional numa assim chamada “realidade cotidiana”. Tinha, contudo, uma realidade ‘paralela’ e ele, dr. Gruber, teria de levar em consideração *essa* realidade, do ponto de vista das visões ou inspirações que lhe eram próprias.

Nesse caso, o doutor faria a si mesmo uma série de perguntas exploratórias. Por exemplo: sua ‘personificação’ inibia o adequado funcionamento dela no mundo? A resposta era não. Essa *outra* realidade renegava aquilo a que chamamos ‘estado de vigília’ ou realidade ‘comum’? Não. A participação dela como ‘membro’ da antiga civilização egípcia a impedia de ser capaz de trabalhar de modo produtivo? Pelo contrário...

Dentro dessa moldura, seu papel como terapeuta, caso a

tivesse como paciente, seria o de:

[...] permitir que ela elaborasse à vontade a estória de sua alma, em vez de criar algum tipo de conflito de interesses entre, digamos, minha convicção sobre a realidade 'cotidiana' e sua diferente visão das coisas [...]

Para o dr. Gruber, Omm Sety tivera uma "experiência enriquecedora" e seria uma perda irreparável considerá-la simplesmente como alguém que "tinha alucinações, fora da realidade ou dividida em si mesma – isto seria uma diminuição de seu próprio ser".

É uma opinião sensata e que se presta à discussão, das poucas com essa abertura entre as que temos visto no correr da busca de Cott para um sentido, ou, mais ambiciosamente, uma decifração aceitável para o enigma Omm Sety. O dr. Gruber está pensando em fenômenos alucinatórios, alienação e esquizofrenia. É razoável que ele conclua que isso seria como que reduzir o tamanho e a importância dos numerosos fenômenos que ocorriam com ela. Não que ele tenha oferecido uma explicação convincente para o caso, mas, pelo menos, não tentou apelar para a fantasia onírica ou a fraude.

Quando perguntado sobre uma observação da própria Omm Sety, segundo a qual o acidente na escada aos três anos teria "soltado um parafuso" nela, teoriza tratar-se provavelmente de "um espaço da imaginação que a visão criativa movimenta e nos informa de outra realidade" que teria, de fato, "tomado conta de Omm Sety".

Menciona mais adiante, na entrevista, citando Sheldrake, que poderia tratar-se de uma "ressonância mórfica" existente no contexto biológico, denunciando a evidência de que as células seriam dotadas de "memória e certo tipo de conhecimento".

Do ponto de vista psicológico, porém, Gruber declara que o dramático acidente de Dorothy Eady, na escada, aos três anos de idade, poderia ser discutido em termos de "um episódio edipiano, ou seja, a separação da mãe e desejo pelo pai durante a adolescência".

Confessa, porém, honestamente, o risco de que essa especulação

freudiana resulte numa espécie de linguajar "científico", que acabaria deixando Omm Sety como alguém envolvida num processo psicótico. Acha que há outras possibilidades "fiéis à experiência vivida" por ela, sem recorrer a tais especulações.

Cott prossegue teimosamente com seu questionamento. Teria sido possível atribuir a Omm Sety o diagnóstico de uma mitomania, ou seja, "uma representação histérica a partir de uma personalidade secundária criada por ela mesma?"

O biógrafo-entrevistador está, portanto, neste ponto, trazendo à discussão antigos clichês que tiveram sua época, especialmente entre o final do século dezenove e início do vinte, ou seja, mitomania, histeria e criação de personalidades secundárias, o que invade as áreas da mediunidade e do animismo, cujos fatos a ciência ainda não está devidamente preparada para examinar com isenção e coragem desapaixonada e racional; ao contrário, tenta forçá-los, como que a martelo, para dentro de um rígido esquema de conceitos mal definidos, como histeria, por exemplo, que, ao tempo de Charcot, servia para 'explicar' ou, pelo menos, rotular uma pequena multidão de fenômenos inexplicados e não simplesmente inexplicáveis.¹¹¹

Em outras palavras: aprender com os fatos e não partir para a observação com as premissas teóricas já decididas, como, por exemplo: o ser humano é um mecanismo cibernético puramente material que se desintegra com a morte do corpo físico. Não há espírito preexistente, nem sobrevivente. Reencarnação? Nem pensar.

Gruber manifesta o bom senso de considerar as experiências de Omm Sety, como significativas para sua vida pessoal. Afinal de contas – lembra ele –, a partir do tombo escada abaixo, aos três anos, a menina teve "intuições ou vislumbres de conhecimento, somente acessíveis a iniciados no correr de períodos inteiramente diferentes da história".

De onde teriam vindo tais conhecimentos? Sob que condições haviam sido adquiridos? Que aspecto da memória

111 Para uma discussão mais ampla de histeria, ver meu livro *Condomínio espiritual*, editora Fé, São Paulo.

os teria guardado durante milênios decorridos? Qual o procedimento de acesso a eles? O que fazer deles? Como explicá-los, sem a hipótese reencarnacionista?

As modernas técnicas regressivas já têm reunido a esta altura (2007), amplo e convincente material, em paralelo com as numerosas e igualmente confiáveis observações do dr. Ian Stevenson.

Nesse momento da conversa com o dr. Gruber, Cott contribui com uma postura digna da melhor atenção e que não colocou no formato de uma pergunta ao profissional da saúde mental, mas como afirmação pessoal sua.

Em vez de parafrasear, vamos ver exatamente o que ele disse:

– Sempre me pareceu – informa – que a história de Omm Sety é, acima de tudo, uma história sobre a remoção do véu que cobre o poder da memória.

Essa observação é formulada logo depois que Gruber lembrou muito apropriadamente a metáfora do “véu de Ísis”, de vez que a deusa teria entre seus atributos o poder de velar e desvelar.

Falam ambos, portanto, de uma memória preexistente, que tem de ter, necessariamente, uma conexão de origem com algum tipo de experiência ocorrida no passado do ser. Onde, quando e como – voltamos a nos questionar –, senão numa existência anterior, alhures no tempo e no espaço histórico, deste lado da vida ou daquele outro que os egípcios entendiam como o Amênti, a dimensão onde vivem, sofrem, amam e aprendem os chamados ‘mortos’.

A postura pessoal do dr. Gruber é, portanto, criativa e aberta, no sentido de que, em lugar de impor sobre Omm Sety um juízo de valor – “... seria ela mentalmente sadia ou insana e suas visões, eram reais ou irreais?” –, tais questionamentos um tanto ociosos, podem revelar mais uma insegurança nos questionadores a respeito de suas próprias concepções sobre que coisa é a realidade”.

Mais uma vez, Gruber tem a minha simpatia pelo equilíbrio emocional e intelectual com o qual abordou o caso Omm Sety.

Significativamente, a série de entrevistas realizadas por Jonathan Cott encerra-se com algumas observações instigantes que convém trazer para o contexto da presente discussão.

Para isso, o biógrafo convoca a dra. Verônica Seton-Williams, que também coloca uma observação realista, que tem a força de um humilde reconhecimento de nossas limitações, na análise de tantos fenômenos relevantes que ocorrem conosco e à nossa volta.”Há muitas coisas que não se pode explicar neste mundo – diz ela, *apud* Cott (p. 230) – e você não pode explicar Omm Sety – ela foi uma criatura muito estranha.”

Eu até diria isso aí de modo algo diferente: Há, de fato, muita coisa *inexplicada* – insisto em usar termo que nem figura no respeitável Aurélio –, porque ainda não estamos preparados para explicá-las satisfatoriamente, o que não quer dizer que sejam inexplicáveis.

Cott acrescenta a seguir outra informação provinda do dr. James P. Allen, que conheceu, pessoalmente a controvertida egíptóloga:

Às vezes, você não tinha certeza de que Omm Sety não estivesse se rindo à sua custa. Não que ela fosse uma impostora naquilo em que ela dizia crer – ela não era absolutamente uma trapaceira –, mas ela sabia que algumas pessoas a consideravam um tanto maluca e, por isso, agia como se as deixassem agir como bem entendessem, que pouco se lhe dava.

Allen continua, dizendo que tentava “vê-la pelo que ela era, mas – acrescenta – não sei se fui mais bem sucedido nisso do que qualquer outra pessoa”.

Pelo seu depoimento, sabe-se que Omm Sety acreditava:

[...] em todas as coisas loucas que, *realmente* fazia. Acreditava o suficiente para emprestar ao assunto um aspecto fantasmagórico que podia levar você a duvidar, às vezes, de seu próprio senso de realidade.

Não estarei sozinho em abrir espaço em minhas explorações para a hipótese que acabo de propor. Ninguém conheceu melhor Omm Sety do que o respeitável dr. Zeini, que com ela conviveu e acolheu suas confidências durante vinte e cinco anos.

Vejam os que ele escreveu no documento que figura nas páginas iniciais de *Abydos: holy city of Ancient Egypt*, escrito em parceria com ela:

Ao perder Omm Sety, não perdi apenas uma excelente amiga e co-autora dos cinco livros que escrevemos juntos, mas, acima de tudo, um relacionamento de verdadeira camaradagem, boa disposição e infalível senso de humor.

Pouco acima, ele havia escrito:

Naturalmente, pouco tempo nos foi necessário [a ele e à esposa] para perceber que Omm Sety era uma impossível mistura de faculdades psíquicas,¹¹² místicas e de clarividência.

Ao que depreendo eu, um bom teste para essa confiança e credibilidade que Zeini passou a depositar em Omm Sety ocorreu – não apenas dessa vez –, mas por ocasião das revelações feitas acerca dos encontros dela com o faraó materializado. (Ele coloca este termo entre aspas). A coisa deve ter soado de maneira muito estranha para o brilhante engenheiro e destacado executivo de uma grande empresa egípcia. No entanto, vejamos seu testemunho:

Sendo ela uma mulher de transparente honestidade e inquestionável integridade, acreditei em cada palavra que ela escreveu a respeito. Realmente jamais acreditei antes disso em encarnação ou “corpo astral”, talvez porque jamais testemunhara qualquer fenômeno ou experimento dito sobrenatural.

A referência à credibilidade das palavras escritas pela
112 'Psychic', em inglês, termo alternativo e mais palatável, para mediunidade.

amiga se deve ao fato de ter ela escrito seu diário para ele e a pedido dele. Parece, contudo, que somente uma parte desse texto figura no livro de Jonathan Cott. Pelo que suponho, o diário completo estaria no volume ainda inédito.

*
* *

Antes de concluir este capítulo, é oportuno ressaltar as dificuldades de Cott e de seus contemporâneos para compreenderem a complexidade dos fenômenos ocorridos com Omm Sety.

Há evidências de que os iniciados egípcios sabiam de coisas e procedimentos de natureza secreta com os quais nem sonhamos, mergulhados que estamos numa civilização (?) predominantemente materialista, utilitarista, hedonista e alienada como a nossa, desatenta a aspectos elementares, mas essenciais ao correto entendimento da vida, tais como existência, preexistência e sobrevivência do ser à morte corporal.

Esse rico acervo de avançado conhecimento da realidade espiritual e de como trabalhar com ela não desapareceu, de vez que os seres que dispunham de tal conteúdo de sabedoria também sobreviveram à morte corporal e estão por aí, reencarnados deste lado da vida, ou do outro lado, como entidades espirituais iluminadas, dotadas de poderes e recursos que nos são desconhecidos e que poderão ser, um dia, recuperados e postos em prática, para revitalização dos mecanismos evolutivos da humanidade.

Talvez a missão de Omm Sety tenha sido programada nessa direção, ainda que não seja de esperar-se um renascimento espiritual coletivo que nos livre do peso das imperfeições que nos mantêm prisioneiros.

Seja qual for a explicação aventada para os fenômenos ocorridos com Omm Sety, os fatos estão aí à disposição de quem tenha os olhos de ver a que se referia o Cristo, em sua fala. Por enquanto, ao que tudo indica, nossos olhos são apenas de olhar. Em outras palavras, não sabemos ou nos esquecemos

de ver a realidade maior por trás daquilo que estamos apenas contemplando de olho vago e distraído.

Cott se empenha em olhar o caso Omm Sety a partir de uma postura cautelosa e declaradamente agnóstica, mas honesta e aberta. Também ele é de opinião que, qualquer que seja a explicação para a fenomenologia ocorrida com a singular egiptóloga, “visão remota, sonho lúcido, imaginação combinada com faculdades extra-sensoriais, estados alterados de consciência, experiências fora do corpo – têm sido relatadas através da história humana”.

É verdadeiro isso. Há milênios e milênios os fatos vêm sendo apresentados insistentemente ao exame de todos nós, mas como eles dão testemunho de uma incômoda realidade que nos obriga a uma total reformulação de nossa postura diante da vida, continuamos com obstinada teimosia a ignorá-los ou a buscar explicações alternativas, desde que não sejam ‘aquelas’ que decidimos rejeitar. Com certa frequência, encontramos, em textos de língua inglesa, um expressivo termo para caracterizar a realidade da reencarnação: *vexing*.

Vejamos mais de perto o sentido do verbo ‘*to vex*’, no *Dicionário Michaelis*:

Vt. 1 vexar, irritar, atormentar, fustigar. 2 molestar, aborrecer, importunar, incomodar, enfadar, apoquentar, amolar. 3 inquietar, afligir, agitar, provocar. *I am vexed by their behaviour*. Estou aborrecido com o comportamento deles. *I am vexed with him*. Estou zangado com ele.

Em suma: a sábia e competente doutrina da reencarnação, que tanta falta faz à ciência, à filosofia, à religião, vem sendo tida como questão vexatória, a ser evitada por pessoas tidas por inteligentes, sensatas, objetivas e racionais.



Tabua do templo do faraó Seti I

Entrevista comigo mesmo

A esta altura, provavelmente, você que me lê gostaria de saber o que pensa o vosso escriba de tudo isso. Para isso, melhor seria que o próprio Jonathan Cott fizesse uma entrevista comigo também. Mas quem sou eu, senão um obstinado curioso que vive a perambular por estranhas regiões intelectuais com as quais muita gente deve achar que nada têm a ver comigo?

Resolvo o impasse, imaginando uma entrevista de *Eu* com *Eu Mesmo*.

Vamos a ela.

Eu – Que avaliação você faz do longo e estimulante diálogo do biógrafo de Omm Sety com toda aquela gente erudita e experimentada, à qual ele teve acesso, em busca de respostas para suas próprias especulações?

Eu Mesmo – Bem, já fiz algumas ressalvas, mas vou reiterá-las, sem a pretensão ingênua de questionar a autoridade e a sabedoria de seus ilustrados interlocutores. Falarei como mero leitor, sem qualquer outra qualificação ou presunção.

Exceção feita ao prof. Ian Stevenson, pode-se dizer que as pessoas consultadas por Cott revelam-se – como direi? – nada inclinadas e até despreparadas para admitir a validade da doutrina reencarnacionista; pelo contrário, percebe-se nelas evidente esforço de contornar a questão e até mesmo ignorá-la. Não discuto as razões que possam ter para isso. É preciso entender que a reencarnação, como tenho dito repetidas vezes, constitui conceito perigosamente subversivo, no sentido de que invalida cristalizadas e consagradas estruturas vigentes de conhecimento científico, religioso, filosófico e até social.

Mesmo porque exige, como precondição, outro conceito

ainda não acomodado confortavelmente, para dizer o mínimo, no contexto do pensamento contemporâneo, ou seja, o de que o ser humano é essencialmente espírito imortal, preexistente e sobrevivente, ora acoplado a um corpo físico de matéria densa, ora em liberdade na dimensão póstuma, que os egípcios conheciam como o Amênti, o mundo dos chamados mortos.

O que para eles, os egípcios, era uma realidade indiscutível, evidente por si mesma e necessária ao adequado entendimento dos mecanismos da vida, para a cultura contemporânea tem um áspero sabor de fantasia e credence, inaceitável aos padrões que regulam o sistema sob o qual vivemos. Daí a rejeição quase que universal à idéia das vidas sucessivas. A mentalidade moderna proclama que somente devemos aceitar aquilo que nos for racional – o restante vai para a área da irracionalidade, que seria desprovida de solo firme sobre o qual possamos caminhar, viver e construir nossas próprias arquiteturas de conhecimento e ação.

Eu – Mas, como vimos nos depoimentos colhidos, o dr. Erlo van Waveren, autor de *Pilgrimage to the rebirth*, também aceita explicitamente a doutrina das vidas sucessivas e até menciona algumas das suas, como a de Fénelon. Chegou mesmo a declarar que veio aqui (na terra, reencarnado), pela primeira vez, no ano 700 antes do Cristo.

Eu Mesmo – É verdade, com uma importante ressalva: não se pode dizer que ele *aceita* a reencarnação, principalmente as dele próprio. Elas o invadem e se *impõem* a ele através de sonhos, vidências, mensagens psicográficas, tanto quanto em regressões espontâneas e provocadas de memória. Seu livro, contudo, é a história pessoal de como e por que ele não aceita de modo algum assumir explicitamente suas identidades passadas e fazer o que Jung, seu mestre e amigo, se recusara a fazer, ou seja, colocar a reencarnação no contexto da ciência. Em seu prefácio ao livro do marido, a dra. Ann van Waveren declara que tiveram de “aceitar o fato de que há mistérios na vida que não podem ser explicados, mas que precisam ser

aceitos”. Pouco adiante, no seu texto, contudo, acrescenta que tal aceitação é apenas “como probabilidade”. Isso, depois de confessar, por si mesma e pelo marido, que se declaram “ainda despreparados para as revelações” contidas no livro, ressaltando que, para o leitor acostumado a uma abordagem racional às coisas, o livro seja “totalmente irrelevante perante a realidade da vida atual”. Lembra, porém, outro tipo de leitor disposto a encarar com “a mente aberta, o lado irracional da vida”. Irracional por quê? “Quem disse que a realidade espiritual é irracional?” – me pergunto eu em *As sete vidas de Fénelon*. (p. 19)

Dessa atitude de confessado despreparo do autor e de sua prefaciadora, resulta um estudo psicanalítico dos notáveis fenômenos ocorridos com ele, em lugar de uma abordagem espiritual. Ou seja: o tema foi enquadrado à força num contexto equivocado de dogmas tidos por científicos, supostamente racionais. Trata-se, pois, de um livro baseado em dramáticas evidências sobre a reencarnação e que, paradoxalmente, não aceita a reencarnação.

Sem dúvida, contudo, van Waveren estaria em condições de entender bem o que se passava com Omm Sety, mas a conversa dele com Jonathan Cott é mais um depoimento de suas aventuras e angústias pessoais com o drama vivido por ele, do que uma apreciação didática do caso Omm Sety, que é o que estava ali em discussão, naquela entrevista.

Eu – Você acha, então, que as opiniões e análises colhidas pelo biógrafo de Omm Sety possam estar influenciadas pelo temor de pôr em risco as bases ditas ‘racionais’ que sustentam as estruturas do pensamento contemporâneo?

Eu Mesmo – Acho. Afinal de contas, há muita coisa em jogo aqui. O sistema de idéias sob o qual vivemos é considerado intocável, uma espécie de coroamento de toda a sabedoria acumulada em milênios sem conta na história da jornada evolutiva da humanidade. Por mais antiga que seja, ou melhor, por isso mesmo, a reencarnação constituiria uma obsolescência irreversível que a humanidade não teria

mais como 'reverter', e seria considerada indesejável recuo involutivo, um retorno à era da ignorância e do obscurantismo. Em outras palavras: pregou-se, na reencarnação, o rótulo finalista da irracionalidade.

Seriam racionais todas ou, pelo menos, boa parte das propostas tidas por científicas? Não há mais espaço no conhecimento acumulado para correções de rumo, ampliações e renovação? Para exorcizar o fantasma da reencarnação, a estratégia tem sido a de recorrer a chavões alternativos, como inconsciente coletivo, complexos freudianos (o de Édipo, por exemplo), possessão, personalidade múltipla, telepatia retrocognitiva, visão à distância, oneirofrenia, mitomania, histeria, ingenuidade e despreparo intelectual e cultural, fantasias da mente adoentada, anormalidade ou fraude, pura e simplesmente.

Eu – Mas a idéia do inconsciente coletivo não tem, a seu ver, valor e peso específico próprio?

Eu Mesmo – Tem, é claro. Ela tem sua razão de ser e seus apoios em evidências aceitáveis; não, porém, para funcionar como um reservatório psíquico do qual podemos retirar indistintamente conhecimentos de coisas que não aprendemos, de situações que não experimentamos, de vivências que não tivemos. E da memória – Freud nos garantiu isso – só podemos resgatar aquilo que lá tenha sido previamente colocado. Mais do que isso, a hipótese de Jung porta-se bem em comparação com a realidade paralela dos registros acásicos, que, por sua vez, explicam as (injustamente) esquecidas experimentações do dr. Joseph Rhodes Buchanan, médico, e de William Denton, geólogo. O primeiro deles deu início a suas experiências em 1849 e o livro *Manual of psychometry* foi lançado em 1853; o de Denton – *The soul of things* –, saiu dez anos depois, em 1863, como vimos.

A hipótese proposta para entender o fenômeno em ambos é a de que tudo quanto acontece no universo é como que fotografado, ao vivo, com suas cores, sons e movimento e que esses imensos arquivos, como se vivos ainda estivessem,

podem ser consultados por pessoas dotadas de faculdades específicas de percepção.

É interessante ver, ainda, *Os enigmas da psicometria*, de Ernesto Bozzano.

Eu – Mas vimos no livro de Cott que Rupert Sheldrake declara sua simpatia pela hipótese de que a memória poderia originar-se “do passado de *outras* pessoas, deixando em aberto a questão de pertencerem à mesma pessoa reencarnada”. Que tem você a dizer sobre isso?

Eu Mesmo – De certo modo, a hipótese não é totalmente rejeitável em vista do que se sabe acerca dos enigmáticos processos de ‘gravação’ de que dispõe a natureza. Digo que isso pode até ocorrer, em situações especiais, como nos fenômenos de psicometria sobre os quais estamos conversando, mas não apenas nesse caso. O sensitivo americano Edgar Cayce realizou milhares de experiências de consulta aos registros acásicos nos seus famosos ‘readings’ (leituras), bem como na prescrição de tratamentos alternativos para mazelas orgânicas, sempre de olho no componente espiritual de seus consulentes. Posto em transe por um operador qualificado, que lhe indicava o nome da pessoa interessada, ele dizia ao cabo de alguns momentos: “*Yes, we have the body*” (Sim, temos aqui o corpo), ou seja, tinha ao alcance de suas observações o “corpo” (Que corpo?), ou seja, os registros deixados pelo consulente no correr de sua trajetória por numerosas encarnações. E não hesitava em ligar causalmente os males de que ele ou ela sofriam com erros de comportamento em remotas ou mais recentes existências terrenas. Não apenas as que ainda estavam presas à flexível, mas severa, lei cármica, mas também as que, mais purificadas, apresentavam-se redimidadas e luminosas.

Tinha ele, portanto, condições de ir aos enigmáticos arquivos psíquicos da natureza e ler neles o que tinham a dizer sobre passadas vivências de seus consulentes. Não creio, porém, que tal procedimento se encaixe na teoria de Sheldrake, segundo a qual a recordação de uma vida anterior a flutuar inesperadamente em nossa memória resulte da

escolha aleatória de uma vida que não nos pertenceu, no imenso reservatório de lembranças.

Eu – Isto seria aplicável ao caso de Omm Sety?

Eu Mesmo – No meu entender, não. Omm Sety não teve meros lampejos ocasionais de seu passado, mas os viveu dia-a-dia, no correr de toda a sua existência terrena, a partir dos três anos de idade. Não eram recordações pertencentes a outras pessoas, e sim, a ela própria.

Na verdade, seja qual for nossa postura de observadores, Omm Sety viveu, em pleno século vinte, a existência de uma sacerdotisa de Ísis e de Osíris há 3.200 anos. Podemos entender isso como uma anacrônica incongruência, ou como fenômeno inexplicável, mas é o que aconteceu. Em outras palavras: tenhamos ou não como explicar os fatos, eles ocorreram desse modo e ninguém põe em dúvida a honesta e espontânea honestidade dela a respeito do que lhe acontecia e à sua volta, por mais que isso escandalizasse seus interlocutores.

Eu – Você não acha que seria forçar demais a credibilidade alheia, colocando-a abruptamente ante episódios tão singulares, como os encontros amorosos dela com o fantasma do faraó Seti I?

Eu Mesmo – Prefiro tratar esse problema em separado, mais adiante no livro, em vista de suas complexidades. Temos de reconhecer preliminarmente, contudo, que Omm Sety não forçava ninguém a crer nas suas histórias pessoais, por mais espantosas que fossem – ela apenas as vivia e confienciava algumas delas, como a desses encontros, a alguns amigos mais chegados, como o dr. Zeini. Não temos, por outro lado, todo o seu diário; apenas uma amostragem dele, necessariamente incompleta e, às vezes, até reticente. Cott informa, em nota de rodapé à página 58 de seu livro – de 1987 como sabemos –, sobre a existência de dois livros ainda inéditos dela; um deles intitulado *Pharaoh: democrat or despot*, escrito em parceria com o dr. Hanny El Zeine, e *The Omm Sety manuscript (survival from Ancient Egypt)*, revisto pelo prof. Walter A. Fairservis Jr.

Eu – E esses amigos, acreditavam nela?

Eu Mesmo – Pelo que se percebe, mais a respeitavam e a admiravam como excelente pessoa humana, inteligente, bem-humorada, culta, autêntica e profissional da melhor qualidade, ainda que subutilizada e remunerada com um salário ridículo, que mal dava para manter seu precário, quase miserável, estilo de vida, em cabanas desconfortáveis, exíguas, feitas de barro, sem o mínimo conforto. A tônica dos julgamentos proferidos sobre ela é, no máximo, condescendente, mas, com frequência, restritivos à sua sanidade mental [“criatura muito estranha e inexplicável”, “não era normal”, ou seja, explicitamente “anormal”] dada a fantasias e à irracionalidade. O mínimo que se dizia dela é que era excêntrica. Mas o que é mesmo ser excêntrico? Diz-se da pessoa que se coloca fora de um centro; se, contudo, examinar bem esse termo, você descobrirá que ele tem um colorido meramente estatístico. Em outras palavras: ela se encontra fora do centro de um círculo de diminutas dimensões, composto por minorias que aceitam a realidade espiritual – reencarnação, inclusive –, enquanto maiorias incalculáveis vivem dentro de um círculo de amplo espaço físico e ideológico. Para Omm Sety – situada do lado de lá da excentricidade –, os outros, ou seja, as maiorias, é que estão fora do centro de convicções que a ela são óbvias por si mesmas. Numa época futura, quando conceitos como os da sobrevivência do ser e da reencarnação forem mais amplamente conhecidos e aceitos, excêntricos serão os atuais materialistas, ocupados, por enquanto, em descobrir alternativas tidas por científicas – quaisquer que sejam elas, por mais estranhas e bizarras –, desde que não se precise recorrer a “fantasias e credices ocultistas”.

Com todas as suas alegadas “esquisitices e excentricidades”, Omm Sety foi:

[...] uma presença fascinante, inspiradora e encantadora para muitos de seus amigos egípcios. Eles respeitavam a honestidade dela em não fazer segredo de sua verdadeira fé e não fingir ser muçulmana ou cristã. (Cott, p. 59)

De sua parte, em respeito aos sentimentos de seus colegas muçulmanos, ela jejuava no mês do Ramadã e, pelo mesmo respeito aos cristãos, celebrava o Natal e o Ano novo, sem deixar, contudo, de lembrar a estes que o Natal reportava-se, na verdade, à continuação da Festa de Aton, o deus Sol Invicto, e que o “verdadeiro” Ano Novo, pelo antigo calendário egípcio, caía em setembro, ao passo que 7 de janeiro é celebrado pela igreja cristã ortodoxa como o verdadeiro dia de Natal.

Ou seja, Omm Sety era uma pessoa que se ocupava fielmente de suas crenças e rituais, mas deixava espaço suficiente para que pensassem diferentemente dela, como os cristãos, os muçulmanos e, principalmente, os céticos de todos os matizes.

Culpa não tinha de que ponto relevante de suas convicções pessoais era constituído pela doutrina multimilenar da reencarnação, da qual, aliás, ela dava testemunho vivo com sua própria experiência, cuidadosamente arquivada e preservada em seus arquivos psíquicos.

Eu – Em resumo, então, qual é a sua posição perante Omm Sety?

Eu Mesmo – De inteira solidariedade e concordância. Não vejo nela nenhum distúrbio mental ou perturbação emocional. Ela vive e fala de uma sólida e indiscutível realidade. Numa comunidade convencida da doutrina reencarnacionista, como o meio espírita brasileiro de hoje, ninguém poria em dúvida a sinceridade, convicção e lucidez com as quais ela falava sobre suas experimentações com a verdade (feliz expressão cunhada pelo *mahatma* Gandhi) e de sua convivência, no dia-a-dia, com fenômenos tidos, no mínimo, por duvidosos para muitos. Queiramos ou não, Omm Sety era, como todos nós, um espírito reencarnado. Dispunha, ainda, de notáveis e espontâneas faculdades anímicas e mediúnicas de vidência, audiência, efeitos físicos e cura, desdobramento espiritual, intuição, além de conhecimento teórico e prático da antiga magia egípcia.

Em mais de uma oportunidade, por exemplo, falou ao

amigo dr. Hanny El Zeini (p. 157), da existência de “um tesouro à espera de ser descoberto e de um singular documento à espera de restauração”. O precioso documento, segundo ela, fora escrito em papiro e, com a passagem de todo aquele tempo, deveria estar em fragmentos e até ínfimas partículas, mas poderia ser recuperado por especialistas com a ajuda de sofisticados computadores. O extraordinário desse achado está em que seria o primeiro e talvez o único depoimento escrito pessoalmente pelo faraó e não, como de hábito, pelos seus escribas. O dr. Zeini quis saber dela porque o considerava tão importante. Veja a resposta:

– Penso – disse ela – que a descoberta desses anais será o maior achado da história egípcia, de vez que estariam nele registrados eventos ocorridos no mais crítico período da história do Egito.

Não consta dos textos por mim consultados como teria Omm Sety tomado conhecimento desse valioso depoimento; imagino que a revelação lhe tivesse sido feita pelo próprio faraó, num dos numerosos colóquios que mantiveram ao longo dos anos de convivência.

Sobre o tesouro, havia, sim, referências específicas num conjunto de salas conhecidas como Arquivos ou Biblioteca e, até o momento, nenhum cômodo que pudesse ter sido usado para guardar algum tesouro fora descoberto. Acrescenta ela ao dr. Zeini uma peculiaridade da construção, naquele ponto, que chamara sua atenção:

[...] o nível do piso nos Arquivos é diferente do nível do piso na Sala dos Barcos e na Sala dos Sacrifícios, que fica imediatamente a leste; há, ali, uma diferença de cerca de quatro metros... O que estaria, portanto, ali em baixo? Talvez haja naquele local um ainda desconhecido conjunto de salas!

Intuições ou ‘palpites’ como esse eram freqüentes com Omm Sety. Um deles ocorreu quando ela indicou com precisão onde ficava o jardim do templo, do qual não era conhecido

nenhum indício convincente. Cavando-se o local indicado por ela, foram encontradas raízes de antiqüíssimas árvores que não mais existiam por ali, e até mesmo uma fonte de água doce.

Eu – Já que estamos falando disso, como você entende o fenômeno inicial que mudou a vida da menina Dorothy Eady, aos três anos de idade, após o tombo na escada? Estou perguntando isto, porque há inexplicadas referências à mudança de voz de parte da criança, como atesta sua mãe, em mais de uma oportunidade. E não apenas a voz; a impressão que a mãe tinha era a de que falava por sua filha uma pessoa adulta.

Eu Mesmo – Bem que gostaria, mas não tenho todas as respostas. Quem as tem, senão Deus, que tudo sabe? Além disso, são fragmentárias, para dizer o mínimo, as informações de que dispomos a respeito desse estranho episódio. Arrisco-me apenas a oferecer algumas sugestões para encaminhamento de um estudo posterior mais aprofundado da questão.

A literatura especializada, especialmente na área da personalidade múltipla, documentou casos nos quais diferentes entidades podem ocupar o corpo físico do múltiplo em sistema de revezamento e por tempo variável, desde alguns momentos até anos a fio. Trata-se de algo semelhante, mas não igual a uma possessão. Estou bem consciente de que a teoria predileta dos especialistas é a de que a personalidade invasora é criada pelo próprio paciente a fim de enfrentar situações estressantes para as quais não se sente preparado.

Sem descartar de todo essa hipótese, pelo menos em alguns casos, entendo eu – leigo assumido, mas com direito à minha opinião – que o múltiplo é um ser dotado de faculdades mediúnicas e pode ficar sujeito a ‘invasões’ de entidades

desencarnadas, o que configura a possessão, ou abrir espaço no seu psiquismo para que se manifeste uma ou mais de suas próprias personalidades anteriores, ou seja, suas vivências passadas, através de um processo de regressão espontânea de sua memória pessoal às suas vidas pregressas.

Aparentemente, o caso conhecido como o das “três faces de Eva”, a personalidade nuclear, que seria a ‘dona’ do corpo físico, permaneceu nos bastidores durante muito tempo, mal conseguindo exteriorizar-se ou manifestar-se ocasionalmente através desse corpo, e, ao mesmo tempo, assistindo como simples e impotente expectadora ao que outras entidades faziam dele.

Coisa semelhante aconteceu com Sybil, como se vê do livro de Flora Retha Schreiber.¹¹³

O mais dramático e evidente, contudo, foi o de Henry Hawksworth.¹¹⁴ Nasceu ele em março de 1933 e, aos três anos de idade, adormeceu profundamente e só despertou quarenta anos depois, aos 43 anos de idade, casado com uma mulher que não conhecia e pai de três filhos, igualmente desconhecidos dele. Nesses quarenta anos – aprisionado em si mesmo, sem qualquer participação consciente no mundo à sua volta – viveu um pesadelo inominável, enquanto cinco personalidades diferentes controlavam rotativamente seu corpo. Os cinco ‘eus’ eram os seguintes:

Dana – um sujeito aparentemente desprovido de emoções, bem sucedido executivo, que procurava manter o precário controle do corpo físico de seu hospedeiro e exercia uma espécie de gerenciamento pacificador do grupo de entidades invasoras, e ainda assumia a responsabilidade pelo que os outros praticavam, quando assumiam o controle à sua revelia.

¹¹³ *Sybil*, Flora Retha Schreiber, Henry Regnery Co., 1973, Chicago. Ver também, o texto “Sybil – o drama da possessão”, Herminio C. Miranda, *Reformador*, março de 1973, reproduzido no livro *Sobrevivência e comunicabilidade dos espíritos*, Herminio C. Miranda, FEB, 1977, pp. 263-293.

¹¹⁴ *The five of me*, Henry Hawksworth e Ted Schwarz, Introdução do dr. Ralph Allison, Pocket Books, New York, 1978.

Johnny – um psicopata sádico, revoltado, agressivo, cheio de ódio, sempre a se meter em fugas, conflitos, bebidas, mulheres e utilização irresponsável das contas bancárias mantidas por Dana. Repetidas vezes, os tumultos suscitados e até crimes levaram-no ao julgamento e à prisão.

Peter – personalidade meio infantil, desarmada, inocente, com gosto duvidoso por roupas espalhafatosas e dotado de faculdades mediúnicas.

Phil – valente e decidido, passou a assumir o controle do corpo nos momentos mais difíceis, durante o período em que Dana serviu ao exército, durante a guerra da Coréia. Tão decisiva foi sua atuação que acabou condecorado, por bravura, com a medalha militar de bronze.

Henry – personalidade inicial e final desse longo ciclo. Tido pelos especialistas como fusão das personalidades que durante quarenta anos dominaram seu corpo físico, depois de empurrá-lo para os porões de seu próprio ser, onde permaneceu aprisionado. Não ficou claro para mim, vosso escriba, o que teria suscitado nele o fenômeno do ressurgimento, ao assumir uma vida que, até então, não fora, paradoxalmente, vivida por ele.

Não desejo afirmar que esse tenha sido o caso de Omm Sety e nem poderia fazê-lo, e sim oferecer à meditação alguns casos que apontam para uma invasão espiritual de tal modo convincente que tornam pelo menos compreensível, ou possível, o caso dela.

Pelo menos três indícios me levam a essa formulação: *primeiro*, a já referida e reiterada observação da mãe da menina Dorothy Eady de que, naqueles momentos de crise, tanto aos três anos, como aos quatorze, no pesadelo com a múmia, a voz e a maneira de falar da menina eram diferentes da habitual, como se ‘alguém’ mais amadurecido falasse através dela; *segundo*, a igualmente reiterada observação de Omm Sety de que não via, em seus desdobramentos ou viagens astrais, o muito conhecido fio de prata que liga o espírito reencarnado ao seu corpo físico. (Seria legítimo concluir-se que a entidade que estava realmente encarnada no corpo da menina fora

recolhida aos bastidores de seu psiquismo, como nos casos de Sybil ou de Hawksworth?); *terceiro*, outra curiosidade: o fenômeno da dramática troca de personalidades, tanto em Hawksworth como de Dorothy Eady, ocorreram aos três anos de idade, momento psico-biológico em que a entidade reencarnante conclui o processo preliminar no qual a individualidade (espírito) repassa à personalidade (alma) as instruções e os comandos necessários ao gerenciamento da vida terrena do ser reencarnado.

Estou lembrando este aspecto, porque os especialistas em autismo recomendam enfaticamente que a criança afetada por essa síndrome tem chances bem melhores de melhor controle do distúrbio, quando o problema é identificado e iniciado o tratamento antes dos três anos de idade. Depois disso – ensinam –, o hemisfério cerebral esquerdo mostrasse irreparavelmente danificado e incompleto, no dizer de um deles como “uma cidade morta”. Como se sabe, é esse o hemisfério incumbido do pensamento lógico e verbal do qual necessita a personalidade para viver o dia-a-dia da existência terrena, em contraste com o processo intuitivo e não-verbal sediado no hemisfério direito. O esquerdo cuida, portanto, do transitório; o segundo, do permanente.

Na prática, como teria funcionado o sistema no caso Omm Sety? Os textos à disposição do leitor para uma avaliação mais precisa são, no mínimo, insuficientes. Ao que consta, a antiga Bentreshit, a jovem noviça do templo que se envolveu romanticamente com o faraó Seti I, teria permanecido durante mais de trinta séculos retida num estado opressivo de purgação, numa dimensão espiritual não adequadamente caracterizada ou definida. Pelo que se depreende das reticentes informações passadas por algum membro do Conselho, ela não teria experimentado qualquer reencarnação terrena durante todo aquele tempo. É como se houvesse sido mantida num severo regime de quarentena que, simultaneamente, alcançava o faraó, seu parceiro e cúmplice na desobediência às rigorosas leis reguladoras do comportamento das vestais egípcias. Por outro lado, não há qualquer menção a possíveis

reencarnações intermediárias do próprio faraó, que confessa ter estado por todo aquele tempo a perambular pelo cosmos na desesperada e angustiante busca de seu perdido amor.

Se é que a tese da substituição ocorrida no corpo da menina Dorothy, aos três anos de idade, pode ser aceita, ainda que como mera hipótese de trabalho, alguma entidade espiritual teria sido incumbida de encarnar-se como Dorothy, já programada para repassar à futura Omm Sety o corpo físico, logo depois de concluída a fase preliminar do procedimento reencarnatório. Nesse caso, não teria sido o tombo na escada que provocou a morte aparente da menina e sua pronta recuperação, já com outra entidade no comando do instrumento biológico, e sim a troca de comando em si mesma. Em outras palavras: a criança teria tido um desmaio, quando a entidade 'provisória', digamos assim, se desprende, ficando por alguns momentos em estado de morte aparente, enquanto a 'outra' assumia os controles do corpo.

Isso explicaria não apenas a mudança de voz e de atitudes observadas pela mãe, bem como de interesses, na inexplicável estratégia da criança em rejeitar o contexto e a época em que vivia a família Eady, ao afirmar categoricamente que o Egito Antigo é que era sua verdadeira pátria e o templo de Osíris, em Abidos, a sua casa.

Se você que me lê acha essa hipótese bizarra ou grotesca, me deixa com direito de achar o mesmo de hipóteses não menos estranhas, como as de oneirofrenia, mitomania, representação histérica a partir de personalidade secundária criada por ela mesma, telepatia retrocognitiva, inconsciente coletivo, acesso aleatório a memórias alheias ou anormalidade pura e simples.

Eu – Para encerrar, como você analisa a posição de Jonathan Cott perante o “caso Omm Sety”?

Eu Mesmo – Depreendo, do que li e meditei durante todo esse tempo sobre o assunto, que o excelente biógrafo manteve-se fiel ao tema escolhido, analisou tudo com serenidade, mas não percebo nele qualquer indício de uma convicção acerca

da hipótese das vidas sucessivas. Tanto é assim que saiu em campo para ver se recolhia dos melhores profissionais da saúde mental um consenso mínimo do que seria aceitável a gregos e troianos sobre o caso. Não o conseguiu.

Por sua própria conta, porém, e pelo que se deduz do que escreveu, parece que a opção dele foi a de considerá-lo fenômeno de possessão dita demoníaca. Ou seja, que se classificaria dentro da esdrúxula e mal estudada hipótese dos *incubus* e *succubus*. Ressalve-se que, para isso, ele considera, com toda razão, aliás, que o termo '*daimon*' foi demonizado pelo retrógrado, fantasioso e fanático pensamento medieval, que, infelizmente, deixou seqüelas que prevalecem até hoje. Seja como for, ele identifica o faraó Seti I como “amante *daimon*” da eminente e controvertida egiptóloga.

Eu – Se bem te conheço, tenho a impressão de que você acabou por não dar a palavra final e conclusiva que eu esperava. Eu diria até que seria uma palavra honesta! Não que você tenha sido desonesto, veja bem.

Eu Mesmo – Você acertou em cheio! Tenho sim, a palavra final como que atravessada na garganta. Não resulta ela de um impulso de animosidade contra ninguém envolvido nesse caso, que chamei, desde o início, de “Projeto Omm Sety”. Há em mim certa frustração e impaciência ante a sólida barreira que se opõe e impõe por toda a parte, principalmente nos meios mais eruditos, à sólida e inteligente doutrina da reencarnação.

Jonathan Cott, autor do estudo, é um jornalista experimentado, pesquisador metuculoso e de impressionante tenacidade na busca do tema ao qual se dedica. Além disso, é um primoroso escritor, dono de um inglês fluente, iluminado e, como diz Carl Sagan, em período destacado para a quarta capa, “Inspirador... brilhante... (que) arrasta o leitor através dos milênios decorridos.”

Além disso, escreveu, no dizer de Yoko Ono, viúva de John Lennon, “uma fascinante história de amor! Você chega a sentir – prossegue – a intensidade de seu amor de três mil anos”.

É verdade isso. Leitores e leitoras são como que envolvidos por aquela milenar paixão que o autor recria, com frequência, em uma prosa que é pura poesia.

O próprio livro, em si mesmo, é uma paixão. Pelo menos foi para mim, e percebo que não estou sozinho nisso.

Eu – No entanto, nada de reencarnação. É isso que você iria dizer?

Eu Mesmo – É o que irei dizer, a seguir. Tanto quanto possível, evite interrupções para que eu não perca o fio da meada. Isso não quer dizer que você tenha de ficar necessariamente calado até o fim. Ok?

Não há dúvida para Cott de que Omm Sety é honesta consigo mesma e com as pessoas com as quais convive. Ela se revela convicta da autenticidade do que se passa com ela. Para ser mais claro, ela está convencida de que é a Bentreshit reencarnada ao cabo de 3.200 anos de reclusão no Amênti. É a sua verdade e ela não faz a menor questão de que acreditem ou não na história. Aliás, fala discretamente – pudicamente, diria eu – do seu relacionamento carnal com o ‘fantasma’ materializado de sua grande e antiqüíssima paixão.

O eixo central de sua história, portanto, é a reencarnação. Ou seja, ela não está inventando uma biografia glamorizada para quem quer que seja, mas principalmente para si mesma. Pelo contrário, em vez de se fantasiar de Cleópatra, Hatshepsut ou Nefertite, declara, com todo prazer e espontaneidade, ter sido filha de uma pobre e anônima verdureira e de um obscuro soldado raso. E ainda brinca consigo mesma, ao rir-se da sua “linhagem dinástica”. Para ela, portanto – como para mim também –, reencarnação não constitui objeto de fé, crença ou credence, e sim de convicção e conhecimento. É assim que se passam as coisas. Aquela é a sua história e ponto final!

Ela provou a autenticidade de suas convicções, tanto quanto é possível ao nosso entendimento provar realidades dessa natureza, que não se encaixam nas estruturas metodológicas de que dispomos, notadamente na cultura ocidental, como assinala com sabedoria e autoridade o dr. Ian Stevenson.

Afinal de contas, pergunte-se aos duvidadores e negadores

de plantão que tipo de prova desejam para se convencer de que Omm Sety é a antiga noviça que viveu um trágico episódio de paixão que ignora barreiras? Como pode acontecer com qualquer um de nós.

Bem, de posse dessas informações, pesquisadas com experimentado critério jornalístico, Cott continua com suas dúvidas – como disse, ele mesmo, ao dr. van Waveren, em Nova Iorque –, sem definir o que fazer delas. Por isso, ele se propõe a submeter o caso a uma série impressionante de experimentados profissionais da saúde mental.

O que se conclui de sua longa peregrinação pelos consultórios dos especialistas? Que, com a honrosa exceção da corajosa e autorizada opinião do dr. Ian Stevenson, todos os consultados empenham-se em longas e eruditas dissertações sobre o que pensam a respeito do caso Omm Sety.

Reencarnação? Nem pensar. Isso é coisa para ocultistas mal informados e pessoas não muito certas da cabeça. Somente sofisticadas teorias expressas em jargão acadêmico, segundo a posição ideológica de cada um. O objetivo, aqui, é o de enquadrar Omm Sety em seus esquemas prediletos.

A imagem que emerge do longo debate é, na melhor das hipóteses, a de que Omm Sety deve ser abandonada ou tolerada pelas suas excentricidades, em vista de suas qualificações como egiptóloga e da maneira equilibrada como leva sua vida, tanto na comunidade profissional como laica, nas quais se acha inserida.

Alguns deles revelam a franqueza de sugerir que, a despeito disso, ela tem algum parafuso solto na cabeça. Em terminologia mais explícita: é meio maluca, mas tem direito a umas tantas ‘anormalidades’.

Eu – Desculpe a interrupção, mas você acha que isso teria influenciado a avaliação final de Cott?

Eu Mesmo – É o que penso, com todo o respeito e admiração por ele. É claro que ele emerge dessas consultas com os luminares da mente ainda mais incerto, ou melhor, menos convencido do que antes de mergulhar na busca

empreendida. Tão relevante é essa busca, que ela constitui a espinha dorsal do livro e foi parar até no título de seu estudo, que é precisamente este: *The search for Omm Sety*. Ou seja, a busca de uma explicação lógica, racional e científica para o caso narrado em seu livro e que a ciência contemporânea não está em condições de se pronunciar, senão pela negativa, disfarçada ou aberta e até hostil.

Em outras palavras: mesmo aqueles que se acham convencidos, como van Waveren e Jung, devem calar-se ou usar uma abordagem cautelosa, acolchoada em eufemismos bem escolhidos a fim de não tisonar suas reputações pessoais, no ambiente em que vivem, com o estigma daquilo que Freud caracterizou com a “onda negra do ocultismo”.

A grande surpresa está em que Freud tenha admitido, nos últimos anos de vida, já no exílio na Inglaterra, certo arrependimento por não haver dedicado tempo ao estudo do conteúdo espiritual do ser humano. Se pudesse recomeçar sua vida – explicitou –, se dedicaria ao atento exame dos fenômenos psíquicos.

Mesmo aí, contudo, ignorou a reencarnação, dado que ele terá sempre vidas para viver no futuro a fim de refazer o que não fez como deveria ter feito. O mesmo é válido para van Waveren, Jung e tantos outros.

Os próprios amigos pessoais mais chegados de Omm Sety, e que a respeitavam como ser humano e pelo seu profissionalismo, como o dr. Zeini, tinham lá suas reservas a suas ‘excentricidades’.

Também ele consultou profissionais de confiança e destacados espiritualistas sobre como entender aquela estranha mulher e amiga. Ressalve-se que estes últimos entendiam a questão e sugeriram que ela fosse considerada autêntica naquilo que acontecia com ela. Eles, porém, eram considerados mais do lado do ‘ocultismo’ e do não menos suspeito ‘misticismo’.

Jonathan Cott, como vimos, não punha em dúvida essa autenticidade. Sua biografada não era mentirosa, nem uma irresponsável e desajustada fantasista. Sua história pessoal é

que era fantástica demais para o gosto de muitos.

Opta, contudo, em suas reflexões finais, por uma abordagem parcial e inadequada do fenômeno, ao recorrer à figura do ‘amante-daimon’. Em outras palavras: ele enquadra Omm Sety numa hipótese que até poderia ser considerada, sob determinadas condicionantes, e não no estado em que se encontra. Ou seja, a de que ela era amante de um fantasma, melhor dizendo, do diabo, embora com suas restrições, que ele mesmo faz, ao uso inadequado do termo *daimon*.

Acontece que tal postura se apóia em tentativa nada confiável, em termos científicos e racionais, mas em desvairadas e esdrúxulas especulações de ignaros fanáticos religiosos e ‘ocultistas’, estes sim, fantasistas e despreparados. Que, infelizmente, ainda persistem em nossa época tida por racional. Estou dizendo isto, porque, ao pesquisar o tema na internet, dei com *sites* que faturam em cima de técnicas exorcistas para livrar incautos *succubus* de *incubus* modernos, ou, vice versa, para libertar *incubus* do assédio sexual de *succubus*, ainda chamados demônios!

Lamentável que tenhamos ainda de conviver com coisas desse tipo, simplesmente para ignorar a realidade espiritual, da qual faz parte a simples, lógica, racional e revolucionária doutrina da reencarnação, que, por sua vez, como temos dito repetidamente, constitui o eixo principal e componente de agregação de todo o sistema de idéias que integram e compõem tal realidade.

Daí o tom de frustração que você notou ou intuiu em mim e da impaciência revelada na fala conclusiva deste livro.

Culpa não tenho de ser um dos milhões de ‘excêntricos’ convencidos da rejeitada realidade, que gira em torno do conceito fundamental de que vivemos muitas vidas, sem o qual as nossas próprias não fariam sentido.

Daí porque, e finalmente, não posso calar o Cícero dentro de mim ao reclamar de Catilina. E me pergunto: até quando a ciência e a *intelligentsia* como um todo hão de ignorar a reencarnação? E por que todos esses biombos protetores montados especificamente para ocultar a verdade? Medo?

Vaidade? Receio de que toda a estrutura do conhecimento predominante sobre as ciências da mente venha abaixo, soterrando reputações e elaboradas arquiteturas obsoletas? Que venham! Sem isso, como renovar e progredir? E mais: sem essas demolições e implosões para reconstrução, ainda estaríamos adorando não menos obsoletos fetiches.

Pelo que se conclui, como tenho exaustivamente repetido, há uma ignorância que *não* sabe e outra que *não quer* saber.

Eu – Agora sim, vejo que você se desabafou.

Eu Mesmo – É verdade. Tenho dito!

Leitura Complementar

01 – O Conselho

São freqüentes as referências de Seti I, em suas conversações com Omm Sety, a um Conselho formado de sábias entidades espirituais de elevado nível evolutivo, investido de autoridade para supervisionar-lhe a vida terrena e a espiritual, mas totalmente desligado do conceito de punição. Sua tarefa consiste em acompanhar o comportamento de seus pupilos, convocá-los quando necessário, a fim de manter com eles um diálogo severo, sem meios termos ou subterfúgios, mas compreensivo, afetuoso, sem intimidações ou ameaças e, muito menos, pronunciando sentenças punitivas. O objetivo é o de aconselhar – daí o nome – e orientar, encaminhando a conversa no sentido de que a própria pessoa se decida pela mudança de rumo, quando esse for o caso, e por que o faz.

Vamos repassar as alusões às quais nos referimos ocasionalmente aqui.

Encontramos uma delas logo no início do livro (p. 7). O faraó descreve seu estado de desespero, ao chegar ao Amênti, “louco de dor” pela perda de sua amada Bentreshit. Questionou, em vão, os amigos sacerdotes que por lá encontrou. Eles se solidarizavam com sua dor, mas limitavam-se a contemplá-lo compadecidos, sem nada que pudessem fazer ou dizer para minorar suas angústias, que o levaram até a afrontar o Conselho pelo abandono em que se sentia.

O máximo que lhe disseram era que ela não se encontrava nem ali, no Amênti, nem na terra (reencarnada). Ante sua



Cena do julgamento - *O livro dos mortos*

insistência, mandaram-no embora.

Após “eras de sofrimento” – diz ele –, Osíris compadeceu-se dele e o Conselho o convocou para uma conversa aparentemente sumária, durante a qual ele foi informado de que ela “dormia nas trevas” e que um dia nasceria de novo.

Mais tarde, depois de revirar este mundo e muitas outras dimensões, ficou sabendo – não diz como – que ela havia se reencarnado na Terra.

Omm Sety declara (p. 62) que, aparentemente, a dramática aparição à jovem Dorothy, na qual se apresentou materializado em sua forma física mumificada, desagradou o Conselho, dado que caracterizava sua inconformidade e rebeldia ante as severas leis que regulam o procedimento das pessoas.

Quanto ao Conselho em si, Seti lhe dissera que, tanto quanto podia afirmar, jamais alguém vira seus membros. Eram vozes, apenas, que soavam dentro de um amplo salão revestido de pedra negra, mas não havia como identificar os donos das falas e nem mesmo se provinham de homens ou de mulheres. Sequer se poderia saber exatamente de onde falavam aquelas pessoas invisíveis. Ao que tudo indicava, acrescentou, elas estavam ligadas diretamente a Osíris.

Curioso que ele, Seti, declarou que certa vez contemplou Osíris face a face e que também ela, Omm Sety, vira o deus, mas se esquecera dessa visão. Esse encontro ocorreu – explicou o faraó – no dia de seu julgamento, que consistia, segundo a crença egípcia, na pesagem do coração na balança da justiça.

Não me ficou claro se o faraó se refere aqui ao mesmo Conselho de que estamos falando, dado que este não parece ter a investidura de um órgão julgador, e sim orientador, cuja função principal era a de manter o Amênti em ordem. Mesmo porque, no dizer de Seti I, ninguém vê os membros do Conselho. De qualquer modo, Omm Sety manifestou desejo de ir até lá, mas o faraó desaconselhou-a, mencionando o perigo que isso representa, porque o corpo astral das pessoas (encarnadas?) é vulnerável ao ataque dos maus espíritos que encontra pelos caminhos.

Vimos, por outro lado, que o Conselho o reprimiu

severamente por tê-la assustado quando a visitou, ainda na Inglaterra, em seu corpo mumificado. Posteriormente – lê-se, à p. 64 –, o Conselho o perdoou, mas proibiu-o de se manifestar materializado a ela, porque se encontrava casada com Imam Abdel Meguid, não sendo, portanto, uma mulher livre.

Teve ele outros problemas com o Conselho, quando, por exemplo, empenhou-se em localizar Bentreshit de qualquer modo, onde quer que ela se encontrasse na região trevosa a que se referiram.

Em sua ira incontrolável, arrostou a autoridade do Conselho, que o convocou para dizer-lhe que jamais poderia ir novamente a regiões cósmicas como aquelas onde as pessoas pareciam ter sido subitamente congeladas por um poder desconhecido, quando se encontravam em plena atividade no dia-a-dia de suas vidas. Disseram-lhe, sem mais explicações, que ele poderia, com essa atitude insensata, “contaminar o mundo dos humanos”.

Omm Sety ouviu essa narrativa assustadora com visível apreensão e perguntou-lhe se podia falar daquilo ao seu erudito amigo dr. Hanny El Zeini, e ele aprovou a idéia, acrescentando que se tratava de um sábio que não iria cometer a imprudência de visitar as estrelas. Era até possível que o dr. Zeini soubesse a causa da súbita e estranha morte de toda aquela gente. “Diga-lhe, ainda – acrescentou – das palavras do Conselho, segundo o qual ele deveria prevenir outras pessoas do perigo que isso representava.”

Finalmente, como também vimos, o Conselho anunciou que sua amada estava para se reencarnar depois de todos aqueles três milênios de recolhimento às trevas.

“O resto da história – disse ele – você sabe.”

*
* *

Curiosamente, antes de eu saber, sequer, quem foi Omm Sety e, mais, que acabaria escrevendo um livro sobre ela, uma pessoa da família trouxe para mim, dos Estados Unidos – sem

que eu encomendasse –, o livro *Destiny of souls – new cases studies of life between lives*, de Michael Newton, Ph.D., Llewellyn Publications, 2005, St. Paul, Minnesota.

O autor tem doutorado em aconselhamento e mestrado em hipnoterapia; é historiador, astrônomo amador e conferencista, bem como pesquisador de TVP. Foi um dos pioneiros na ultrapassagem das fronteiras da simples regressão de memória para examinar corajosamente o que acontecia na dimensão póstuma, entre uma vida e outra, território praticamente inexplorado pelos profissionais da saúde mental, em vista do poder subversivo dessa realidade e de sua rejeição nos circuitos religioso, científico e acadêmico.

Pois foi nesse livro que encontrei, providencialmente, um capítulo inteiro sobre o que o autor chama de “Conselho de Idosos” (*The Council of Elders*), da página 201 até a 257.

O assunto emergiu espontaneamente, no correr das numerosas regressões feitas com sua ampla clientela, e ele resolveu explorar a questão mais a fundo.

O primeiro módulo tem o título significativo de “O temor humano do julgamento e da punição”, no qual ele começa por dizer que, não muito depois que as almas retornam, após a morte, ao grupo espiritual a que pertencem, são chamadas a comparecer perante uma espécie de pequena assembléia formada de seres de reconhecida sabedoria, que se situam, no seu modo de dizer, “um degrau ou dois acima de nossos guias” (espirituais).

Os nomes de tais assembléias são variáveis: “Anciãos”, “Mestres Sagrados”, “Veneráveis”, bem como de expressões mais pragmáticas, como “Examinadores” ou, simplesmente, “Comitê”.

Seus componentes são, naturalmente, investidos de respeitada autoridade no mundo espiritual, não, porém, para lavrar sentenças condenatórias como as de um tribunal humano comum, ainda que decidam por severas restrições corretivas, como as que foram impostas, no caso Omm Sety, a ela própria e ao faraó Seti I, que amargaram trinta e dois séculos de dolorosa separação, não especificamente

punitivas, mas educativas, a fim de entenderem e respeitarem o mecanismo das leis cósmicas que precisam ser obedecidas em proveito de nossa própria evolução espiritual, bem como do equilíbrio de todo o processo evolutivo da própria vida em suas manifestações pelo universo afora.

Newton escreve (p. 203) que, não como estágios punitivos, somos encaminhados a períodos de “auto-iluminação”. Não obstante – acrescenta – o conceito do castigo ficou de tal forma enraizado na mente das criaturas terrenas ao longo dos milênios, que foi, por analogia, tido como também válido para a dimensão póstuma.

Pelo que apurou o autor em suas pesquisas, tal como concebiam os antigos egípcios, em relação ao Amênti, a ordem prevalece no mundo póstumo e, sem ser uma instância final da justiça divina, o Conselho dos Idosos é incumbido de zelar para que essa ordem seja mantida por todos aqueles, como nós, que se acham ainda sujeitos ao ciclo das reencarnações na terra. São, contudo, compassivos perante as fraquezas humanas e infinitamente pacientes no trato com nossas faltas, deixando bem claro que teremos muitas outras oportunidades de nos ajustar, em futuras existências, às leis que regem o universo ético.

É certo – observa ele – que essas vidas não poderão ser das mais confortáveis e felizes, dado que teremos os aspectos cármicos para serem trabalhados; do contrário, nada aprenderíamos e nenhum sentido teria a volta ao corpo físico exatamente para corrigir comportamentos equivocados.

Informa, ainda, que, quando nos acompanham nessas audiências junto ao Conselho, nossos guias espirituais, ao que parece, desempenham papel muito discreto, sem qualquer intervenção, mesmo porque, antes do encontro com os Idosos, já teria havido uma reunião preparatória dos guias com os membros do Conselho.

Noto que, ao longo do texto do dr. Newton, andei colocando uns tantos pontos de interrogação, pois nem sempre concordo com algumas de suas observações. Temos um desses questionamentos, quando, por exemplo, ele

informa que os terapeutas:

[...] trabalham com marcas deixadas no corpo físico de seus clientes no decorrer de vidas anteriores. E que tais marcas podem estar gerando inibições indesejáveis, que devem ser 'desprogramadas' sempre que se tornem prejudiciais ao corpo físico atual de seus clientes.

Menciona, como exemplo, os casos nos quais uma deficiência física inibidora seja resultante de morte violenta numa vida anterior. Não me parece que isso deva ser tomado assim ao pé da letra para justificar o procedimento da desprogramação. Por alguma razão, aquela restrição limitadora está presente naquele corpo físico. Conforme a natureza do caso, eliminá-la sumariamente poderia ser prejudicial ao processo evolutivo da pessoa.

Valiosas experiências em longos anos de trabalhos mediúnicos e regressivos me levam a esse questionamento.

Em caso de nosso conhecimento, uma menina nasceu, em nossa família, com profundo sentimento de rejeição por sapatos, sandálias e até meias, que a incomodavam inexplicavelmente e a obrigavam a removê-los para se livrar da aflitiva sensação de desconforto. Um amigo espiritual nos aconselhou a não nutrir qualquer preocupação exagerada com o problema, que certamente se resolveria no correr do tempo. Na vida anterior, a entidade reencarnada naquela criança, fora uma combativa maqui, durante a chamada Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, ou seja, integrava um corpo de bravos guerrilheiros da resistência francesa às tropas nazistas invasoras. Numa das operações bélicas, ela, em fuga, ficou com um dos pés preso por raízes expostas de uma árvore e ali morreu esfaqueada por uma certa granada. Conta nosso amigo que as graves mutilações físicas repercutiram, obviamente, no corpo espiritual da vítima, mas eram tão positivos seus méritos, que ela passou, na dimensão póstuma, por um processo de recomposição perispiritual que a permitiu partir para a reencarnação seguinte em perfeitas condições

físicas, num corpo saudável. Ficou apenas, como uma espécie de lembrete, a estranha sensação de pânico sempre que lhe punham meias e sapatos.

Em outras ocasiões, no desempenho de nossas tarefas mediúnicas, tivemos oportunidade de atender entidades cegas, sem a língua que lhes fora cortada, com falta de uma das pernas, e casos mais graves de dolorosas zooantropias, nos quais os espíritos haviam sido reduzidos a formas animais, por processos hipnóticos de outras entidades poderosas trabalhando com o forte sentimento de culpa que aqueles infelizes traziam na consciência atormentada.

Pelo menos dois deles, ao que me lembro, alegavam estar sem as respectivas cabeças: o primeiro porque fora guilhotinado e – segundo declarou – carregava a cabeça debaixo do braço, com medo de perdê-la de todo e na esperança de que algum dia pudesse recolocá-la no lugar que lhe competia; o outro morrera de um grave acidente de carro, no qual sua cabeça praticamente desapareceu, reduzida a uma massa irrecuperável.

O diálogo com eles iniciou-se da mesma maneira, ou seja, convencê-los de que estavam sendo vítimas de uma ilusão da qual precisavam libertar-se, ao confundir o crânio do corpo físico com o do corpo espiritual (perispírito, na terminologia doutrinária espírita). Tanto isso era verdade que eles ouviam e falavam, e como fazer isso sem o cérebro?

Passes aplicados em ambos acabaram por resolver-lhes a desesperadora situação. Lembro-me da surpresa de ambos, a apalparem a cabeça para se convencerem de que o pesadelo fora apenas um condicionamento mental, mas que voltara tudo à normalidade.

Há que se lembrar, ainda, do que aprendemos nos relatos de André Luis, da gigantesca equação que se arma com as complexidades e numerosas imponderabilidades que envolvem o processo reencarnatório de qualquer um de nós.

Não apenas é necessário reunir as entidades encarnadas e desencarnadas daquele grupo específico, como planejar meticulosamente o corpo espiritual e, por extensão, o corpo

físico do reencarnante, atentos a aspectos espirituais, por certo, mas também a intrincadas conotações genéticas dos futuros pais daquele que se programa para uma nova existência na terra.

À vista desses informes, não me parece correto desprogramar deficiências que foram colocadas naquele contexto precisamente como instrumento necessário à correção de rumos de que o espírito esteja precisando para refazer o que não tenha conseguido fazer corretamente em alguma existência anterior, já que desfazer não nos é possível. Em outras palavras: se a pessoa tem algum problema cármico a ser trabalhado que exija dela uma disfunção visual, oral ou locomotora, a desprogramação frustraria o mecanismo correto naquilo que o projeto reencarnatório tem de essencial para que a entidade retome sua jornada evolutiva, o que constitui o objeto prioritário de todas as nossas existências terrenas, enquanto as nossas imperfeições nos retiverem presos àquilo que a sabedoria oriental costuma chamar de roda das reencarnações.

Não estou nada certo de que o Conselho dos Idosos aprovaria esse procedimento.

Devo confessar que tenho alguma dificuldade em perceber com a necessária clareza certas observações do dr. Newton acerca dos corpos físicos.

Vejamos, por exemplo, seu caso número 44. Trata-se de uma entidade que ele caracteriza como “alma jovem e rebelde”. Entende ele por jovem o ser que conta apenas com pequeno número de encarnações na terra. A impressão que tem o autor é a de que a rebeldia emerge nele ao defrontar-se com os Idosos, que consideram o encontro como oportunidade para um “ato de contrição”.

A pessoa regredida se declara explicitamente perturbada, para não dizer revoltada, como aqueles “Sabichões”, que se portam de maneira complacente apenas porque desejam que você “despeje” tudo o que tem a dizer, sem nada esconder. Reconhece ter cometido um monte de erros, mas acrescenta que “a culpa é deles mesmos por *despacharem-no para a*

terra num corpo que o deixou em apuros”, coisa que os Idosos parecem não entender, tolerando suas faltas. Quando retruca, impulsivamente, que “a vida nos leva a correr riscos”, seu guia espiritual – presente ao debate – adverte que fale com moderação. Prontamente ele se volta para ele e comenta: “Isso está muito bem para você, aí, seguro e confortável, enquanto eu aqui estou a lutar para sobreviver numa zona de guerra.”

Depreende-se, portanto, que a essa entidade imatura foi atribuído um corpo, a seu ver, inadequado, que o levou a cometer mais erros do que a corrigir os anteriores. Alguma razão deve ter existido para isso. A culpa é dele e não dos Idosos que lhe indicaram, como é de se presumir, um corpo físico que melhor atendesse aos seus propósitos evolutivos.

A outro paciente do dr. Newton – uma mulher –, um dos Idosos parece mais ligado com ela e ela sempre o encontra entre os demais, quando se torna necessário insistir num dos seus principais problemas, que é a falta de autoconfiança. Diz-lhe essa entidade, dessa vez, que ela é uma “alma reticente, temerosa de afirmar-se perante os outros, mesmo quando convicta de estar certa”, e que, por isso, continua temerosa de confrontos e de vidas nas quais tenha de enfrentar certas adversidades.

Seu amigo espiritual acrescenta, com lúcida e inegável sabedoria e experiência: “Nunca lhe atribuímos mais do que você possa dar boa conta; continue a se esforçar, você tem muito a oferecer.”

Ao se reencarnar, a cliente do dr. Newton optou por ser uma mulher de baixa estatura e feições comuns na vida atual, “em lugar de aceitar a tentadora oferta de outro corpo de deslumbrante beleza”.

Perguntada pelo seu terapeuta, ela respondeu que o mais sábio conselho que teria ouvido de seu guia e que a sustentava nas suas lutas há séculos foi o de que “aquilo que você ganha com cada vida mais difícil, ganha para sempre”.

Ainda sobre essa história de corpos à nossa escolha, tenho algumas dúvidas. Nos termos em que está colocado, sem maiores explicações, esse conceito poderia levar à conclusão

de que temos à nossa disposição uma espécie de 'mostruário', no qual escolhemos à vontade o corpo que entendermos, independentemente de nossas necessidades cármicas e nossos compromissos com a vida em geral e com o nosso processo evolutivo.

Destaco mais um caso que me pareceu especialmente significativo – o de número 39, no livro de Newton. O cliente de que ele cuida relata seu comparecimento diante do Conselho, após haver “retornado à casa” (o mundo espiritual), em 1937, após uma existência na qual foi aleijado.

Declara, de início, que prefere chamar os membros do Conselho de “os Sábios”. São seis, sentados à mesa, diante dele.

A entidade que preside o evento se dirige a ele, saudando-o cordialmente com uma frase encorajadora: “Bem-vindo, sentimo-nos felizes por ter você conosco novamente”.

E o cliente comenta:

Ele não deseja que eu pense que os Sábios sejam tão superiores que eu não possa falar com eles. Esta reunião é dedicada a mim. E ele diz: “Como você se sente acerca de seu progresso desde que nos vimos da última vez? Você aprendeu algo sobre o que possamos conversar?”

O cliente declara, a seguir, que essa é a maneira como costumam começar tais reuniões. ‘Eles’ querem ouvir o que você tem a dizer.

E ele começa por contar coisas que, a seu ver, ele fez corretamente. Foi dono de uma empresa bem sucedida que empregou muita gente. Interessado em causar uma boa impressão, como, por exemplo, suas contribuições a instituições de caridade (“Minhas boas ações...”, comentou com o terapeuta. A partir de certo ponto, no entanto, as coisas começaram a desandar. Motivos? Sua dificuldade em evitar conflitos, discordância e irritação com os empregados (ao dizer isto, demonstra sinais de agitação); em suma, frustração que o incomoda e ele fica reticente e para o relato.

Seu guia espiritual, presente à reunião, o ajuda discretamente, lembrando de sua contribuição positiva à sociedade, de vez que sua empresa proporcionara empregos durante a depressão econômica iniciada nos Estados Unidos, em 1929. O guia, contudo, não o estimula com elogios nem assume a postura de um advogado de defesa perante um tribunal, limita-se a lembrar-lhe a participação positiva nos tempos difíceis por que passou a América.

Nesse ponto, percebendo, talvez, suas vacilações e o atropelo mental em busca do dizer, ele sente o impulso da poderosa mente da entidade que preside a reunião, e eis o que ouve, sem som, dentro de si mesmo:

– Emmanuel (é o nome dele), não estamos aqui para julgar você, puni-lo ou atropelar seus pensamentos. Desejamos que, se puder, você se veja com seus próprios olhos. Ou seja, que você se perdoe. Esse é o aspecto mais desafiador de sua presença entre nós, de vez que nosso desejo é o de que se aceite por aquilo que você é, com o mesmo amor incondicional que nutrimos por você. Estamos aqui para lhe dar apoio à sua tarefa na terra. Lembramos, nesse sentido, o incidente ocorrido no ponto de ônibus.

O dr. Newton lhe pergunta que incidente foi esse e ele próprio se declara algo confuso e recorre ao seu providencial guia. Mas o pensamento do dirigente da sessão chega novamente à sua mente: se ele começa a recordar-se. Caminhava apressadamente para seu escritório, levando uma pasta na mão e ouviu o tímido choro daquela mulher, ali, à sua esquerda à espera do ônibus, sentada à beira da calçada, no meio fio.

Estava-se no auge da Depressão e muita gente mergulhara no desespero. Ele parou, aproximou-se dela, sentou-se a seu lado, no meio fio, colocou o braço no ombro dela, tentando consolar a pobre criatura, algo totalmente estranho à sua natureza. Em outras palavras: não era coisa que ele faria habitualmente.

E então, perguntou-se, em silêncio: “Meu Deus, então é nisso que eles estão interessados? Estive, ali, com aquela

mulher apenas uns poucos minutos até que o ônibus dela chegou. E nunca mais a vi.”

O terapeuta quer saber como é que ele se sente ante a atitude do dirigente do grupo de Sábios, ao trazer à conversa um incidente tão banal.

– É tão doido, isso! – admira-se. – Uma vida inteira doando dinheiro a instituições de caridade e eles estão interessados apenas nisso! Não dei dinheiro algum àquela mulher, apenas conversamos!

Tem razão em se confessar tão perplexo. Esquecer-se de um fato de aparência tão irrelevante é natural, mas a lição que os sábios o levaram a entender, jamais se esquecerá, não apenas numa existência, mas em muitas e muitas. Para sempre. Porque ali não se tratou de uma simples doação desatenta de uns poucos dólares à infeliz criatura em crise, mas um gesto compulsivo e generoso, iluminado pela mais pura e emocionante solidariedade humana.

O episódio, contudo, oferece outro importante aspecto para nutrir meditações adicionais.

É o de que o Conselho não é, definitivamente, um órgão jurídico disposto a proferir sentenças condenatórias e despachar o indivíduo para o castigo temporário ou, menos ainda, eterno. Isso não existe. O próprio dr. Newton confessa honestamente que, ao ouvir falar da prática de convocar as pessoas a comparecerem a uma audiência perante seres de elevada condição evolutiva, imaginou logo que não poderia deixar de haver decisões punitivas em consequência de tais “revisões cármicas”, como diz. Essa atitude, acrescenta, deve-se ao que ele identifica como seu “condicionamento cultural”.

Após as numerosas referências colhidas com seus clientes, o dr. Newton explica:

O objetivo dos encontros no Conselho não é o de humilhar as almas que ali comparecem ou puni-las por suas fraquezas. O propósito dos Idosos é questionar a alma a fim de ajudá-las a alcançarem suas metas na vida subsequente.

Isso não quer dizer que eles não recorram a um pronunciamento mais enérgico quando necessário. Há um exemplo desses mencionado na página 155 do livro de Newton.

Vejamo-lo. Tratava-se de um jovem cliente, que tentara suicidar-se um ano antes de conhecer o dr. Newton. Na regressão, demonstrou evidência de uma tendência repetitiva para a autodestruição.

Eis a advertência de um dos componentes do Conselho dos Idosos:

Uma vez mais você está aqui mais cedo do que deveria estar. Estamos desapontados com você. Será que você não aprendeu com os testes cada vez mais severos em cada existência vivida? Seu comportamento é egoísta por muitas razões, sem contar a tristeza que você causou naqueles que o amavam e que você deixou para trás. Até quando você vai continuar simplesmente jogando fora os corpos perfeitamente bons que lhe demos? Avise-nos quando você estiver pronto para acabar com essa entrega à auto-piedade, subestimando suas próprias capacidades?

O que desejam os componentes de tais grupos é estarem convicto de que “entendamos totalmente as consequências de nossos atos, particularmente aqueles que afetam o próximo”. (p. 211)

Os problemas de comportamento suscitados são “debatidos abertamente conosco – informa mais adiante –, sem qualquer aspereza ou dedo em riste”. Mesmo quando os erros se repetem de vida em vida, o Conselho nos ouve com ilimitada paciência. Na verdade, Newton acha que eles têm mais paciência conosco do que nós próprios.

Há, sobre isso, um exemplo dramático.

A pessoa é levada ao Conselho e identifica entre os Idosos reunidos, uma entidade muito querida da qual se acha afastada, em sua estimativa, há cerca de 3.000 anos.

A pessoa começa a chorar emocionada, mas logo se esforça

por recuperar-se. Diz, afinal, que o terapeuta não faz idéia do significado daquele reencontro, após tão longo tempo. Aquela entidade – ele a chama de Randar – o acompanhou ao longo de muitos e muitos “ciclos” (vidas terrenas). Dizia-lhe o amigo espiritual que ele estava indo muito bem, evidenciando potencial para um rápido processo evolutivo. Recebeu por isso importantes credenciais “e então... – confessa em novo surto de sentido pranto – começou a falhar e ‘caiu em desgraça’ (deixando-se) aprisionar em armadilhas, como tantos de nós aqui”.

As causas foram várias: entre elas, excesso de confiança nos poderes (mediúnicos?) que lhe foram confiados e autoritarismo. Pouco se lhe dava o tipo de corpo físico de que fosse dotado, tornou-se demasiado indulgente consigo mesmo e egoísta, vida após vida. Randar o advertiu de que ele estava, com aquele procedimento, desacelerando o ímpeto do ritmo inicial de seu processo evolutivo. Ele prometeu corrigir-se, mas não cumpriu o prometido. Muitas vidas e incontáveis oportunidades foram, assim, desperdiçadas e aquilo acabou por “corromper-lhe o conhecimento adquirido e os poderes” de que havia sido dotado.

Não me sinto preparado para dizer se esse modelo de Conselho seria o mesmo daquele a que se refere Seti I; parece-me, contudo, que são comparáveis na maneira pela qual são constituídos por entidades de elevado nível evolutivo, no procedimento que adotam no trato com seus tutelados, no cuidado em não se caracterizar como um tribunal incumbido de lavrar sentenças condenatórias, tais como as cortes terrenas, na técnica de suscitar em cada ser que ali comparece um convicto senso de responsabilidade perante a vida e de acompanhar pacientemente, milênios a fio, o processo evolutivo de cada um de seus protegidos, sem atropelamentos, ameaças, acusações, críticas, nem mesmo admoestações e muito menos censuras. A severidade adotada nos procedimentos é iluminada pela tolerância e pela compreensão com as nossas fraquezas e imperfeições, mas com igual dosagem e equilíbrio entre a firmeza e a doçura. Pelo que se percebe, evitam tomar

a iniciativa de apontar os erros e mostrar o caminho a seguir dali em diante; preferem que o próprio espírito empreenda a análise de seu procedimento e chegue às razões pelas quais falhou, onde, quando, como e porquê. E mais: que ele próprio elabore sua estratégia evolutiva, corrigindo erros persistentes e estimulando virtudes ainda hesitantes, e se esforce por permanecer atento e devotado aos novos rumos dados ao seu projeto de vida.

Trata-se, pois, de uma atitude de respeito e de profunda sensibilidade humana, que se manifesta nas atitudes de amor incondicional que assumem com cada um e com todos os que ali comparecem.

Não hesitam, contudo, em impor restrições, quando isso lhes parece indispensável ao aprendizado de seus tutelados e de vital importância ao objetivo primordial de todos nós, que é o de “progredir sem cessar”, como está gravado no dólmen de Kardec, no Père Lachaise, em Paris.

E outra coisa: não lhes importa qual a religião ou falta de religiosidade de quem quer que seja, e sim o comportamento, o procedimento de cada um de nós, perante Deus, a vida, o próximo e nós mesmos. Nenhuma referência a céu, inferno ou purgatório, cultos, rituais, sacramentos ou sacerdócio. Há, por outro lado, um tema recorrente, uma presença constante, explícita ou implícita em tudo quanto ali se diz ou se debate: aquilo a que costume chamar de realidade espiritual, segundo a qual somos todos espíritos preexistentes, sobreviventes, reencarnantes, imortais, responsáveis por nossos atos, palavras e até pensamentos e intenções. Penso mesmo que a reencarnação é o conceito aglutinador, nuclear de todo o sistema. Ela emerge a cada momento, com toda força e poder iluminativo, sempre que se discute, em níveis adequados de conhecimento e entendimento, aquilo a que Teilhard de Chardin caracterizou como “o fenômeno humano”. A obra desse genial pensador teria sido bem mais avançada se a doutrina das vidas sucessivas a tivesse iluminado com o poder de sua lógica e de sua necessidade filosófica; não podemos nos esquecer, contudo, que ele foi um sacerdote católico (jesuíta), tentando manter-se,

tanto quanto possível, fiel à estrutura dogmática da sua igreja.

É a reencarnação, aliás, que constitui a motivação, a diretriz e a temática fundamental dos debates de que o dr. Newton teve notícia nos numerosos e extensos diálogos com seus clientes.

Isso não quer dizer, contudo, que eu concorde com tudo o que ele diz e com todas as ilações de nos oferece em seu excelente livro. Como vimos anteriormente neste módulo do estudo sobre Omm Sety, andei espalhando alguns pontos de interrogação pelo seu livro afora.

Uma das informações que me sinto impelido a questionar, não propriamente para rejeitar liminarmente, mas para colocar de outra maneira, é a da escolha dos corpos físicos no processo da reencarnação do ser. Do seu texto se poderia inferir, acho eu, que temos livre opção de escolha sobre vários 'modelos' de corpos, o que, a meu ver, necessita de mais aprofundados estudos.

Ainda sobre o problema dos corpos, encontro, logo no início do livro, uma observação que eu poria de reserva.

Diz o autor (p. 2) o seguinte:

A energia da alma pode dividir-se em partes idênticas, como as de um holograma, sendo capaz de viver vidas paralelas, em outros corpos, como o holograma, ainda que isso seja muito menos comum do que costumamos ler por aí.

É verdade que o conceito do holograma contribuiu decisivamente para ensinar coisas das quais mal suspeitávamos, ou seja, de que vivemos num universo holográfico, onde cada partícula contém os elementos componentes do todo. Daí, porém, a extrapolar que a alma possa reencarnar-se e viver simultaneamente em corpos diferentes me parece um salto arriscado demais para a lógica que rege não apenas nossas vidas, mas o universo como um todo. Não consigo entender como uma entidade espiritual possa construir para si mesma corpos diferentes e viver existências diferentes, com diferente programação cármico-evolutiva.

O dr. Newton se dispõe a explicar essa teoria, declarando que isso é possível porque, à vista da:

[...] capacidade dual de todas as almas, parte de nossa energia luminosa remanesce na dimensão espiritual [quando nos reencarnamos]. Assim é possível ver-se a própria mãe ao retornar ao mundo espiritual, ainda que ela tenha morrido trinta anos terrestres antes e se encarnado novamente.

Se é que entendi corretamente o que está dito no texto, o exemplo não ilustra caso de dupla e simultânea reencarnação. A mãe pode perfeitamente estar reencarnada em outro corpo, depois de ter morrido trinta anos antes, mas não enquanto ainda vivia no corpo físico no qual gerou o corpo do filho ou da filha.

Vejo, contudo, mais adiante no livro (página 12), que o autor retoma a questão da dualidade da alma sob outro aspecto, do qual também discordo.

Não desejo com isto minimizar a importância do livro nem a do trabalho do autor; pelo contrário, são da melhor qualidade. Trata-se de um pesquisador sério, responsável, com bom preparo profissional e corajoso, ao enfrentar o sistema usualmente fechado a qualquer envolvimento com o famigerado ocultismo e que não deseja, de forma alguma, declarar-se receptivo a aspectos ainda desconsiderados pela ciência oficial, como a existência da alma ou espírito, sobrevivência do ser à morte corporal, comunicabilidade entre 'vivos' e 'mortos' e, principalmente, a reencarnação, por mais sólida e bem documentada que esteja a esta altura, como está, de fato e de direito. O dr. Newton é um desses pioneiros que se decidiu pela exploração franca e aberta da realidade espiritual e merece nosso respeito por isso.

Ao retomar o problema da dualidade da alma, como vínhamos conversando, no capítulo "*Death, grief and comfort*" (Morte, tristeza e consolo), escreve que, durante o século vinte, ocorreram mudanças significativas na atitude das pessoas

perante a questão da vida após a morte, de vez que, no correr das primeiras décadas, a maioria mantinha-se fiel à tradição de que vivemos apenas uma existência, que continua sendo o ponto de vista das principais religiões institucionalizadas, como catolicismo, protestantismo, judaísmo e islamismo. Já nas últimas três décadas daquele século – informa o autor (p. 12) –, as pesquisas revelaram que quarenta por cento das pessoas acreditavam na reencarnação.

Um dos aspectos mais expressivo de suas pesquisas na dimensão espiritual – revela Newton – consiste em aprender, com seus clientes em regressão, em que consiste realmente o processo da morte em si e o que fazem na tentativa de ir ao encontro dos que ficaram, a fim de os consolar das dores da separação.

Não há dúvida, comenta, que a pessoa amada partiu mesmo e que a dor é algo real e angustiante.

Lembra, então, a questão da dualidade da alma anteriormente referida no seu estudo. Em sua opinião, “quando a pessoa amada chega de volta ao mundo espiritual, você estará lá à espera dela com aquela parte de sua energia” (que você teria deixado para trás ao reencarnar-se).

Subentende-se, portanto, que o autor está falando de uma pessoa que continua reencarnada, enquanto o ser amado partiu para o outro lado da vida, onde é recebido pela parte do encarnado que permaneceu na dimensão espiritual. Em outras palavras, teríamos, todos nós, uma parte do ser espiritual reencarnada na terra e outra parte retida no mundo invisível.

A meu ver, com todo o merecido respeito devido ao dr. Newton, não me parece ser essa a maneira correta de considerar o problema.

Não vejo necessidade de oferecer uma hipótese assim formulada para explicar o fenômeno. A literatura especializada – não apenas a doutrinária espírita – nos informa que o espírito dos encarnados se desdobra durante o sono fisiológico ou quando em estado de relaxamento, e pode perfeitamente, encontrar-se em outras dimensões com os seus ‘mortos’. O

mais comum é atribuir tais encontros a meros sonhos, mas a força da evidência e o realismo dos episódios são, às vezes, tão dramáticos e intensos que não há como rejeitar a verdade de que se trata de um encontro real.

Arrisco-me a confidenciar uma experiência pessoal minha com essa realidade.

Há pouco tempo sonhei com minha muito saudosa mãe.¹¹⁵

Numa cena compreensivelmente carregada de emoção, ‘sonhei’ que ela caminhou ao meu encontro e, ao aproximar-se de mim, ajoelhou-se aos meus pés. Algo aturdido pelo inusitado da situação, ajoelhei-me prontamente diante dela. Ficamos face a face, ambos de joelhos e nos beijamos afetuosamente.

Acordei ainda sacudido pela emoção e dramaticidade do episódio, imaginando que fora tudo um sonho bom.

Dias depois, uma amiga dotada de excelentes faculdades mediúnicas com a qual trabalhei alguns anos, sem saber absolutamente do que se passara, me mandou um *e-mail*, contando o outro lado da história.

Encontrava-se ela – em plena vigília, claro –, ouvindo uma palestra num respeitável grupo espírita do Rio de Janeiro, quando, a certa altura, viu uma entidade que se identificou como minha mãe. Pedia-lhe, encarecidamente, que me dissesse que o encontro *não fora* mero sonho, e sim encontro real que tivemos no mundo espiritual.

Referiu-se ao inusitado fato de que nos ajoelháramos ambos, frente a frente, minha mãe e eu.

Não foi, portanto, uma parte de mim mesmo retida por alguma razão do lado de lá da vida.

Devo acrescentar que, em meu livro *Alquimia da mente*, ao estudar as semelhanças e possíveis diferenças entre o conceito de *alma* e o de *espírito*, proponho a hipótese de que a alma assume o papel da *personalidade* do ser encarnado, ao passo que o *espírito* constitui a individualidade, o ser total. A primeira, penso eu, é programada para lidar com aquilo a que chamo

115 Coincidência ou não, escrevo isto no dia 11 de dezembro de 2006, data em que ela estaria completando 112 anos. Ela morreu em 1958, aos 64 anos de idade.

o “varejo da vida” e fica como que plugado no hemisfério direito do cérebro, consciente, analítica e, principalmente, verbal, dado que precisa da linguagem corrente para se entender com o próximo. Quanto à individualidade, dita inconsciente, é não-verbal, intuitiva, pensa por sínteses e se liga ao hemisfério direito, tido por ‘silencioso’ e secundário.

A memória consciente da personalidade não guarda material de arquivo de suas vidas anteriores, ao passo que a individualidade, sim, os tem todos à sua disposição. Tanto é assim que a técnica regressiva competente e bem administrada, como a do dr. Newton, encontra lá todas as informações de que necessita, recuando a numerosas vidas pregressas, a perder de vista.

Entendo mais, que os termos consciente e inconsciente, neste contexto, sejam obviamente inadequados, de modo especial quando aplicado ao espírito, ser total, eu superior.

A individualidade não é inconsciente; a consciência da personalidade é que não consegue ter acesso a ela, por não usarem as duas a mesma linguagem; enquanto a personalidade (*alma*, não nos esqueçamos disso) é essencialmente discursiva, a individualidade trabalha com símbolos e imagens, como se observa nos sonhos.

Estamos aqui fazendo essa comparação entre personalidade e individualidade, porque a doutrina dos espíritos, coordenada pelo professo Rivail (Allan Kardec), ensina que não há diferença fundamental entre alma e espírito, e acrescenta que a alma é o espírito encarnado.

Não encontro, contudo, nos estudos doutrinários e nas leituras complementares e subsidiárias, indício de que a entidade espiritual possa cindir-se em duas, vindo uma parte para o corpo físico, enquanto a outra permanece na dimensão espiritual.

Admito, contudo, nas minhas ignaras especulações de leigo, que o espírito (individualidade) funciona no corpo físico, como que à margem, mais voltado para o infinito, a divindade, a permanência; ao passo que a personalidade ocupa-se do dia-a-dia da vida terrena, do transitório, ainda que monitorada pela discreta, mas sempre presente individualidade.

Há, no livro do dr. Newton, repetidas referências a “energias” que o ser humano deixaria para trás, na dimensão

espiritual, ao reencarnar-se, bem como a vidas paralelas, ou seja, aquelas que seriam vividas simultaneamente em dois corpos físicos diferentes.

Nota-se, mesmo, certo esforço em quantificar (?) essa partilha energética, como se vê à página 117 do livro. Informa o autor, nesse ponto, que o cérebro físico ficaria totalmente subjugado por essa força, se a entidade trouxesse consigo toda a carga de que dispõe na dimensão de onde procede. As entidades mais evoluídas, no dizer do autor, não trazem para a vida na carne mais do que 25 por cento da energia disponível e as menos confiantes ficam na média, entre 50 e 70 por cento, e as que tomam dois corpos ao mesmo tempo contentam-se com 50 por cento. Ou poderia, ainda, a entidade, deixar para trás apenas 10 por cento e repartir os restantes 90 por dois ou três corpos físicos. Um dos pacientes diz mesmo que, ao reencarnar-se, não traz mais do que 5 por cento e até um pouco menos, de sua energia.

Que me perdoe o dr. Newton, mas reservo-me o direito de discordar, respeitosamente, claro.

Ao pé daquelas páginas, marcadas com alguns pontos de interrogação e asteriscos, lancei meu educado reparo, dizendo que era aritmética demais para mim.

Reitero, pois, meu respeito e admiração pelo estudo do dr. Newton, mesmo porque, feitas algumas ressalvas em aspectos que não conferem com as informações de que dispomos no contexto da doutrina dos espíritos, ele oferece enorme volume de observações da melhor qualidade. Trata-se de um pesquisador competente, convicto como é de esperar-se de um terapeuta especializado em TVP, da solidez da lei cósmica da reencarnação e profundamente interessado no entendimento do que se passa entre uma vida e outra, ou seja, no conceito de vida entre as vidas, que, há até pouco tempo, constituía tabu a ser respeitado e não desafiado. Suas conclusões são elaboradas a partir dos depoimentos de seus numerosos clientes, nem todos – é de admitir-se – com preparo e experiência suficientes para analisar em maior profundidade e segurança aquilo que percebem na dimensão póstuma.

O autor não ignora essa realidade; ao contrário, demonstra

estar bem consciente dela, como se lê à página 237 e que transcrevo, por tradução:

[...] ao longo de meus anos de trabalho, cheguei à conclusão de que as pessoas em estado hipnótico não são capazes de explicar adequadamente tudo quanto lhes ocorre durante sua permanência no mundo espiritual, por causa das limitações humanas nas comunicações e traduções que têm de ser processadas pelo cérebro humano [físico].

Julian Jaynes escreve, em *The origin of consciousness and the break-down of the bicameral mind*,¹¹⁶ que o direito é o “hemisfério dos deuses”.

Quanto ao encontro com entidades ligadas a nós por laços de parentesco ou meramente afetivos, não encontro referências no livro do dr. Newton que estamos aqui a analisar. Talvez existam em duas outras obras de sua autoria,¹¹⁷ que desconheço. Convém lembrar que as pioneiras pesquisas do coronel e engenheiro francês Albert de Rochas, realizadas entre o final do século 19 e início do século 20, tiveram constante presença de entidades desencarnadas, vistas pelos seus pacientes em transe regressivo obtidos pela magnetização, em vez da hipnose, como no trabalho do dr. Newton.

Isso me confirma a convicção de que o encontro com entidades desencarnadas nada teria a ver com eventuais “resíduos” energéticos deixados na dimensão espiritual pelos que se reencarnam na terra.

Para encerrar esta busca no estudo do dr. Newton – seria impraticável analisá-lo todo, reproduzo um longo parágrafo em que ele aborda aspecto de nosso interesse neste livro sobre Omm Sety.

Discorre ele sobre entidades que reproduziram, na dimensão póstuma, não apenas o ambiente em que viveram enquanto encarnados, mas – acrescenta ele – seus próprios corpos.

¹¹⁶ Houghton Mufflin, 1990, Boston, Mass.

¹¹⁷ *Journey of souls* (Llewellyn, 1994) e *Life Between Lives Llewellyn*, 2004.

Confesso não ter entendido bem essa ‘re-criação’ de corpos físicos e nem vejo necessidade para isso; estou apenas reproduzindo o que diz o autor, baseado, naturalmente, no que lhe disseram seus clientes sob hipnose.

Seja como for, escreve ele que muitos são os que se mostram curiosos sobre a possibilidade de manter relações sexuais com seus corpos “re-criados”. (Materializados? – me pergunto.) Eis o que tem ele a dizer sobre o assunto:

Se a boa prática sexual provém da mente, então a alma experimenta todos os seus benefícios sem inibidores físicos. Nenhum tipo de desculpismo é possível no mundo espiritual. Do que depreendo, ocorre uma perda de sensação tátil para aqueles que não se encontram ligados a um corpo físico denso dotado de seu sistema nervoso. De qualquer maneira, na re-criação espiritual de um corpo humano, a ausência de uma total impressão sensorial é mais do que compensada pela força erótica de duas mentes que se unem completamente. O amor é um desejo pela união total com o ser amado. Os espíritos dispõem da capacidade de expressar tal amor entre uma vida e outra mais intimamente do que na terra. Mesmo assim, algumas almas sentem-se ainda motivadas a recuperar as cenas de vidas pregressas, nas quais seu amor floresceu. A re-criação de tais cenas é significativa para seus parceiros. Afinal de contas, o estímulo maior para muitas almas se reencarnarem reside no prazer da expressão física que se experimenta quando ligadas à forma biológica. [p. 296.]

Não sei, honestamente, se isso se aplicaria ao relacionamento Omm Sety/Seti I, ela encarnada e ele desencarnado e materializado, mas aí fica a opinião do dr. Michael Newton sobre o assunto. Em resumo: a despeito de dissonâncias doutrinárias e questionamentos que possamos ter em relação a certas observações do dr. Newton, é no mínimo curioso que um qualificado pesquisador contemporâneo tenha encontrado na memória de tantos clientes seus – seu livro apresenta 67 casos,

provavelmente uma seleção em universo bem maior – registros que atestam a existência, na dimensão espiritual, de instituições integradas por entidades de elevada condição evolutiva com o mesmo nome – Conselho – pelo qual são conhecidas por antigos egípcios encarnados ou desencarnados. O Conselho a que se refere Seti I, empenhado na manutenção da ordem no Amênti, tem as mesmas ou muito semelhantes características dos conselhos a que se referem os clientes do dr. Newton. Ambos os institutos não se apresentam nem funcionam como tribunais humanos, sob uma rígida estrutura jurídica composta de advogados de defesa e acusação perante um corpo de juízes a discutirem um processo ou uma causa que pode terminar com uma absolvição ou uma condenação, dado que não há acusados, nem criminosos. Há pessoas que falharam no desempenho das tarefas para as quais foram programadas, em função de suas condições cármicas, e que são ouvidas atentamente e *aconselhadas* a se reorientarem em seus propósitos e em suas trajetórias evolutivas a fim de, eventualmente, alcançarem os mais elevados patamares de perfeição possíveis à condição humana.

02 – Materializações

As informações contidas nos textos que relatam as aparições de Seti I não são suficientes para melhor entendimento do que se passou. O fenômeno de materialização de uma entidade espiritual exige, de fato, a presença de um ou mais médiums – no caso, Omm Sety – dotados de faculdades especiais, capazes de doar ao manifestante energia (ectoplasma) necessária para que este possa adensar suficientemente seu corpo espiritual, a fim de tornar-se visível e palpável. É claro que isto somente se viabiliza à custa de considerável desgaste temporário do médium, que fica, em grau maior ou menor, em estado de depleção semelhante ao que a amiga de Omm Sety a encontrou naquela madrugada e para o qual o autor recorreu ao dramático termo *comatoso*. Destacadas personalidades das ciências empenharam-se no estudo de tal fenomenologia, principalmente na segunda metade do século dezenove, início do século vinte. Entre eles, William Crookes, cientista responsável, em grande parte, pela existência da telinha mágica do monitor que me serve, enquanto aqui estou a clicar as palavras que você lê. Talvez esta sofisticada engenhoca eletrônica seja bisneta do velho e esquecido tubo de Crookes, posteriormente aproveitado pela televisão e, hoje – início de 2007 –, pela informática. Suas pesquisas com Florence Cook marcaram época e resistiram às críticas, desconfianças e rejeições de cientistas mais ortodoxos. Por essa mesma época, Alexandre Aksakof, cientista russo, experimentava com a extraordinária médium conhecida como madame d'Espérance, com a qual obteve, documentadas em fotos, materializações de entidades e de plantas que eram tele-transportadas vivas e fluorescentes para dentro dos cômodos da casa em que ele trabalhava para serem, dias depois, desmaterializadas e removidas, provavelmente, às suas origens, alhures, não se sabe onde e nem como. Em estudo intitulado *No país das sombras* (E. d'Espérance, Edição FEB), a própria médium relata assombrosos episódios de tal natureza. Ela tem as fotos para

documentar o que aconteceu, inclusive uma na qual foi retratado, em 1897, o espírito materializado de Melanchthon, um dos teóricos da reforma protestante e amigo pessoal de Lutero. Melanchthon (Philip Schwarzed) nasceu precisamente há quatrocentos e dez anos, em 1497, e morreu em 1560, aos 63 anos de idade. Desejo chamar sua atenção, leitor, para o fato de que não se trata da foto de um quadro *pintado* ou *desenhado* ao tempo em que o teólogo reformista viveu, no século dezesseis, mas de uma *foto tirada ao vivo*, em 1897. Em livro de sua própria autoria Alexandre Aksakof, pesquisador competente e membro da elevada hierarquia política da Rússia – era conselheiro –, relata um extraordinário caso em que sua médium, madame d'Espérance, desmaterializou-se parcialmente, preservando apenas o tronco, enquanto suas vestes, da cintura para baixo, pendiam, vazias e dobradas, da cadeira em que se achava sentada.¹¹⁸ Muitos outros médiuns famosos foram dotados de tais faculdades, como Daniel D. Home e Eusapia Palladino.

No Brasil, o grande fenômeno das materializações e dos 'transportes' foi Francisco Peixoto Lins, conhecido como Peixotinho, nascido em 1905. Não só colocava à disposição das entidades abundante quantidade de ectoplasma, como ele próprio se deslocava-se no espaço físico, tele-transportando-se de um lugar para outro a grande distância, desmaterializando-se num ponto para re-materializar-se em outro.

O leitor interessado poderá recorrer ao livro *Dossiê Peixotinho*, de Lamartine Palhano Jr., editora Lachâtre, ou buscá-lo na internet. Ainda no Brasil, fenômenos notáveis de materialização ocorreram com a médium Ana Prado, em Belém.

*
* *

Quanto ao episódio testemunhado pela amiga de Omm Sety, como vimos, não me ficou claro. O corpo dela, encontrado na cama em estado comatoso, recuperou-se prontamente assim que seu *akh* reassumiu o controle dele, ao regressar de suas incursões pela dimensão invisível. Na manhã seguinte,

¹¹⁸ Ver *Um caso de desmaterialização*, Alexandre Aksakof, FEB, Rio de Janeiro.

contudo, em relutante conversa com sua perplexa amiga e hospedeira, ela ofereceu uma explicação insatisfatória para o caso. Isso porque o médium não teria necessidade de levar consigo, em seus desdobramentos, tanta energia a ponto de exaurir o corpo físico, do qual, aliás, não teria, usualmente, necessidade, na dimensão invisível.

Por outro lado, se ela tinha condições de atravessar o vidro da janela, quando saía para suas incursões astrais, por que não as teria, quando regressava ao corpo físico? Ou, naquela noite, estaria aberta a janela quando ela se foi e alguém a fechara posteriormente? Mesmo assim, contudo, não vejo razão para sua dificuldade em atravessar o vidro, dado que a experiência das pessoas dotadas da faculdade de desdobramento ou as entidades desencarnadas atravessam, não apenas vidro, mas portas, tetos, paredes e muros.

Os sensitivos com os quais trabalhava o geólogo William Denton, ao qual nos referimos anteriormente, aqui mesmo neste livro, desciam conscientemente às entranhas da terra para examinar o que havia por lá e relatar o que viam. Mais do que isso: 'viajavam', literalmente, no tempo, para 'ler' aquilo que o pesquisador chamava de "a alma das coisas", no estado em que se encontravam, desde a formação do planeta até coisas relativamente recentes, como episódios da história romana, por exemplo, como se estivessem acontecendo naquele momento em que eles a contemplavam.

Além disso, não tinham qualquer problema em retomar o corpo físico, onde quer que estivessem como espíritos desdobrados. Era como se a consciência funcionasse ao mesmo tempo, no local e no tempo onde se encontrava o corpo e no local que estava sendo observado. Nenhum estado de depleção física era observado em qualquer fase do processo, ainda que sempre cansativo, pelo dispêndio natural de energia.

Não é, pois, de admirar-se que Collin Wilson lamente que um livro desses tenha ficado esquecido por mais de um século e, podemos acrescentar, continuar esquecido, sem que ninguém se interesse por dar continuidade a tais experimentos.

Não sei, pois, como explicar o fenômeno passado com

Omm Sety em casa de sua amiga, naquela noite. O certo, contudo, é que aconteceu algo insólito, para o que não temos explicações viáveis, a não ser admitindo-se uma realidade invisível, subjacente àquela que vivemos deste lado da vida, e que tem suas leis próprias de operacionalidade.

Não temos o direito de, simplesmente, colar nele o rótulo de embuste apenas para ignorar um incômodo evento não explicado. Em outras palavras: Omm Sety seria uma reles charlatã, indigna da atenção de pessoas respeitáveis, o que, definitivamente, ela não foi. Temos sobre isso o testemunho de pessoas do melhor nível moral, profissional e cultural, que respondem por ela, como temos visto, o dr. Zeini, inclusive, que com ela conviveu um quarto de século, observando-a de perto, com olhar atento e crítico de confessado e esclarecido agnóstico.

03 – Ozymandias

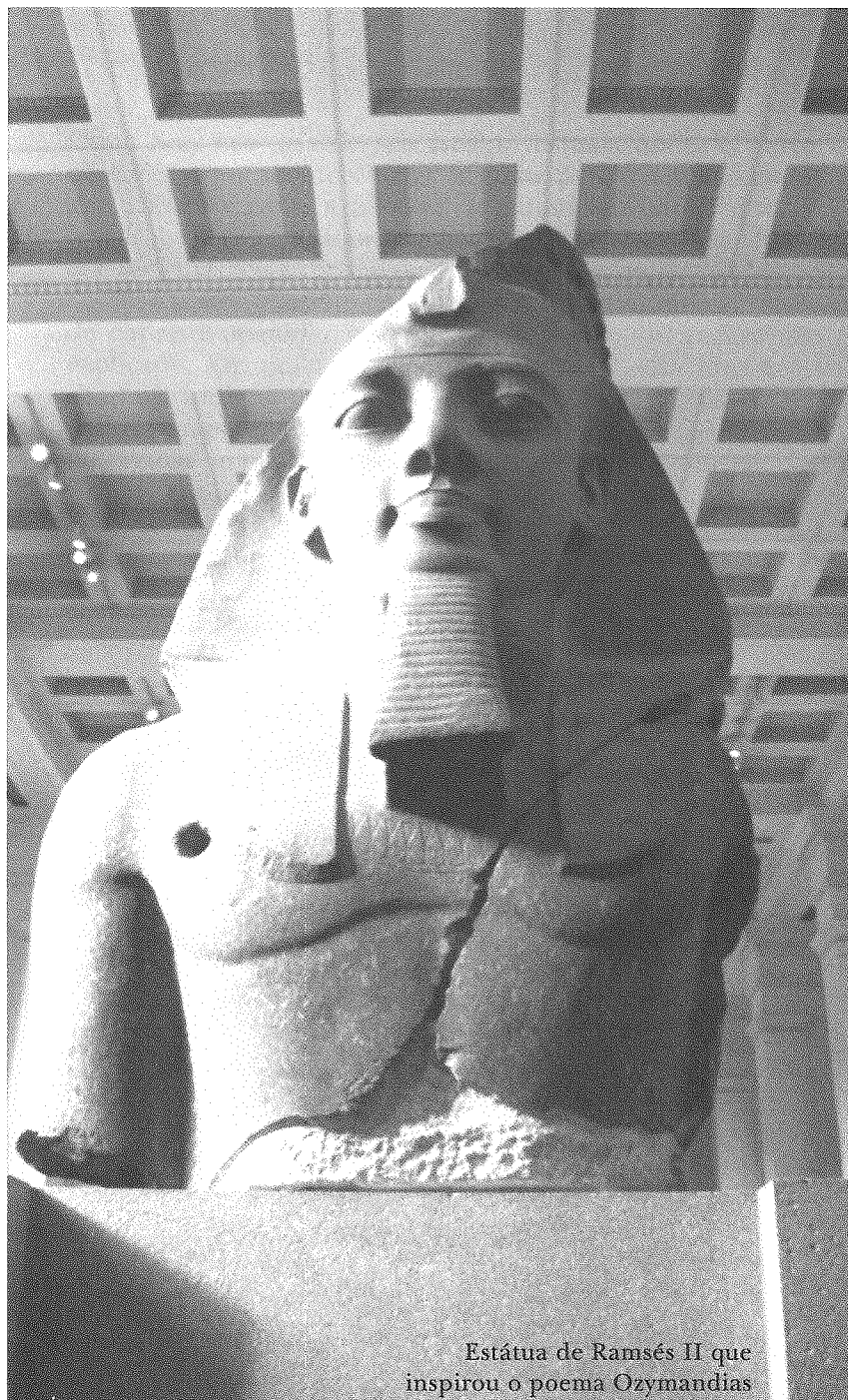
Percy Bysshe Shelley (1792-1822)

*I met a traveller from an antique land
Who said: – Two vast and trunkless legs of stone
Stand in the desert. Near them, on the sand,
Half sunk, a shatter'd visage lies, whose frown
And wrinkled lip and sneer of cold command
Tell that its sculptor well those passions read
Which yet survive, stamp'd on these lifeless things,
The hand that mock'd them and the heart that fed.
And on the pedestal these words appear:
"My name is Ozymandias, king of kings:
Look on my works, ye Mighty, and despair!"
Nothing beside remains: round the decay
Of that colossal wreck, boundless and bare,
The lone and level sands stretch far away.*

Tradução livre, em prosa de Herminio C. Miranda:

Um peregrino de antigas terras conheci,
que me disse: – Duas enormes pernas de pedra,
sem o tronco, lá estão no deserto. Perto delas,
parcialmente recoberto pela areia, jaz um
rostro despedaçado. O cenho contraído, o lábio
retorcido e o sorriso desdenhoso de um frio
comando revelam que o escultor captou bem
as paixões que ainda sobrevivem estampadas
naquelas coisas sem vida, a mão que delas zombou
e o coração que as nutriu. E no pedestal, lêem-
se estas palavras: "Meu nome é Ozymandias, rei
dos reis. Contemplai minhas obras, ó Poderoso, e
desesperai-vos!"

Nada resta além disso: por toda parte, à
volta dos colossais destroços, o areal sem limites,
solitário e plano, se espreguiça pelas lonjuras.



Estátua de Ramsés II que
inspirou o poema Ozymandias

04 – *Incubus e Succubus*

Não menos controvertido é o caso das entidades materializadas que praticariam sexo com seres encarnados, homens ou mulheres. Estamos aqui esbarrando na confusa temática dos chamados *incubus* e *succubus*, sobre os quais não há, que eu saiba, estudos confiáveis de caráter menos especulativo do que os que figuram na literatura dita ocultista e em textos medievais de natureza religiosa. Nesta última categoria, figuram os livros de Montague Summers, erudito sacerdote católico, *Geography of witchcraft (Geografia da feitiçaria)* e *History of witchcraft (História da feitiçaria)* e, o famoso *Malleus maleficarum (O malho – ou martelo – dos feiticeiros)*, de autoria de Heinrich Kramer e Jacob Sprenger, dois inquisidores dominicanos alemães.

Esse livro foi publicado pela primeira vez em 1486, como manual de procedimentos inquisitoriais, mereceu aprovação unânime das autoridades eclesiásticas e alcançou enorme sucesso editorial, concretizado-se em repetidas edições ao longo do tempo, durante séculos. Pelo título já se fica sabendo, logo de início, que se trata de um manual que se ocupa em malhar ou martelar sem piedade feiticeiros e feiticeiras, que, muitos casos, senão em todos, eram pobres médiuns incompreendidos.

Lê-se no livro *Quien fue y quien és em occultismo*, de E. R. Dalmor (Kier, 1970, Buens Aires – p. 279), que o *Martelo dos feiticeiros* “tornou-se ponto de partida para a terrível perseguição que levou à fogueira mais de cem mil pessoas na Europa”.

E acrescenta: “Este livro é o mais sinistro e importante texto sobre demonologia e foi traduzido para o inglês por Montague Summers.” (1928)

Vejamos, antes de começar, o que tem a dizer o *Diccionario* de Santos Saraiva, sobre o termo *incubus*:

– de *incubare*: estar deitado ou estirado sobre (alguém ou alguma coisa); e *succubus* – de *succumbare*: deitar-se debaixo (de alguém ou de alguma coisa); *succuba* – amásia, concubina, o que faz as vezes de mulher, mancebo substituído.¹¹⁹

É necessário explorar melhor este aspecto, dado que Omm Sety não faz segredo de um relacionamento explicitamente carnal com o faraó materializado.

Mesmo os textos contemporâneos escritos para as boas enciclopédias guardam a estampa, a cor, o cheiro e o sabor da literatura de onde provêm, ou seja, uma mistura de ocultismo, demonologia, feitiçaria, teologia e, principalmente, instruções de caráter inquisitorial.

É o que se percebe de uma leitura do verbete contido na *Wikipédia*, encontrada na internet. Diz lá que a “encarnação dos demônios tem sido um problema para a demonologia cristã”.

Já começamos, pois, com o conceito medieval de que entidades espirituais manifestadas de diferentes maneiras através de médiuns involuntários e doutrinariamente despreparados são convertidas prontamente em demônios, conceito teológico comprometido com a alegoria da queda dos anjos rebeldes ante a autoridade divina. Explica, ainda, o verbete que estamos consultando, que essa ‘encarnação’ dos demônios fora anteriormente considerada como possessão, ou seja, a entidade entraria no corpo de uma pessoa com o objetivo de puni-la por algum pecado cometido.

O conceito foi posteriormente ampliado a fim de explicar os casos em que os demônios seduziam outras pessoas a manter relações sexuais com eles ou induzi-las ao cometimento de outros pecados. Para isso, entendiam os eruditos teólogos da época que os demônios tinham necessariamente de se manifestar de modo visível e, se possível, tangível, ou seja, em diferentes graus de materialidade.

119 *Dicionário Latino-Portuguez*, Santos Saraiva, Garnier, 1924, Rio de Janeiro/Paris, 8ª edição.

Basílio de Cesárea (330[?] – 379[?]) teria sido o primeiro pensador católico a escrever sobre o assunto. Entendia ele que, para se materializar, os demônios tinham de “condensar vapores” com os quais pudessem formar seus corpos. Até que não foi essa uma idéia de todo despropositada. A hipótese dos vapores seria consagrada mais de milênio e meio depois sob o termo ‘ectoplasma’, mencionado, aliás, por Jonathan Cott.

Henry More também pensava desse modo, acrescentando que os corpos assim materializados eram frios por causa da solidificação do vapor da água de que eram formados. Outros autores acreditavam que os demônios eram capazes de assumir formas animais, especialmente de cor negra.

Com a aproximação do fim do primeiro milênio, espalhou-se por toda parte o temor da vinda do Anticristo, que adquiriu tais proporções no imaginário público, que, ante o iminente mal maior, os demônios foram temporariamente postos de lado. Depois disso, contudo, ressurgiram as especulações acerca de demônios de aparência terrível aos olhos de quem alegava tê-los visto.

Foi o que contou Raoul Glaber, monge de Saint-Léger, na Bèlgica, ao descrever a visita que teria recebido de uma dessas figuras hediondas, no seu livro *Historiarum suis temporis*, Libri quinque.

Santo Agostinho pensava que os demônios eram figuras imaginárias, mas que, às vezes, se apossavam de fato de corpos humanos; posteriormente, contudo, reviu essa posição ao admitir a idéia da materialização deles. Tomás de Aquino, outro dos grandes pensadores da igreja católica, concordava com Agostinho, acrescentando, porém, que tais materializações tinham conotações sexuais, ao induzir as pessoas no cometimento de pecados dessa natureza, provavelmente com eles próprios, os demônios.

Henri Boguet e alguns demonólogos ingleses asseguravam que feiticeiras e feiticeiros confessaram – sob tortura, acrescenta o texto – que os corpos dos demônios eram gelados, crença que prevaleceria ao longo do século dezessete.

A opinião geral era a de que seus corpos eram mais

pesados do que os dos seres humanos. Vale a pena lembrar, neste ponto, que, no seu sufocante pesadelo com a múmia do faraó Seti Primeiro em cima dela, Dorothy Eady concordaria com essa informação.

Quanto à aparência dos demônios, eram controversas as opiniões: alguns declaravam tê-los visto com a aparência de um homem negro, mas a idéia predominante era a de que se manifestavam sob aspectos bastante diversificados.

Ambrogio de Vignati discordava. Para ele, além de não terem corpos materiais, não eram capazes de criá-los; não passaria tudo de processos alucinatórios induzidos na mente daqueles que tinham pacto com eles ou eram 'vítimas' (aspas no original) de *succubus* e *incubus*, no que se incluía o ato sexual.

Daí em diante, o verbete alonga-se numa mórbida e exaustiva discussão em torno da anatomia dos demônios, especialmente a de sua genitália.

O traseiro dos demônios, sua genitália e esperma constituíam tema de dedicados estudos por parte de teólogos, demonólogos e inquisidores. A Inquisição parece ter estado particularmente interessada nesse tópico.

Eu não diria que *parece*, e sim que *foi* o que realmente ocorreu. Digo isso porque, em decorrência das tarefas mediúnicas de um grupo que freqüentei durante quase trinta anos, me vi na contingência de ler o famigerado *Malleus maleficarum*, o grande *best-seller* da Inquisição. Posteriormente, enfrentei nova incursão pelo tenebroso período histórico inquisitorial para escrever sobre as atrocidades cometidas contra os cátaros, no Languedoc, depois que a cruzada contra eles revelou-se insuficiente para extingui-los, ainda que suficiente para submeter politicamente a rica e próspera região ao domínio da coroa francesa.

Não menos diligentes foram os que especularam minuciosamente o tema inesgotável da atividade sexual dos demônios, nutrido pelos interrogatórios, muitos deles sob

tortura, mas todos sob insuportáveis pressões religiosas, sociais, econômicas, políticas, racistas e o que mais se possa imaginar. Algo parecido com o não menos famoso debate – dizem – sobre o sexo dos anjos, que também teria sido considerado assunto de vital importância para a preservação da pureza doutrinária da única verdade religiosa admissível.

Trata-se de um festival de insensatez que alimentava os interrogatórios produzidos pela caça às bruxas, ao mesmo tempo que se nutria das respostas obtidas para as mais esdrúxulas e ociosas especulações. Poderiam, por exemplo, os demônios gerar crianças nas mulheres atacadas? Sim? Então de que modo? Não? E por quê?

Overbete termina declarando a inexistência de “*encarnação* [destaque meu] de demônios no Novo Testamento, mas que, segundo Mateus, Marcos e Lucas, [o fenômeno] poderia ser visto e ouvido.” E acrescenta, entre parênteses: “Há várias alusões a respeito”.

Em primeiro lugar, não se trataria aí de uma “*encarnação*” de demônios, mesmo porque não há demônios no sentido teológico clássico, mas entidades perturbadas e desarvoradas que se empenham em comportamento insensato e desvairado. Segundo, porque não se trataria de *encarnação*, e sim de *subjugação*. *Encarnação* e, em conseqüência, *reencarnação* é o processo pelo qual uma entidade espiritual constrói, no ventre da mulher fecundada, sua mãe, o corpo físico de que necessita para a vida terrena. Usa para isso, o campo magnético de seu corpo espiritual, para o qual a doutrina dos espíritos propôs o termo *perispirito* e que diferentes cientistas têm sugerido terminologia mais neutra – sem invadir território teológico – como *modelo organizador biológico* – *MOB* (Hernani Guimarães Andrade), ou *campos vitais* (*Life fields*), segundo o dr. Harold Saxton Burr, ou, ainda, *campos morfogenéticos*, segundo outros.

Uma visão retrospectiva a partir da era que estamos vivendo, neste início do terceiro milênio, nos deixa perplexos ao contemplar um passado no qual tantas mentes supostamente cultas, inteligentes e eruditas para a época tenham dedicado tamanho esforço intelectual de modo tão inútil, ocioso,

fantasista e até ridículo na busca de explicações para assunto de tal natureza.

Não quero dizer com isso que não possa haver um envolvimento de natureza amorosa ou, mais explicitamente, sexual entre seres desencarnados e os encarnados. Não é somente o testemunho de Omm Sety que temos a respeito – tanto na literatura interessada em tais questões como em relatos semelhantes ao dela. Se isso é pesadelo, imaginação ou fantasia é o que resta definir, mas não temos ainda um procedimento científico confiável que nos proporcione uma visão balanceada do problema. Varrer o assunto para debaixo do tapete pode ser uma atitude de cômoda indiferença ou exagerada cautela, mas em nada contribui para esclarecer os fatos observados.

Para uma exploração mais serena ou menos fantasiosa do fenômeno, consultamos, a seguir, *An encyclopaedia of occultism*, de, University Books, verbete *Incubus*, o relato dos seguintes casos, avalizados pela autoridade do historiador Boethius, dado que Spence desqualifica os textos inquisitoriais e os ocultistas como não merecedores de confiança, no que está certo, como estamos vendo.

Reproduzo do livro dele, verbete *Incubus*, três casos colhidos em Boethius para ilustrar o fenômeno.

Num deles, um barco escocês navegava, em 1480, entre Forth e o país de Flandres, quando ocorreu uma espantosa tempestade fora de época, pois estava-se no meio do verão. O temporal tornou-se tão furioso, agravando-se a cada momento, que o comandante e seus marinheiros temeram por suas vidas.

De repente, uma mulher que se encontrava na escotilha mandou dizer ao comandante que a atirassem ao mar revolto, na esperança de que, pela graça de Deus, pudesse ainda salvar-se o que restava do navio e da tripulação. Ela se considerava culpada de toda aquela tragédia, de vez que há muito tempo vinha sendo assediada diariamente por um espírito que se manifestava a ela “com aparência de um homem”.

Por sorte, havia um padre a bordo e o comandante

determinou que ele descesse a escada para ver a mulher. Deu ele com uma pessoa em extremo desespero e desgraça, lamentando-se de seu infortúnio. Declarava-se convincentemente, do fundo do coração, disposta a arrepender-se, entregando-se à misericórdia divina.

Naquele mesmo momento, desprende-se da popa do navio uma horrenda e maligna nuvem negra que, com enorme estrondo, em chamas, fumaça e mau cheiro, tombou no mar, em cujas águas desapareceu.

Era, na expressão do autor, um *incubus* que abandonava sua presa. Subitamente, cessou a tempestade e estabeleceu-se completa calma, o que permitiu ao barco prosseguir tranqüilamente sua viagem e chegar em segurança ao porto de destino.

Em outro caso, conta-se a história de um *incubus* mais determinado, que não se retirou tão facilmente como o do navio escocês.

Este assediava uma jovem da nobreza, de “excelente beleza” – diz o texto –, surpreendida fora de hora, em seu quarto de dormir, em companhia de “uma coisa monstruosa e horrível de se contemplar”, por amor da qual, por mais deformada que fosse a criatura, a jovem recusara vários pedidos de casamento altamente desejáveis.

Novamente surge a figura providencial de um padre que, aparentemente por acaso, encontrava-se por ali e que começou a ler diligentemente o *Evangelho* de João.

Encontro no livro *Geography of witchcraft*, de Montague Summers, também prelado católico, de elevada hierarquia, a mesma história, acrescentando que o *incubus* desprendeuse com enorme estardalhaço, logo que a leitura atingiu o versículo 14, capítulo I, de João, onde se lê: “*E o verbo se fez carne e habitou entre nós; nós vimos a sua glória como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.*”

Summers reproduz essa passagem em latim, como é de seu hábito, não apenas nesse livro, como em sua *History of witchcraft*.

Subitamente – escreve Boethius, *apud* Spence:

[...] o espírito mau despreendeu-se com tremendo e terrível estrépito e fugiu, levando consigo o teto do aposento, deixando para trás cortinas e roupas de cama carbonizadas.

Spence menciona outros casos, ainda que suspeitos para ele, por terem sido encontrados em documentos da Inquisição.

Em outro deles, uma mulher, da qual cita o nome, resolveu casar sua filha de doze anos de idade com o 'demônio'. A menina apresentou-se aparamentada para o matrimônio e as palavras do 'ritual' foram pronunciadas, como convinha, em bom latim.

Dirigindo-se primeiro ao 'noivo' – presente de alguma forma –, pronunciou as seguintes palavras: "*Ecce filiam meam quam sponsum tibi.*" (Eis minha filha que te entrego como esposa.)

E, voltando-se para a filha, comandou: "*Ecce amicum tuum que beabit te.*"

Informa, a seguir, o texto, ainda segundo Spence, que, a despeito do solene cerimonial e o latinório, a jovem tornou-se bígama, casando-se com um homem de "verdadeiro sangue e carne".

Para encerrar o verbete *Incubus* (p. 224), Spence conta o caso de Magdalena Crucia, uma abadessa de Córdoba, que teve melhor sorte.

É que as demais freiras de seu convento suspeitaram de que ela praticava a magia, "acusação muito conveniente – comenta o autor – quando um superior se tornava incômodo".

Antes, porém, de que a denúncia como feiticeira fosse formalizada, a abadessa antecipou-se "com grande sabedoria", e foi ao papa Paulo III, a quem "confessou honestamente que há trinta anos mantinha relações íntimas com o demônio e ele a perdoou".

Spence menciona outras fontes "capazes de saciar a curiosidade mais aguda" dos que desejem saber algo a respeito do nebuloso assunto.

Minha curiosidade não alcança aquele nível de interesse; seja como for – fantasia, sonho, pesadelo, perturbação mental

ou emocional, obsessão, possessão ou manifestação de uma realidade ainda não estudada adequadamente –, há de existir algo de mais palpável por trás disso tudo, ou, pelo menos, como fenômeno que está a exigir alguma atenção especial para melhor definição de seu perfil.

O caso Omm Sety, por exemplo, por mais fantástico que se nos afigure, não parece estar contaminado pelos ingredientes da fantasia desvairada ou pela simples e pura mentira empulhadora destinada a impressionar ouvintes complacentes e desatentos. Primeiro, pela sua intrínseca honestidade intelectual e de procedimento; segundo, porque não fazia questão alguma de alardear o que acontecia com ela, pelo contrário, tratava o assunto com extrema reserva, abrindo-se um pouco mais com raras pessoas de sua intimidade e confiança. Apenas a uma dessas ela confiou toda a história – o dr. Henny El Zeine, seu confidente e amigo de vinte e cinco anos.

Infelizmente, como se percebe, as fontes de consulta disponíveis que nos poderiam proporcionar alguma informação mais confiável sobre a questão apresentam-se tismadas por preconceitos religiosos ou credices ditas ocultistas, igualmente suspeitas.

Em duas das narrativas há pouco referidas, desagradamente o espetáculo paralelo do que hoje se chamaria de 'efeitos especiais', ou seja, estrondos inusitados, nuvens espessas, escuras e mal-cheirosas, tetos arrebatados, navios que expelem demônios relutantes, cortinas em chamas e outros tantos. E mais: parece haver sempre pelas imediações um sacerdote de plantão, pronto para a prática de rituais exorcistas que teriam expulsado os molestadores de mulheres indefesas ou apaixonadas.

Com todo o respeito pelas crenças alheias, não creio ser a simples recitação de um texto que irá promover a expulsão de entidades perturbadas e perturbadoras acopladas a um pobre ser humano em crise.

A subjugação espiritual e a obsessão ocorrem, de fato, como se evidencia com relatos dos mais remotos, tanto no

Antigo como no Novo Testamento, por exemplo, além de em numerosas outras fontes. Ao despedir um grupo de discípulos com o conhecido “ide e pregai”, Jesus lhes atribui e recomenda o exercício do poder de, na linguagem da época, “expulsar os demônios”.

Alguns retornam a ele algo desapontados por não terem conseguido livrar os possuídos de seus ‘demônios’, e o Cristo explicou que o trato com tais entidades exigia cuidados e faculdades especiais de parte do ‘exorcista’.

A prática espírita não prescreve qualquer tipo de exorcismo ou o que assim possa ser considerado. E nem sequer expulsão pura e simples. Não temos, mesmo, em nossa experiência com o intercâmbio espiritual durante cerca de três décadas, manifestações de entidades envolvidas com os chamados *incubus* e *succubus*. Casos de subjugação, contudo, e até de obsessão, não se revelam nada simples de tratar com êxito, muito menos, imediato, como que por um passe de mágica. Não bastam algumas palavras cabalísticas, gestos ou leitura de textos especiais para afastar entidades perturbadoras de pessoas encarnadas. É necessário uma abordagem afetuosa, paciente, compreensiva e até respeitosa para conquistar a confiança do espírito perturbador, a fim de dialogar com ele com o objetivo de chegar-se a uma correta avaliação de seus problemas e de suas razões.

Seja como for, é preciso levar em conta que Lewis Spence não descarta sumariamente a realidade dos *incubus* e *succubus*, mas, queixando-se da escassez de textos confiáveis sobre o assunto, acrescenta:

[...] pouco mais se pode fazer do que recorrer a páginas nas quais [tais casos] são encontrados e nas quais o simples nome dos autores seja suficiente para garantir-lhes a credibilidade. (p. 223)

Pode-se dizer coisa semelhante das experiências de Omm

Sety. Não temos como situá-las adequadamente numa moldura já devidamente pesquisada e expurgada de conotações teológicas e de especulações meramente fantasistas rotuladas de ocultistas.

Em uma análise serena e atenta, não encontramos no relato dela motivo suficiente para simples e sumariamente condená-las ou ignorá-las. Abordagem racional e isenta à questão tem de ficar na expectativa de estudos sérios que ninguém parece disposto, no momento, a fazer, seja para descartar de uma vez por toda o fenômeno que as tradições documentais oferecem, seja para se construir um modelo sério de entendimento dele.

Bibliografia

- AKSAKOF, ALEXANDRE. *Um caso de desmaterialização*. FEB. Rio de Janeiro.
- APULEIO, L. *O asno de ouro*. Ediouro, Rio de Janeiro.
- Biblia de Jerusalén*. Ediciones Nauta, 1969, Barcelona.
- BOND, BLIGHT. *The gates of remembrance*. Thorsons, 1978, Wellingborough, Northamptonshire, 1918.
- BOZZANO, ERNESTO. *Os enigmas da psicometria*. FEB, 1991, Rio de Janeiro.
- BREASTED, JAMES HENRY. *A history of Egypt*. Scribner's Sons, 1956, New York.
- BUCHANAN, JOSEPH RHODES. *Manual of psychometry*. 1849.
- BURR, HAROLD SAXTON. *Blueprint for immortality: the electric patterns of life*. Neville Spearman Publishers. 1972.
- CHARDIN, TEILHARD DE. *O fenômeno humano*. Cultrix, 1986, São Paulo.
- COTT, JONATHAN. *The search for Omm Sety*, Warner Books, 1987, New York.
- CROOCKES, WILLIAM. *Fatos espíritas*. FEB. Rio de Janeiro.
- DALMOR, E. R. *Quien fue y quien es em occultismo*. Kier, 1970, Buenos Aires.
- Denton, William. *Our planet, its past and future; or lectures on geology*. Denton Publishing, 1868, Wellesley, MA.
- _____. *The soul of things: psychometric experiments for reliving history*. Aquarian Press, 1988, Wellingborough, Northampton, England.
- EADY, DOROTHY LOUISE. *Omm Sety's Abydos*. Benben Publications, Mississauga, Canadá.
- FODOR, NANDOR. *Freud, Jung and Occultism*. University Books, 1971, New Hyde Parke, New York.
- GELEY, GUSTAVE. *Lectoplasmie et la clarivoyance*. Félix Alcan, 1924, Paris.
- GOODMAN, JEFFREY. *Psychic archaeology - time machine to the past*. Berkley Medallion Book, 1978, New York.
- HAKSWORTH, HENRY et SCHWARZ, TED. *The five of me*. Pocket Books, New York, 1978.

- _____ . *Guerrilheiros da ignorância*. Publicações Lachâtre, Niterói.
- _____ . *Histórias que os espíritos contaram*. Leal, Salvador.
- _____ . *O evangelho gnóstico de Tomé*. Publicações Lachâtre, Niterói.
- _____ . *O exilado*. Correio Fraternal do ABC, São Bernardo do Campo.
- _____ . *Sobrevivência e comunicabilidade dos espíritos*. FEB, 1977.
- NEWTON, MICHAEL. *Destiny of souls – new cases studies of life between lives*. Llewellyn Publications, 2005, St. Paul, Minnesota.
- _____ . *Journey of souls*. Llewellyn Publications, 1994, St. Paul, Minnesota.
- _____ . *Life Between Lives*. Llewellyn Publications, 2004, St. Paul, Minnesota.
- _____ . *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.
- PALHANO JR., LAMARTINE. *Dossiê Peixotinho*. Publicações Lachâtre, 1997, Niterói.
- PEREIRA, YVONNE A. *Memórias de um suicida*. FEB, 10ª edição, Rio de Janeiro.
- PROPHET, ELIZABETH CLARE. *Reincarnation – the missing link in Christianity*. Summit University Press, 2002, Cowin Springs, MT.
- PUHARICH, ANDRIJA. *The sacred mushroom – key to the door of eternity*. Doubleday, 1959, New York.
- ROCHAS, ALBERT DE. *As vidas sucessivas*. Publicações Lachâtre, 2003, Niterói.
- RODRIGUEZ, LUIS J. *God bless the devil: the key to liberation of psychiatry*. 1962.
- SARAIVA, SANTOS. *Dicionário Latino-Português*. Garnier, 1924, Rio de Janeiro/Paris, 8ª edição.
- SCHWARTZ, STEPHAN A. *The Alexandria project*. Delacorte Press, 1989, New York.
- SCHREIBER, FLORA RETHA. *Sybil*. Henry Regnery Co., 1973, Chicago.
- SCHRODER, TOM. *Old souls: the scientific evidence of past lives*. Simon and Schuster, 1999, New York.
- SPENCE, LEWIS(?). *The encyclopaedia of occultism*. University Books, 1968, New York.
- HORNUNG, ERIK. *Conception of God in Ancient Egypt: the One and the Many*. Cornell University Press, 1982, New York.
- JAMES, JULIAN. *The origin of consciousness and the break-down of the bicameral mind*. Edição Houghton Mufflin, 1990, Boston, Mass.
- JAMES, WILLIAN. *As variedades da experiência religiosa*. Handon House, 1999.
- _____ . *Principles of psychology*. Harvard University. 1981, Harvard.
- _____ . *Pragmatismo*. Martin Claret, 2004, São Paulo.
- _____ . *A vontade de crer*. Loyola, 2001, São Paulo.
- JAYNES, JULIAN. *The origin of consciousness and the break-down of the bicameral mind*. Houghton Mufflin, 1990, Boston, Mass.
- JUNG, CARL GUSTAV. *Memórias, sonhos, reflexões*. Nova Fronteira, Rio, sem data.
- KARDEC, ALLAN. *O livro dos espíritos*. FEB, Rio de Janeiro, 1983.
- _____ . *O livro dos médiuns*. FEB, Rio de Janeiro, 1986.
- KRAMER, HEINRICH et SPRENGER, JACOB. *Malleus Maleficarum*.
- KRELL, MME. W. *Rayonnements de la vie spirituelle*. Edition de l'U.S.B. 1949. Paris.
- Michaelis – english-português / portuguese-english*. Melhoramentos, 1987, São Paulo.
- Mini Collins Dicionário*. Siciliano, São Paulo. 1994.
- MIRANDA, HERMINIO C. "A esfinge, as pirâmides e as estrelas", in: *Visão espírita do terceiro milênio*. Didier, 2001, Votuporanga, SP.
- _____ . *A dama da noite*. Correio Fraternal do ABC, São Bernardo do Campo.
- _____ . *A irmã do vizir*. Correio Fraternal do ABC, São Bernardo do Campo.
- _____ . *Alquimia da mente*. Publicações Lachâtre, Niterói.
- _____ . *A memória e o tempo*. Publicações Lachâtre, Niterói.
- _____ . *As duas faces da vida*. Lachâtre, 2005, Bragança Paulista.
- _____ . *As sete vidas de Fénelon*. Publicações Lachâtre, Niterói.
- _____ . *Autismo: uma leitura espiritual*. Publicações Lachâtre, Niterói.
- _____ . *Condomínio espiritual*. FE, São Paulo.
- _____ . *Diálogo com as sombras*. FEB, Rio de Janeiro.
- _____ . *Eu sou Camille Desmoulins*. Publicações Lachâtre, Niterói.

HERMINIO C. MIRANDA

STEVENSON, IAN. *Twenty cases suggestive of reincarnation*. University Press of Virginia, 1974, Charlottesville, VA.

_____. *Reincarnation and biology – a contribution to the etiology do the birthmarks and of birth defects*. Westport, CT. 1997.

SUMMERS, AUGUSTUS MONTAGUE. *Geography of witchcraft*. 1927.

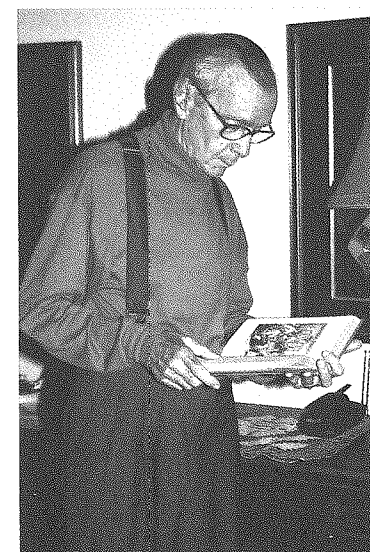
_____. *History of witchcraft*. 1926.

WAVEREN, ERLO VAN. *Pilgrimage to the rebirth*. 1979.

WATSON, LYALL. *Lifetide: a biology of the unconscious*. Hodder & Stoughton, 1979.

Webster's encyclopedic unabridged dictionary of the english language. New York: Portland House, 1989.

CONHEÇA MELHOR O AUTOR

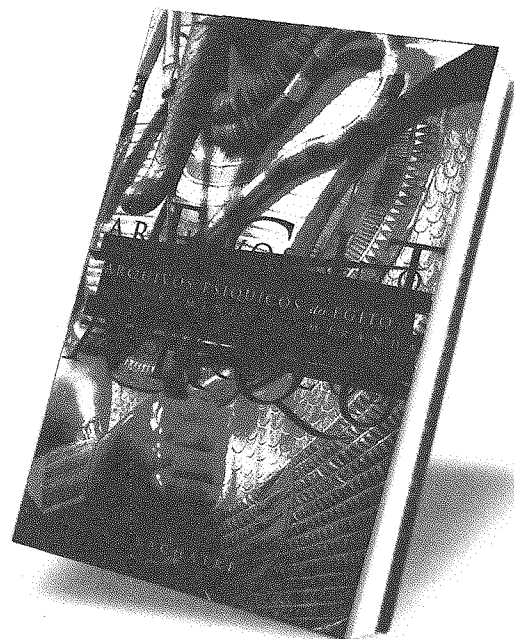


Herminio Corrêa de Miranda é um dos campeões de venda da literatura espírita do Brasil. Aliás, raros escritores nacionais conseguem tiragens tão expressivas quanto o autor de *Nossos filhos são espíritos* (mais de duzentos e cinqüenta mil exemplares), de *Diálogo com as sombras* (cento e cinqüenta mil) e de outros vinte e quatro títulos, cuja vendagem já ultrapassa um milhão de exemplares. Devem-se computar ainda centenas de artigos e ensaios em revistas e jornais especializados, que dariam mais alguns volumes.

Nascido onde hoje é a cidade de Volta Redonda, RJ, em 1920, Herminio formou-se em ciências contábeis, tendo sido funcionário da Companhia Siderúrgica Nacional de 1942 a 1980. Nesse período, passou cinco anos no escritório da empresa em Nova York. Originário de família católica, Herminio aproximou-se do espiritismo por curiosidade, mas sobretudo por insatisfação com as religiões. Tendo por guias a razão e a curiosidade e auxiliado por uma sólida cultura humanística, tornou-se uma das maiores autoridades no campo da paranormalidade e da regressão de memória no país e, talvez, no mundo.

CONHEÇA OUTRAS OBRAS DO AUTOR

A memória e o tempo • Alquimia da mente • As duas faces da vida
As sete vidas de Fénélon • Autismo, uma leitura espiritual
Diversidade dos carismas • Guerrilheiros da intolerância
Negritude e genialidade • Nossos filhos são espíritos
O evangelho gnóstico de Tomé • Os cátaros e a heresia católica

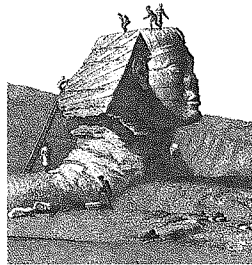


Arquivos psíquicos do Egito

Esta obra narra a história convenientemente esquecida de uma fantástica descoberta: como era falada a antiga língua dos faraós. Champollion havia decifrado apenas o significado dos hieróglifos, sem, contudo, conseguir dar-lhes som. O dr. Frederic H. Wood, em suas pesquisas, estabeleceu com extrema precisão os fonemas do antigo idioma. O mais intrigante é que esta nova pedra de Roseta surgiu através das comunicações de um espírito que havia vivido ao tempo de Amenófis IV, cerca de 1.300 a.C.

O grande dilema dos cientistas era que a maneira como a descoberta se deu havia sido muito mais fantástica do que a própria descoberta. Como poderiam divulgar um fato que colocava em cheque todo o arcabouço materialista sobre o qual a ciência oficial se estrutura?

(
/
/
|
|
(



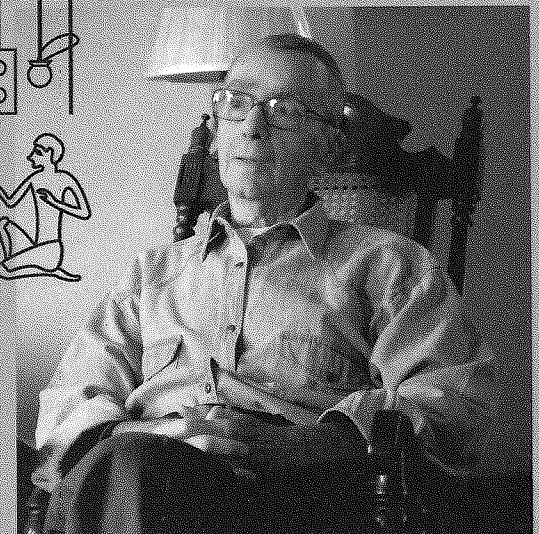
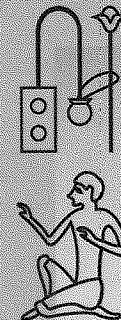
Esta reimpressão foi realizada pela Yangraf Gráfica e Editora Ltda., de São Paulo, SP, sendo tiradas dez mil cópias, todas em formato fechado de 140x210 mm e com mancha de 100x155 mm. Os papéis utilizados foram o ofsete Chambril (International Paper) 75 g/m² para o miolo e o cartão Royal (Ripasa) 250 g/m² para a capa. O texto principal foi composto em New Baskerville 10,5/11,5, as citações em New Baskerville 9/10, os títulos em Futura 20/24 e as notas de rodapé em New Baskerville BT 8/9,6. A programação visual da capa e do miolo foi elaborada por Gregório Stayros Dipapidis e a arte-finalização foi executada por Rodnei de Oliveira Medeiros.

SETEMBRO DE 2007

E
d
d
h
n
p
v

C
h
d
o

psiquiatras, psicólogos, parapsicólogos e até místicos, em suas ingênuas tentativas de entender sua biografada – para questionar o atual modelo materialista que tomou conta dos meios acadêmicos. Esta, como sabemos, é a ‘praia’ de Herminio Miranda, que coleciona textos primorosos sobre o assunto. Com uma dialética brilhante, impecável lógica e de posse de fatos contundentes, o renomado escriba desconstrói a estrutura acadêmica dos dias atuais, suntuoso edifício cujas bases foram construídas sobre a areia. Herminio, da autoridade de seus 87 anos, como pesquisador atento e escritor competente, lembra aquele vinho de excelente qualidade.



Herminio C. Miranda

A NOVIÇA E O FARAÓ

Bentreshit era uma jovem sacerdotisa do templo de Osíris, em Abidos; Seti I, um dos mais bem sucedidos faraós. O amor entre eles, no entanto, era proibido pelas leis do antigo Egito e a punição foi exemplar: uma separação forçada que durou 3.000 anos.

Esta pode parecer apenas uma linda história de amor – e realmente o é. Muito além disso, é a mais espetacular prova da reencarnação de que se tem notícia, narrada pela pena genial de Herminio Miranda.